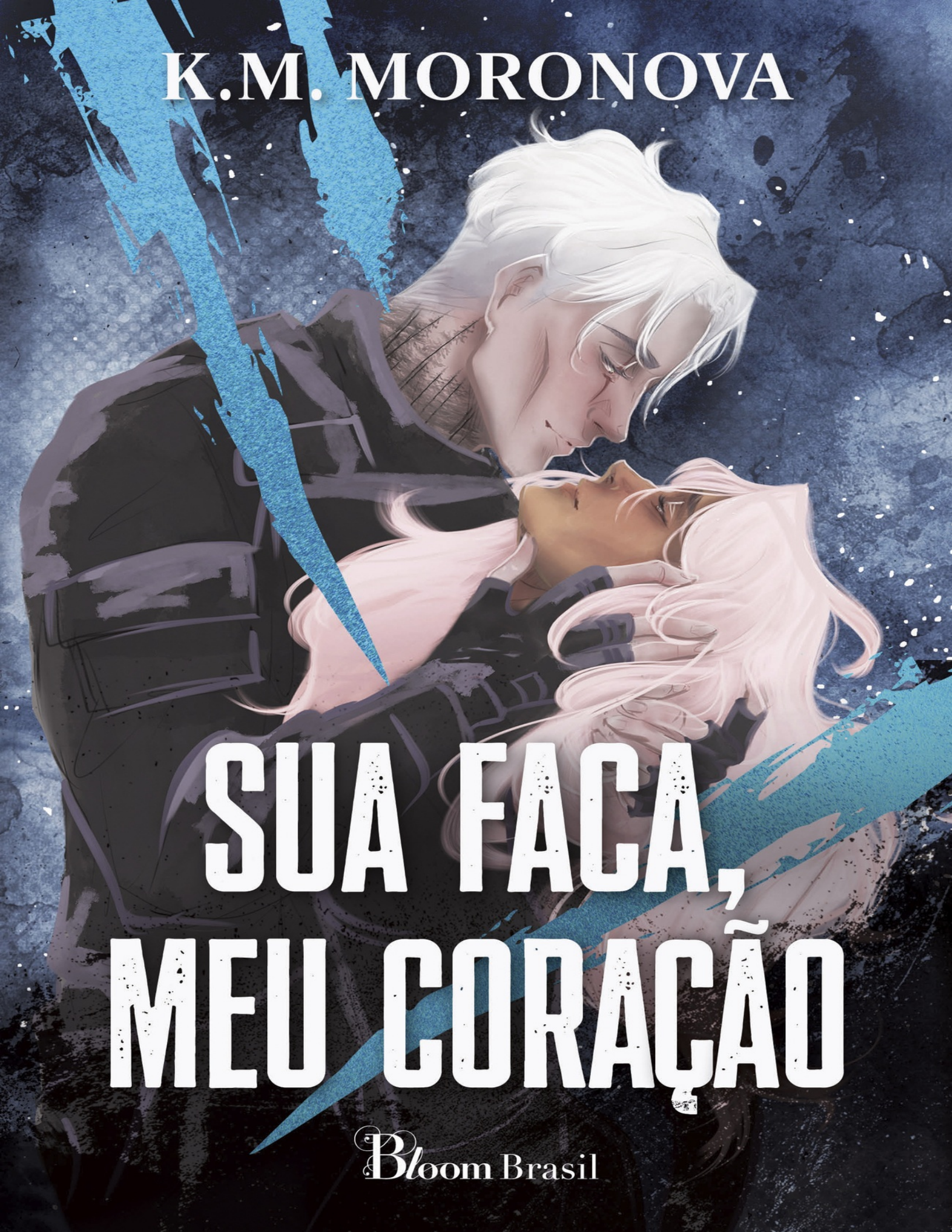
K.M. MORONOVA



SUA FACA, MEU CORAÇÃO

Bloom Brasil

K.M. MORONOVA

SUA FACA, MEU CORAÇÃO

Tradução

MARINA CASTRO

AVISO DE CONTEÚDO SENSÍVEL: ESTE LIVRO CONTÉM CENAS DE VIOLÊNCIA GRÁFICA E SEXO EXPLÍCITO.

Bloom Brasil

Para aquelas que sempre se apaixonam por homens fictícios que podem ou não acabar com a sua vida.

AVISO DE GATILHO

O conteúdo deste livro pode ser perturbador e incômodo para alguns leitores. Este é um romance militar dark ambientado em um contexto fictício. As Tropas Ocultas são uma operação clandestina fictícia que eu inventei e de modo algum representam quaisquer operações militares reais. Locais/bases específicos são fictícios, mas baseados no ambiente do mundo real.

Este livro se passa dez anos antes de *Me deixe para trás*, mas é uma história completamente independente.

Se você for sensível ou se sentir ofendido por qualquer um dos temas abaixo, por favor, não leia este livro.

Este livro inclui: violência física, cenas de sexo explícito, humor mórbido, gore explícito, morte, linguagem chula, comportamento sexista, trauma de guerra/aspectos de missões militares, estresse pós-traumático, assassinato, personagens mentalmente instáveis, automutilação, abuso intenso de substâncias, abuso forçado de substâncias, abuso de cadáveres.

PRÓLOGO

Cameron

Dizem que os soldados das Tropas Ocultas são como ferramentas forjadas pelos demônios que habitam este mundo. Somos um segredinho sujo. Armas quebradas e varridas para debaixo do tapete quando passamos da validade.

Só que eu não planejo morrer aqui, num exército clandestino. Não planejo morrer de jeito nenhum. Vou ser o melhor entre os soldados corrompidos. Quero ser como o tenente Erik e subir na hierarquia ao lado dele. Ele foi o único que me ajudou nessa merda que eu chamo de vida. O único que já cuidou de mim.

É por isso que meus polegares estão enfiados nas cavidades oculares de um idiota aleatório. Ele grita, e esse som doce deixa meus joelhos fracos.

— Ah, não me olha assim. Você tá gostando disso tanto quanto eu, Titan — digo, irritado, para meu companheiro, a expressão contorcida para mim a alguns metros de distância.

Sua farda tática preta está suja de terra e sangue, assim como a minha. Seus óculos de proteção estão em cima do capacete, deixando um círculo limpo ao redor dos olhos, em contraste com o encardido do restante do rosto.

— Mori, eu nunca gostei de como você *faz* as coisas. Só acaba logo com essa merda, pode ser? Meu estômago tá ficando embrulhado vendo isso. — Titan dá as costas para mim e cobre a boca como se fosse vomitar.

De todas as coisas grotescas ao nosso redor nessa cabana abandonada no meio do nada, considero o que estou fazendo a menos nojenta.

Reviro os olhos. *Tá bom*.

Tiro os dedos dos olhos do soldado. Seguro a pistola com firmeza e forço seu maxilar cerrado a se abrir.

— Abre. Bem grande. — Articulo as palavras com exagero, como se estivesse dando comida para uma criança.

Meu sotaque britânico sai carregado com a pronúncia lenta.

O homem choraminga quando o metal da minha arma raspa em seus dentes ensanguentados. Enfio o cano até o fundo de sua garganta, provocando ânsia de vômito e fazendo-o se debater, impotente. Então aperto o gatilho. Seu corpo amolece na hora.

Alívio e euforia inundam minhas veias quando olho para o teto em ruínas. Uma risada maníaca escapa da minha garganta enquanto limpo no colete as luvas manchadas de vermelho, olhando de relance para Titan.

Ele estreita os olhos desconfiados para mim. *Aff. Novatos.* Eu pisco devagar, tentando entender qual é a dele. O Esquadrão Fúria é só para os mais depravados. E sendo bem sincero? Acho que esse cara *não tem o que é necessário. Nem de longe. Sei que ele passou* nos Testes do Sub e tal, mas é inexperiente demais. Inocente e inseguro demais.

Não sei por que o general Nolan fica escolhendo criminosos como ele. Eles não têm potencial. Não mesmo. Não como eu tenho.

Meu sorriso irônico cresce quando Titan desvia o olhar.

Talvez fosse melhor para todo mundo se eu simplesmente *apagasse* ele. *Pode ser uma boa ideia*.

Meus dedos estremecem no gatilho da pistola, e o movimento não passa despercebido por ele.

— Juro por Deus, eu arranco a porra da sua cabeça, Mori. *Não*

— murmura Titan, com desdém.

Ele ergue o M16 e mira na minha cabeça. Titan conhece meu segredo sombrio e nem tão secreto. Todo mundo conhece, agora que foi declarado um problema.

Ah, *ele é ousado*, penso, deixando um sorrisinho espreitar no canto dos meus lábios enquanto levanto as mãos com inocência.

— Não sei do que você tá falando.

Na verdade, *gostei disso de arrancar a cabeça*. Seu protetor de pescoço pode ser puxado para baixo com facilidade, levando em conta que não está preso direito, e o capacete está frouxo demais. Percebi assim que embarcamos no helicóptero hoje de manhã. Um puxão bastaria para asfixiá-lo. Um corte certeiro...

Franzo os lábios e balanço a cabeça. *Não*, *não vou fazer isso*. *Sem chance*.

Titan permanece com a arma em punho por um minuto, mas acaba baixando a guarda. Eu arrasto os corpos dos nossos alvos para o canto do prédio abandonado. As Tropas Ocultas vão mandar alguém para limpar tudo quando encerrarmos a missão.

Pego os novos comprimidos que Nolan está testando em mim e enfio três na boca antes de partirmos.

Voltamos andando para nos reunirmos com o resto do esquadrão na base. Tem cinzas presas na barba escura e desgrenhada de Titan, do incêndio que ateamos mais cedo, como distração. Baixo os olhos para seu pescoço e preciso morder a língua para não pensar em eliminá-lo de novo.

Conto o número de vezes que toco minha faca de combate e me imagino cortando sua cabeça. Ele não devia ter me dado essa ideia. Sempre piora quando começa a ficar mais ilustrativo para mim.

Não vou matá-lo como fiz com meu último parceiro.

Não vou fazer isso.

Não vou.

Todo mundo nas Tropas Ocultas sabe que tenho um defeito fatal. Que o Mori, o membro mais nocivo do Esquadrão Fúria, tem um maldito problema catastrófico.

O negócio é que sou absolutamente incapaz de não matar meus parceiros diretos. É, acho que sou um pouco perturbado, mas isso é meio que pré-requisito para entrar nas Tropas Ocultas, não é? O tenente Erik não me escolheu à toa, e gosto de acreditar que é porque ele viu algo perverso em mim que sabia que nunca encontraria em mais ninguém. Porque a equipe precisa de alguém como eu, que possa fazer o inimaginável sem questionar.

Traumas de abandono. *Eu sei*. Um soldado de vinte e sete anos é velho demais para isso, né? Mas terapia não é um luxo oferecido a nós, das forças clandestinas descartáveis.

Quando chegamos à nossa base temporária, o tenente Erik já acendeu uma fogueira, e o resto do Esquadrão Fúria está sentado ao redor. Ele nem se abala ao me ver coberto de vermelho; só olha para o meu uniforme sujo de sangue e suspira. O que foi? Ele espera que eu não me suje no trabalho que eu faço? Encaro furioso o olhar de julgamento dos outros. Thomas e Gage se entreolham, inquietos, enquanto Kayden cobre a boca.

— Mori... você contou como eu mandei? — pergunta Erik, demonstrando sua decepção com uma careta profunda.

Seu cabelo escuro está despenteado depois do dia longo.

Ergo a sobrancelha e assinto. Um sorriso nefasto se espalha pelos meus lábios antes de eu me dar conta do porquê.

— Então o que é isso que você está segurando? — Ele parece puto.

Meus olhos vagam até minhas mãos ensanguentadas que seguram a cabeça do Titan. Seus olhos estão sem vida, e eu não consigo lembrar quando fiz isso.

Puta que pariu.

Se eu continuar assim, eles mesmos vão me executar, mesmo

eu sendo o rato de laboratório mais longevo deles.

1

Emery

O trem para quatro vezes no caminho para Bellingham, em Washington. Os únicos indicadores da minha localização são os sinais das estações que se aproximam e os anúncios que o condutor faz para os passageiros comuns pelo comunicador.

Um suspiro cansado escapa dos meus lábios e me pego desejando ser um dos civis que estão apenas viajando para a cidade seguinte.

Estou presa por algemas e correntes, tem quatro soldados armados a postos nas duas saídas e uma espécie de general militar sentado à minha frente, fumando um charuto e batendo as cinzas de vez em quando num cinzeiro enquanto me avalia.

Não sou nenhuma especialista no sistema de justiça, mas acho que não é assim que criminosos costumam ser tratados numa situação como a minha. Mas, até aí, acho que minha situação é um pouquinho... única.

Duvido, porém, que soldados de farda tática preta acompanhados por um general tenham o costume de entrar na cela de uma assassina notória às três da manhã, jogá-la no chão, amordaçá-la, amarrar seus braços e pernas e sequestrá-la, tudo isso enquanto o carcereiro-chefe e o diretor observam fumando seus charutos nojentos. Né? Ou estou ficando louca?

Porque tudo indica que acabei de ser sequestrada por uma operação militar, mas não reconheço os distintivos nem o

uniforme, aliás. E não consigo conceber que o governo tenha aprovado uma coisa dessas. Sabe, *imagem pública* e tudo mais.

Então o que é que está acontecendo?

Me remexo no assento de couro, desconfortável com as correntes mantendo meus tornozelos a apenas dez centímetros de distância um do outro.

Depois de um curto trajeto de carro, os guardas me enfiaram num prédio, onde me fizeram tomar banho e vestir roupas civis. Presumo que fosse para não chamar mais atenção do que o necessário. Quando dei por mim, já estava algemada de novo, e entramos num vagão privado em um trem a caminho de Bellingham, logo em Washington, de todos os lugares.

É estranho que eles não estejam escondendo a localização de mim, não é? Talvez não seja um sequestro de fato.

Não encaro o homem sentado à minha frente enquanto imagino os diferentes cenários. Ele está usando um uniforme militar preto e tamborila o dedo na mesa, me deixando nervosa.

Coloca um charuto na mesa para si mesmo e ergue outro, me oferecendo. Eu viro o rosto para a janela, numa recusa silenciosa. Passamos por Seattle há uma hora, e desde então não vimos nada além da baía, barcos de pesca e nuvens de tempestade. O metal parece ir esfriando contra minha pele à medida que vejo a vastidão do mar. Quão grande e amplo é o mundo, e quão menor o meu mundo ficou em um período tão curto, então me forço a desviar os olhos.

Nunca fui verdadeiramente livre para vivenciar o mundo como as outras pessoas. Mas a ideia de uma vida livre da família Mavestelli sempre me tentou.

— Sabe, a princípio fiquei chocado quando li o que uma jovem encantadora como você tinha feito. — Sua voz me assusta por um segundo.

Foram tantas horas de total silêncio que eu tinha me

acostumado.

Sinto uma apatia no fundo do peito quando as pessoas dizem isso. Talvez porque não sinta o mesmo choque que elas. Ou talvez seja a noção de que tem algo profundamente errado comigo.

Parece que não consigo mais sentir muita coisa. Provavelmente é melhor assim, porque não quero saber o que estaria sentindo agora. Desespero. Medo. Arrependimento. Embora esses homens não pareçam ter conexão com os seguranças de terno e gravata que trabalham para o meu pai. As famílias não costumam usar nada além de trajes formais, e esses caras definitivamente parecem militares, então não sei qual é o meu destino.

Também não tenho certeza se é melhor ou pior.

O homem diante de mim acende o charuto e coloca a caixa de volta no bolso do peito. Finalmente olho para ele.

Seus olhos são castanho-claros, tão opacos que parecem quase cinza. Seu cabelo amarelado é raspado nas laterais, um pouco mais comprido em cima, o suficiente para ele penteá-lo para o lado. A barba por fazer marca a metade inferior do rosto, deixando a mandíbula mais pronunciada. Um perfume esfumaçado e amadeirado envolve o ar em torno dele, cheiro que eu associo a homens ricos e maus que frequentam clubes noturnos e esbanjam dinheiro. Ele é bonitão para um cara que parece ter passado dos quarenta. Mas a forma vazia como me encara deixa minha mente agitada.

Quem é ele? Por que uma prisioneira como eu está sendo transportada antes de ser levada a julgamento?

Ele pigarreia.

— Eu não esperava que uma jovem com a sua criação fosse tão... bom, violenta. Nascida na linhagem dos Mavestelli, ainda por cima, a família mais rica da Costa Oeste. É chocante, principalmente vendo como você é pequena.

Minha garganta fica seca quando ouço meu sobrenome sair da

boca dele. Há uma escuridão rodopiando em seu olhar. Como se ele estivesse me testando. Não deixo minha fachada inexpressiva vacilar. Ele sacode o jornal que estava enfiado debaixo do braço e lê:

— Uma mulher de vinte e quatro anos finalmente foi capturada depois de dez assassinatos hediondos confirmados nos últimos quatro anos.

Faço uma careta enquanto ele lê a manchete de um jeito tão alheio. Estou acostumada a ouvi-la com mais desdém e repulsa.

Parece mais coerente ficar horrorizado do que apático, o que aumenta minha desconfiança quanto a esse oficial. Calma e inteligência permeiam seus movimentos. Como se ele já tivesse feito isso um milhão de vezes.

Ele usa a pontinha da caneta para abrir meu arquivo, uma pasta em papel pardo contendo poucas páginas e um número excessivo de fotos das minhas vítimas.

— Emery Cecilia Mavestelli. É seu nome oficial, correto? — Ele ergue os olhos para mim só o bastante para me ver assentir. Ergue a sobrancelha discretamente antes de prosseguir com seu discurso: — Vamos encurtar o sobrenome para Maves, como consta na maioria das suas identidades falsas. Só para o caso de haver problemas com os outros cadetes, sendo quem você é e tudo mais.

Solto um pequeno suspiro.

Maves é seguro. Depois do fiasco público dos meus crimes, se alguém ficar sabendo que meu sobrenome é Mavestelli, vai ser o meu fim. Não dá para dizer quantos assassinos de aluguel podem estar na minha cola.

Esse cara me deixa nervosa. Olho para os soldados e tento compreender o que está acontecendo, mas eles nem piscam na minha direção. Enrolo mechas do meu cabelo rosa-claro entre os dedos com nervosismo. Meus pais sempre odiaram que eu o pintasse dessa cor, mas é minha favorita, e a que orna melhor com

o tom marrom-claro da minha pele. Sem falar que é o mínimo que eles podiam me deixar fazer por ser a carrasca particular deles.

— Bom, hoje é seu dia de sorte, Emery. — Ele fecha a pasta e entrelaça os dedos, levando-os aos lábios para esconder um sorriso maníaco. — Você está sendo tirada do mundo civil e alocada nas Tropas Ocultas. É um braço militar do qual você nunca ouviu nem nunca vai ouvir falar, porque não existe.

Arregalo os olhos. *Um braço secreto?* Pelo menos eles não trabalham para uma das famílias que meu pai sacaneou. Uma pequena onda de alívio acalma meus nervos momentaneamente, porque qualquer coisa seria melhor do que cair nas mãos de uma família rival.

— É uma operação clandestina. Um dos segredos mais bem guardados do mundo. Basicamente, você está se livrando de uma sentença de morte. Eu serei seu agente de transporte para a base no Alasca, e você vai se dirigir a mim como general Nolan.

Franzo as sobrancelhas, carrancuda. *Um general está me escoltando? Por que não mandar um cabo qualquer?*

— Espera, *o quê?* — Belisco a coxa para ter certeza de que estou totalmente sã no momento.

Ele está dando a entender que estou sendo alocada nas forças armadas, num braço inexistente, ainda por cima. Por que eu? Não estou sendo condenada à morte como aqueles guardas da prisão deram a entender, em tom de provocação?

Nolan ergue o rosto para mim de novo, com os olhos duros ainda impassíveis.

— Emery, você vai precisar ser muito mais esperta se quiser sobreviver aos Testes do Sub.

Bato as mãos algemadas na mesa, derramando a xícara de café do general, e os quatro soldados de pé em posição de sentido apontam os fuzis para mim no mesmo segundo.

— Testes? *Tropas Ocultas*? Você não está falando coisa com

coisa. Foi por isso que me sequestrou da minha cela? Me leva de volta, não estou interessada em me juntar a nenhum outro circo — retruco.

Nolan ergue a mão passivamente, para que os soldados baixem as armas.

— Não é uma escolha. A partir de hoje, qualquer vida que você tinha antes acabou. Para a sociedade, você morreu. Se enforcou na própria cela tarde da noite e foi retirada de lá sob a supervisão do diretor. Eu mesmo assinei sua certidão de óbito hoje de manhã, então é melhor tomar jeito se quiser sobreviver nas Tropas Ocultas, cadete Maves. Pense nos Testes do Sub como uma espécie de programa de treinamento intensivo e mortal. Não sei nem se você vai chegar ao primeiro teste, levando em conta o que precisa enfrentar antes disso.

Ok, ele está falando sério. Meu coração acelera.

Assimilo a gravidade da situação. Processo o que dá, depois respiro fundo para me acalmar. Não sei exatamente o que isso tudo implica, mas parece que *não* vou ficar apodrecendo em uma cela pelo resto da vida. Sinto vontade de rir, apesar de tudo: bem quando eu tinha finalmente aceitado meu destino, é claro que uma coisa assim ia acontecer.

Abro os olhos devagar e encaro Nolan.

— Vou ter que matar pessoas? — É estranho dizer essas palavras em voz alta, mas com certeza ele sabe tão bem quanto eu que tudo que sei fazer é eliminar alvos.

A linhagem Mavestelli é amaldiçoada, perversa.

Quem quer que sejam essas Tropas Ocultas, eles sabem direitinho quem eu sou.

O sorriso de Nolan é sinistro.

— Claro. E, se o seu desempenho no treinamento for como eu espero, você será alocada em um esquadrão pré-definido. Bom, tem uma pequena parada antes de você começar os Testes, mas falamos

disso quando chegar a hora.

Alguma coisa cintila em seus olhos quando ele diz essa última parte, e isso me deixa tensa.

Ele está tentando me assustar, esperando uma reação. Venho treinando para matar desde que aprendi a ler, mas também fui treinada para manter minhas emoções escondidas.

Minha família nunca foi normal nem calorosa, em nenhum sentido. O nome Mavestelli é apresentado ao público como uma família rica e tradicional, quando, na realidade, dominamos o mercado clandestino de informação e tecnologia. Normalmente conhecido como "submundo". É perturbador o peso que alguns pedaços de papel ou produtos inofensivos podem ter — os segredos que eles carregam.

E era minha função garantir que homens de terno e gravata fossem devidamente eliminados se tentassem nos passar a perna. Claro que eu preferiria ler e aprimorar meus conhecimentos com os velhos livros de literatura no meu escritório, ou pegar os pincéis, que não eram usados havia anos, para pintar os pensamentos sombrios e macabros da minha mente, mas qualquer coisa que eu quisesse fazer na vida sempre vinha depois de cumprir o papel de carrasca.

Gregory Mavestelli, meu pai, fez com que eu me preparasse não apenas para exterminar seus alvos discretamente, usando armas com silenciador e facas, mas também para pilotar barcos, aviões e helicópteros. Acho que ele planejava que um dia eu o ajudasse a fugir caso tudo fosse por água abaixo, mas acabou sendo descoberto pela polícia federal antes. Bom, esse *era* o plano dele, mas acabou optando por me entregar em troca de um acordo judicial depois que um informante o alertou da operação que estavam conduzindo.

O que eu estava esperando? Que Greg pagasse o pato enquanto sua família levava uma vida agradável e pacífica? Os Mavestelli

nunca conheceram a paz.

E ele seria capaz de morrer para garantir que continue assim.

É aí que eu entro, o bode expiatório.

Como esperado, eu era a única que as autoridades realmente queriam. Eles só precisavam de uma pessoa para satisfazer a demanda pública por justiça. Não estão interessados em derrubar a operação inteira. Pessoas com as mãos de fato sujas de sangue são as presas perfeitas.

— E qual exatamente é o objetivo de estar nesse esquadrão e fazer o trabalho sujo do governo? O que eu ganho com isso? Poderia só recusar e você me mataria agora mesmo. Pouparia a gente de muitos problemas, não acha? — pergunto, com olhos entediados, olhando de relance para o fuzil de um dos guardas e pensando em quão rápido ele seria.

Nolan estreita os olhos, pensativo, antes de tirar um bilhete do bolso e jogá-lo para mim.

Desdobro o papel e vejo a palavra *renascimento* impressa em fonte pequena bem no meio. Também tem um código de barras na parte inferior.

— É isso que cada pessoa nas forças clandestinas luta para conseguir. Na verdade, retiro o que disse. Acho que alguns de nós gostam de ficar nas sombras permanentemente, mas a maioria quer suas fichas para a liberdade. Uma segunda chance na vida e o direito de sair do inferno.

Uma risada seca sobe pela minha garganta e cubro os lábios, em vão.

— Está falando sério? Se eu conseguir um pedaço de papel idiota, acabou? Fico livre?

Os olhos de Nolan são frios, e seu sorriso me causa repulsa.

— É isso. Simples.

Empurro o papel de volta para ele e me reclino no assento, cruzando os braços. Não sei se ele está me contando tudo, mas não

tenho muita escolha.

— Qual é a pegadinha?

— Não tem pegadinha. Você serve, depois é libertada se conseguir suas fichas.

Se.

Eu o avalio cuidadosamente. Da malícia controlada em seu olhar à maneira truncada como fornece informação, ele me lembra Reed. A ideia de não voltar a vê-lo talvez seja meu único arrependimento.

Todo vilão incompreendido que se preze tem um mentor, né? Bom, o meu é o Reed. Ele era o prodígio da nossa pequena academia de descendentes do submundo. Embora tenhamos a mesma idade, ele sempre esteve cinco anos à frente em tudo. Esperto e cruel demais para o próprio bem.

Mas Reed me ensinou a me conformar com meu destino de carrasca. Ele me mostrou como transformar as mortes em algo belo, como dar meu próprio toque a elas. Às vezes me pergunto se foi só para ver até onde conseguia manipular minha mente. Reed dizia que amava os monstros que vivem dentro das pessoas, e tudo que queria era trazê-los à tona. Exatamente por isso Greg fez dele seu braço direito.

— E quantos soldados das Tropas Ocultas já conseguiram essas fichas? — Minha perna balança, ansiosa.

Ele me desconcerta de um jeito que parece que estão colocando pedras nos bolsos do meu casaco e estou prestes a ser jogada no mar.

— Até agora, nenhum. — Nolan estala a língua em desaprovação e se inclina para a frente, apoiado nos cotovelos, num movimento provocativo. — Mas você está colocando o carro na frente dos bois, cadete Maves. Pode ser que nem sobreviva à primeira noite.

— Que tranquilizante — digo com suavidade, levemente

desanimada com a falta de explicação sobre onde exatamente vou passar a noite antes do treinamento.

Não mostre a ele que está preocupada. Forço uma expressão calma e levanto o queixo.

Seu sorriso cruel me diz que ele gosta de fazer essas pequenas promessas de liberdade. Mas não sei se ainda tenho forças para me agarrar a alguma esperança. Já dei ao mundo tudo que tenho.

2

Cameron

A câmara de isolamento não é tão ruim depois de trinta dias. Na verdade, eu meio que gosto. Não há nada como ficar sentado com os próprios pensamentos, conversando com paredes cinza, tetos cinza e portas gradeadas cinza, me perguntando se ainda estou são — ou se sequer já fui algum dia.

Estou deitado no chão frio, com as pernas dobradas, jogando uma bolinha feita de elásticos para o alto repetidamente. Essa é minha única forma de entretenimento além de andar de um lado para o outro no quarto, esperando meu castigo acabar. Não é que eu odeie ficar sozinho, na verdade até prefiro, mas imaginar o que está rolando lá fora na minha ausência está me deixando maluco.

Meu esquadrão precisa de mim. Já decepcionei o tenente Erik o bastante.

Bato na cabeça algumas vezes. *Eu não vou matar meu próximo parceiro. Não vou.* Tento enfiar as palavras na mente à força.

Não faço de propósito.

Mas, meu Deus, quantas vezes já foram até agora? Três? Minha mão trava com esse pensamento, e a bolinha de elástico atinge minha testa. Pisco e solto o ar devagar. *Porra*.

Da última vez, só precisei ficar isolado por dez dias; quem sabe quanto tempo essa ainda vai durar? Levanto e vou até a pia, agarro os dois lados da porcelana e me encaro no espelho. Esses dias, meus olhos verdes estão mais apáticos do que o normal e minha

pele ficou consideravelmente mais pálida sem a luz do sol.

Tiro o curativo sobre a pálpebra e verifico se o machucado cicatrizou. O tenente Erik arrebentou meu olho. Eu não perdi a visão, ainda bem, embora a esclera ainda sangre de vez em quando. Já está praticamente curado; ainda não consigo abrir o olho por completo, mas não sou de reclamar. Jogo o curativo na lata de lixo.

Até que me sinto bem, apesar de parecer que estou morrendo. Meu cabelo loiro-claro desgrenhado já está quase branco. É um efeito das drogas que as Tropas Ocultas me fazem tomar; o tom castanho-claro natural abriu bastante. As olheiras me fazem parecer impiedoso. *Bom, e eu não sou?* Balanço a cabeça e bato na têmpora de novo.

Eu vou mudar. Não vou matar o próximo.

Em determinado momento, enquanto estou imerso no meu discurso automotivacional, a fechadura de metal range e a porta da minha cela se abre. Olho na expectativa de ver Erik enfim vindo me buscar, mas definitivamente não é ele que entra.

General Nolan?

Ele é alguns centímetros mais baixo que eu, e eu tenho um metro e noventa e três, então ele não é um homem baixo, não mesmo, mas o que chama a minha atenção é a mulher pequena de cabelo cor-de-rosa com ele. Não um rosa-chiclete. É mais um tom pastel de uma rosa florescendo no fim da primavera, com as pétalas desabrochando banhadas pelo sol. Sua pele marrom-clara é lisa e bonita, seus olhos são diferentes de quaisquer outros que eu já tenha visto. Eles me perfuram, com o mesmo tom castanho-dourado de um raio encontrando um incêndio florestal.

Minha respiração fica trêmula, e o pânico inunda meu estômago. O que uma criatura tão graciosa e delicada como ela está fazendo aqui? Eu me obrigo a olhar de novo para o general, torcendo para ele não estar prestes a fazer algo terrivelmente irracional.

Nolan sente um ódio profundo por mim. Vivo criando mais papelada para ele, então faz sentido que me despreze. Está sempre tendo que recrutar novas pessoas do leque de criminosos, mas eu não sabia que ele era *tão* mesquinho assim.

Por favor, não faça o que estou pensando. Meus olhos vagam pela minha cela bagunçada. O colchão com cobertores no chão não está arrumado, e há papéis e livros jogados de qualquer jeito na escrivaninha do canto, como se eu não tivesse modos.

Não estava esperando visitas.

Um aviso teria sido legal. Esfrego a nuca, atordoado.

Nolan pigarreia e abre um sorrisinho para mim.

— Mori, decidi começar a te apresentar seus parceiros aqui na solitária, em vez de preparar soldados treinados para o abate. Assim poupamos tempo, sabe?

É, ele está puto comigo. Espera, ele acabou de dizer a palavra *parceiro*? Arregalo os olhos ao absorver a informação, deixando o olhar voltar à moça franzina ao lado dele. Ela parece dócil, parada sem muita firmeza com as mãos unidas na frente do corpo. Não consigo imaginar o que alguém que parece tão bem-educada está fazendo envolvida com as Tropas Ocultas.

Ele dá um tapinha no ombro da mulher antes de empurrá-la na minha direção.

Ela arfa e consegue se segurar para não dar de cara com o meu peito. Nossos olhares se cruzam quando ela olha para cima, precisando inclinar o queixo para encontrar meu rosto. Seus lábios macios estão a poucos suspiros de distância.

Os músculos do meu maxilar se contraem e eu levanto a cabeça devagar para o general.

— Isso não é *mesmo* uma boa ideia.

Minha voz sai baixa. Ele sabe que vou matá-la nos próximos dez minutos se for deixado sozinho com ela.

Simplesmente não consigo evitar. Sou um soldado perturbado

e doente, e ele sabe.

Nolan dá de ombros e abana a mão atrás da cabeça, resmungando:

— Um dia. É só isso que você precisa provar pra mim. Que consegue deixá-la viva passando uma noite sozinho com ela, depois vamos seguir com essa menina.

— Mas...

— Cala a boca! Já estou de saco cheio das suas merdas, Mori. Não vou mais desperdiçar soldados treinados contigo. Sua dupla vai ser qualquer um que você não matar logo de cara. Entendeu? — grita Nolan, e sua voz ecoa nas paredes, deixando meus braços arrepiados.

Faço que sim, olhando de soslaio para a mulher ao meu lado. Ela parece tão frágil, com essa estrutura óssea esguia. Acho que eu conseguiria envolver seu pescoço com uma única mão e... *Não. Não pensa nisso.*

— Ótimo. — Nolan joga no meu peito seu charuto queimado, que cai no chão, com brasas alaranjadas ainda ardendo na ponta.

Então enfia a mão no bolso e a estende na minha direção. Já sabendo que provavelmente são meus comprimidos, estico a mão até a dele, ansioso. Ele solta três cápsulas; são pretas, com uma fonte pequena e branca que diz TO. Significa que são para uso exclusivo das Tropas Ocultas. Nós sempre servimos de cobaias para qualquer coisa que esteja sendo testada para as forças oficiais.

Suplementos, armas, treinamentos, o que for.

Estou particularmente viciado nesse lote, e eles, ansiosos para submeter aos ensaios clínicos finais. Querem o que todo exército perturbado quer. Soldados aprimorados. Essa série reduz minha percepção de qualquer tipo de dor. Consigo enxergar melhor, correr mais rápido, fazer tudo... bom, melhor.

É absolutamente incrível. Rolo os comprimidos na palma da mão, encarando-os como se fossem minha salvação.

O único lado ruim é que me deixam doido de pedra.

Nolan me lança um olhar duro antes de sair. Nem se dá ao trabalho de dizer nada para a garota. A porta de metal bate com força, me deixando no pior cenário possível. Um silêncio sinistro preenche o vazio do quartinho de cimento. Engulo o nó na garganta, depois me viro para minha nova colega de quarto, que logo estará morta.

Os olhos dela são como duas lâminas de aço. A desconfiança arde neles enquanto ela vai recuando até encostar na parede oposta.

— Fica longe de mim, porra — vocifera ela, com violência.

Não consigo deixar de achar encantador. Tipo, pelo amor de Deus, o cabelo dela é cor-de-rosa. Ela é basicamente uma cobrinha de jardim com uma mordida inofensiva. Meus olhos suavizam enquanto a encaro, decidindo que ela é linda demais para ficar num lugar como este. Ela só ia atrapalhar, como Titan fazia.

E olha só o que fiz com ele.

Abro um sorriso impotente.

— Vou tentar.

3

Emery

A adrenalina percorre o meu corpo. Só se passaram, sei lá, uns minutos, e esse homem já está curvado sobre a pia, segurando firme as laterais e com a cabeça baixa, cheio de apreensão.

Está agindo como se já tivesse me matado, e tem algo muito perturbador nisso.

Pelo que acabei de ouvir entre Nolan e ele, entendi que o cara tem um problema que envolve matar pessoas. Até chutaria que não é intencional, pelo que Nolan falou.

Ótimo. Caralho, que sorte a minha, não?

Acho que não vou conseguir escapar dessa. Ele tem facilmente o dobro do meu tamanho, e seus olhos frios e desconfiados me deixam desconfortável. Engulo em seco e contemplo minhas opções enquanto estudo seus movimentos.

Nolan entregou alguma coisa para ele antes de sair. Não sei direito o que era, mas esse cara não levou nem um segundo para engolir tudo de uma vez. Podia ter sido literalmente qualquer coisa, mas aposto que era algum tipo de droga. Analgésicos, talvez, já que há um corte recente atravessando seu olho.

Eu o observo com cuidado. Ele é facilmente o ser humano mais atraente que já conheci, o que me deixa ainda mais ressabiada. Nunca confiei em homens bonitos. Eles sempre acabaram comigo, de um jeito ou de outro. Seja com mentiras tóxicas ou completo desprezo por mim como pessoa. Homens

bonitos são perigosos.

Seu cabelo é de um loiro bem claro, praticamente branco, com o mesmo corte de Nolan, só que um pouco mais comprido, imagino que por estar trancado aqui há Deus sabe lá quanto tempo. Uma cicatriz vermelho-escura, com aparência recente, percorre seu olho esquerdo de cima a baixo. Ele o mantém fechado, deixando só o direito visível. A cor é o tom de verde mais lindo que já vi, algo entre a sálvia e o cinza, e o olho vaga na minha direção toda hora, hesitante, me observando de soslaio.

Seu moletom cinza-escuro lhe cai bem, mas ele fica levantando os braços e passando os dedos pelo cabelo de um jeito ansioso, erguendo a barra da blusa e expondo os músculos da barriga. Meus olhos se demoram mais do que deveriam ali.

Pelo visto não vou dormir pelas próximas vinte e quatro horas. Envolvo os braços numa tentativa débil de me confortar, mas literalmente só tem ar e o material fino da minha camiseta entre mim e uma fera.

Ele finalmente se levanta da pia e vira para mim. Eu me encolho contra a parede sob seu olhar pensativo.

— Parece que você está presa aqui com os lobos... *porra*.

Seu sotaque britânico é leve e cadenciado. Infelizmente acho que é o mais charmoso que já ouvi. Ele afasta alguns fios de cabelo da testa, me encarando com olhos semicerrados.

— Qual é o seu nome, meu bem? — pergunta ele, casualmente, enfiando as mãos no bolso central do moletom.

Sua voz é como um friozinho ao entardecer: uma melodia profunda à qual eu poderia me entregar de olhos fechados.

Hesito antes de responder, refletindo que não há sentido em não contar a ele.

— Emery.

Ele dá um sorrisinho ao ouvir minha voz trêmula.

— Meu nome é Cameron, mas a maioria aqui me chama pelo

codinome, Mori. Pode me chamar do que quiser, não importa pra mim. Tem uma grande chance de você não falar muito depois de hoje mesmo.

Fecho a cara com seu tom descuidado. Ele vai mesmo ser tão ousado assim? Agindo como se eu fosse só desistir. Cerro os punhos.

Ele se expressa bem. De maneira adequada, diferente do que julguei por sua aparência insensível e, para ser bem sincera, pelo fato de estar preso aqui numa cela das Tropas Ocultas. Ele parece um completo imbecil com esses músculos que não ficam nem um pouco escondidos pelo moletom, mas é evidente que também existe um cérebro funcionando por trás do maxilar definido e dos olhos curiosos.

O que será que é preciso para deixá-lo irritado? *Só tem um jeito de descobrir*, eu acho, decidindo testar sua paciência.

— Mori? Tipo *morrer* em latim? — Meu tom condescendente provoca um sorriso mais largo nele; seus dentes são brancos e perfeitamente alinhados.

Ele ergue o ombro e murmura:

— Tem gente que prefere interpretar como *conquistar*.

O levantar sugestivo de sua sobrancelha faz meu coração bater mais rápido.

— Gente? Quer dizer *você*.

Isso me rende uma cara feia.

— Emery, o Nolan te contou por que você foi colocada numa solitária comigo? — Ele dá um passo na minha direção.

Respiro fundo, obrigando minhas pernas a permanecerem imóveis e firmes.

— Não, ele não disse nada a seu respeito. Mas, pela conversa que ouvi, parece que tem alguma coisa *perturbadoramente* errada com você. — Faço questão de enfatizar as palavras no fim para ver as veias irritadas saltarem nos pulsos dele de novo.

Ele inclina a cabeça para o lado. Um olhar questionador atravessa seu rosto quando diz, sarcástico:

— Que perspicaz da sua parte. Por via de regra, as pessoas acabam na solitária quando são um pouco perturbadas, então, imagina só, tem algo de errado com você também, se veio parar nesta cela comigo.

Cerro o maxilar com o comentário. Ele é espirituoso. *Não deixa ele te criticar*, ralho comigo mesma.

Os olhos dele estão vazios, fixos unicamente em mim. Minha espinha cola na parede quando ele dá alguns passos largos até estar parado a poucos centímetros de mim. Devagar, ele apoia uma mão de cada lado da minha cabeça, se abaixando e alinhando os olhos aos meus.

Meu coração bate com tanta veemência que consigo sentir a vibração da minha artéria carótida pulsando sob a pele. Tenho a sensação de que não há oxigênio suficiente para nós dois.

Ele fica me encarando, sem dizer nem fazer nada, mas parece que está removendo todas as minhas camadas para tentar ver como eu funciono por dentro.

— O que você tá fazendo? — sussurro, engolindo em seco.

Ele não responde, mas baixa os olhos para os meus lábios antes de examinar meus traços de perto. O cheiro dele é inebriante, inundado de bergamota e bétula, me fazendo lembrar de um lugar silencioso na floresta, em meio aos muitos acres da minha família, onde eu costumava me sentar sob as estrelas.

Fecho os olhos para me proteger do seu olhar intenso.

— Eu vou te matar, não é óbvio? — A voz dele é grave, carregada de intenções sombrias.

Não há nenhuma dúvida na minha mente de que ele vai cumprir o que está prometendo.

A percepção de que a morte realmente está muito, muito perto de me atingir me faz abrir os olhos. Mesmo assim, não fico

com medo. Eu andava me perguntando que face o diabo teria quando enfim viesse me buscar.

Olho para ele, esquadrinhando cada centímetro do seu rosto. Quem poderia imaginar que seria tão jovem e bonito?

— Vai mesmo? — murmuro, indiferente.

Ele deve ser mais idiota do que pensei se acha que não vou lutar. A esperança de liberdade que Nolan plantou na minha cabeça me deu algo para desejar.

Algo que eu nunca tive de verdade.

Ele estreita os olhos quando movo a mão, mirando na têmpora. Agarra meu pulso com facilidade e o prende na parede. Seu toque é frio, adequado a essa fachada de soldado destruído que ele passa. Inspiro o ar com força e encaro seus olhos assustadores, desejando que ele tente mesmo acabar com minha vida sem sentido.

Eu já fui descartada pelo meu pai. Minha mãe provavelmente sabia. A bondade com que ela me tratava nunca significou proteção contra ele. Era mais um band-aid de desculpas por ser tão pau-mandado. Ela tecnicamente me descartou também.

Deixo os braços moles no seu aperto, e a boca dele se retorce num sorriso desconfiado.

Cameron me puxa para seu peito.

— Você se acha especial, né? Acha que não vou arrancar seu coração — sussurra ele, colado à minha orelha, como faria um amante.

Minha força interna vacila quando um fio de entusiasmo pulsa nas veias. Não sei por que amo o perigo. Talvez seja a onda natural pela qual tanto anseio, mas não me sentia tão eufórica desde a minha última vítima.

Se ele quer fazer joguinhos, vamos jogar.

— Você nem vai me dar a chance de arrancar o seu? — murmuro de volta, com doçura, deslizando a palma da mão pela

virilha dele.

O gesto o distrai como eu já sabia que aconteceria, e ele arregala os olhos ao arfar bruscamente. Aproveito a oportunidade e piso com força no arco do seu pé, na parte de dentro do mindinho. A surpresa perpassa seu semblante, e ele solta um grunhido, traído pelo próprio corpo, desabando no chão.

Pontos de pressão são bastante úteis nessa proximidade, em especial contra oponentes com vantagem física. Quanto maiores eles forem, mais fácil será atingir o alvo.

Cameron me fulmina com o olhar, mas, em vez de parar um instante para processar o fato de que seu corpo o deixou na mão, como pensei que faria, ele agarra meu tornozelo quando tento ir para o outro lado do quarto e me puxa com força para o chão. Minha bunda bate no concreto, e, antes que eu possa chutar suas mãos da minha perna, ele me arrasta para baixo de si e prende meus braços um de cada lado com os joelhos.

Um grito cresce na minha garganta, mas me recuso a soltá-lo. Mostro os dentes para ele, me debatendo para me desvencilhar.

— Sai de cima de mim, babaca!

Ele inclina o corpo para trás, se apoiando nos calcanhares preguiçosamente, e ri. Meus batimentos cardíacos retumbam nos ouvidos, mas tento me manter calma, já que ele ainda não me machucou de verdade.

— Você acha isso engraçado? — pergunto, entre dentes, e levanto o quadril com o máximo de força possível.

Ou ele subestimou minha força ou só presumiu que eu fosse uma idiota no corpo a corpo, porque seu corpo relaxado sai voando por cima da minha cabeça. Ele dá de cara na parede. Me levanto num piscar de olhos, recuando até minhas costas estarem pressionadas na porta fria de aço do outro lado do quarto.

Cameron permanece imóvel, enquanto uma poça de sangue se forma ao redor de sua cabeça. Começo a bater a ponta do pé no

chão, ansiosa, pensando que talvez o tenha matado. Não pode ser assim tão fácil, não depois de toda a propaganda que Nolan fez.

Não, ele está querendo te enganar. Mas, depois de alguns minutos nessa, acabo sendo vencida pela preocupação. Pode ser que Nolan fique furioso se eu matar esse cara. Ele claramente é importante, se continua na organização mesmo sendo doido. E não é que eu queira que ele morra também.

Merda. *Eu vou me arrepender disso*. Consigo ouvir Reed me esculachando, porque esse é exatamente o tipo de coisa que ele me disse para nunca fazer, em nenhuma circunstância. *Nunca demonstre compaixão pelo seu oponente*.

Normalmente, não demonstro. Eu os mato como tenho que fazer. Deixo as marcas que quiser neles, para satisfazer a parte dolorida na minha alma que foi roubada de mim. Mas não sou cruel como Reed ou esse tal Cameron aqui.

Só estou tentando sobreviver, cacete.

Devagar, começo a me aproximar. Seus olhos estão fechados. Seus cílios são compridos e escuros contra a pele clara, e o cabelo está bagunçado da luta.

— *Ei*, você não tá morto não, né? — sussurro, empurrando seu ombro com o pé.

Quando ele não se mexe, me aproximo um pouco mais, e é aí que percebo que o sangue está saindo da sua boca, não do crânio.

Ai, merda.

Cameron abre os olhos de repente e sorri, com os dentes cobertos de sangue. Dou um pulo para trás e caio no colchão que está jogado no chão. Ele se senta devagar e se apoia na parede, com uma perna dobrada e a outra esparramada de qualquer jeito. O sangue escorre pelo lábio inferior e suja seu queixo quando ele tenta limpá-lo com a manga do moletom.

Ele me fita com olhos cansados e um sorriso fraco.

— Você é corajosa. Gostei. — Ele ri e deixa a cabeça pender,

como se estivesse bêbado.

Espera aí. Eu estava certa, aquilo que ele pegou do Nolan eram drogas mesmo. Será que está chapado ou coisa assim?

Durante os longos momentos em que o observo em silêncio, percebo que sinto mais pena do que medo. Mantenho os olhos fixos nele pelo máximo de tempo possível, afetada pelas mais de vinte e quatro horas que passei acordada no trem e no barco vindo para cá.

Estreito os olhos e o encaro, apoiando a cabeça no joelho enquanto espero que ele se agite e tente me atacar de novo. Meus pensamentos vão silenciando aos poucos, até que sou sugada para dentro de um sonho agitado.

Alguém está batendo de leve na minha testa.

Abro os olhos abruptamente.

Tento me sentar, mas sou contida por um braço forte. Olho de relance para a direita e vejo Cameron me encarando. Mesmo com metade do rosto sujo de sangue seco, ele ainda parece um deus. Está deitado de lado, numa pose relaxada, apoiado no cotovelo, com a mão pendurada acima da minha cabeça.

Ele dá outro tapinha na minha testa, fazendo com que eu me encolha e caia em mim.

Um sorriso repuxa seus lábios, revelando caninos mais afiados do que deveriam. Será que ele os lixou para que ficassem assim? *Meu Deus*. Cada centímetro dele deve ser uma arma.

Espera, *nem* cada *centímetro*. Um rubor se espalha pelas minhas bochechas antes de eu conseguir controlar meus pensamentos.

— Já era hora de você acordar — comenta ele, de um jeito quase brincalhão.

Não sei dizer se é o sotaque que o faz parecer mais jovial do que realmente é, ou se ele gosta de me provocar.

Franzo as sobrancelhas ao tentar me sentar de novo. Ele coloca o braço na minha barriga, me mantendo parada com firmeza. Solto um suspiro.

— Achei que você fosse me matar — digo, sarcástica, mesmo sabendo que estou brincando com fogo.

Me forço a desviar o olhar para a porta. Está um breu completo por baixo dela. A cela também está escura, iluminada apenas pelo luar fraco que atravessa as grades acima de nós.

Devo ter dormido por um tempinho.

Cameron murmura enquanto pensa, e o som é algo entre um rosnado e um suspiro. É grave e atrai minha atenção para seu pescoço tatuado; um mar de árvores pretas e enevoadas o contorna por inteiro. Sua aparência é a que imagino que o caos teria, e nunca pensei em ninguém desse jeito além de mim mesma.

Minha mãe sempre odiou que eu arrumasse o cabelo em tranças bagunçadas e frouxas. Também não gostava que todas as minhas roupas fossem pretas. "Você parece uma assassina", ela vivia dizendo, mas eu era mesmo. Ela sabia. Mesmo que odiasse o ramo de atividades da família, ela permitia que acontecesse. "Caos." Ela me chamava assim quando eu saía de casa usando minhas tranças cor-de-rosa compridas, coturnos e colete. Indo matar mais um dos alvos designados por Greg.

Sou um reflexo do que vejo diante de mim: uma coisa perversa e injustamente danificada. *Caos*. Penso na palavra com carinho ao contemplar a travessura nos olhos dele.

— Vou dar o melhor de mim pra te guardar pra depois. Infelizmente é uma promessa. Não estou exatamente no controle de quando vou te matar, mas é inevitável — declara ele, impassível, depois me solta e deita de costas, com os olhos fixos no teto alto.

— Que promessa cruel. — Minha voz não tem um pingo de graça.

Não desperdiço o momento, montando no peito dele e

pressionando os polegares na base do seu pescoço. Meu cabelo desliza pelos ombros e cai no colo dele. *Ele desfez minhas tranças?* Essa ideia faz um arrepio percorrer minha espinha. Uma risadinha gorgoleja na garganta dele, e, para o meu desânimo total, ele abre um maldito sorriso.

— Você estaria me fazendo um favor, meu bem — diz ele, com a voz rouca, arfando quando aumento a pressão.

Ouvir suas palavras estranguladas deixa meu corpo quente. Seu pomo de adão se mexe sob as palmas das minhas mãos quando ele engole em seco, e a sensação deixa meus braços arrepiados. Seu pau cresce embaixo da minha bunda.

Minha expressão fica divertida. *Deus, ele gosta mesmo da ideia de morrer*.

Olho para a boca dele; o sangue continua escorrendo dos lábios, sujando minha mão.

Estreito os olhos para ele. Dá para perceber pelo seu sorriso nefasto que ele sabe que não quero matá-lo de verdade. Não é minha atividade preferida, por mais que eu tenha passado a gostar de como crio algo instigante após a morte. Fazer a polícia andar em círculos também torna tudo um pouco interessante, deixar migalhas para eles me encontrarem. Mas não é como se eu tivesse algo contra as vítimas. Só faço o meu trabalho.

A pasta de papel pardo que o general Nolan folheou no trem vem à minha mente, assim como as dez pessoas dentro de sacos pretos que ela continha.

Meus dedos afrouxam, e eu solto o ar. Só estou conseguindo deixar o cara de pau duro. Ele não tem medo de mim. Eu gostaria de poder dizer o mesmo. Me levanto e vou até a pia para lavar seu sangue das mãos.

— Que fofa. Suas mãos não conseguem nem envolver meu pescoço inteiro — comenta ele, se sentando e massageando a garganta com uma expressão apática, quase como se estivesse

procurando alguma coisa ali.

Reviro os olhos e enxugo as mãos na calça.

Por mais desconfortável que seja, prefiro dormir sentada e com as costas na parede a chegar perto desse cara. Ele fica me observando enquanto me posiciono na outra ponta do quarto.

— Pode ficar com a cama. Eu não durmo muito. — Ele se levanta e enfia as mãos no bolso do moletom.

— Prefiro não dormir onde você já deitou — retruco, virando para o outro lado.

— *Mesquinha*, hein? — rebate ele, com uma piscadela para mim.

Minhas bochechas ardem. Ele sabe exatamente o que está fazendo ao me provocar. Fico de pé enquanto ele contorna a cela para chegar até mim.

— Ou você dorme na cama ou vou continuar te enchendo o saco a noite toda — declara ele, indiferente, erguendo e baixando o ombro.

Estou achando difícil acreditar que esse cara é capaz de matar qualquer coisa. Agora tenho que ver para crer.

— Tá, tudo bem, só fica longe de mim. — Eu me sento na beirada da cama, e ele cumpre o que prometeu, parando do outro lado do quarto e deixando o corpo desmoronar no chão.

Percebo que sua boca continua sangrando bastante. Ele fica lambendo os lábios e engolindo.

Não sou nenhuma santa, mas não estou gostando nada desse sangramento por tanto tempo. Depois de alguns minutos, me rendo ao meu instinto de cuidar e pego um pouco de papel na pia. Ele me observa com curiosidade enquanto me ajoelho entre suas pernas esparramadas.

— Abre — ordeno.

Cameron ergue a sobrancelha, mas abre a boca, obediente. Logo encontro a fonte do sangramento e enfio a bola de papel em

sua boca. Ele grunhe e me lança um olhar perplexo. Mas consegue manter as palmas das mãos no chão.

— Tem um kit médico aqui? Você precisa de pontos.

Ele faz que sim, e sigo seu olhar até o espelho acima da pia. Encontro uma caixa de suprimentos no armário e a vasculho até achar alguns grampos. Devem servir.

Cameron me observa preparar os grampos parecidos com garras com uma postura calma. Ele claramente tem experiência com dor.

— Tá doendo? — pergunto, retirando devagar o papel ensopado de sangue da sua boca.

Ele balança a cabeça e fica parado enquanto coloco três grampos na parte interna da bochecha. Eles pinçam a mucosa e devem permitir que o corte cicatrize relativamente rápido.

— Pronto. — Deslizo o polegar pelo seu rosto com delicadeza.

Aí me dou conta do que estou fazendo e afasto a mão.

Para meu completo horror, ele notou o gesto. Leva a mão à bochecha, onde a minha estava há um segundo. Olhos curiosos encaram os meus.

— Não precisava fazer isso. — Sua voz não tem nenhum indício de sarcasmo.

Fico surpresa por ele parecer sinceramente grato.

— Eu não queria que você ficasse com dor a noite toda — respondo, como se não estivesse preocupada com ele.

Ele solta uma risada suave e olha para mim.

— Você sabe que eu não sinto dor, né? Caramba, ele não te contou nada mesmo.

Arregalo os olhos e o observo por alguns instantes para ter certeza de que ele não está tirando uma com a minha cara.

— Nem um pouquinho? — pergunto, incrédula.

— Nada. Pressão, com certeza. Toque, sim. Prazer, *principalmente*. Mas dor não.

Minhas bochechas ficam quentes. *Ignore a parte do prazer.*

— Como? — A curiosidade faz com que eu me aproxime, examinando-o como se ele não fosse humano.

Ele toca meu queixo delicadamente, voltando a me olhar nos olhos. Nossos narizes estão a pouco mais de dois centímetros um do outro; mechas do seu cabelo claro caem sobre a sua testa e roçam na minha.

Posso perder a noção de tudo se ficar muito perto dele. Inspiro devagar e me sento nos calcanhares.

Cameron cutuca a bochecha como se não se desse conta de que está um pouco inchada.

— Eu tomo comprimidos experimentais. Somos tipo cobaias pra eles, então normalmente recebemos as coisas legais antes de todo mundo. Estou tomando uma medicação nova que as Tropas Ocultas estão testando pros militares normais usarem. Ela elimina a dor e torna meus ossos mais difíceis de quebrar. O único problema é o efeito colateral no cérebro. — Ele bate de leve na têmpora e abre um sorrisinho.

A preocupação fica estampada no meu semblante.

— Mas aí como você pode saber se for mortalmente ferido? E quem pode dizer que efeitos uma droga dessas pode ter em você, além do seu estado mental? — resmungo, enxergando-o com outros olhos.

É por isso que ele é tão perturbado? Está literalmente enlouquecendo por causa de um remédio experimental?

Ele parece quase ofendido com a pergunta.

— Eu sou diferente dos outros por aqui, e o tenente Erik sabe disso. É por isso que eles não se livram de um cão selvagem feito eu. Sou o único que conseguiu aguentar as pílulas da morte até agora. E não, esse não é o nome delas de verdade, mas é assim que a gente chama, já que elas matam a maior parte dos soldados que as experimentam.

A cela parece vazia demais quando ele pronuncia essas palavras. Dá para ouvir o propósito no seu tom de voz, ele acha que é valorizado aqui, quando na verdade só está sendo usado até não sobrar nada.

— Quanto tempo os outros soldados duram depois de tomar esses comprimidos?

O orgulho faísca em seus olhos.

— Quarenta e oito horas. E aí caem duros, mortinhos da silva.

Meus pensamentos ficam acelerados.

— E quanto tempo faz que você está tomando eles?

— Três anos.

Ele é resiliente, tenho que admitir. Mas também chuto que ainda nem chegou aos trinta. Por quanto tempo pode continuar forçando o próprio corpo desse jeito antes de sucumbir?

— É bastante tempo. — Respiro devagar e decido tirar o máximo de informação possível dele enquanto estou presa nesta cela.

Ele gosta de ler, o que fica óbvio pela pilha de livros na escrivaninha no canto. Muitos dos volumes eu reconheço quase instantaneamente, porque são livros antigos de literatura e poemas melancólicos.

Depois do verão em que fiz treze anos, Reed e eu lemos cada um deles à luz de velas pelo menos quatro vezes na biblioteca do meu pai. Ele era meu único amigo. Após seus pais morrerem em um incêndio naquele ano, meu pai insistiu que ele fosse morar na nossa mansão. Greg sempre gostou do Reed. Enxergava o potencial dele.

Ele que devia ser o herdeiro do nome Mavestelli. Não eu.

Meus olhos passeiam pelos recortes de jornal que também estão espalhados na mesa de Cameron, muitos dos quais exibem manchetes sobre execuções e corpos encontrados em circunstâncias estranhas. A pulsação no meu pescoço acelera. Ele

sabe que estão falando de mim? *Não*. A imprensa não recebeu permissão para tirar fotos minhas. Greg escondeu isso dos jornais, para proteger a si mesmo, com certeza.

Mas por que ele está colecionando notícias sobre os meus crimes? Mordisco o lábio inferior, preocupada.

Coletar informação não precisa ser difícil, lembro a mim mesma.

— Você fala como um homem culto, ao contrário do que sua aparência sugere. Me conta, você é um poeta trágico? Tipo, seu codinome é *Mori*, afinal. E qual é a da literatura antiga? — pergunto, deixando os olhos voltarem para as páginas amareladas espalhadas pelo quarto, envelhecidas pelo ar mofado talvez.

Três livros em particular estão empilhados bem no centro da escrivaninha, um deles aberto no meio.

Eu estaria mentindo se dissesse que o comportamento dele não é tão intrigante quanto sua aparência.

Um soldado poético. Quem poderia imaginar uma coisa dessas?

Por algum motivo, pensar nisso me deixa sombria. Meus olhos retornam para seus papéis, e eu me pergunto o que um homem como ele pode ter a escrever.

Ele ri, me encarando com aquele olhar semicerrado.

— Aqueles que dançam com a morte com frequência tendem a ter certo apreço pela literatura sombria. Você também não é assim? — rebate ele, pegando o livro mais próximo e folheando-o.

As páginas estão desgastadas pelo uso. Não consigo deixar de me perguntar quantas vezes ele já leu essa história. A curiosidade acaba me vencendo.

— *Ah*, então você só adora as tragédias.

Cameron fecha o livro e o deixa tombar do seu colo para o chão.

— Todos somos só tragédias no fim. Até os românticos.

O sotaque dele faz com que as palavras fiquem penduradas

como um laço de forca entre nós.

Meu Deus, esse cara saiu direto do clube dos poetas mortos, e eu me sinto ridiculamente atraída por isso. Se estivéssemos em uma biblioteca, e não em uma cela militar secreta, eu pediria para me juntar ao seu clube do livro de um membro só e bater um papo de vez em quando com uma taça de vinho.

Solto um pequeno suspiro e sorrio para ele. Seus olhos se iluminam devagar à medida que digo:

— Infortúnios à parte, espero que a gente se divirta um pouquinho antes do amargo fim, Mori.

Um sorriso cruel repuxa seus lábios antes que ele passe a me ignorar, voltando a pegar o livro e recomeçando a ler de onde parou.

4

Emery

Ele não falou que não dormia muito?

Cruzo os braços e fico olhando para Cameron. Seus ombros estão curvados para a frente, e a cabeça, caída de lado. *Mentiroso*, penso, agachada a alguns metros de distância para observá-lo.

A cicatriz relativamente nova que corta a parte interna do seu olho parece dolorosa, mas ele não demonstrou nem um pingo de desconforto. Faz sentido, ele disse que é incapaz de sentir dor. Me pergunto quanto tempo essa droga dura. Será que ele precisa ficar tomando sempre ou o efeito é de longa duração? Tem algum jeito de revertê-lo?

O som de metal rangendo ecoa na pequena cela. Levanto os olhos quando a porta se abre e vejo o general Nolan me encarando com surpresa, que logo se transforma em um sorriso aliviado.

— Ora, ora, quem diria, ele não te matou.

Não posso dizer que fico muito animada ouvindo o espanto absoluto em seu tom. Ele devia estar jurando que eu não sairia daqui viva.

Ainda estou agachada na frente de Cameron. Volto a olhar para ele e vejo seus olhos cor de sálvia me fitando intensamente antes de ele se endireitar e alongar o braço no alto. Um sorriso fraco.

— Estou tão surpreso quanto o senhor, general — murmura Cameron, tranquilo.

Ele sorri bastante para alguém nessas circunstâncias. Há um peso tão opressivo nele que afoga as partes de mim já familiarizadas com a sua dor. Ele foi descartado em algum ponto da vida, assim como eu. De que outra forma alguém desanda tanto como aconteceu com a gente? Suas sobrancelhas se erguem, tentando esconder o que há ali, mas eu enxergo seus fantasmas trágicos, dançando perto demais dos meus.

Forço meus olhos a voltarem para o chão antes que eu me perca demais nos dele.

— Bom, isso foi inesperado. Acho que é melhor levarmos vocês dois pro Sub pra já começarem o treinamento. Me sigam — murmura Nolan, depois dá um passo para o lado, aguardando que eu saia da cela antes dele.

Cameron se levanta e cruza os braços.

— Nós *dois*?

Nolan assente, e um sorriso torto se forma em seus lábios.

— O quê, o tenente Erik não te informou? — Um instante de silêncio, depois Nolan suspira e esfrega o rosto. — Claro que não. Os Testes do Sub também são parte da sua punição, Mori. Na esperança de reprogramar esse seu cérebro podre e você provar que é digno do seu lugar no nosso esquadrão.

Um clima pesado se instala entre eles.

Os olhos de Cameron escurecem e ele trinca os dentes.

— E como isso seria justo com os cadetes sem o meu nível de treinamento, se eu estiver lá matando todos eles?

— Você vai ficar responsável não só pela sua própria sobrevivência nos testes, mas pela dela também. Sua principal missão é não matar sua parceira no calor da batalha. Você passou desse teste na cela, mas o que vai acontecer quando estiverem num ambiente hostil? O que vai acontecer quando estiverem sozinhos no meio de um maldito nada? — resmunga Nolan, com desaprovação.

Suas palavras fazem a incerteza brilhar nos olhos de Cameron.

Ele não estava brincando, somos experimentos da vida real aqui, e eu chuto que vai ser difícil para ele se controlar. *Ótimo*.

Nolan ri ao abrir o bolso da camisa e puxar de lá um frasco de comprimidos, que atira na direção de Cameron. Meus olhos seguem o frasco preto pelo ar. Cameron consegue pegá-lo, a mão firme ao me lançar um olhar desinteressado. Vejo-o abrir a tampa, pegar três ou quatro pílulas, enfiá-las na boca e engoli-las. Ele relaxa visivelmente e baixa os ombros.

Meus olhos ficam secos. *Ele é viciado nas drogas que supostamente estão matando outros soldados.* O que vai acontecer se continuar assim? Engulo o desconforto que sobe pela garganta ao vê-lo tomar essas pílulas da morte.

Eu não o conheço. Não importa. Mas não consigo afastar o incômodo que brota no meu estômago.

Nolan nos conduz por um corredor comprido. Olho algumas vezes para Cameron, que parece indiferente à notícia do seu destino, mais irritado que qualquer outra coisa, embora os Testes do Sub não pareçam algo que deve ser encarado levianamente. Tenho certeza que vou ouvir muito a respeito quando estivermos no campo de treinamento com os outros cadetes.

Enquanto passamos por uma grande academia cinza com um grupo de soldados fazendo flexões, os olhos de Cameron cruzam com os meus e me pegam encarando. Desvio o olhar depressa.

— Então, o que aconteceu com o seu olho? — Quebro o silêncio quando entramos na área comum da base, onde homens e mulheres com trajes militares caminham cheios de propósito em todas as direções.

A maior parte deles está usando a farda comum, verde e camuflada, mas alguns vestem uniformes da Força Aérea e da Marinha.

O uniforme do general Nolan tem estampa camuflada preta, e

suas insígnias são únicas: um círculo dourado ao redor de uma caveira com as letras TO no centro. Deve ser o símbolo das Tropas Ocultas.

— Foi o que ele ganhou por ter matado o último parceiro em campanha — resmunga Nolan, parando de andar por um instante.

Levo um susto e olho para Cameron. Sua boca está apertada em uma linha firme, presumo que por não gostar que os outros respondam por ele.

— Ele decapitou o último com a KA-BAR. Você sabe quanto esforço é necessário para serrar uma cabeça usando apenas uma faca de combate, cadete Maves?

Engulo em seco. *Na verdade*, *sei*, *sim*.

Nolan estreita os olhos para mim quando não pareço tão enojada quanto ele esperava.

— Ele mereceu essa cicatriz. Tem sorte de ser nosso bem mais precioso, senão já o teríamos jogado numa vala ou deixado que o esquadrão Riøt cuidasse dele.

— Ok, ela já ouviu o bastante, vamos em frente — reclama Cameron, cruzando os braços bruscamente e evitando meu olhar.

Nolan ri, zombeteiro, mas volta a andar rápido. Tenho que apressar o passo para acompanhar os dois.

— Quantos esquadrões existem?

Imagino que não sejam muitos, seria mais difícil mantê-los em segredo se fosse preciso ficar de olho em vários.

— Há quatro esquadrões de elite ativos no momento. Varsóvia, Riøt, Fúria e Malum. — Nolan fala como se estivesse no piloto automático, sem nenhum interesse em me instruir a respeito do assunto.

Cameron também parece mentalmente alheio, encarando impassível os soldados que se exercitam e conversam na extremidade da área.

Olho para Nolan com expectativa.

— Quatro equipes por alguma razão?

O general solta uma risada sem convicção e explica:

— Sim. O Riøt é de longe o pior esquadrão, e você deveria agradecer por não estar sendo encaminhada pra lá. São eles que mandamos para apagar traidores, fugitivos ou soldados que perderam a utilidade. Eles ficam no leste do país. Varsóvia é a equipe especial, enviada para missões de grande visibilidade e as que devem ser realizadas no meio dos civis em grandes cidades. É o time mais preciso e detalhista.

Alguns soldados esbarram no meu ombro ao passar e olham feio para mim. *Provavelmente não vai ser a última vez que isso acontece.* As sobrancelhas de Cameron estão franzidas e parece que ele vai dizer alguma coisa, mas só crispa os lábios antes de desviar o olhar.

Nolan também não dá atenção aos soldados rudes e continua:

— O Malum é o esquadrão que vai aonde ninguém mais pode ou aceita ir. Literalmente o último recurso. Depois tem o Fúria, o esquadrão que mandamos para lugares remotos e altamente perigosos. As missões deles estão no topo da lista de prioridades das Tropas Ocultas. A taxa de sucesso é de cem por cento, e a mortalidade dos soldados é de trinta por cento. É a equipe que enviamos para missões suicidas.

Meus olhos se voltam para os de Nolan na hora. Ele me dá um sorrisinho irônico.

— Deixa eu adivinhar — digo, contrariada. — Esse é o esquadrão designado pra mim.

O olhar de Nolan ganha um brilho repugnante.

— Correto, Maves. A maioria das mortes nem é provocada pelo Mori.

Ele ri da minha expressão tensa. Cameron solta um suspiro profundamente irritado.

Mortalidade de trinta por cento?

Mordo o lábio. Minhas chances não são boas, considerando

que também preciso me preocupar com Cameron, que já prometeu me matar mais tarde. Não consigo definir se ele quer mesmo me poupar ou se simplesmente gosta de prolongar o sofrimento das vítimas.

Nolan nos leva até o final de um corredor comprido, onde fica uma escada de emergência. Descemos vários andares, e ao pé dos degraus há uma porta preta de metal nos aguardando. Minhas pernas quase viraram geleia depois dos dez lances de escada.

Eu nem sabia que prédios podiam ser construídos a essa profundidade. Cada nível que passamos faz o nó na minha garganta se apertar.

O general Nolan tira um cartão do bolso e escaneia a parte traseira. A cor no painel passa de vermelho para verde, e um mecanismo de trava barulhento se movimenta. Nolan abre a porta e gesticula para que a gente vá na frente.

Adentramos uma pequena câmara intermediária. A cerca de três metros há outra porta cor de ébano idêntica. Nolan fecha a primeira e se assegura de que está trancada antes de se dirigir para a próxima.

Caramba, a segurança é alta. Isso me deixa meio nervosa quanto ao que nos espera lá dentro. Cameron está com as mãos enfiadas nos bolsos da calça de moletom e não parece nem um pouquinho preocupado. Ele já passou pelo treinamento, então faz sentido que não esteja ansioso, mas não estar nem minimamente apreensivo é inquietante.

Assim que a porta pesada se abre, sou instantaneamente dominada pelo tamanho dessa instalação subterrânea. O teto tem pelo menos doze metros de altura e é sustentado por enormes vigas de aço. Soldados armados estão espalhados pelo ambiente sem nenhuma ordem específica, mas todos os olhos estão fixos nos cadetes usando fardas táticas no centro da sala. As paredes são brancas, e a arena na qual acabamos de entrar é iluminada como

uma prisão. Levando em conta que somos todos criminosos hediondos, parece apropriado que o lugar seja como uma prisão, com portas de segurança máxima e guardas a postos.

— Uau. Quando você falou que era uma operação clandestina, eu não imaginei que ficasse literalmente nos porões do quartel — digo, num tom sarcástico.

Estou de mau humor hoje, graças ao psicopata com quem precisei dividir a cela.

Cameron abre um sorrisinho com meu comentário, mas o general Nolan não vê tanta graça. Ele solta um grunhido e cruza os braços, encarando o mar de corpos fazendo exercícios de aquecimento no centro da arena.

— Chamamos esse lugar de Sub, e, se você gosta de metáforas, espera só pra ver a *escuridão* que fica aqui embaixo. É como dormir num caixão — diz o general, devagar, piscando para mim sem sorrir.

Meu Deus.

Respiro fundo e me concentro nos cadetes vestindo fardas camufladas pretas e cinza. Há nomes impressos nas insígnias que carregam no peito, mas estamos longe demais para que eu consiga ler, mesmo quando passamos por eles.

— Quanto tempo vamos passar no *treinamento*? — pergunto.

Uma sensação inquietante de desgraça iminente invade meu peito enquanto olhos nos seguem através da arena. Não quero atrair nenhuma atenção indesejada, então mantenho a cabeça baixa.

Nolan vira bruscamente para entrar em uma porta perto do centro da arena e nos conduz por um longo corredor, parando apenas quando chegamos a um quarto enorme, cheio de camas portáteis estreitas e colchões.

— Vocês estão chegando quase no fim do período de noventa dias, então devem passar pelos testes daqui a algumas semanas, no máximo. Sugiro que façam amigos se quiserem que suas chances

de sobrevivência sejam maiores que cinco por cento. As coisas ficam meio... *desumanas* aqui embaixo. — Ele deve achar isso tudo divertido, porque um sorriso vil repuxa seus lábios.

Cameron solta um gemido.

— Bom, eu vou ter que manter ela segura se quiser voltar pro meu esquadrão, então acho que a gente não precisa de amigo nenhum.

Ele parece tão entusiasmado com a situação quanto eu.

— Essa é a sua — resmunga o general, ignorando Mori.

Tento memorizar a cama que Nolan indica. Fica perto do fundo do quarto, ao lado dos banheiros. Há plaquinhas com os nomes ao pé de cada uma. Nolan arranca a que está lá no momento e a enfia no bolso antes que eu possa ler.

— E ele? — Cutuco o peito de Cameron com o polegar, e ele solta um grunhido ingrato.

Os olhos de Nolan escurecem e ele sorri.

— Dividir também é cuidar, cadete Maves.

Dividir? Uma cama? Com Mori, ainda por cima... Belisco a coxa para impedir que os palavrões que correm soltos pela minha mente saiam.

Há coisas mais importantes nas quais se concentrar.

— As coisas ficam desumanas como? — Lanço um olhar impaciente a Nolan.

O general começa a sair por onde viemos, mas, enquanto encaro sua nuca, ele murmura:

— Não há muitas regras que os soldados clandestinos precisem seguir, então as mortes são comuns, o bullying é frequente, assédio, tudo o que se possa imaginar. Você precisa se garantir *aqui embaixo* — ele ergue o braço e aponta para o teto de cimento — para sobreviver *lá em cima*. Boa sorte aos dois.

Fico olhando enquanto ele sai, depois me sento na beira da cama e respiro fundo. Cameron se acomoda no outro lado do

colchão e não diz uma palavra. Finalmente estou assimilando a gravidade da minha situação. Fecho os olhos.

Eu mereço isso. Penso em todas as pessoas que matei brutalmente. Mas e todos aqueles que merecem mais? Tipo Greg Mavestelli e Reed? Fico desanimada com esses pensamentos rancorosos. Mas nunca fui de chutar cachorro morto. O que está feito está feito.

Quando abro os olhos de novo, me sinto um pouquinho mais equilibrada.

Estou aqui por uma razão, porque meu lugar é com os outros que são como eu. Essa é minha segunda chance. *Pensa pelo lado bom.* Não é isso que aqueles influenciadores de positividade ficam promovendo? Qual é o lado bom das coisas por aqui? Meus olhos traiçoeiros se movem na direção do físico esbelto de Cameron. Aí está um.

Cerca de quatro minutos se passam antes de uma multidão de cadetes adentrar o quarto. Seus olhos logo se fixam em mim e em Cameron. Prendo a respiração diante da pura hostilidade que eles exalam.

Um deles caminha à frente dos outros. Seu cabelo é tingido de carmesim, a pele é pálida, os olhos de um castanho-escuro marcante que se aproxima do preto. Ele parece ter a minha idade, talvez um ano mais velho. Engulo o nó na minha garganta à medida que ele caminha cheio de confiança na nossa direção. Sua passada é tão intimidante quanto suas sobrancelhas grossas e franzidas. Um curativo ensanguentado envolve seu pescoço, mais grosso no ponto onde fica a carótida. Parece que alguém tentou matá-lo literalmente dez minutos atrás. Meus olhos se arregalam quando me dou conta de que Nolan não estava brincando a respeito de como as coisas funcionam aqui.

Merda, não me diga que o nome dele estava naquela placa que o Nolan pegou. Me preparo para uma possível luta.

— Por que vocês dois estão na minha cama? — grita ele.

Eu me levanto devagar, com os punhos cerrados ao lado do corpo.

— O general Nolan disse que era minha — respondo, calmamente.

O homem ergue a sobrancelha e olha além de mim, para Cameron.

— *Nossa* — corrijo.

O suor brota na minha testa com todos os olhos fixos em nós. Olhares penetrantes e implacáveis de outros assassinos.

Nolan fez isso de propósito, instigando briga com outro cadete e me obrigando a dividir a cama com Mori. Cuzão.

O jovem sorri. Fico surpresa com quão sinistro é o gesto. Tipo, é só a porra de uma cama. Endureço o olhar; não quero que ele me veja como uma molenga qualquer.

Ele se aproxima de mim e murmura:

— Então o Nolan tacou um *foda-se* do tamanho do mundo pra você. Não tem nenhuma cama livre no momento. Acho que isso significa que vocês dois vão dormir no chão.

Cameron observa a cena com um leve interesse, e, mesmo assim, sua expressão fria é de arrepiar. Ele é uma pessoa com quem eu odiaria puxar briga.

Meus batimentos cardíacos aceleram e minhas bochechas esquentam quando os outros cadetes riem entre si por minha causa.

— Você espera que a gente durma no chão? — pergunto, ríspida, e ele recua, provavelmente surpreso que eu me recuse a simplesmente desistir só porque ele mandou.

A curiosidade brilha em seu olhar, mas ele logo volta a fazer cara feia, fitando o chão.

— Você não seria a primeira, sua mimadinha. Deixa que eu te ajudo.

Ele agarra meu pulso e tenta me puxar para o chão.

Eu devia ser sensata e tentar não partir direto para a violência, mas a postura dele planta uma semente de ódio no fundo do meu coração, e meu punho já está se mexendo antes que eu me dê conta.

Dou um soco bem no meio da bochecha. Sua cabeça é jogada para o lado, mas ele permanece de pé. Meus olhos se arregalam quando ele se recupera por um instante, depois limpa o lábio e volta a me encarar com aqueles olhos escuros.

— Isso foi sujo — ele debocha.

Os outros começam a formar um círculo ao nosso redor, ansiosos por uma briga. Uma mulher jovem vem por trás dele e toca seu ombro com suavidade.

— Damian, você tá bem? — Sua voz é delicada, mas ela me fita com olhos hostis. Seu cabelo é escuro e firmemente trançado, com lindos anéis dourados entrelaçados às mechas.

Dou de ombros e cruzo os braços.

— Ainda acha que a gente vai dormir no chão? — pergunto, tranquila.

Cameron dá um sorriso.

A mulher pragueja antes de avançar na minha direção e erguer o braço para me dar um soco. Me esquivo e a atinjo nas costelas com força suficiente para deixá-la sem fôlego.

Cameron a observa cair apático, depois volta a olhar para mim. Uma centelha de interesse faísca por trás de seus olhos cínicos.

Damian me encara cheio de desdém.

— Que tal a gente lutar pela cama, então, já que você tá querendo se exibir?

Sua voz tem um quê de malícia. Ele é quase tão alto quanto Cameron. Seria idiotice da minha parte aceitar esse desafio, mas todo mundo está olhando. Então faço que sim.

Ele estala os nós dos dedos e ri.

— Que vaca burra.

Cravo os dentes no lábio, dominada pela raiva.

— Me chama de vaca de novo, seu filho da puta — desafio.

Ele deve ver o brilho de *doida varrida* nos meus olhos, porque não diz nada e aponta a arena com o queixo.

Cameron intervém, se levantando em um movimento suave e deslizando as mãos para dentro dos bolsos.

— Eu luto com ele. É o mais justo, já que ela já te deu um soco.

Seu tom é baixo e faz os pelos da minha nuca se arrepiarem.

Damian dá uma olhada nele e ri.

— Eu encaro vocês dois. Você parece mais fracote que ela.

Um sorriso maldoso repuxa os lábios de Cameron. Acho que esse cara acabou de assinar o próprio atestado de óbito.

Nolan disse pra gente fazer amigos, mas acabamos de fazer dois inimigos.

5

Emery

A arena parece maior agora que estou no centro dela. Luzes fluorescentes piscam e tremem enquanto máquinas pesadas são utilizadas em algum ponto na superfície. Imaginar esse lugar desmoronando em cima da gente me deixa meio desconfortável, mas não tenho muito tempo para remoer esses pensamentos, porque Damian estala os punhos do outro lado do ringue.

Meus olhos percorrem a multidão, procurando algum oficial que possa interferir. Finalmente eu vejo um punhado deles no canto do ringue, apostando que Damian vai me dar uma surra. Começo a ficar com medo.

Ele não parece tão durão assim, mas não posso baixar a guarda.

Vejo a preocupação passar por alguns rostos na multidão, e tem gente que chega a desviar o olhar, como se não suportasse assistir ao que vai acontecer. A dúvida começa a se embrenhar na minha mente. Meus olhos encontram os de Cameron. Seu semblante é frio e impassível. Duvido que ele ligue muito para o desfecho dessa luta.

Damian me ataca enquanto ainda estou olhando para o outro lado e me dá uma rasteira antes que eu possa me esquivar. Ele me derruba em um único movimento. Seus olhos faíscam com uma ferocidade selvagem, e ele prensa meu peito no chão, pressionando sua mão calejada com força no meu esterno.

Um arquejo escapa de mim quando o ar é empurrado para fora. Os lábios de Damian se curvam com um sorrisinho convencido. *Ele pensa que já ganhou.*

Sua outra mão está apoiada no chão perto da minha cabeça, uma atitude idiota. Levanto o queixo e viro o rosto, cravando os dentes em seu braço antes que Damian tenha a chance de fazer qualquer outra coisa. Se ele quer jogar sujo, eu vou jogar sujo.

— Que porra é essa! — grita ele, instintivamente me soltando e se afastando.

Me contorço violentamente para atirá-lo para o lado. Enquanto Damian ainda está aturdido, subo nele e prendo seus braços no chão com os joelhos.

Damian se recupera depressa e joga o quadril contra mim. Eu não estava esperando que ele tivesse tanta força nessa região. Arregalo os olhos ao sair voando por cima da cabeça dele.

Ficamos de pé em poucos segundos, com a respiração ofegante e os ombros tremendo.

Os olhos de Damian descem pelo próprio braço, analisando a mordida por um momento antes de voltar a me encarar. Eu não rompi a pele, mas já dá para notar que vai ficar um hematoma terrível. O curativo no pescoço dele soltou um pouco nas bordas durante a briga. *Eu devia ter atingido bem ali.*

O cabelo dele está desgrenhado da luta.

— Eu ia pegar leve com você, já que é seu primeiro dia. Mas às vezes esqueço que até as meninas bonitas fizeram alguma coisa hedionda pra acabar aqui no Sub — diz ele, ríspido.

Seus olhos escurecem e ele me ataca de novo. Dessa vez não está tentando me prender no chão, dá para ver em seu olhar intenso que ele quer me machucar e me usar de exemplo.

Damian tenta dar um soco no meu estômago. Mal consigo bloquear o golpe a tempo com meu antebraço, mas ele já estava esperando a reação e me atinge na face esquerda com o dorso do

punho. Os nós de seus dedos estalam em contato com meu osso malar, e a dor explode da minha boca à orelha. O gosto de sangue se espalha pela língua. Consigo mover o pé para não ser jogada direto no chão.

Ele deve estar esperando que eu chore.

Giro o corpo na direção de Damian e o golpeio bem no meio dos olhos. Seu nariz retinho e perfeito agora vai ter uma protuberância na ponte. Ele grunhe com o impacto, mas depois solta uma risada maníaca e desconcertante.

— Eu vou te matar, sua piranha. — Damian agarra meu cabelo e puxa minha cabeça para trás, deixando minha garganta exposta.

O terror corre nas minhas veias enquanto minhas mãos voam para seu aperto firme no meu cabelo.

Damian puxa com mais força, e um grito é arrancado dos meus pulmões. A queimação se espalha pelo couro cabeludo e lágrimas pinicam meus olhos. Luto com cada gota de espírito combativo que tenho no corpo até sentir o aço frio pressionado na minha garganta. Meu corpo congela, e o único som na arena é o da minha respiração ofegante. A dor se espalha pelos meus joelhos trêmulos quando solto o peso do corpo neles.

Claro que ele tinha uma faca. Não sei por que eu estava esperando que essa luta fosse justa.

Uma risada maliciosa escapa de Damian quando minhas pernas cedem e ele me conduz para o chão, ainda agarrando meu cabelo e pressionando a lâmina com mais força no meu pescoço. Seu rosto entra no meu campo de visão, e eu não consigo desviar os olhos do seu semblante horrível, me prometendo que ainda não acabamos.

— E é assim que você estabelece dominância — diz ele, alto o bastante para todo mundo ouvir.

Os outros cadetes vibram e riem, alguns até o encorajam a cortar minha garganta.

Eu treinei mil vezes para me desvencilhar desse tipo de pegada, mas decido deixar que a luta termine aqui. Se Damian achar que isso é tudo que eu tenho, vou poder pegar ele e os outros de surpresa depois. *Nunca mostre tudo a eles*. Respiro fundo para me acalmar.

O sorriso de Damian só aumenta, divertido.

— Esqueceu que eu era o próximo? — pergunta Cameron, em um tom desinteressado, agarrando o pulso de Damian e o obrigando a soltar meu cabelo.

Eu me levanto depressa e esfrego a parte de trás do couro cabeludo. Os olhos de Cameron cruzam com os meus e ele gesticula com a cabeça, indicando para que eu me afaste.

Eu já me fiz de idiota, por que não acrescentar o tratamento apático de Cameron para ferir meu ego mais ainda? Volto para o círculo de cadetes e me viro para assistir à próxima luta, sem muita energia. Só quero tomar um banho quente e ir dormir.

Cameron mantém as mãos nos bolsos, talvez só para provocar Damian.

Funciona.

O rosto de Damian fica vermelho e ele pragueja, depois tenta atacar Cameron com a faca. Mori se esquiva com facilidade e pressiona a bota no centro das costas de Damian enquanto ele está passando, fazendo-o ficar de quatro. A faca corre pelo chão.

— Anda, você não estava *tão* confiante com a demonstração de dominância? — A voz de Cameron sai baixa, e o sarcasmo que pinga do seu tom faz um arrepio percorrer minha espinha. — Devo mostrar como *eu* estabeleço dominância? — Ele para ao lado de Damian, que ainda tenta se levantar, e dá um chute em seu rosto.

Um arquejo audível atravessa a multidão de cadetes, depois fica tudo em silêncio.

Damian desaba de lado, cuspindo sangue e se engasgando com

alguns de seus dentes. Ele fica sem palavras. Um nó se forma na minha garganta com os grotescos nacos vermelhos que ele cospe no chão entre arfadas desesperadas.

Cameron abre um sorriso largo, e é uma das coisas mais lindas que já vi. Ele se abaixa e se senta nas costas de Damian, finalmente tirando as mãos dos bolsos e agarrando o maxilar do cadete com uma delas. A outra puxa o cabelo dele até Damian estar olhando direto para mim.

O sangue some do meu rosto quando vejo como a boca de Damian ficou desfigurada depois do chute.

— Você não é o dono dela. Ela é minha, entendeu? Quando olhar pra ela, quero que pense em mim quebrando sua cara com um chute — diz Cameron, olhando para mim com olhos gelados e imóveis.

Não há nenhuma luz neles. Me pergunto o que ele vê quando olha para mim. Sei que só está dizendo essas palavras porque literalmente tem que me proteger aqui embaixo. Desvio os olhos para o sangue no cimento. O olhar de Cameron vai me assombrar se eu sustentá-lo por tempo demais.

Não ouço a resposta gorgolejante de Damian, só as respirações profundas de Cameron. Depois de um instante, ele solta a cabeça do idiota e se levanta.

Alguns dos amigos de Damian correm para ajudá-lo a se levantar. Cameron caminha na minha direção e para ao meu lado, murmurando:

— Acho que a cama é nossa.

Hesito antes de erguer o rosto para ele.

— Por que você falou que eu sou sua? — Meu peito se contorce de raiva. — Todo mundo vai achar que...

— Eles vão saber que, se mexerem com você, vão ter que se ver comigo também — responde ele, suave e taticamente.

Foi o que eu presumi, mas ele não precisava falar de um jeito

tão possessivo.

Faço que sim.

Cameron volta os olhos para os meus e faz uma expressão convencida.

— De nada. — Eu ignoro seu comentário e toco a parte de trás da cabeça com delicadeza, fazendo uma careta de dor.

Cameron me observa por um instante antes de acrescentar:

— Você até que luta bem. Fiquei surpreso que alguém como você saiba se virar. — Seu elogio tem um lado áspero.

— É, bom, nós mulheres precisamos aprender a ser duronas em um mundo desses — resmungo.

Minha boca está machucada do soco de Damian, e continuo sentindo o gosto de ferro na língua. Só estou feliz por ainda ter todos os dentes, ao contrário de Damian.

— Vamos sair daqui antes que mais alguém queira brigar com a gente — murmura Cameron, cutucando meu braço para me fazer andar de volta à caserna.

Cameron caminha atrás de mim enquanto percorro o corredor comprido. Lanço um olhar desconfiado para a multidão de cadetes atrás de nós. Ele tem razão, eles já estão se empurrando e se preparando para outras lutas. É assim que todos agem aqui embaixo? Brigam como animais e depois fingem que está tudo bem? Todo mundo parece indiferente enquanto continua assistindo às lutas violentas. Alguns voltam a se mover pelo Sub como se fosse normal alguém ter os dentes arrancados por um chute.

— Por que você precisaria ser durona? — A voz de Cameron desvia minha atenção do Sub e a traz de volta para ele. — Parece que nasceu em berço de ouro — resmunga ele, irritado.

Bom, tecnicamente ele não está errado.

Os Mavestelli são uma das famílias mais ricas do noroeste americano. Eu sou a única filha dos meus pais, a última linhagem restante, devido à infertilidade no lado masculino do nosso

histórico genético. Mas, como descobri do jeito mais difícil, nascer em uma família rica não significa ter vida fácil. Metade do tempo, eu estava longe, no internato do submundo, e a outra metade estava em casa, com Reed me ensinando diferentes formas de matar uma pessoa. Meu único consolo era Reed encontrando soluções para todos os meus problemas. Se eu estivesse indo mal nas aulas, ele ameaçava os professores e os obrigava a mudar minhas notas. Quando confessei que não conseguia continuar sendo a carrasca, ele deu um jeito de me ajudar a dissociar e a me desconectar do trabalho, transformando uma coisa feia como as consequências do submundo em algo instigante. Não importava quão perturbador e horrível tudo isso fosse no fundo; me ajudava.

Agora que ele tinha orgulho de me ajudar a ficar mais parecida com ele. Um monstro.

Uma nuvem escura paira no meu coração. Não gosto de pensar na minha infância. Também não gosto de pensar na minha vida adulta.

Só espero que minha mãe esteja bem. Sem mim, quem vai suportar todo o abuso verbal do Greg? Reed faz o melhor que pode para manter meu pai focado no trabalho, mas sua influência só chega até certo ponto. Tenho certeza de que Greg escapou sem nenhuma acusação. Não é como se ele nunca tivesse subornado a polícia e o juiz.

— Precisava *mesmo* arrancar os dentes dele daquele jeito? — mudo de assunto, me afastando do meu passado antes que perca o controle.

Não que eu ache que Cameron, entre todas as pessoas, conheceria o nome Mavestelli, mas ele é inteligente e não quero que ligue os pontos, especialmente sabendo que ele está colecionando notícias sobre os meus crimes.

Ele ergue a sobrancelha.

— Não precisava, mas foi melhor do que enfiar os polegares

nas órbitas dele, né?

Uma risada nervosa escapa da minha garganta. Ele é oficialmente louco.

— É, assim é melhor mesmo.

Cameron se senta na beirada da nossa cama. Não fico nada feliz com o fato de ela ser tão pequena; vamos ter que dormir grudados um no outro por semanas. É muito tempo para sobreviver a alguém que arranca dentes alheios com chutes só porque isso é melhor do que enfiar o polegar no olho das pessoas.

— Acho que seria bom eu te mostrar o espaço e te falar das regras. Então me avisa quando estiver pronta pra gente começar o *grandioso* tour — resmunga Cameron, entediado.

Contenho o impulso de revirar os olhos e o fito de relance. Ele me encara de volta com o olhar questionador. Seu cabelo loiro-claro está penteado para o lado, e seu cheiro de galhos partidos de bétula chega até mim. Eu traço com o olhar as tatuagens de floresta no seu pescoço, descendo até a clavícula, onde os desenhos se transformam em folhas se espalhando para os ombros, engolindo em seco ao me dar conta de como o acho atraente mesmo depois de tê-lo visto acabar com o rosto de uma pessoa com tanta facilidade.

Acima de tudo, por que ele precisa ser lindo?

Ele continua sendo o mesmo homem psicótico da cela, mas parece mais relaxado agora. Meus lábios se apertam quando me lembro dele tomando aqueles comprimidos a seco. Meu defeito fatal é o desejo de consertar coisas quebradas que não querem ou nem se importam em ser consertadas. Sou atraída por essas coisas como urubus por carcaças. Reed não queria ser consertado depois que seus pais morreram no incêndio, mas com o tempo consegui colar alguns de seus cacos. Foi o suficiente para ele começar a sorrir de novo.

— Vou tomar banho primeiro — digo, baixinho, abrindo o

zíper do meu casaco cinza e jogando-o sobre os lençóis.

Cameron parece prestes a dizer mais alguma coisa, mas passo por ele, desinteressada, e me dirijo ao banheiro. Ao me aproximar, percebo que é unissex. *Claro que é.* Solto um gemido internamente e evito olhar para qualquer um dos homens pelados ali dentro. Cameron me segue, murmurando:

— Vou deixar seu uniforme do Sub pronto pra quando você tiver terminado. As roupas que estava usando vão ser queimadas.

Faço um breve aceno para ele por cima do ombro, mais concentrada na delícia que será esse banho quente.

A água está geladíssima.

Testo vários chuveiros, mas nenhum esquenta. Deve ser uma das inúmeras maneiras que eles têm de nos punir aqui. Estou começando a achar que prisões de verdade talvez tratem os encarcerados de um jeito mais justo do que as pessoas nesse inferno, mas pelo menos nós temos a esperança da liberdade.

Quanto mais rumino sobre o assunto, mais me questiono se as tais "fichas" são mesmo reais. Claro, Nolan me mostrou um pedaço de papel com um código de barras. Mas será que aquilo tem o valor que ele alega? Essa operação clandestina inteira pode ser apenas uma farsa para nos usarem como armas até ficarmos esgotados e prontos para o descarte.

As pessoas estão dispostas a fazer muitas loucuras por um pingo de esperança.

Desfaço as tranças do cabelo e tento ignorar os homens secando meu corpo nu. É desconfortável, mas infelizmente estou acostumada. Cameron não olha; mantém o corpo virado em outra direção, atento ao pequeno livro que tem em mãos. Pelo menos ele sabe como se manter ocupado.

Enquanto lavo o cabelo, penso no impasse em que me encontro. Como é que se convence um psicopata a não te matar? Ele é esperto e parece razoável, mas seu problema é ser incapaz de

deter a si mesmo. Seu charme o deixa ainda mais letal. É fácil baixar a guarda perto dele.

Solto um suspiro longo e frustrado. Parece que a única coisa com que ele se importa é ser especial. Sua capacidade de não morrer ao tomar as drogas como todo mundo o diferencia dos demais, mas o que vai acontecer quando terminarem a fase experimental?

Me pergunto por que esse traço específico é tão precioso para ele. Para quem ele está tentando mostrar o próprio valor? Quem o machucou tanto que ele passou a recorrer a esse método de aprovação?

Deixo a água fria escorrer pelo meu corpo dolorido por quase quinze minutos. Todo mundo já saiu do banheiro, exceto Cameron. Ele continua esperando, com um livro nas mãos e uma farda tática preta no colo para mim.

Quando me aproximo, ele estende a mão com o uniforme perfeitamente dobrado. Mantenho um braço envolvendo a toalha e pego as roupas com a mão livre.

— Precisava gastar esse tempo todo? — comenta ele, sarcástico, deixando os olhos se moverem do livro para mim.

A toalha cai quando visto o top esportivo. O rosto dele fica vermelho imediatamente quando olha para mim. Ele se força a desviar o olhar depois de um instante, agarrando as páginas do livro.

Hum. Pelo menos ele não é imune ao corpo de uma mulher. Essa é a primeira vez que vejo um pouco de cor no seu rosto. Armazeno essa informação para depois.

Eu rio enquanto termino de me vestir.

— Bom, se aquele idiota não tivesse desafiado a gente a lutar pela cama, talvez eu tivesse sido bem mais rápida.

Ele bufa.

— Bom, foi você que deu o primeiro soco.

Esse tom indiferente vai acabar comigo.

— Foi ele que tentou me puxar pro chão.

Cameron olha para mim de novo, esquecendo que estou no processo de me vestir, presumo, pela rapidez com que volta a se virar.

— Aham — resmunga ele.

Quando estou pronta, ele me mostra as instalações do Sub.

São enormes. A arena por si só me surpreendeu pela altura do teto, mas esse lugar é um labirinto de corredores e grandes cômodos, que consistem em uma caserna, uma pequena biblioteca, um refeitório, algumas salas de armas e um campo de tiro. Parece que tem uma civilização subterrânea inteira aqui. Não quero pensar em quanto tempo faz que essa operação militar secreta existe.

Há quanto tempo eles estão de olho na minha família, só aguardando a chance de me capturar? Ou será que me encontraram por acaso, lendo os jornais? Fico refletindo sobre até onde essa história realmente vai.

A ideia é preocupante, então me esforço ao máximo para me livrar dela.

Paramos perto de uma porta de vidro, esperando que uma fila de cadetes correndo passe. Dentro da sala há um punhado de soldados descansando e conversando.

— É aqui que ficam os soldados das Tropas Ocultas que não têm esquadrão. — Cameron segue em frente depressa, como se não quisesse chamar a atenção deles.

Vejo um que está vestido de um jeito um pouquinho diferente e pergunto:

— Quem é ele? O que está usando um boné preto?

Ele parece meio jovem demais para ser o sargento instrutor e tem uma das expressões mais desagradáveis que já vi. Tipo aquelas pessoas que passam a vida toda de cara feia e têm rugas

permanentes para provar sua infelicidade.

Cameron nem precisa parar e olhar.

— É o sargento instrutor Adams. Pode acreditar quando digo que você *não* quer estar na lista dele. Só fica na sua e de boca fechada. Você só tem algumas semanas antes dos testes, então provavelmente vai conseguir passar ilesa.

Pelo visto, ele está falando por experiência própria.

— Você conhece ele?

O silêncio já basta como resposta, então não insisto.

— E esse é o Sub. Os exercícios já terminaram por hoje, e vão apagar as luzes em meia hora, então sugiro fazer tudo que precisa até lá — diz Cameron, solícito, enquanto nos conduz de volta à caserna.

— Deixa eu adivinhar, fica *muito* escuro — pondero.

Nolan já deixou claro que sim.

A escuridão nunca significou grande coisa para mim, porém, diferente da maioria das pessoas. Eu acho que nos tornamos mais instintivos nas sombras. Dou uma olhada em Cameron e meu maxilar se contrai com a ideia de dormir ao lado dele essa noite.

Instintivos de muitas maneiras.

Ele sorri.

— A noite mais escura que você vai ver na vida, meu bem.

Que reconfortante.

O resto dos cadetes já está deitado quando voltamos para a caserna. Alguns estão lendo ou jogando baralho com um grupo ao redor da cama, outros estão...

Meus batimentos cardíacos aceleram e eu desvio o olhar na hora.

— É, as pessoas trepam pra cacete aqui embaixo. — Cameron ri de como encaro o chão. Não sou nenhuma virgem, mas puta merda, nem está escuro ainda. — Quem pode julgar? A maioria delas nunca vai sair do local dos testes, bom, a não ser num saco

preto. — Ele fala com bastante confiança, como se não estivesse nem um pouco preocupado com a própria saída. Muito menos com a minha.

Balanço a cabeça.

— Isso tudo é tão horrível.

Cameron volta os olhos para mim, ignorando minha surpresa com o que está acontecendo atrás dele. Eu sustento seu olhar.

— Mas será que é mesmo? Não sei você, mas eu era um caso perdido na sociedade. Essa é a melhor coisa que poderia ter me acontecido. — Seu sorriso vacila.

Chegamos à nossa cama, e ele se senta na beirada.

As mãos dele devem estar sujas de sangue, assim como as minhas. Provavelmente até mais, dado seu hábito de matar parceiros, além do fato de ser um instrumento valioso das Tropas Ocultas.

— O que você fez? — pergunto, largando o cobertor fino e o travesseiro no chão antes de me sentar de pernas cruzadas.

Por mais que o chão seja desconfortável, vou aproveitar a distância que ele fornece do meu futuro assassino.

Cameron balança a cabeça.

— Eu não te contaria nem se confiasse em você. E o que você tá fazendo? Não vai dormir no...

— Vou, sim. Não quero ficar espremida na cama com você. — Uma risada brota da minha garganta. — E por que você não confia em mim?

Os olhos dele escurecem, e ele olha ao redor para ter certeza de que ninguém está ouvindo.

— Porque é assim que as pessoas aqui se avaliam. Como decidem com quem vão se juntar e de quem vão atrás. Você tem cara de quem fala demais, e espalharia segredos do mesmo jeito que derramaria meu sangue.

Cara de quem fala demais? Ergo a sobrancelha, sarcástica.

Ele roça os dedos no meu maxilar, olhando enfaticamente para a minha boca. Estreito os olhos para ele, que baixa a mão, mas não o olhar.

Eu assinto. Acho que uma pessoa cruel no mundo real deve valer ouro aqui no Sub. Por outro lado, que crime ele teria cometido? Todo mundo discorda de alguma coisa. De qualquer maneira você estaria colocando um alvo nas próprias costas.

— Achei que a gente não precisava de amigos, de acordo com você. — Eu o observo tirar o moletom, exibindo parte dos músculos definidos.

As palmas das minhas mãos ardem em contato com o chão.

— É, não precisamos. Mas também não precisamos de mais inimigos. — Ele me encara por um instante longo demais, fazendo meus dedos se contraírem, antes de vestir a camiseta preta básica que todo mundo está usando.

— Tenho certeza que chutar a cara de outros cadetes ajuda nesse aspecto.

Ele solta uma gargalhada e balança a cabeça.

— Ah, ajuda, sim.

Lavo o rosto com água e agarro as bordas da pia antes de olhar para o meu reflexo. Algumas mechas do meu cabelo estão molhadas e grudadas nas laterais do rosto. Olhos cansados e apáticos me encaram de volta. Respiro fundo para me acalmar.

Eu só preciso dormir. Minha vida virou de ponta-cabeça em questão de quarenta e oito horas, mas vou ficar bem. *É melhor que a prisão*.

Enquanto estou saindo do banheiro, as luzes são cortadas.

É uma escuridão que nunca vi antes. Sem janelas, sem estrelas, sem a luz artificial de detectores de fumaça. O próprio ar parece carregado de malícia. O banheiro tem um brilho

fraquíssimo que vem da única fonte de luz. Preciso apertar os olhos para ver que é uma pequena lâmpada instalada no teto, que mal ilumina o suficiente para podermos enxergar ali dentro. *Isso é tudo que dão pra gente?*

Paraliso onde estou e encaro o abismo de camas e roncos suaves. À distância, dá para escutar mais gente transando. *Caramba, o Cameron não estava brincando*. Todo mundo está vivendo como se fosse seu último dia. É tudo meio emocionante, para ser sincera, a adrenalina de não saber o que vai acontecer daqui para a frente me deixa alerta. Tenho certeza de que tudo vai ser mais interessante quando eu não estiver meio adormecida como agora.

Devagar, começo a andar na direção onde me lembro que nossa cama estava. Passo por alguns leitos antes de bater o dedo do pé em um. Faço uma careta e prendo a respiração para não acordar ninguém. Depois de mais algumas camas, cogito voltar e tentar de novo a partir do banheiro.

— Tá perdida, é? — sussurra Cameron, à minha direita.

Eu me viro e consigo distinguir vagamente sua silhueta no escuro.

Aceito de bom grado a alfinetada e me agacho, feliz por pelo menos ter um cobertor e um travesseiro de merda. Eu tive que aguentar coisa pior quando treinei para a operação russa que meu pai orquestrou; ele tinha "negócios" a resolver, portanto, eu também. Embora só eu tenha precisado dormir em pedras tão molhadas e congelantes que meu esqueleto inteiro ficou doendo por vários dias.

Fecho os olhos e tento me concentrar no fio de esperança de que um dia vou escapar desse inferno. Dessa vida de ser jogada de uma situação de merda para outra.

Um farfalhar vindo de cima atrapalha meu foco. Abro um olho e mal consigo enxergar Cameron olhando para mim. Seus olhos verdes parecem refletir até os menores fragmentos de luz.

Ele acha que eu não consigo vê-lo?

Depois que ele passou alguns minutos me encarando, finalmente cedo e o confronto.

— O que foi? — sussurro.

Ele fica calado. Depois murmura:

— Não precisa dormir no chão.

— Melhor que ser estrangulada enquanto durmo. — Deixo uma risada baixa escapar e me viro de lado para não precisar olhar para ele.

— Dá pra você por favor dormir aqui em cima, pra eu não me sentir um escroto? — Quando não respondo, ele continua: — Eu vou pegar você no colo se precisar. — Ele faz menção de se abaixar e me levantar.

Ai, meu Deus.

Eu me sento e olho feio para sua silhueta escura.

— Prefiro chupar prego. Agora cala a boca, você vai acabar acordando alguém.

Está escuro como breu, mas nada poderia me impedir de enxergar aquele sorriso repuxar o canto dos lábios dele. Não sei que graça ele tanto vê em mim. Minhas sobrancelhas se franzem com esse pensamento.

— Então chupa prego amanhã, só não dorme nesse chão frio. Já vai fazer bastante disso durante os testes. — Ele dá uma batidinha no colchão.

Eu cerro o maxilar, perdendo a vontade de resistir a essa oferta ao pensar no quanto meu corpo já está doendo.

Depois de uma breve reflexão, eu decido pegar o cobertor e o travesseiro e me deitar bem na pontinha da cama. É uma cama de solteiro, então não há espaço para dois adultos. Um deles sendo um gigante.

Ficamos esmagados um contra o outro, a parte da frente do corpo dele nas minhas costas.

Fecho os olhos e tento fingir que isso não está acontecendo. Tento fingir que não sinto a largura dura do peito dele aquecendo minhas costas.

Ele se aproxima bruscamente, com a mão no meu quadril, me puxando para si como se não se importasse com o fato de estarmos grudados um no outro. Um pequeno guincho escapa dos meus lábios, e tenho certeza de que pelo menos umas vinte pessoas escutam.

— De nada — repreende ele.

Sinto o calor do seu hálito na lateral do meu pescoço, seu braço musculoso largado na minha barriga.

Só algumas semanas, lembro a mim mesma, *até eu provavelmente morrer nos testes*. Pensar nisso me deixa enjoada.

De repente, o corpo quente de Cameron e a cama macia não parecem tão ruins assim.

6

Cameron

Acordar antes das quatro da manhã para tomar os comprimidos foi difícil hoje. Primeiro, porque acordei com os braços da Emery em volta do meu peito e sua bochecha colada no meu ombro. Segundo, porque realmente não queria perder aquele momento. Foi estranho, e isso é algo de que não costumo gostar muito. Conforto.

Encaro meu reflexo no espelho do banheiro, odiando estar no Sub de novo. Já faz quase sete anos agora, mas parece que mal passou um dia desde que saí desse lugar horrível. Lembranças dos rostos que conheci durante o tempo que estive aqui cruzam a minha mente.

Não quero me lembrar deles. Das pessoas que conheci no Sub... nenhuma delas conseguiu sair daqui comigo. Solto uma risada de escárnio e balanço a cabeça. Por que falam para a gente fazer amigos antes dos testes? Alianças falsas que vão ruir assim que eles começarem. As Tropas Ocultas são mesmo prova do mal que habita em nós.

Jogo as últimas duas pílulas na boca e as engulo, largando o frasco de plástico vazio na pia.

Pelo menos Adams não mudou. Foi bom ver que ele construiu fama por aqui. Mas aposto que acaba com ele o fato de alguém tão perturbado quanto eu poder estar num esquadrão enquanto ele fica preso nesse ciclo infinito de carnificina. É preciso ser um filho da puta bem durão para aguentar o tranco.

Ouço uma batida na entrada do banheiro. Meus olhos deslizam preguiçosamente na direção da porta, esperando Nolan, porque ele sabe da minha fissura das quatro da manhã, mas fico surpreso quando o tenente Erik entra.

Meu corpo responde fisicamente à presença dele: os batimentos cardíacos aceleram e o estômago se revira ao lembrar da sua faca no meu olho. Não consegui sentir a dor, mas sim a pressão por trás dele, o inchaço da minha pele e a incapacidade de enxergar por vários dias. Erik é o único homem na face da Terra que poderia me matar num combate individual. Conhece todas as minhas técnicas, todos os meus defeitos.

Imediatamente ajusto a postura.

— Tenente — cumprimento, em posição de sentido.

Erik não gosta de formalidades quando estamos só nós. Ele é como um pai para mim, o pai que nunca tive. Mas eu sempre insisto em ser formal; tenho a sensação de que é a única coisa que consigo fazer direito, porque de resto só dou decepção para ele.

Ele é o mais rigoroso dos quatro esquadrões — sendo o único tenente que continua ativo nas missões, desde que nosso sargento morreu em combate há alguns meses —, mas também é o mais paciente. Acho que o sargento Jenkins do Riøt já teria me executado há muito tempo se eu estivesse no esquadrão dele. Dizem as más línguas que ele é implacável para alguém tão jovem. Muitos de nós não o conhecem, e sinceramente, eu nem quero.

— Descansar — murmura Erik, olhando ao redor do banheiro comum. Seus olhos se fixam no frasco vazio na pia. — Vejo que você continua escolhendo essa morte lenta — diz ele, friamente.

Eu respeito o fato de ele ser tão difícil de ler. Me mantém alerta. Mas, lá no fundo, sei que ele se importa com seus homens mais do que mostra. Ele não precisa verificar como estamos, mas normalmente faz isso mesmo assim. Acho que é o único oficial que consegue manter um pingo de empatia pelos outros, não que ele vá

admitir isso.

Ele me enche o saco por causa dos comprimidos desde que comecei a tomá-los. Claro, ele pôde observar minha deterioração mental ao longo dos anos. Me pergunto o quanto eu me distanciei do homem que ele conheceu um dia. Acho que Erik permite que eu continue tomando as pílulas porque é o único valor real que tenho aos olhos do general. Nolan me odeia com toda força.

— Também vou tomar as injeções. O general Nolan marcou um veneno novo pra agora de manhã — digo, sarcástico, atirando o frasco preto vazio para ele.

Erik o pega e abaixa a mão ao lado do corpo, imperturbável.

— Sem minha aprovação?

Dou de ombros, irritado por ele estar fingindo que algum dia vai recusar novas drogas experimentais.

— O general Nolan ofereceu e eu aceitei. Você já me jogou de volta no Sub, então não entendo por que isso te interessa. Sei que não temos tempo pra estreitar os laços com a Emery num treinamento em campo, mas você podia ter me avisado que inscreveu a gente pra missão de nível preto em...

— *Eu sei*. Quem você acha que está organizando as missões com o Nolan? — Os olhos frios de Erik me examinam por um instante antes de voltarem para os remédios. — Você se colocou aqui, Cameron. Não eu. Você sabe disso... assim como sabe que está se matando com essas coisas. — Ele levanta o frasco de comprimidos para dar ênfase.

Meu sorriso é pequeno e derrotado.

— Eu sou diferente, tenente. Eles não vão me matar como os outros.

Um fluxo de sangue escorre do meu nariz e cobre meus lábios. Eu o limpo com a manga. Sangramentos nasais são um efeito colateral normal da droga, mas pelo visto matar os parceiros também é.

Ele ergue a sobrancelha como se tivesse pena de mim e resmunga ao sair:

— Não. Você não é diferente, Mori. Não importa o quanto deseje ser especial, você simplesmente não é.

O comentário dele é um soco no estômago.

Encaro as paredes cinza da arena, pensando nas palavras de Erik enquanto aguardo Nolan me buscar para as injeções.

Erik está errado, eu sou diferente. Ninguém sobreviveu tanto tempo usando os medicamentos de aprimoração. Sou o único que teve uma resposta positiva a eles. As injeções teoricamente são uma melhora gigantesca em relação às pílulas, principalmente quando combinadas. Bom, pelo menos esse é o objetivo. Vamos ver o que acontece na prática.

Eu vou ser qualquer coisa que as Tropas Ocultas quiserem que eu seja, e com esses estimulantes posso me tornar o soldado ideal que eles desejam e matar com mais eficiência.

A arma perfeita não sente dor.

Nolan não diz nada quando me vê esperando por ele. Mantém as mãos enfiadas nos bolsos da calça camuflada e faz um breve aceno com a cabeça.

Passamos pela caserna e meus olhos são atraídos por um borrão rosa-claro. *Ela já acordou?*

Eu paro, sem saber direito por quê. Só sei que quero observá-la de longe tanto quanto de perto. Tem alguma coisa no jeito como ela se porta que exige minha atenção. O rubor que contorna seus olhos e faz sua pele parecer macia. A ferocidade que irradia da sua alma.

— Mori. — A voz de Nolan é dura e me arranca de algum lugar nas profundezas da minha mente.

Saio do transe causado por ela e volto a andar, tentando entender a confusão que ela provoca em mim.

Não consigo lembrar da última vez que não quis machucar alguém.

7

Emery

Apesar do meu orgulho, o sono da noite passada deve ter sido um dos melhores que tive nos últimos tempos. Arrumo o cabelo em duas tranças e as jogo por cima do ombro. Algumas mechas cor-de-rosa emolduram meu rosto, e minha franja cai logo acima das sobrancelhas.

Cameron não estava na cama quando acordei.

Está cedo, então fico surpresa por ele já ter acordado. Sempre perco o sono, por que seria diferente agora? Todos os outros ainda estão ou roncando de leve ou se revirando na cama, inquietos. Visto a farda tática em silêncio, inclusive o colete. Se tem uma coisa que aprendi ontem é que não confio em ninguém aqui embaixo. São todos praticamente selvagens, prontos para lutar a qualquer momento. Por cima de tudo, visto um moletom preto com as letras TO bordadas no canto da manga esquerda.

Tudo aqui embaixo é frio.

Penso na proximidade de Cameron ontem à noite. Seu braço ao redor do meu ventre e seus lábios enterrados na curva do meu pescoço. Minhas bochechas ardem, e eu balanço a cabeça para afastar os pensamentos sombrios que se formam no meu cérebro quando recordo seu pau duro pressionando minha bunda em determinado momento.

Um borrão de movimento atrai minha atenção para a porta da arena. *Cameron?*

Meus passos são silenciosos enquanto atravesso de fininho o vasto quarto de cimento e dou uma olhadinha ao redor. O solado de um coturno desaparece de vista e vira em um corredor diferente.

Olho por cima do ombro para ter certeza de que ninguém acordou antes de seguir a pessoa.

Não pude explorar por conta própria ontem à noite, então a curiosidade me estimula a seguir em frente. Não me lembro desse caminho no tourzinho do Cameron.

Um som de bipe virando o corredor me faz parar num canto antes de espiar. Dois homens estão parados diante de uma porta de metal com um teclado numérico ao lado, igualzinha à porta que leva ao Sub.

O homem mais baixo à frente é, sem dúvidas, o general Nolan, eu reconheceria aquele corte de cabelo imaculado em qualquer lugar. O homem mais alto atrás dele é difícil de reconhecer, está usando um moletom preto com o capuz levantado. Meus olhos se estreitam quando ele vira a cabeça o suficiente para que eu possa ver suas sobrancelhas escuras e o maxilar definido.

Cameron? Aonde ele está indo?

Os dois passam pela porta, que se fecha logo atrás. Não há janelas para espiar e, de onde estou, não há outro jeito de ver aonde eles foram. Chego até a procurar dutos de ventilação, na esperança de encontrar uma maneira de escutar o que estão dizendo e obter informações, mas o lugar é bem protegido.

O que tem atrás dessa porta? Se Cameron sabia que ela existia, por que não a incluiu no tour ontem?

Para de pensar nele, digo a mim mesma enquanto como um pouco de cereal sem graça no refeitório. Já faz uma hora, e ainda não consegui tirá-lo da cabeça.

Essa área é idêntica à caserna, tirando as camas, que foram substituídas por mesas. Sento sozinha e tento ignorar o olhar

penetrante que a garota que está com Damian me lança do outro lado da sala. Eu ouvi um dos outros cadetes chamá-la de Bree. Ela está agarrada ao braço de Damian com força, como se ele pertencesse a ela. Um sorrisinho se espalha pelos meus lábios. Não consigo deixar de gostar da ira que ela dirige a mim.

Uma bandeja bate ao meu lado na mesa, me dando o maior susto. Olho para cima e meu humor azeda imediatamente ao ver Cameron. Ele se acomoda no assento ao lado do meu e abre um sorriso irônico para mim. Seus olhos cor de sálvia estão mais lúcidos hoje. Será que acabaram os comprimidos? O capuz ainda está erguido, como estava mais cedo, mas dá para ver as roupas táticas por baixo. Ele também está usando o colete, então me sinto confiante com minha decisão de vesti-lo.

— E aí — murmura ele, enfiando cereal na boca.

Olho ao redor e vejo que todos ficam em silêncio e estão encarando Cameron com olhos desconfiados. Para ser bem sincera, eu não os culpo. Não depois de ele ter chutado a cara do Damian ontem. Mas algo me diz que é mais do que isso.

— Por que tá todo mundo olhando pra você? — sussurro.

Ele não se abala com a minha pergunta, nem ergue o rosto para ver por conta própria.

— Meu palpite é que a notícia de que já sou um soldado do Esquadrão Fúria se espalhou.

Não sei por que nem pensei que até os cadetes já ouviram falar do seu probleminha de matar os parceiros.

— Você é bem popular nas Tropas Ocultas, hein? — digo, com um tom jocoso, decidindo que vou mostrar para todo mundo, incluindo para Damian, que não tenho medo do Cameron.

Ele abaixa a cabeça para comer mais uma colherada, e, quando faz isso, vejo uma marca de agulha no seu pescoço.

Ele tomou uma injeção? Aposto que foi mais dessas medicações nada ortodoxas.

— Eu não diria popular — responde Cameron, sarcástico, empurrando a bandeja com o resto do cereal para o centro da mesa. Ele apoia o queixo na palma da mão e olha de relance para mim. Há um pesar tão silencioso em seus olhos que quase não o percebo.

— Espera aí, isso significa que vamos ser mais atacados nos testes? E você achou que *eu* que ia ser um problema pra gente? — retruco.

Um dos soldados sopra um apito e todo mundo começa a se levantar das mesas. Saímos andando atrás do grupo.

— Eu sou sempre o problema. Você dá conta de assumir esse papel enquanto a gente estiver aqui. — Cameron empurra meu braço de leve, e eu olho para ele, furiosa.

— Você vai conseguir se controlar pra não me matar? No fim das contas, esse é seu verdadeiro teste, né? — Cruzo os braços para evitar esbarrar nele.

— Por que você parece tão decepcionada? — diz Cameron, num tom vazio, erguendo a mão e deslizando o dedo por uma das minhas tranças, como se achasse graça nela. — Vai ser divertido.

Cameron decide não fazer a corrida matinal ao redor da academia. Não é muito justo que ele possa pular as coisas que não está a fim de fazer, mas vou aproveitar essa pequena trégua. É uma chance de tirar informação de alguém além dele.

O alerta de Reed ecoa na minha mente. *Nunca confie nas palavras de uma única pessoa.*

Da parede distante onde está apoiado, conversando com o sargento instrutor Adams, Cameron me observa dar algumas voltas. Seu olhar cruza com o meu com frequência enquanto fala, e eu preciso me forçar a parar de olhar.

Outros cadetes que ainda não conheço esbarram em mim de

propósito algumas vezes. Faço questão de memorizar seus rostos para garantir a morte deles nos testes. Um olha para trás, me mirando de cima a baixo com uma carranca. *Arnold*, foi como eu ouvi os outros o chamarem. Ele é intimidante. *Presta atenção nele*.

Damian passa a correr ao meu lado nas últimas voltas. Eu ignoro seu sorriso, que fica cada vez mais largo quanto mais me recuso a olhar para ele. Bree vem pelo outro lado, me prensando entre os dois. Baixo os olhos para os dentes de metal de Damian, que foram implantados para substituir os que Cameron arrancou dele ontem.

Eles realmente tratam a gente como cobaias aqui, percebo, vendo o inchaço mínimo do seu rosto. Os olhos dele estão injetados por causa da droga que está usando, e sua pele está extremamente machucada, mas ele não parece nem um pouco incapacitado. Duvido que esses dentes sejam permanentes, mas estão todos no lugar, e ele não parece estar sentindo dor.

É estarrecedor. Me dou conta de que estou encarando Damian e forço minha atenção a voltar para o caminho à frente.

— O que o *Mori* tá fazendo aqui? — pergunta Damian, áspero.

Pondero se devo conversar com eles. Qual é a pior coisa que pode acontecer? Já acertamos as merdas todas ontem, então só dá para melhorar daqui para a frente... eu espero.

— Ele está fazendo o treinamento, como todos nós — resmungo, mantendo o foco exclusivamente no chão.

— Eu sei disso, mas por quê? — pergunta ele, já perdendo a paciência.

Olho de relance para Damian e ergo a sobrancelha.

— Eu não nasci ontem. Não vou te contar sei lá o que você quer saber só pra usar isso contra mim depois.

Fico irritada pensando no comentário do Cameron sobre eu falar demais. De jeito nenhum vou provar que ele estava certo.

Damian ri.

— Pelo menos você vai ficar de boca fechada. Vou descobrir o motivo com outra fonte, então. A gente ainda tem algumas semanas por aqui, então não deve ser tão difícil tirar informação de um oficial.

— Por que todo mundo tem tanto medo dele? — Obviamente, eu já sei *por que*, mas quero entender se há um motivo mais específico.

O que exatamente esse homem fez de tão hediondo que tornou seu nome conhecido até entre os novatos que ainda precisam entrar em um esquadrão?

Bree bufa.

— É sério que você não sabe?

Lanço um olhar inocente para ela e balanço a cabeça. Ela me analisa cuidadosamente antes de trocar um olhar com Damian.

— Ele é o equivalente ao bicho-papão por aqui. Os guardas usam o nome dele pra assustar todo mundo. Ele já rasgou homens com os próprios dentes.

Ela estremece e olha para Cameron.

Não acredito muito nisso. *Cameron? O mesmo cara que não queria que eu dormisse no chão?* Nem fodendo.

Sigo o olhar dela e, não importa quanto o encare, não consigo enxergar o que eles veem. Eu não vejo um monstro, vejo um ser machucado. Selvagem e raivoso por causa de um mundo cruel, simplesmente tentando proteger o que resta de si mesmo.

— Com os dentes, é? — comento, cética.

Damian resmunga com desaprovação.

— Não acredita na gente? Divirta-se descobrindo do jeito mais difícil. Ele não tem moral. Mas acho que você vai precisar de alguém como ele pra te carregar durante os testes.

Os olhos dele faíscam com a ameaça. Eles acham mesmo que estou pegando carona nas habilidades do Cameron. Isso deve significar que não sabem que ele mata especificamente seus

parceiros. Só acham que ele mata os alvos de um jeito perturbador.

Bree ri da alfinetada dele. Sinceramente, Damian é a menor das minhas preocupações. Fico mais aflita com Bree e a maneira como seus olhos não deixam transparecer nenhuma ideia ou plano que ela esteja tendo.

Mudando de assunto, eu pergunto:

— Vocês sabem alguma coisa sobre aquela porta de metal no final do corredor da caserna?

Eles provavelmente estão aqui embaixo há um tempinho, então um deles deve saber alguma coisa.

Os olhos de Damian se arregalam, e ele balança a cabeça. Seu cabelo está lambido para o lado com o suor. Nossas respirações soam altas enquanto fazemos uma curva.

— Só ouvi boatos de que alguns soldados entraram lá há umas semanas e nunca mais saíram. Por quê?

Ele estuda meu semblante como se achasse que estou escondendo informações.

— Só estava pensando. Eu fui pro lado errado sem querer hoje de manhã e encontrei a porta... mas voltando pros testes. Tem algo específico que eu deva saber, já que cheguei atrasada? — pergunto.

Bree suspira, seus olhos ficam frios, e a expressão, apática.

— Eles realmente não te contaram nada antes de te largar aqui, né? — diz ela, soando quase pesarosa por mim.

Balanço a cabeça. Viramos de novo para começar a última volta.

— As missões designadas para as Tropas Ocultas são altamente perigosas, eles não têm tempo nem recursos para desperdiçar com criminosos que não conseguem acompanhar o ritmo. Então, antes da formatura eles realizam os Testes do Sub. Pelo que ouvi falar, é um conjunto de três percursos com obstáculos, durante os quais vamos ter que matar uns aos outros.

Engulo em seco, olhando ao redor para ver quantos outros

recrutas existem. Deve haver cerca de uma centena de nós. Pelo visto, vai ser um caos completo.

— O que acontece depois dos testes? O general Nolan me disse que só tem quatro esquadrões. Eles não têm espaço suficiente pra todo mundo que sobra, né — digo, mais como uma declaração do que como pergunta, levando em conta que cada esquadrão provavelmente é composto por menos de oito soldados.

Damian entra na conversa.

— A mortalidade é alta. Quase três novos recrutas são necessários por mês, para substituir os que estão nos esquadrões existentes. Às vezes os soldados são promovidos a oficiais, mas já faz um tempo que isso não acontece. Os que ficam pra trás são reciclados ali. — Ele aponta a cabeça para indicar os homens de uniforme segurando armas M16 que observam nossas voltas. — Mas você já tem um destino definido, não tem? — Os olhos dele se estreitam com um sorriso irônico. Não deixo passar a olhada que ele dá para Cameron.

Fico desanimada. *Vou ser assassinada pelo meu próprio colega de esquadrão.*

— É. Eu sou a nova parceira do Mori.

As palavras saem antes que eu possa contê-las. Minhas mãos voam para a boca, e Damian e Bree se entreolham com satisfação.

Eles me enganaram, porra.

— Pronto, essa era a confirmação que eu estava esperando — diz ele, num tom alegre que faz meu maxilar estalar. — Espera só até os outros ficarem sabendo.

Bree dá uma risadinha com as palavras dele, mas eu só sinto desespero.

Um apito atravessa o ar e nós paramos, tentando recuperar o fôlego. Eu ignoro os dois o máximo possível, irada comigo mesma por ter contado o segredo. *Cameron estava certo, eu falo demais mesmo.* Solto um suspiro ao pensar nisso.

— Não precisa ficar se torturando. Nossa especialidade é tirar informações das pessoas. — Damian dá uma piscadela, como se não fosse uma questão de vida ou morte para mim.

Bree sorri.

— A gente precisa se provar do jeito que dá. Eles estão sempre observando, e *sempre* prestando atenção nos nossos pontos fortes. Então, não se permita ser tão fácil de manipular — explica ela, como se estivesse tentando me ajudar.

Não dá para ficar muito chateada com eles se sou eu que preciso melhorar.

Esses dois vão contar para os amigos, e logo todo mundo no Sub vai ficar sabendo. Nós vamos virar os alvos principais.

Meu olhar encontra o de Cameron do outro lado da sala. Ele vai ficar irritado por eu ter dificultado ainda mais nossa situação.

O sargento instrutor grita acima de todo mundo e ordena que cada um vá para sua fileira. Os cadetes se movem por instinto, sabendo exatamente aonde devem ir. Eu fico perdida no meio do frenesi, mas acho um lugar entre duas pessoas antes que uma mão forte agarre meu ombro e me puxe para trás.

— Esse é o meu lugar — resmunga um homem, irritado, e pega meu espaço.

Olho ao redor do grupo, e todo mundo está perfeitamente enfileirado. *Ai, meu Deus.* Cameron não me disse onde era para eu ficar. Procuro por ele freneticamente, mas não o vejo apoiado na parede na outra ponta da sala.

— Vai pro final — sibila Damian, a algumas pessoas de distância.

Giro e começo a ir para o fundo quando meu olhar nervoso se volta ao sargento instrutor Adams à frente do grupo. Seus olhos castanho-escuros logo me encontram, e ele sopra o apito tão alto que faz meus ossos tremerem.

— *Você*, vem aqui agora, porra.

A voz dele é retumbante e provoca um arrepio na minha espinha.

Olhares de todas as direções se voltam para mim. Eu vou costurando entre corpos com cuidado até parar diante dele.

— Qual é o seu nome, cadete? — pergunta ele, ríspido.

Eu encaro o chão com os punhos cerrados ao lado do corpo.

— Emery Maves, senhor — digo, muito mais baixo do que queria, minha voz se recusa a se firmar.

Adams é ainda mais assustador de perto. Seu boné está abaixado, lançando sombras sobre os olhos castanho-escuros. Sua jaqueta tática preta é elegante, com a insígnia dourada das Tropas Ocultas presa na braçadeira e outra no peito. Cicatrizes profundas atravessam a lateral do seu pescoço. Tento não ficar encarando. Como é que ele está vivo depois de uma coisa dessas? Engulo em seco.

— Cadete Maves, está com dificuldades de encontrar seu lugar aqui?

Bom, isso não é justo.

— Hum... Eu não fui instruída...

— Cadete Maves, encontrar seu lugar aqui no Sub é responsabilidade sua e de mais ninguém — ele me interrompe com sua voz retumbante, e eu me encolho toda. — Agora vá logo para o seu posto no fundo e fique lá. Não quero te ver fora da fila de novo, entendido?

Ouço algumas risadas dos meus companheiros e trinco os dentes.

— Sim, senhor — balbucio, antes de virar e me dirigir para o final do grupo.

No mar de uniformes pretos, uma centelha de loiro chama minha atenção. Cameron me olha de relance devagar, parado na retaguarda do grupo. Nossos olhares se cruzam brevemente, depois ele desvia seu olhar de um jeito bem óbvio. Não posso ficar brava

por ele não ter me falado uma coisa entre as centenas que já compartilhou. Afinal, não é como se ele batesse bem da cabeça.

Ele contrai o maxilar quando relutantemente volta a olhar para mim. Sustento seu olhar intenso o máximo de tempo possível, esperando que ele desvie os olhos primeiro. Mas claro que não é o caso. Há uma tempestade de segredos e pensamentos lúgubres por trás desses olhos, o que deixa meu coração em chamas. Queria que ele não fosse tão bonito, culto e misterioso. Seria mais fácil temê-lo se eu não enxergasse muitas das coisas que mais admiro dentro dele.

Paro ao seu lado e me viro para a frente, como todo mundo.

— Eu já falei como detesto essa sua falta de noção? — sussurra Cameron.

Babaca. Retiro o que disse. Não há nada que eu admire nele.

Olhando diretamente para a frente, sussurro de volta:

— E eu já falei que sua opinião é delirante? Eu vi a marca no seu pescoço durante o café da manhã, você deve estar tão lúcido quanto um porco bêbado.

É uma alfinetada que eu não precisava lhe dar, mas não consigo conter a satisfação ao ver que meu comentário faz o queixo dele se virar na minha direção.

Seu olhar fulmina a lateral do meu rosto.

— Tem certeza que quer tentar me irritar? Eu sou o *Mori*, lembra? O cara que mata todos os parceiros. — Ele abaixou o tom.

Eu não me importaria de dançar com a morte.

— *Mori*, que quer dizer morrer. Você vai se matar antes de acabar comigo. — Minha voz sai leve, mas afiada.

Ele ri, de verdade, e o som é tão lindo que reverbera pelo meu corpo. Os cadetes à nossa frente se remexem, desconfortáveis.

— Mori, que quer dizer conquistar, *meu bem*. — A voz dele é fria e suave ao mesmo tempo, carregada com a promessa de me matar, mas também contendo um traço de ternura.

Uma onda de calor aquece meu ventre. Volto o olhar para ele, mas as palavras morrem nos meus lábios quando minha atenção é atraída para o fio de sangue que escorre do seu nariz e pinga do queixo. O sangue é tão escuro que parece quase preto.

Um alarme ressoa pelo meu corpo, e ele deve ter visto o pânico no meu rosto, porque estremece antes de olhar para baixo e rapidamente limpar o nariz com a manga.

— *Cameron* — sussurro, com urgência.

— Não é nada. — Ele olha para a frente e me ignora.

Hesito em desviar o olhar, a mancha de sangue embaixo do nariz dele faz meu peito se contorcer. Ele não está bem.

Odeio minha ânsia de consertar coisas quebradas. Coisas que não cabem a mim consertar.

Não é problema meu. Se ele bater as botas, vai ser bom pra mim, ralho comigo mesma, mas a preocupação se agarra ao meu peito.

O sargento instrutor fala acima do grupo.

— Os testes começam em três semanas, cadetes. Como já sabem, a maioria de vocês vai morrer no primeiro teste. A metade do que sobrar, no segundo, e o restante no último. Minha expectativa é que não sobre mais que um punhado no final, então não se apeguem demais a ninguém. Algumas das execuções mais cruéis que já vi nesses testes foram conduzidas por recrutas que juraram lealdade uns aos outros, mas que isso sirva de testemunho daqueles que sobrevivem: até seus próprios colegas de esquadrão podem acabar com você.

Juro que os olhos do sargento saltam entre mim e Cameron para enfatizar sua declaração antes de se desviar para o restante das cabeças.

Agora que estou pensando nisso, Adams parece ter mais ou menos a idade do Cameron. Me pergunto se participaram do treinamento juntos. Eles parecem se conhecer bem, a julgar pelo jeito casual como estavam conversando mais cedo. Isso explicaria o

silêncio de Cameron ontem à noite, quando perguntei sobre o sargento instrutor.

— Vamos continuar com as rotinas e os exercícios até o dia em que embarcarmos para a área dos testes — murmura Adams, de um jeito entediado.

Ele segue falando de assuntos cotidianos, mas minha mente está presa nos seus comentários a respeito de quantos de nós vão morrer só no primeiro teste. Um buraco se abre no meu estômago.

Após a reunião, Adams nos manda para a sala de armas, para passar a tarde treinando. Os quatro lados são feitos de vidro à prova de balas. A parede adjacente ao corredor é a mais grossa, protegendo os oficiais de patente mais alta que ficam nos observando por trás dela. Cameron está com o capuz erguido e fica entre Adams e alguns outros oficiais enquanto eles analisam os recrutas e anotam coisas em seus blocos de notas.

Bree tinha razão, estamos sendo constantemente avaliados em busca de nossos pontos fortes. Eles querem ver nossos truques.

Para mim, não há dúvida de que Cameron não precisa treinar com a gente porque conseguiria matar cada pessoa nessa sala sem nem piscar. Esse pensamento perturbador me provoca uma careta.

Seria benéfico vê-lo em ação. Eu poderia aprender seus movimentos e maneirismos. A luta com Damian não contou, porque Cameron literalmente manteve as mãos nos bolsos o tempo todo. Tudo que descobri com aquela briga foi a facilidade com que ele consegue derrotar alguém sem usar as mãos.

Acho que isso seria conveniente numa situação em que ele fosse feito refém. Eu o imagino de mãos atadas às costas e ainda assim eliminando todos os inimigos. Por que ele está sem camisa nessa visão? Belisco a coxa para tirar a imagem da mente.

A pior parte é que não acho que seja irracional acreditar que ele consiga mesmo fazer isso.

Fico apavorada ao ver quatro homens enormes pegarem as

maiores KA-BARS que encontram na prateleira de armas e enterrarem as lâminas em bonecos balísticos. Os bonecos são iguais aos que eu via quando Reed assistia ao reality show *Desafio sobre fogo*; o exterior é feito de um material transparente e parecido com carne, enquanto no interior há um esqueleto de gesso. Franzo ainda mais o cenho quando sangue falso jorra do pescoço e da barriga dos bonecos.

As coisas não estão muito melhores no campo de tiro: todo mundo pega os M16s e M15s, esvaziando os pentes nos alvos mais distantes. Estremeço com a precisão da maioria deles. O centro de cada tábua de madeira é perfurado e vazado.

Eu não tinha ideia de quão habilidosos seriam meus concorrentes. Caminho até uma das mesas no centro da sala, com armas menores dispostas para o nosso uso. Meus olhos são atraídos por uma pistola compacta. É preta e tem as letras TO gravadas no canto inferior. A última vez que peguei uma arma em mãos foi há alguns meses, antes de ser detida. Preciso fechar os olhos diante da sensação elétrica que zune pelos meus ossos quando seguro a pistola.

Senti saudade disso.

Bree solta uma risada breve, mas alta o suficiente para chamar a atenção de algumas pessoas, inclusive a minha. Ela me olha de cima a baixo, me julgando por escolher uma pistola quando todos os outros estão se pavoneando para conseguir colegas de time fortes para os testes.

— Você tá no meu caminho, nanica. — Um dos maiores cadetes me empurra com o ombro e pega o que parece ser um fuzil de assalto ACE 32, mas essa linha tem alguns aperfeiçoamentos ao redor do cano, que presumo que sejam silenciadores. Também tem um anexo na lateral para encaixar uma faca de combate. Uma boa adição, considerando que o corpo da arma é feito para a longa distância. Esse troço é foda pra cacete. Olho para a marca na

prateleira. Raze 48.

Na verdade, eu não sou *tão* baixa assim. Tenho um metro e sessenta e cinco. Só que todo mundo aqui é anormalmente alto. Fuzilo o cara com o olhar enquanto ele se afasta.

O homem segurando a arma é a personificação de como imagino babacas bombados. Seu nome é sussurrado enquanto ele passa pelos outros.

Wraith, que significa espectro. Duvido que seja seu nome verdadeiro, mas o gravo na memória, adicionando-o à lista de pessoas das quais pretendo me livrar nos testes. Como o Arnold, que tenho certeza de que vi andando com Wraith no curto tempo que já passei aqui.

Ele desfila pela sala com o peito estufado, andando até o campo de tiro como se tivesse engolido um cabo de vassoura. Todo mundo para o que está fazendo para observá-lo, então me junto a eles e aguardo para ver o que é tão digno de ser assistido.

Bree para ao meu lado e suspira.

— Dá pra ver que ele vai fazer a festa matando pessoas nos testes.

Seu comentário fica sem resposta, mas faço que sim, distraída, enquanto o observo.

Wraith se deita no chão e dispara uma bala no alvo mais distante, a mais de cento e cinquenta metros de distância, encostado na parede. O projétil atravessa a madeira e racha o cimento. Ele faz isso mais quatro vezes, com quatro alvos seguidos. Ele é bom, tenho que admitir, mas se esse é seu único talento, ele está expondo que só tem uma carta na manga. Wraith se levanta, sabendo que todo mundo está olhando para ele, e abre um sorriso maldoso para mim.

Seus olhos estão basicamente dizendo *vou te matar nos testes*. Ótimo. Cameron estava certo de supor que todos tentariam nos atacar. Eu sou o elo fraco entre nós dois, ou pelo menos é assim

que todos me enxergam.

Mas não é só ele que sabe brincar. Na verdade, sou muito boa nisso, e também não preciso revelar meus melhores métodos de assassinato.

Caminho despreocupadamente até um dos bonecos balísticos e olho bem para Wraith, garantindo que nossos olhares estejam fixos um no outro enquanto ergo o braço até o cano da arma encostar na têmpora do boneco, a parte mole do crânio. Aqui não só fica a artéria temporal superficial, como também é um ponto de junção de vários ossos no crânio. Um defeito fatal no nosso design. Aperto o gatilho, e o cérebro falso do boneco explode, se espalhando por todo o lado esquerdo da sala de armas.

Todo mundo fica em silêncio.

— Não preciso estar longe pra explodir sua cabeça. Vou estar do seu ladinho, sussurrando alguma coisa desagradável enquanto acabo com você — digo, com um sorriso doce.

Eu já disse coisas bem doidas antes de eliminar meus alvos puxando o gatilho. Carrascos também têm personalidade.

Observo os queixos caídos. Eles estavam presumindo que eu não era capaz de matar alguém? Como acham que vim parar aqui? Pensar nisso me dá vontade de rir. Só porque sou pequena e tenho cabelo cor-de-rosa, não significa que seja fraca.

Os olhos de Cameron estão cheios de uma curiosidade renovada. Bree sorri e dá uma cotovelada suave em Damian, que está boquiaberto com a minha audácia.

Wraith recua, e seus olhos escuros ficam tomados de fúria.

— Você não vai nem ver o que te atingiu — retruca ele.

O desconforto que atravessa sua expressão não passa despercebido por mim. Em geral, pessoas como ele não gostam quando julgam mal suas presas. Ele é tão fácil de ler que chega a ser risível. Definitivamente vai ser um oponente poderoso, mas sua arrogância e seu ego serão sua ruína.

Caminho até a mesa de armas e coloco a pistola de volta no lugar, decidindo que vai ser melhor só observar por hoje e deixar meu treinamento para as primeiras horas da manhã, antes de todo mundo acordar. É estupidez abrir mão da vantagem se vou enfrentar todo mundo aqui.

Tento me concentrar principalmente nas pessoas usando facas de combate, seguindo seus padrões e seu jeito de lutar. Combate cerrado não é exatamente o meu forte. Uma janela do outro lado da rua com um rifle de precisão? Ótimo. Um fuzil de assalto para acabar com um grupo de guardas? Esplêndido. Mas sempre deixei a desejar na luta com faca. Estou começando a me arrepender de todas as vezes que disse a Reed que não precisaria praticá-la porque sempre teria uma arma.

Nunca vou esquecer como os olhos da minha mãe mudaram quando ela viu meu trabalho. Era para ela chegar ao depósito só dali a uma hora, no mínimo, e eu tinha acabado de arrancar uns nomes do cara. Rasguei a boca dele dos dois lados, dos lábios até a mandíbula, cortando seu maxilar para que ficasse pendurado, como a cobra eloquente que ele era. Achei que seria adequado, até poético, o modo como ele seria encontrado e lembrado. Foi nesse dia que perdi o amor dela. A pequena assassina perversa do seu marido.

Minha mãe nunca mais me olhou do mesmo jeito, e eu me assegurei de ser mais cuidadosa, para que ela nunca mais tivesse que ver uma cena daquelas em primeira mão. Eu tinha me acostumado demais aos elogios de Reed por colocar minha paixão no trabalho. O conselho dele foi sábio, porque fez com que eu me sentisse melhor de verdade.

Dois coelhos com uma cajadada só.

Depois de observar de perto a luta com faca, encontro um lugar para me sentar junto à parede e me concentro em observar os outros e descobrir seus pontos fortes e fracos. Vai ser difícil

memorizá-los, já que somos tantos. Tento me ater aos cadetes que acho que têm um mínimo de chance nos testes, já que a maioria vai morrer no primeiro teste mesmo. *Inclusive eu*, *talvez*. Franzo o cenho com o pensamento intrusivo.

Não demora muito para meus olhos encontrarem Damian.

Ele escolhe uma faca de combate preta medindo metade do seu antebraço. A luz cintila na borda polida da arma antes de ele começar a atacar um boneco com ela. Ele manuseia a lâmina de forma divina, com movimentos tão suaves quanto ondas. Meros cinco segundos se passaram, e ele já terminou e está ofegante. O boneco perdeu todo o sangue dos pontos onde se localizam as artérias principais, e os ligamentos que controlam suas pernas e seus braços foram cortados. Se fosse uma pessoa, ela não conseguiria mexer os membros.

Damian é inteligente; conhece as partes do corpo e a psicologia de tirar informações das pessoas. *Anotado*.

Bree não fica muito atrás, de conversinha com um grupo de cadetes que parece totalmente apaixonado pelo seu sorriso. Ela sabe muito bem como manipular os outros. Seus belos traços e os elogios meigos que dirige a eles ajudam bastante. *Ela é encantadora*.

Ele e Bree formam uma dupla bem assustadora. Aposto que já devem ter feito um acordo para se manterem juntos durante os testes, e também têm uma boa gama de opções para acrescentar ao time, levando em conta quantos cadetes mantêm conversas casuais com eles. Certamente revelando segredos como eu fiz, sem nem perceber. Solto um gemido pensando na minha própria tolice.

— A gente fica se perguntando o que todos eles fizeram no mundo real, né?

Meus ombros se contraem com a presença inesperada de Cameron. Devo ter me distraído, porque não percebi sua aproximação. Ele apoia as costas na parede e desliza para o chão, até estar sentado ao meu lado. Roçamos os braços um no outro, e o

calor de suas coxas se espalha para as minhas. Fico tensa, mas permaneço imóvel e tento manter uma expressão tranquila. Há olhos demais em cima de nós, e precisamos parecer uma dupla que trabalha bem em conjunto.

Envolvo os joelhos com os braços de maneira casual, para interromper o toque, e o examino. As histórias que Damian e Bree compartilharam mais cedo definitivamente me deixaram com um pé atrás em relação a ele, mas me sinto segura com tanta gente na sala. Não que eu ache que eles fossem me ajudar se ele me atacasse, mas Cameron parece o tipo de cara que prefere matar em particular.

Ele finalmente baixou o capuz. Seu cabelo está arrumado e não cai mais no rosto. Será que ele cortou hoje de manhã, quando tomou a injeção? Tento imaginar como deve ser um barbeiro das Tropas Ocultas, e por algum motivo só penso no Sweeney Todd.

A parte inferior do seu cabelo está mais raspada do que ontem, num corte caesar, revelando tatuagens na lateral da cabeça. "MORI" está gravado em letras maiúsculas logo atrás da orelha. A tatuagem é tão pequena que caberia no meu indicador, mas combina com ele.

Ele ergue o queixo e deixa a cabeça bater no vidro atrás de si. O gesto deixa seu pomo de adão mais pronunciado enquanto ele calmamente observa os outros cadetes treinando. Cameron saca um Zippo preto e acende um cigarro. Me concentro em seus dedos tatuados, alguns círculos gravados no polegar e no dedo do meio, enquanto ele abre e fecha o isqueiro mais algumas vezes. O som de clique do metal é estranhamente satisfatório.

— Quanto tempo faz que você está nas Tropas Ocultas? — Não espero que ele dê muitos detalhes, mas estou curiosa.

Um murmúrio baixo sai de sua garganta enquanto ele pensa.

— Uns sete anos, e acredita em mim, você não quer saber o que eu fiz pra vir parar aqui.

Seu sotaque britânico o faz soar quase inofensivo. Quero ver do que ele é verdadeiramente capaz. Cameron traga devagar e segura a fumaça nos pulmões por um longo momento antes de soprá-la e voltar sua atenção para mim.

Eu não desvio os olhos de seu olhar de aço; em vez disso, tento descobrir o que faria um homem tão bonito e inteligente se transformar nisso. Será que ele pensa o mesmo quando olha para mim?

— Você vai mesmo me matar quando estivermos em campanha? Seria uma pena eu sobreviver aos testes pra acabar morrendo nas suas mãos numa missão — murmuro, com a boca colada no braço.

Os olhos dele se estreitam, evidenciando as bolsas escuras sob eles.

— Não sei. — Ele faz uma pausa e me observa, traçando com o olhar a extremidade dos meus lábios e a curva da minha garganta. — Espero que não.

Cameron estende o cigarro para mim e coloca a ponta que sua boca acabou de tocar entre os meus lábios.

Uma vibração estranha atravessa meu peito com suas palavras e esse gesto.

Fico olhando para ele por um instante antes de inalar devagar e provar o tabaco amargo com um toque amadeirado.

Solto a fumaça, sem desviar os olhos dos dele.

— Por quê?

Um sorriso doce se espalha pelos seus lábios.

— Ainda não sei direito. É só uma sensação.

8

Emery

Os dias passam depressa no Sub.

As manhãs consistem em exercícios na arena, seguidos por combate corpo a corpo e treinamento com armas. Temos tempo livre para fazer o que quisermos, e a maioria das pessoas escolhe treinar mais, tentar estabelecer uma trégua com esquadrões temporários para os testes, ou descansar... o que normalmente envolve se pegar nos chuveiros ou no dormitório.

Eu passo todo o meu pouco tempo livre estudando as táticas dos outros enquanto treinam ou procurando saber quem já formou alianças, para evitar certos grupos e prestar atenção aos que podem estar abertos a trabalhar em conjunto. Embora esse último seja difícil de imaginar, com Cameron sempre pairando por perto, lembrando a mim e a todos os outros que estou presa a ele.

Abafo um gemido com a ideia de que provavelmente vou acabar contando apenas com ele como "amigo" durante os testes.

A biblioteca é um dos únicos lugares silenciosos aqui no Sub.

Ou ninguém gosta de ler ou todo mundo subestima o poder da inteligência. Concluo que são as duas coisas. Bom, todo mundo tirando certo cadete que passa quase tanto tempo aqui quanto eu. Ele é quieto e fica na dele, sempre lendo pelo menos dois livros da pilha que fica na ponta de sua mesa.

Não é bem uma biblioteca. É mais uma despensa com pilhas de papel mofado, uns poucos corredores de livros, paredes de tijolo

cinza e uma lâmpada fluorescente e sinistra que está sempre piscando e me dá dor de cabeça constante.

Dou uma olhada em Cameron por cima do ombro. Ele está apoiado na parede a alguns metros de distância, me observando, como esperado. Meu olhar sustenta o dele por um instante antes de eu voltar a escrever no meu diário.

— Por que você não se senta em vez de ficar me encarando daí? — resmungo, anotando a melhor forma de quebrar a mão de alguém.

Não sei onde eles arranjaram esses livros; são absolutamente cruéis, e eu amo.

Cameron é um homem interessante. Se tem uma coisa que aprendi na última semana é que ele é muito bom em manter distância de todo mundo, inclusive de mim. Ele prefere observar e ficar sozinho. Embora eu esteja começando a gostar de sua presença. Os únicos momentos em que ele se permite estar perto de mim são quando estamos dormindo ou comendo. Nossa cama de solteiro é um caso à parte.

A afeição é a morte dos tolos. Rabisco as palavras no bloco de notas furiosamente um punhado de vezes, para me lembrar de não ser idiota.

Mas tola é exatamente o que eu me tornei. Estou confortável demais dormindo com o peito largo dele colado às minhas costas. Nossas pernas se enroscam com frequência, e eu quase sempre acordo com a mão dele na minha cintura. Sou poupada de acordar com sua ereção matinal cutucando minhas coxas porque ele sempre se levanta antes de todo mundo, inclusive antes de mim.

E eu planejo descobrir o que ele anda fazendo de manhã tão cedo.

Cameron finalmente cede e se senta na outra ponta da mesa, à minha frente. Eu preferiria que ele se sentasse ao meu lado, para não sentir seus olhos tão fixos em mim, mas não há o que fazer. É

melhor do que ele ficar de pé sendo um babaca taciturno.

O outro cadete ergue os olhos brevemente, depois volta a encarar os livros. Até agora só percebi que ele tem cabelo castanho e sardas. Ele mal ergue o rosto por tempo suficiente para que eu me lembre de muito mais coisa a seu respeito.

— O que é que você tá pesquisando, afinal? Duvido que vá encontrar qualquer coisa aqui que te ajude nos testes. — Cameron cruza os braços e escorrega na cadeira, até seus joelhos acidentalmente roçarem os meus. Depois coloca na mesa o livro que carrega consigo o tempo todo. Percebo que tem páginas arrancadas de outros livros dentro dele. *Estranho.*

Meus olhos vão até os dele, e eu prendo a respiração diante da facilidade preguiçosa que ele tem em parecer tão lindo enquanto me olha de um jeito tão apático.

— Pelo contrário, já encontrei muitas dicas sobre anatomia humana e sobrevivência em baixas temperaturas, incluindo como fazer uma corda com raízes de abeto — respondo, forçando meus olhos a voltarem para o caderno.

Reparo que ele colocou um pé de cada lado da minha cadeira e preciso ignorar a pulsação de desejo que se espalha pelo meu corpo quando me dou conta de quão alto ele realmente é.

Ele ergue a sobrancelha e sorri, mas não se dá ao trabalho de dizer mais nada enquanto eu continuo lendo. Depois de um tempo, Cameron fica entediado e pega um dos livros da minha pilha de não lidos e começa a folhear. Estremeço quando ele rasga uma página e a acrescenta à sua coleção.

A curiosidade acaba me vencendo, e eu ergo os olhos para ver o que o deixou tão fascinado a ponto de sentir necessidade de arrancar páginas.

É um livro de artes que peguei unicamente porque os retratos nele me fizeram relembrar minhas próprias criações. Claro, não tem nenhuma imagem de pessoas mortas e retalhadas ali,

posicionadas de maneiras sinistras, mas o conteúdo ainda assim é sombrio. As pessoas são pintadas em posições estranhas, com expressões tristes e saudosas. Ansiando por felicidade e liberdade, na minha interpretação. *Por que ele escolheria esse?*

— O que você tá fazendo?

Cameron nem se dá ao trabalho de olhar para mim enquanto ajeita as páginas soltas antes de fechar o livro. Só consigo ter um vislumbre de outra página, um recorte de jornal com uma imagem que reconheço como uma das minhas cenas de crime em Seattle. Tem algo muito satisfatório em saber que ele acompanha minha história, mas não percebe que estou sentada bem na frente dele.

— Duvido que você consiga apreciar as artes sombrias do mesmo jeito que eu — murmura ele, arrogante, ainda folheando o livro da biblioteca, em busca de mais coisas para coletar.

Sorrio para mim mesma e volto a ler. Continuamos assim até meia hora antes de as luzes serem apagadas.

Depois de tomar banho e trançar meu cabelo, sigo Cameron até nossa cama. Ele adquiriu o hábito de ficar esperando perto dos chuveiros, apoiado nas paredes de azulejo com a cabeça virada para o outro lado. Ele acha mesmo que alguém vai tentar fazer alguma coisa nos *chuveiros*?

Uma coisa que aprendi a respeito do Cameron é que ele é o homem mais paciente que já conheci. E esse pode ser um traço muito perigoso.

— Não precisa ficar grudado em mim, sabe. Eu sei cuidar de mim mesma — sussurro, ao me deitar ao lado dele.

Cameron não responde por alguns minutos. Quando as luzes se apagam e o vasto quarto fica em silêncio, à exceção dos gemidos distantes, ele finalmente resmunga:

— Eu sei que você acha isso.

A raiva se infiltra nas minhas veias. Tento dar uma cotovelada nele, mas ele agarra meu antebraço, a mão quente na minha pele.

— Por que você tá sempre tentando me irritar? Tem tanta curiosidade assim de ver como eu fico quando estou puto? — pergunta ele, em tom de alerta, e seus lábios roçam minha orelha como fogo.

Meu corpo fica imóvel. Ele ri da minha hesitação, soltando meu braço e voltando a deitar a cabeça.

Mordo o lábio inferior e inspiro seu cheiro de bétula.

— Por que você levanta tão cedo?

O que ele poderia fazer às quatro da manhã?

Cameron inspira algumas vezes antes de responder:

— Os estimulantes sempre me fazem perder o sono. Mal consigo dormir três horas na maioria das noites.

Fico boquiaberta. *Não é de admirar que ele sempre pareça cansado.*

— Isso é horrível.

Minha voz vai sumindo enquanto tento imaginar como seria passar mais de dois dias dormindo só três horas por noite. Ele deve estar bem infeliz.

Então um pensamento mais preocupante invade minha mente. *O que ele faz a noite toda enquanto eu durmo?*

Ele solta um grunhido suave.

— Não é tão ruim assim.

— Você não fica me observando dormir de um jeito superesquisito nem nada, né? — Me contorço até ficar de frente para ele, peito com peito, torcendo para ele conseguir enxergar a cara feia que estou fazendo.

Cameron ri e dá um peteleco na minha testa.

— Não seja tão convencida. Você não é tão bonita quanto pensa.

Ok. Ai.

Solto um suspiro e volto a me virar. Cameron também não fala mais nada e deixa a escuridão absorver o silêncio entre nós.

Enquanto eu escuto sua respiração regular, decido que, se

estiver acordada quando ele se levantar de manhã, vou segui-lo.

Eu acordo a cada hora, consciente de que Cameron continua atrás de mim. Quando tenho certeza de que estamos nos aproximando das quatro da manhã, nem me incomodo em dormir de novo. Fico encarando a escuridão e repassando os pontos mais vulneráveis do corpo humano para manter a mente afiada. É difícil resistir e não voltar a pegar no sono, mas me mantenho alerta.

Cameron finalmente se mexe atrás de mim.

Fecho os olhos na hora, embora tenha quase certeza de que ele não consegue ver que estou acordada nessa escuridão. A cama afunda quando ele se levanta e vai para o banheiro.

Eu espero alguns minutos antes de me levantar em silêncio e vestir o moletom preto. A escuridão não é mais tão ruim quanto na primeira noite, agora pelo menos consigo distinguir os contornos e as formas das coisas. A memória me ajuda a saber quantos passos devo dar para chegar à parede do banheiro.

A água do chuveiro para quando espio lá dentro. Ele está na cabine mais próxima da entrada, e eu consigo enxergá-lo bem o bastante para distinguir suas feições.

Não vi Cameron tomar banho com o restante de nós desde que chegamos aqui. Eu estava me perguntando quando ele ia para o chuveiro. A luzinha no teto faz com que seja mais fácil enxergar no banheiro do que no dormitório. Vejo Cameron se mover até uma das pias, com uma toalha amarrada na cintura.

Um suspiro escapa dos meus lábios quando reparo nas cicatrizes em suas costas e costelas. Algumas lembram chicotadas, outras parecem ser buracos de bala e facadas, enquanto as maiores, que são irregulares e profundas, vieram de algo que desconheço.

Um nó se forma na minha garganta. Até agora ele não se mostrou o monstro do qual tanto ouvi falar. Com certeza não é tão mau a ponto de merecer todas essas cicatrizes.

Se ele carrega tantos ferimentos antigos do lado externo, só

posso imaginar quantos ficam escondidos no seu coração. Meus olhos se estreitam com empatia. Feridas assim demoram a sarar.

Cameron se veste, depois penteia o cabelo para trás e coloca um boné na cabeça. Ele se olha no espelho por um instante. Não consigo ver sua expressão direito, mas ele cerra os punhos com força antes de enfiar a mão no bolso e pegar um frasco de comprimidos. O pânico me inunda quando ele balança o frasco sobre a mão e pega um punhado de pílulas, muito mais do que tomou antes, engolindo-as antes de abaixar a cabeça.

A culpa se infiltra no meu estômago por espiá-lo num estado tão vulnerável. Mas o sentimento desaparece tão rápido quanto surgiu quando Cameron endireita o corpo e caminha na direção da porta do banheiro. *Ai, merda.*

Depressa, eu me afasto alguns metros e me abaixo o mais perto possível do chão. Ele passa reto por mim, se dirigindo para a saída da caserna. Espero até ele estar quase chegando lá antes de começar a segui-lo. De jeito nenhum ele vai me ver tão longe assim no escuro. A única coisa que dá um indício do seu paradeiro é o eco suave dos seus coturnos pisando no cimento.

Levo mais de dez minutos para descobrir aonde ele foi, mas finalmente chego à sala de armas. Quase solto um grito quando vejo alguém parado perto do vidro, olhando para dentro da sala.

— Cadete Maves, o que você está fazendo acordada? — A voz soa vagamente familiar, mas não consigo identificá-la. Só tenho certeza de que não é Adams.

— Eu estava seguindo o Mori — admito, envergonhada.

Como ele sabe meu nome? Deve ser um dos guardas daqui.

Uma risadinha.

— Bom, venha ver por conta própria. Eu sabia que era só questão de tempo até você ficar curiosa o bastante quanto à nossa anomalia.

Hesitante, me aproximo do oficial. Ele ergue alguma coisa,

meus olhos se esforçam para ver o que é. Um par de óculos de proteção? Eu os pego e passo pela cabeça.

— Eu sou o tenente Erik. O líder do Esquadrão Fúria — diz ele.

Espera aí, o cara que causou aquela cicatriz horrível no olho do Cameron? Já não gosto dele.

Coloco os óculos de visão noturna. São de fósforo branco, e eu demoro um instante para me ajustar à visibilidade repentina de tudo. O tenente também está usando um par, e eu não consigo distinguir seus traços característicos, já que tudo é preto e branco. Ele parece um homem de meia-idade comum, de uns quarenta e poucos anos, talvez. Seu sotaque é parecido com o do meu pai.

Volto minha atenção para a sala de armas. Cameron está lá dentro, treinando no escuro. Arregalo os olhos ao vê-lo pegar uma faca de combate, apurar os ouvidos por um instante, depois lançá-la nos bonecos do campo de tiro do outro lado da sala. Ele acerta cada um na garganta toda vez, rompendo a artéria carótida e atingindo a parede atrás deles.

— Como... — começo, mas Erik me interrompe.

— Temos pequenos dispositivos do outro lado da sala que replicam o som da sola de uma bota no cascalho. Duvido que você já tenha ouvido durante o dia, quando todo mundo faz barulho enquanto treina, mas eles disparam a cada trinta segundos, mais ou menos, para alertar os soldados mais atentos da sua presença.

Meus lábios se abrem. É aterrorizante, mas também impressionante, que Cameron tenha a capacidade de lutar numa escuridão dessas. Vai ser bom lembrar disso quando estiver em campanha com ele.

Espera aí. Isso quer dizer que ele sabia que eu estava espionando ele? Ai, meu Deus. Cameron deve ter ouvido meus passos. Resisto ao impulso de dar um tapa na minha própria testa.

Meu medo e silêncio devem transparecer, porque Erik

murmura:

— Você precisa tomar cuidado ao tentar descobrir todas as camadas dele. Mori não tem o hábito de compartilhar quem é com os outros. Mas deve gostar de você, ou pelo menos te tolerar, pra permitir que você o monitore assim tão de perto.

Suas palavras me abalam.

Isso significa que, se Cameron não gostasse de mim, eu estaria morta agora? É estranho ouvir pessoas que o conhecem há muito mais tempo do que eu falando dele. Às vezes parece que estão falando de uma pessoa totalmente diferente da que eu conheço.

Fico calada ao lado do tenente Erik enquanto observamos Cameron treinar sozinho. Ele faz tudo sozinho. Isso me leva a pensar no que ele tanto mantém em segredo. Por que prefere ser tão... bom, solitário.

Cameron muda para combate próximo, e a precisão de seus golpes, mesmo enxergando apenas a silhueta dos bonecos, é perturbadora. Ele esfaqueia todos os combos de artéria e ligamento principal — de modo que não apenas a pessoa sangraria até a morte, mas perderia o controle dos membros também. É quase idêntico à maneira como Damian ataca. Eu perdi muita coisa durante a primeira parte do treinamento.

Tomara que eu consiga recuperar o tempo perdido, porque minhas especialidades são pistolas, fuzis e arte post mortem. Essa última definitivamente não vai me ajudar por aqui.

Suor brota na minha testa e uma onda de calor surge entre as minhas coxas enquanto observo os músculos de Cameron se flexionarem e escuto suas respirações profundas entre os golpes. *Por que a capacidade dele de matar uma pessoa de forma tão impiedosa me excita tanto?* Mordo o lábio para tentar impedir que os pensamentos sensuais corram soltos. Eu sou muito perturbada e sei que ele também é.

— Ele está quase terminando. É melhor você voltar antes

disso. Mori costuma ser mais instável durante e após o esforço físico. — Erik olha na minha direção.

É intimidante não conseguir ver seus olhos por trás dos óculos de proteção. Me pergunto como ele deve ser no claro. Só consigo identificar seu nariz reto e as maçãs do rosto pronunciadas. Uma boca apertada com firmeza e uma voz estranhamente nostálgica.

— Obrigada — digo, tirando os óculos e os devolvendo para ele.

Erik hesita antes de pegá-los sem dizer nada.

Corro de volta à caserna, deslizando os dedos pela parede para me guiar. Meus olhos levam alguns minutos para se ajustar de novo à escuridão do Sub, e, mesmo assim, só consigo distinguir formas tênues.

Decido tomar banho e me aprontar, uma vez que já estou de pé e, depois de ver Cameron desferir seus golpes mortais com tanta facilidade, vou precisar me esforçar mais no treinamento se quiser acompanhar seu ritmo.

A luzinha do banheiro pareceria insuficiente antes da minha estadia aqui embaixo, mas agora é mais que o bastante comparada à escuridão total. Esfrego meu corpo e lavo o cabelo. A água fria já não me incomoda tanto quanto nos primeiros dias, mas com certeza me ajuda a acordar.

A umidade entre as minhas coxas não pode ser ignorada. Já faz pelo menos quatro meses que não transo, e não quero passar o dia presa à imagem de Cameron suando com a respiração ofegante.

Meus dedos deslizam pela minha barriga e eu encosto as omoplatas na parede fria, deixando escapar um suspiro enquanto passo o dedo pelo clitóris. *Não imagina ele fazendo isso com você. Não imagina Cameron com os dedos dentro de você*. Eu me repreendo, mas não adianta. Eu estou *sim* imaginando Cameron enfiando os dedos tatuados bem fundo na minha buceta.

Um gemido abafado escapa dos meus lábios enquanto enfio meus próprios dedos em mim, imaginando-o lambendo meu clitóris e esfregando minhas paredes internas até eu chegar tão perto de gozar que...

Alguém tosse.

PORRA.

Me afasto da parede na hora e termino de me lavar depressa, desesperada para chegar ao banco onde deixei minhas roupas. Meu corpo inteiro trava quando avisto Cameron apoiado na pia ao lado das minhas coisas, com os braços cruzados e uma expressão fria. Está escuro demais para distinguir a cor das suas bochechas e descobrir se ele viu o que eu estava fazendo ou não, mas não vou fingir que não viu. Não sou *tão* delirante assim.

Minhas bochechas ardem. Não consigo nem pensar no que dizer, não tenho palavras para a enrascada em que me meti.

As palavras de Erik ressurgem na minha mente. *Ele fica mais instável durante e após o esforço físico*.

Minhas pernas voltam a se mover por conta própria quando Cameron se afasta da pia e começa a andar com firmeza na minha direção. Estou completamente vulnerável, nua e nervosa. Por favor, *por favor*, que eu não seja assassinada nos chuveiros logo depois de me masturbar.

Cameron não tira os olhos dos meus, o que parece quase pior do que se ele só desse uma secada no meu corpo como todos os outros caras. Tenho quase certeza de que ele não está normal no momento. Os músculos no seu maxilar estão contraídos, as veias saltadas no pescoço.

Ele para a um braço de distância e se inclina até seu nariz estar a dois centímetros do meu.

— Por que você saiu escondida da cama e foi me espionar? — Sua voz é grave e áspera, mas são seus olhos semicerrados e intimidantes que me dão um frio na barriga.

Minhas coxas ainda estão pingando do orgasmo que não atingi.

Engulo o nó na minha garganta.

— Eu queria saber o que você fazia tão cedo... desculpa.

Mal consigo pronunciar as palavras. Meus ombros tremem com uma mistura de medo e excitação.

Ele me analisa antes de levantar a mão, a mesma que eu vi exterminar os bonecos balísticos apenas dez minutos atrás, e passar o indicador pela minha bochecha. Meus braços enrijecem ao lado do corpo conforme me preparo para que ele cumpra sua promessa e acabe com a minha vida.

Ele baixa os olhos para meu lábio trêmulo, depois volta a encarar meu olhar apavorado. Então respira fundo e solta uma risada de arrepiar.

— Eu achei que você não fosse conseguir. Eu sou paciente pra *caralho*, mas você deu um jeito.

Tremendo, eu gaguejo:

— D-dei um jeito de quê?

— De me deixar irritado, meu bem — diz ele, com os olhos mais sombrios que já vi.

Sua voz é sinistra e se enrola ao meu redor. Não consigo evitar que minhas coxas se apertem e se esfreguem uma na outra para conter a umidade quente que está escorrendo. Será que eu gosto desse lance de sentir medo? Não sei. Mas está parecendo que a resposta é sim.

O movimento das minhas pernas necessitadas não passa despercebido por Cameron. Ele baixa o olhar e me observa antes de arregalar os olhos e cerrar o maxilar, como se quisesse me despedaçar inteira.

— Sai daqui, porra — diz ele enfim, antes de endireitar o corpo e passar por mim com um empurrão, indo na direção de um dos chuveiros.

Meu corpo parece paralisado, mas me forço a caminhar até a pia e pegar minhas roupas. O chuveiro é ligado atrás de mim, e eu o escuto jogar suas roupas no meio do banheiro. Visto o moletom e coloco a calcinha.

Preciso sair daqui logo enquanto ainda...

Um baque alto reverbera pelo ambiente. Eu giro, com os olhos arregalados e o coração martelando, na expectativa do ataque de Cameron. Mas, quando não vejo sua estatura alta, olho para baixo e o encontro caído no chão, em meio à água.

Está uma penumbra aqui, mas seu sangue é visível nos azulejos brancos. Há tanto sangue que esqueço de mim, dele, de quem somos, de onde estamos.

Ele está machucado.

Corro até ele depressa e me ajoelho ao seu lado. Seu braço está apoiado no chão enquanto ele luta para se levantar.

— Cameron! — Tento manter a voz baixa, mas a palavra sai mais alta que um sussurro.

A última coisa que precisamos é que alguém acorde e se aproveite de nós enquanto nossa guarda está baixa. Minhas roupas ficam instantaneamente encharcadas com a água que cai.

— Eu tô bem. — Ele tosse e mais sangue jorra da sua boca. Tem muito sangue. O pânico começa a se infiltrar nos meus ossos. — Não sinto nada — murmura ele, cerrando os dentes enquanto tenta continuar olhando feio para mim.

— Você *não tá* bem.

Envolvo seu torso com um braço e viro seu corpo com cuidado, para que ele não fique mais de cara no chão. A água fria do chuveiro continua caindo em nós, mas um moletom encharcado é a menor das minhas preocupações agora.

Eu o conduzo devagar, até sua espinha estar encostada à parede, para lhe dar estabilidade. Ele apoia a cabeça e tosse de novo.

— Não estou sentindo dor — diz ele, depois dá uma risadinha sombria.

Seus olhos cor de sálvia mal estão abertos. Não posso me concentrar na maneira como suavizam quando ele olha para mim ou vou perder a cabeça.

— Você não vê a realidade, Cameron. Só porque não está sentindo dor, não significa que é invencível. — Engulo as palavras que realmente quero dizer. *Você está sofrendo, sim. Só não quer reconhecer.*

O sangue não para de escorrer do nariz e do canto dos lábios dele. Meu coração dói de vê-lo assim. De ver um ser humano que se importa tão pouco consigo mesmo. Não sei como estancar um sangramento que está vindo do interior.

Deixo de lado o medo que sinto dele e estendo a mão para apertar seu nariz com a manga do moletom. Precisamos formar um coágulo, é só isso que eu sei. O espanto brilha em seus olhos diante do gesto. Mantendo a mão no nariz dele, desligo o chuveiro.

A água fria para, e é como se um silêncio se abatesse sobre nós. Apuro os ouvidos, atenta a quaisquer passos que indicariam que alguém acordou.

— Não se preocupa, não tem ninguém vindo — murmura Cameron, com a voz meio anasalada, porque estou apertando seu nariz.

Ele franze as sobrancelhas e desvia o olhar. Seu cabelo molhado está colado na testa. Ele está completamente encharcado. Com gotas de água nos cílios, ele ergue os olhos para encarar minha alma.

— Quanto tempo você vai ficar fazendo isso?

Não percebi como minha respiração estava entrecortada até agora, meu coração ainda acelerado da adrenalina.

— Até você... parar de sangrar.

Eu respiro fundo e forço minhas pernas a relaxar no chão frio,

uma de cada lado do quadril dele.

Permanecemos sentados assim por alguns minutos, até eu soltar seu nariz para ver se funcionou. Só alguns fios de sangue escorrem. Eu os limpo com a manga ensopada e solto um suspiro de alívio quando o sangramento para.

Cameron está com as duas mãos espalmadas no chão, e as veias nelas estão saltadas. Ele está evitando fazer contato visual comigo, e eu faço o mesmo.

— Pronto, acho que resolveu. — Abro um sorriso fraco para ele, pressionando os dedos frios em sua bochecha e torcendo para ele não ter outro episódio do que quer que tenha sido essa porra.

Meu palpite é que o sangue preto deve ser outro efeito colateral das pílulas da morte. Quanto tempo ele ainda tem antes que elas o matem?

Não pensa nisso.

Ele finalmente traz os olhos até os meus, devagar. Tem algo diferente faiscando neles, que eu ainda não tinha visto. Uma calmaria lasciva em sua expressão. É aí que percebo o rubor das suas bochechas.

Fico extremamente consciente do meu corpo. E do corpo nu dele. E do fato de que estou sentada em seu colo vestindo apenas uma calcinha encharcada e um moletom.

9

Cameron

Preciso reunir toda a minha força de vontade para manter as mãos onde estão, espalmadas com firmeza no chão, e não enterradas no quadril dela, onde gostaria que estivessem, terminando o que ela começou.

A forma como ela estava dando prazer a si mesma, com a cabeça jogada para trás daquele jeito, foi demais para mim. Eu queria agarrar o cabelo dela e puxar sua cabeça para trás para fazê-la gritar dentro da minha boca. Devorá-la e lhe dar o que ela estava tentando desesperadamente fazer sozinha. Queria estar vinte centímetros enfiado dentro dela e fazê-la chorar gemendo meu nome.

É uma pena ela não ter terminado.

Meu Deus, essa situação é péssima.

Eu poderia explodir. Dá para sentir a tensão crescendo na parte de trás da minha cabeça. Cerro o maxilar. Tudo piora quando a ficha dela finalmente cai, e ela sem dúvida sente meu pau duro encostado em sua calcinha ensopada.

Seu rosto fica branco, e ela baixa os olhos para meu corpo nu. Pelo menos ela não consegue ver meu pau, já que seu moletom cobre nossas partes íntimas, mas sei que ela o sente perfeitamente aninhado embaixo da sua buceta quente.

Solto um grunhido interno quando suas bochechas ficam vermelhas e ela tenta se levantar rápido demais. Ela passou pelo

menos cinco minutos agachada no meu quadril, então não fico surpreso quando suas pernas cedem e ela volta a cair no meu colo, arrancando um gemido do meu peito.

Meu pau dá um salto com o movimento, atravessando a frente da calcinha dela e se curvando ao longo da sua barriga sob o moletom. Nossos olhares se cruzam, e um pequeno arquejo escapa dos seus lábios.

Porra.

Ergo a sobrancelha e deixo que minhas mãos pousem no seu quadril.

— Você não gozou mais cedo, né, meu bem? — sussurro, com os olhos fixos em seus lábios suculentos.

Quero beijá-la, e isso não é bom. Beijar é íntimo demais. Carinhoso demais... e eu não sou assim.

Então, em vez disso, eu puxo seu corpo, fazendo suas mãos voarem para os meus ombros. Ela segura firme, como se sua vida dependesse disso.

— Cameron! — arfa ela, mas seu quadril continua a rebolar de leve no meu pau, descaradamente.

Eu sorrio e afundo ainda mais os dedos na sua bunda.

— Vai, continua, você tá me deixando louco.

Abaixo a cabeça e dou uma lambida em seu pescoço. Ela inspira o ar com força e se esfrega sem parar no meu pau.

Seus gemidinhos fofos estimulam meu orgasmo mais do que suas unhas se cravando nos meus ombros. Não sei dizer se ela está tentando me machucar ou não. Meio que queria poder sentir a dor que ela causa. Não tenho a menor dúvida de que nós dois vamos sair desse chuveiro com hematomas.

Meu pau lateja quando chego mais perto de gozar.

— Porra, Emery — digo, gemendo, enquanto mordo seu ombro, empurrando-a para baixo para que haja mais fricção entre nós.

Ela abafa um grito e se agarra a mim com tanta força que quase fico sem fôlego. Ela derrete no meu pau, e o calor e a euforia que dominam sua expressão sensual me levam ao clímax. Eu gozo logo depois, jorrando líquido quente na minha barriga inteira.

Emery fica olhando para meu pau pulsante como se quisesse que ele estivesse dentro de si. Então sai do transe de repente e me fita com o ar irritado de sempre.

Seus olhos dobram de tamanho quando o horror se abate sobre ela como uma camada de gelo.

O que foi? Ela não faz muito isso? Quero rir, mas me contento com um sorrisinho convencido.

Emery tenta abrir a boca algumas vezes para dizer algo, mas não sai nada. *Juro que essa garota vai acabar me matando.* Deslizo o polegar pelo seu lábio inferior ao pensar nisso. Ela pisca e parece um pouco decepcionada quando eu me levanto e abro o chuveiro para me limpar direito. Estendo a mão para que ela também se lave de novo, mas ela só fica me encarando.

Solto um longo suspiro.

— *Meu Deus*, Em, só me dá a porra da mão.

Tento soar assertivo, mas as palavras saem como uma risada ofegante. Ela pisca para mim algumas vezes, depois abre um dos sorrisos mais genuínos que já vi em seu rosto e ri comigo.

— Meu Deus, isso é errado pra cacete — sussurra ela, quando a puxo para cima.

Ela dá mais algumas risadinhas enquanto sofre para se levantar com o peso do moletom encharcado.

— Levanta os braços — ordeno, puxando suas mangas para ajudá-la a se despir.

O tecido molhado cai no chão com um *plaft* alto. Ficamos parados olhando um para o outro, indefesos e expostos. Tudo que eu odeio estar, mas por alguma razão encontro conforto em sua presença terna. Não quero ficar escondido quando ela está por

perto. Seus olhos pertencem somente a mim.

Quero me inclinar e roubar um beijo dela. Depois mais cem, só para ver que sentimento estranho é esse que ela instila no meu peito. Meu medo de descobrir me detém.

Prefiro admirar essa criaturinha anômala a uma distância segura. Parece que não consigo deixar de desejar que ela não sinta medo de mim. Mesmo sabendo que é o medo que a mantém alerta ao meu redor. Eu sou perigoso.

— Vamos nos vestir — digo, depois que terminamos de nos limpar. Afasto mechas molhadas de cabelo do meu rosto.

A preocupação continua estampada em sua expressão, mas ela me escuta e se veste. Quando termino, ela já está limpa e usando roupas secas.

— Não precisa ficar aqui esperando por mim. Pode ir e começar a treinar mais cedo. Te encontro lá em um segundo. — Eu a encorajo a sair para poder tomar mais comprimidos.

Uma ânsia se forma na base da minha garganta e me dá a sensação de que meus dentes estão quentes. A injeção da semana passada ajudou um pouco com os desejos, mas puta merda, os sangramentos nasais pioraram muito, e essa foi a primeira vez que eu caí de tontura por causa de um. Não sei dizer se alguma parte do meu corpo está pifando, porque não consigo sentir dor, mas tem algo errado.

Faço um lembrete mental para avisar ao Nolan mais tarde. A próxima injeção precisa de ajustes.

— Ok — diz ela, devagar, me olhando de cima a baixo antes de finalmente se levantar. — Te vejo lá. — Emery sai, e, assim que ela se afasta o bastante, eu deixo minhas mãos caírem na pia.

Meu interior se contorce. É uma sensação muito estranha. De todo modo, é o suficiente para que uma compreensão perturbadora se infiltre no meu coração. O sangue volta a pingar do meu nariz enquanto escuto a voz de Erik na minha cabeça de novo.

Você não é especial.

Trinco os dentes, endireito o corpo, limpo o nariz com o dorso da mão e tomo mais quatro comprimidos.

10

Emery

Já se passaram cinco dias desde o nosso encontro constrangedor no banheiro. Mas tempo nenhum é suficiente para me fazer esquecer o calor e o tamanho do pau do Cameron. A sensação das suas mãos apertando meu quadril até deixar marcas e me empurrando para a frente e para trás em cima dele.

Eu engulo esses pensamentos enquanto Bree anda em círculos ao meu redor no tatame. Vários grupos estão reunidos em torno de diferentes ringues de luta. Damian e Cameron ficam perto do nosso, e a maioria das pessoas está com o rosto sério. Houve uma mudança na energia do Sub nos últimos dias. Falta pouco mais de uma semana para sermos enviados para sabe-se lá onde os testes vão ser realizados. Presumo que seja algum lugar no Alasca, considerando que essa base já fica no meio do nada.

Bree tenta me dar um soco na garganta, eu me esquivo a tempo e chuto sua canela com força suficiente para fazer seu joelho ceder. Ela grita de dor e cai no chão. Eu me movo depressa para cobrir suas vias aéreas com o braço até ela desmaiar. Esse não é meu golpe preferido numa briga, mas é o único jeito de encerrar a luta permitido pelo sargento instrutor Adams. Essas competições são diferentes do duelo autoimposto com que Damian nos desafiou no primeiro dia.

Damian pragueja e cerra os punhos. Cameron só o observa, com um leve ar divertido. Parece que não consigo arrancar nada

dele. Ele é impossível de ler. Mesmo depois daquela noite, ele agiu como se nada tivesse acontecido. *Sei que é isso que eu devia sentir também*. Forço meus olhos a voltarem para Bree.

Ela me dá uma cotovelada na lateral do corpo, e o golpe me tira o fôlego. *Droga!* Bree tira proveito da vantagem e passa o queixo por baixo do meu antebraço, depois me morde.

Ranjo os dentes, me recusando a gritar e lhe dar essa satisfação. Em vez disso, envolvo seu cabelo com a mão e começo a bater seu rosto no chão. Ela me solta. Rapidamente, eu me separo dela e olho para meu antebraço. Um fiozinho de sangue escorre.

— Sua vaca, acho que você quebrou meu nariz! — grita Bree, vindo para cima de mim.

Tento me levantar, mas ela pisa na minha mão direita com todo o peso do corpo. A sola grossa dos nossos coturnos é uma arma por si só. Uma dor lancinante dispara pelos meus dedos quando ela gira o pé em cima da minha mão.

Não consigo conter o grito dessa vez, ele sai distorcido e engasgado. Bree ergue o pé para pisotear minha mão de novo, mas uma mão grande o agarra. Ela solta um grunhido surpreso ao ser atirada para longe.

Cameron se ajoelha ao meu lado e olha para minha mão, levantando meu pulso com delicadeza e procurando ossos quebrados. Tudo parece estilhaçado na minha mão direita.

Com uma careta, eu pergunto:

— O que você tá fazendo? Não é pra você interferir nessas lutas.

Dou uma olhada por cima do ombro e vejo Adams nos lançando um olhar questionador antes de voltar sua atenção para outro canto.

— Tá tudo bem — diz Cameron, me pegando no colo para me levar na direção da enfermaria.

Todo mundo nos observa com cara feia e desprezo. Bom, eu

estou recebendo tratamento especial, no lugar deles estaria puta também.

Wraith e seu grupo interrompem por completo suas atividades para nos observar enquanto saímos da sala. Arnold, parado ao lado dele, me fulmina com o olhar. Ele me encara como se eu fosse a pior cadete que já viu na vida.

A atenção negativa que estamos recebendo me deixa nervosa.

— É minha mão que está machucada, não são minhas pernas, Cameron.

Me debato tentando me desvencilhar de seus braços, mas ele só me aperta com mais força. Suas sobrancelhas estão franzidas com firmeza, e ele está focado na porta da enfermaria. Não adianta discutir.

É uma enfermaria que funciona por autoatendimento. O que é preocupante, mas essas são as regras por aqui. Os médicos emprestados para as Tropas Ocultas só ajudam em casos como o dos dentes de Damian, em que podem implementar novas tecnologias e testá-las em nós. Ferimentos pequenos ficam por nossa conta. Os que chegam perto demais da morte são deixados para morrer. Não há meio-termo.

Cameron me coloca na mesa e vasculha os armários até encontrar curativos e uma pomada.

— Levanta o punho — diz ele, baixinho.

Faço uma careta ao erguer o braço, a dor pulsa na minha mão. A pele está vermelha, e alguns dos nós dos meus dedos estão sangrando. O inchaço ainda não começou, mas sei que vai ser impossível trançar meu cabelo mais tarde. O que deveria ser a menor das minhas preocupações, mas por algum motivo é a primeira coisa que me vem à cabeça.

Cameron é diligente: me dá uma injeção de cortisona para ajudar com o inchaço, depois espalha a pomada com delicadeza pela minha mão e a enfaixa com o mesmo cuidado. Uma mecha de

cabelo prateado cai sobre sua testa. Quando ele olha para mim, seus olhos verde-sálvia encontram os meus e fazem meu coração bater num ritmo diferente.

Seu nariz está quase encostando no meu. O perfume de bétula aos poucos foi se tornando um cheiro reconfortante para mim, e eu nunca vou admitir isso para ninguém.

— Por que você parou a luta? — Olho para baixo e viro o queixo para o outro lado. As mãos dele estão espalmadas na mesa, uma de cada lado do meu corpo, me prendendo. — Eu podia ter acabado com ela.

Ele solta um suspiro baixo.

— Se eu não tivesse segurado a bota dela, os nós dos seus dedos estariam arrebentados. E nunca iam sarar direito. *De nada* — diz ele, irônico.

Sinto as bochechas quentes, e meu corpo é tomado de fúria.

— Eu não preciso da sua ajuda aqui! — grito na cara dele, e seus olhos se arregalam à medida que ele absorve minha raiva.

— Emery, eu só estava...

Eu o empurro para longe e passo por ele.

— Agora todo mundo odeia a gente ainda mais porque estamos recebendo tratamento especial. Todos eles me acham fraca!

Quantas vezes meu pai me disse que eu era fraca? Que nada que eu fazia é suficiente porque sou pequena e mulher. Ranjo os dentes. Sei que estou exagerando com o Cameron, mas estou tão engatilhada agora que não sei se consigo parar.

Balanço a cabeça e saio marchando na direção da porta antes de dizer algo cruel demais. Quando a abro, ele bate a mão acima da minha cabeça e mantém a porta fechada. Seu corpo irradia calor às minhas costas.

Ele fica calado por um longo momento, deixando minha alma tensa enquanto espero que diga alguma coisa.

— Ninguém te acha fraca, Em. — A voz dele é um sussurro

grave.

Tenho uma reação física ao ouvi-lo me chamar de “Em”. Meu peito parece estar sendo sufocado.

Mentiroso. Você me acha fraca.

Eu me viro na intenção de empurrá-lo para poder ir embora, mas seus olhos estão suplicantes.

— Fala — murmura ele.

Eu travo.

— Fala o quê?

Minha voz perde toda a fúria. Sei que ele só está tentando me manter em condições apropriadas para os testes. Eu sei disso, e ainda assim... Não quero me acostumar com ele me protegendo quando, no fim, vai ser ele que vai me matar.

Isso que ele está fazendo comigo é tortura.

— Que você não é fraca.

Eu examino seu semblante antes de deixar escapar uma risada fria diante de sua expressão séria.

— Cameron, eu sei que não sou fraca. Mas todo mundo lá fora? Eles acham que eu sou... Você tem ideia do que eu já fiz com essas mãos?

Ele tem. Ele só não sabe quem eu sou. Não sabe o que Reed e o mundo fizeram de mim.

Ele não desvia os olhos.

— Não. Por que você não me conta?

— Vai te deixar perturbado.

— Eu já sou perturbado. — Um sorriso malicioso se espalha pelos seus lábios, embora não tenha graça nenhuma. — Juro que já fiz coisa *muito* pior.

Sua voz não corresponde à dor que vejo em seus olhos. Fantasmas de violência e matança cintilam ali, coisas das quais ele se arrepende, mas que vai continuar fazendo sem piedade, assim como eu.

Fazemos o que for preciso para sobreviver. É isso.

A verdade é que sou *eu* que não estou preparada para tocar nesse assunto. Gosto de ser a artista grotesca desconhecida. Se a cortina sobe e todos me veem, a magia desaparece.

Ele deve enxergar a infelicidade no meu olhar, porque se afasta da porta, embora permaneça a um centímetro das minhas costas.

Quando abro a porta para sair, ele murmura:

— Você vai ter que me contar um dia. Assim como eu vou ter que te contar.

Paro na soleira e quase olho para ele, mas me contenho e forço meu queixo a se voltar para a frente.

— Eu não confio em você, assim como você não confia em mim — faço questão de lembrar.

Ele não me segue, e eu o deixo na enfermaria.

Eu tinha razão ao pensar que minha mão não teria utilidade nesta noite. Meus dedos estão tão inchados que não consigo dobrá-los, que dirá ter a precisão necessária para trançar o cabelo. Decido deixá-lo solto depois do banho.

As luzes já estão apagadas, e a caserna está escura. A essa altura, já percorri esse caminho tantas vezes que consigo voltar à nossa cama sem problemas. Uma sensação incômoda no fundo da minha mente me diz que eu não deveria me acostumar com esse lugar. É horrível e perigoso, mas é o mais próximo de um lar que eu tive em anos.

A presença de outras pessoas é subestimada. Eu sei como é passar semanas a fio sozinha em uma casa grande e vazia ou num esconderijo remoto. Eu só passava tempo de qualidade com alguém quando Reed recebia permissão de viajar durante sua mentoria comigo. Eu me sentia em casa.

E me sinto em casa agora também, e saber que minha permanência aqui será curta me deixa arrasada.

Cameron não ficou esperando nos chuveiros como de costume. Sei que é porque eu gritei na cara dele sobre isso, e, embora me sinta mal, é melhor que não sejamos próximos. Ele *não pode* ser o que me faz sentir segura.

Ele me chamou de *Em* hoje. Eu já quase o chamei de Cam várias vezes. Estamos ficando íntimos demais. O único conselho do meu pai surge na minha memória. *Emelinda, a intimidade com o inimigo vai ser o seu fim.* Reforço minha determinação. Não posso baixar a guarda, deve ter sido exatamente isso que aconteceu com todos os antigos parceiros do Cameron. Eles ficaram confortáveis demais perto do charme dele.

Me sento na beirada da cama e passo o cabelo todo para um lado antes de me deitar, tomando cuidado com a mão latejante. Cameron fica em silêncio por um bom tempo. Presumo que está dormindo, então levo um susto quando ele passa os dedos pelo meu cabelo solto.

— Sem tranças hoje?

— Você sempre toca meu cabelo quando acha que eu tô dormindo? — retruco.

Ele ri. A vibração da sua risada nas minhas costas faz um sorrisinho brotar nos meus lábios. Não sei como é tão fácil para ele ignorar o mal-estar de hoje mais cedo, mas fico aliviada.

— Vem, senta. — Cameron já está se mexendo, então cedo e me sento na beira da cama.

Ele pega meu cabelo por cima do meu ombro e desliza as pontas dos dedos pelo meu pescoço, depois alisa as mechas com as mãos carinhosamente.

Prendo a respiração, e uma sensação que eu havia banido há muito tempo toma o meu peito. Afeto. Delicado. Terno. Coisas que Mori não deveria ser.

Coisas que tenho certeza de que ele não é.

— O que você tá fazendo? — sussurro, com os braços arrepiados, enquanto ele separa meu cabelo em duas partes.

Cameron massageia meu couro cabeludo e solta meu cabelo naturalmente ondulado. Meus dedos se cravam nos joelhos, e um calor preenche meu ventre. Não consigo ouvir nada além do som do meu coração acelerado.

Cameron murmura, com o hálito quente na minha nuca:

— Eu tinha uma espécie de irmã de consideração no orfanato. Sempre trançava o cabelo dela.

Eu não sabia que ele era órfão. É a primeira coisa de verdade que descubro do seu passado, e agora estou louca para saber mais.

Eu sempre quis ter um irmão para crescer cruel junto comigo. Alguém para dividir o peso do mundo que é colocado nos ombros de um herdeiro Mavestelli.

— O que aconteceu com ela? — pergunto, com delicadeza.

Os roncos suaves que vêm das camas ao nosso redor soam quase como uma cantoria rítmica na escuridão. Um hino sinistro para o Sub.

Cameron trança meu cabelo com cuidado, vagarosamente, como se estivesse saboreando cada segundo.

— Ela morreu de intoxicação alcoólica quando tinha vinte e dois anos. — A voz dele fica tensa. — Eu sempre falei que a garrafa ia ser a ruína dela se não procurasse ajuda. Bom, ela cavou a própria cova.

— E ela te dizia a mesma coisa sobre seus comprimidos? — Meu tom é suave, mas ferino assim mesmo.

A mão de Cameron para por um segundo antes de ele terminar de amarrar as tranças.

— Não. Eu estava sóbrio quando conheci ela. Ela saiu do orfanato quatro anos antes de mim — diz ele. Eu me viro para encará-lo no escuro. — Pode me dar todas as alfinetadas que

quiser. Nada que você disser vai me fazer parar. É isso que eu sou. Sou o portal para desbloquear soldados aprimorados. — Ele leva o polegar ao meu queixo e me empurra de brincadeira, embora soe sombrio.

— Você é muito mais que isso, Cam — murmuro, sem retribuir seu tom leve.

Por um instante, ele não se mexe. Eu queria poder enxergar seus olhos claramente agora — eles contam mais segredos do que eu sei que Cameron jamais vai contar.

A voz dele é suave.

— Você não viu nem uma fração do que eu sou.

11

Emery

São quatro da manhã e Cameron já está de banho tomado, se dirigindo para a sala de treinamento. Penso em segui-lo para assistir, mas não quero correr o risco de voltar a ver o tenente Erik. Pelo menos não até ser membro oficial do Esquadrão Fúria.

Devo ter pegado no sono de novo, porque, quando dou por mim, uma mão calejada está apertando minha garganta. Abro os olhos na hora; o quarto tem uma iluminação fraca, o que significa que são quase seis da manhã, então consigo enxergar claramente quem está me atacando.

Wraith.

— Você acha que tem passe livre aqui embaixo só porque é parceira do Mori? — Sua mão aperta minha garganta com mais força, me fazendo soltar um gemido fraco enquanto me debato para me desvencilhar dele.

Bree e Damian se entreolham como se estivessem pensando em me ajudar, mas alguns outros homens estão parados ao redor da cama, com olhos ávidos, torcendo pelo meu fim.

Cruzo os braços, segurando os cotovelos com as mãos, e abaixo os antebraços com toda a força contra os de Wraith, na tentativa de atingir seus pontos de pressão e obrigá-lo a abrir as mãos, mas ele relaxa os braços bem a tempo e aumenta a pressão.

Pontinhos pretos começam a nublar minha visão. Meus pulmões estão em chamas, e não consigo oferecer nem um pouco

de ar a eles. O som do meu coração desacelera e meus músculos começam a amolecer.

Não quero que o olhar odioso de Wraith seja a última coisa que eu veja.

Não quero morrer.

O cansaço faz minhas pálpebras se fecharem, e, no instante seguinte, sou banhada por um líquido quente. É assim que é a morte?

Meus olhos se abrem devagar à medida que o ar volta a entrar na minha garganta.

O som retorna para os meus ouvidos na forma dos berros de dor de Wraith. Minha visão desembaça, e o que vejo é puro caos. Arnold está arrancando Wraith da cama, que está com o horror estampado na expressão. Tem alguma coisa errada com o braço do Wraith... está sangrando. Arregalo os olhos quando a lucidez volta à minha mente com um suspiro profundo.

O braço de Wraith está torcido para trás, e seu úmero se projeta ofensivamente para fora da carne, jorrando sangue para todo lado.

Pisco, e o movimento parece mais arrastado do que o normal, como se tudo estivesse em câmera lenta. É só então que olho de relance para a beira da cama e vejo Cameron respirando fundo, com as pupilas dilatadas e segurando firme uma barra de metal. Suas artérias carótidas estão saltadas, a boca aberta enquanto seu peito sobe e desce.

Cameron me encara com expressão vazia por um instante, depois solta a barra de metal. Ela produz um tilintar alto ao atingir o chão de cimento, e a multidão ao nosso redor estremece.

Parece que ele está a um passo de surtar e começar a matar pessoas. Nunca o vi tão mentalmente desligado. Minha garganta está pegando fogo, mas consigo me sentar, depois me levantar devagar. Hesito em pegar a mão de Cameron, mas tomo a decisão e

a agarro, conduzindo-o para fora da caserna, rumo a algum lugar seguro, longe dos olhares famintos dos outros cadetes. Ignoro a sensação pegajosa do sangue de Wraith secando na minha pele.

Sim, é claro que todos viram Cameron quebrando o braço de Wraith com uma barra de metal, mas também viram meu estado enfraquecido e potencialmente a falta de controle de Cameron no momento. Precisamos ir para um lugar privado.

Eu nos conduzo até a biblioteca, que mal está iluminada tão cedo. O cheiro de livros velhos e o silêncio repentino me acalmam. Largo a mão de Cameron e suspiro.

— Você tá bem? — pergunto, me apoiando numa estante.

Quando ele não responde, levanto o rosto para observá-lo e fico assustada. Ele está com a mão espalmada na testa, como se estivesse perdendo a cabeça, e solta um grunhido selvagem.

— Cam...

Suas mãos voam para as laterais da minha cabeça, chacoalhando a estante às minhas costas. Sou tomada pelo choque, e meu maxilar treme quando ele soca várias vezes um ponto a poucos centímetros do meu rosto. Pilhas de livros despencam no chão ao nosso redor.

— Você vai fazer o esquadrão inteiro ser assassinado! Você é tão patética que me dá nojo, porra. Ia ser melhor se eu simplesmente... Se eu simplesmente... — grita ele na minha cara, tão alto que faz meu corpo inteiro enrijecer e lágrimas arderem em meus olhos.

Eu sabia que ele estava mentindo ontem na enfermaria.

Dou um tapa na cara dele. Ele fica paralisado e leva um segundo para voltar a olhar para mim. Cerro os punhos ao lado do corpo, me preparando para lutar até a morte, mas os braços dele tremem enquanto ele os ergue lentamente para me imprensar de novo. A dor na sua alma é tangível através de seus olhos semicerrados e do jeito como seus dentes estão fincados no lábio

inferior.

Eu abro as mãos e respiro fundo para me acalmar ao mesmo tempo que jogo os braços ao redor dos ombros dele e lhe dou um abraço apertado. Sua respiração engasga e seu corpo se acalma, os músculos relaxando.

— Por favor, para — sussurro, fechando os olhos com força e deixando seu cheiro terroso aquecer meus sentidos.

Ele não se move por alguns segundos, como se estivesse paralisado com o que está fazendo. Então sua mão pressiona minha lombar, e, um instante depois, a outra envolve meu pescoço com delicadeza. Cameron não diz nada enquanto nos abraçamos no silêncio do Sub.

— Acorda.

Eu me sento num pulo, os olhos arregalados, inundada pelo pânico. Será que o Wraith está me atacando de novo? O Sub está desmoronando? Depois de piscar algumas vezes, me dou conta de que estou encarando a silhueta de Cameron no escuro.

— Que horas são? — sussurro, esfregando os olhos sonolentos.

— Quatro. Se veste — murmura ele, jogando minhas roupas para mim.

Faço o que ele diz e o sigo o mais silenciosamente possível através do Sub, rumo ao bloco das armas.

Ele mantém a mão ao redor do meu pulso o caminho todo, me conduzindo facilmente, para que eu não o atrapalhe. *Queria conseguir enxergar tão bem assim*. Mas não estou disposta a tomar as pílulas da morte para isso.

Cameron não me solta até chegarmos aos tatames. Aperto os olhos, mas ainda assim mal consigo distinguir sua silhueta.

— Você vai me dizer o que a gente tá fazendo aqui?

Ele pousa a mão em cima da minha cabeça e me gira, para que eu fique de costas para ele. Solto um suspiro quando ele separa meu cabelo e começa a trançá-lo.

— É óbvio que você é habilidosa quando o assunto é matar, senão não estaria aqui, mas também é muito óbvio que fica mais confortável com uma arma do que no combate corpo a corpo. Meu palpite é que você sempre teve um monte de armas com silenciador pra te ajudar com seja lá o que você fazia, além de um plano metódico, mas vai acabar sendo um peso morto nos testes e num esquadrão se não conseguir melhorar no combate cerrado e na tomada de decisões.

Ele termina minhas tranças e joga uma sobre cada ombro.

É humilhante levar um esculacho tão descarado, mas ele tem razão. Além disso, eu não sabia que era tão evidente. Minhas bochechas estão quentes, mas faço que sim.

— Então você mesmo vai me treinar? — pergunto, num tom provocador.

Ele ri, e é um som agradável de ouvir depois de ele ter passado o dia de ontem tão quieto após o ataque do Wraith e seu deslize na biblioteca.

— Eu vou te ajudar a não ser uma pedra tão grande no meu sapato. — Ele faz uma pausa, depois acrescenta: — Assim também vai ser menos provável que eu consiga te encurralar de novo. — Sua voz sai consideravelmente mais modesta, o que traz um sorriso irônico aos meus lábios.

— Ah, a verdade.

— Ah, cala a boca. — Ele ri.

Seu sotaque faz com que seja impossível não sorrir. Ele dá um empurrãozinho no meu ombro para que eu me afaste.

— Vai pra posição. Vou te ensinar a escapar de pegadas com facilidade e a antecipar ataques só com base no que você ouve. Você fica confusa demais com seus sentidos e depende muito da

visão. É doloroso de ver, de verdade.

— *Ok*, menos insultos e mais produtividade. A real é que eu dependo de sono, diferente de você. — Olho feio, tomara que na direção certa. Quando ele não responde, sou tomada pelo pânico.

Ouço um passo e o deslizar de uma bota no chão vindos da minha direita. Ergo o braço, sem ter ideia de onde ou em que ele está mirando. Escuto o som do seu braço cortando o ar logo antes de sua mão atingir minha nuca.

— Morta — diz ele, com um tom divertido demais para o meu gosto.

— Que idiotice. Ninguém luta assim — argumento, dando um tapa na sua mão.

Ele faz um barulhinho, e dá para ouvir o sorriso na sua voz.

— Por isso mesmo. E acredite se quiser, muita gente luta sim. Você não vai durar um segundo numa sala escura ou numa noite sem luar com outros quatro soldados letalmente treinados. E se o óleo atrapalhar a sua visão ou... — Ele aponta para o próprio olho — alguém te esfaquear e você não conseguir enxergar? Vai só desistir e morrer?

O comentário lhe rende uma carranca.

— Você está nas profundezas do inferno agora, lembra? A gente não tem "etiqueta de assassinato" ou sei lá que porra você fazia antes.

— Você quer dizer que eu lutava com princípios, como uma pessoa com um pingo de classe? — pergunto, sarcástica.

Deve existir algum tipo de ética, não? Gosto de pensar que eu tinha uma. Se não tivesse que torturar alguém, o mínimo que podia fazer era lhe dar uma morte rápida.

Cameron ri, e seu hálito é quente no meu ombro. Giro a cabeça para o lado. Nem ouvi ele se mexer. *Se concentra em escutar*, ralho comigo mesma.

— É, a gente não tem isso não. Você acha que nas Tropas

Ocultas alguém dá a mínima pra como você mata ou como o inimigo te mata? — Ele desliza o dedo pela minha espinha dorsal, e minha pele fica toda arrepiada. — Fala sério, Em, você é mais esperta que isso. Como é que a gente ia conseguir fazer as coisas?

Um golpe na parte de trás do meu joelho o faz ceder e me deixa de quatro. Eu cerro os dentes e jogo o braço para trás, decepcionada ao perceber que estava mirando no nada.

Ele dá um tapinha no topo da minha cabeça.

— Morta.

Solto um gemido.

— *De novo*. Levanta — ordena Cameron.

Eu me levanto. De novo. E de novo. E de novo.

Até meus joelhos estarem doloridos e as costas das minhas mãos estarem feridas de bloquear alguns dos golpes dele.

Desabo no chão, respirando com dificuldade e fazendo cara feia. As luzes finalmente se acendem, o que me enche de esperança de que tenhamos terminado. Fico levemente irritada ao vê-lo tão despreocupado, com as mãos nos bolsos, sem uma gota de suor na testa. Eu mal consigo recuperar o fôlego.

— A gente ainda não terminou — diz ele, num tom vazio, me encarando de cima com olhos semicerrados.

— O que vai ser agora? — Tenho até medo de me levantar.

Ele dá um sorrisinho, e o brilho em seu olhar aquece meu ventre. Agora eu queria que estivesse escuro de novo, para não ficar distraída com seu charme cruel.

Cameron se aproxima, enganchando a perna na minha metodicamente e envolvendo minha caixa torácica com o braço.

— Escapa dessa manobra. Vamos continuar até o café da manhã ou até você conseguir me vencer nisso. — Ele suspira. — Esses seus olhos ressentidos não vão te render compaixão nenhuma, Em. — Ele ri.

Assim tão perto, ele olha no fundo dos meus olhos, ateando

fogo a tudo que há dentro de mim. Sua camisa está levantada, e sua pele toca a minha logo abaixo da cintura. Inspiro o ar com força e afasto qualquer pensamento obsceno, principalmente os que envolvem Cameron me esfregando no próprio pau.

— Foco. — A voz dele vacila, e suas sobrancelhas se franzem com comedimento.

Pelo menos não sou só eu que estou sofrendo.

Eu me viro para o lado na tentativa de me desvencilhar, mas ele percebe e arrasta o pé para trás, o que me leva direto para o chão.

Babaca. Furiosa, volto a me levantar e assumimos a mesma posição. Dessa vez, me asseguro de esfregar o quadril na virilha dele. Ele aperta os olhos e contrai o maxilar. Eu aproveito o momento em que ele perde o foco: dou uma cotovelada na sua barriga e giro meu corpo em seus braços.

Ele solta um grunhido e, bem quando eu penso que vou me libertar, Cameron pega meu braço e me derruba de novo. Dessa vez ele cai em cima de mim, com o joelho entre as minhas coxas e as mãos prendendo meus pulsos no tatame.

Estamos ofegantes. Uma mecha do seu cabelo macio cai sobre a testa, cobrindo um de seus olhos enquanto ele continua acima de mim.

Meu peito esquenta e eu fico superconsciente de todos os pontos em que ele está me tocando. Ele traça uma linha lânguida pela parte macia do meu pulso e seu joelho afasta minhas pernas só o suficiente para pressionar minha buceta quando ele se abaixa.

Ele se aproxima do meu pescoço, e, contra todos os alertas piscando na minha mente, eu inclino a cabeça para trás, deixando minha garganta exposta para ele, esperando um...

Cameron morde meu pescoço.

— Ai!

Ele solta minha carne e sorri colado à minha pele.

— Morta.

Pelo amor de Deus, esse homem é maluco.

— Deixa eu adivinhar, você já fez isso antes. — Viro a cabeça para o lado quando ele recua e solta meus pulsos. Cameron deve ver o rubor intenso do meu rosto, assim como eu consigo senti-lo.

Ele ri.

— Tá dizendo que você nunca fez? Seus dentes são uma arma vital.

Ele se levanta e estende a mão para mim. Estou esperando ver um sorriso presunçoso em seu rosto, mas fico surpresa ao encontrá-lo sorrindo genuinamente.

Aceito sua mão e ele logo me coloca de pé.

— Já deu por hoje. Eu esperava que você fosse conseguir antes do café da manhã, mas vamos repetir isso todo dia até os testes começarem. — Ele dá um puxão em uma das minhas tranças e aponta para a porta com a cabeça. — Vamos lá comer.

12

Emery

Vamos ser enviados para os testes amanhã.

Uma conexão mais profunda se formou entre mim e Cameron depois que Wraith tentou me matar. Os treinos de manhã bem cedo foram um inferno absoluto, mas ganhei um mundo de conhecimento e confiança no que diz respeito ao combate cerrado.

Cameron é o responsável por cada hematoma, corte e músculo dolorido que eu tenho, porém me pego ansiando por mais tempo no escuro com ele. Mais tempo no nosso silêncio íntimo, quando ele me mostra a facilidade com que um soldado treinado das Tropas Ocultas pode me executar. A facilidade com que *ele* pode tirar minha vida se quiser. *Quando* quiser.

Me pergunto quantas pessoas já morreram nas suas mãos. Quantas mais vão morrer depois de mim. É um pensamento repugnante, que me força a ver imagens terríveis de pessoas que eu também traí no passado. A expressão nos olhos delas quando te conhecem num nível pessoal é o que permanece com você por mais tempo.

Embora eu me sinta grata por essas sessões de treinamento particulares, me preocupo com a mudança na nossa dinâmica. Com o fato de que estou conscientemente baixando a guarda perto dele. Só queria que os olhares demorados e furtivos que ele me lança não me provocassem essa dor no peito.

Durante o jantar, o sargento instrutor avisa que seremos

transportados amanhã, ao raiar do dia. O primeiro teste só vai começar depois do pôr do sol, quando todos já tivermos chegado ao local remoto.

Wraith ainda precisa participar, mesmo com o braço destruído. Nove dias de gesso não são suficientes para curar um ferimento como aquele antes de ser atirado nos testes, que presumo que serão realizados ao ar livre em algum lugar aqui do Alasca. Há inúmeras paisagens e montanhas vastas onde ninguém sequer saberia que esses eventos estão acontecendo.

Já estou com medo do frio que vai fazer e bolando estratégias para me manter aquecida sem uma fogueira.

Uma maneira de fazer isso envolve calor humano, o que duvido que vá ser uma opção. Olho para Cameron de rabo de olho enquanto ele se acomoda na nossa caminha. Círculos escuros contornam a parte inferior dos seus olhos, aludindo a suas noites maldormidas. Não sei como ele mantém o controle tão bem, considerando todas as deficiências que teve. Pelo menos nenhum outro sangramento nasal foi tão ruim como o daquela noite no banheiro. Nunca vi ninguém cair e quase desmaiar por causa de um. Ele disse que é um efeito colateral comum dos comprimidos, mas isso não faz com que eu me sinta melhor a respeito da situação.

— Aquele tempo todo que você passou na biblioteca te faz sentir mais preparada pros testes? — murmura Cameron atrás de mim, com um toque de sarcasmo na voz.

Cada momento livre que tive aqui, quando não estava na sala de armas, eu passei na biblioteca, enchendo minha mente de todo tipo de conhecimento, aprendendo desde psicologia até a matar por sobrevivência. Cameron desliza a mão pelo meu cabelo, para afastá-lo do próprio rosto, imagino. Eu fecho os olhos e saboreio a sensação encantadora enquanto posso.

Encaro a escuridão, sabendo que todos os outros aqui devem

estar acordados, com tanto medo de amanhã quanto eu. Não nos deram nenhuma informação a respeito do que esperar. Cameron me disse que muda todo ano, então ele também não sabia direito o que esperar, mas definitivamente não parece preocupado com isso como o resto de nós.

— Talvez, depende do que os testes vão envolver — sussurro de volta.

Nós dois sabemos que vamos estar por conta própria lá fora, todo mundo aqui quer a gente morto. Ele só assente e não diz nada por alguns minutos. Então mudo de assunto. O nervosismo sempre me deixa tagarela. Falar me ajuda a impedir que a ansiedade aumente.

Reed me disse que, quando sentisse os demônios ansiosos crescendo dentro do meu peito, em vez de tentar afastá-los, eu devia acolher o medo que eles trazem. Que sufocar a emoção causa coisas piores, como ataques de pânico.

Ele sempre tinha razão, claro. Então eu falo para expulsar a ansiedade, em vez de ingeri-la.

— O que você queria fazer da vida? Tipo, antes de tudo dar errado — pergunto.

Até agora conseguimos evitar falar de nossas vidas pessoais. Bom, vidas passadas, no nosso caso, já que os soldados das Tropas Ocultas estão mortos para o mundo lá em cima.

Uma risada suave escapa dos seus lábios e aquece meu pescoço.

— Eu ia estudar pra ser professor. Vim pros Estados Unidos quando tinha dezessete anos e sempre quis dar aulas numa universidade antiga. Não importava onde, eu só queria que os prédios fossem velhos e tivessem uma história rica. Floresta e montanhas por perto onde eu pudesse caminhar. Um lar escondido, longe de tudo.

Cameron passa os dedos pelo meu cabelo de novo, e dessa vez

sei que não é para afastá-lo do seu rosto.

A imagem que ele pintou floresce na minha mente como uma aquarela. Essa vida monótona e tranquila teria sido encantadora.

— Parece charmoso — murmuro baixinho.

— E você? — Seu sotaque fica mais carregado quando ele sussurra.

Os dedos dos meus pés se retorcem com a vibração da sua voz.

— Eu me imaginava escrevendo histórias.

Os dedos dele se afastam do meu cabelo e traçam a curva do meu pescoço.

— Histórias felizes? Ou tristes?

Inspiro o ar com força ao sentir seu toque, as pontas dos seus dedos provocando arrepios na minha pele. Minhas coxas se apertam com o desejo. *Não pensa no incidente do chuveiro.*

— Você sabe que seriam tristes. Provavelmente violentas. Talvez com um pouco de romance. São as histórias de que eu mais gosto. — Minha voz sai rouca.

Os dedos de Cameron param, com certeza porque ele sente que estou me contorcendo assim tão perto dele, e então ele se inclina para a frente e encosta os lábios na minha orelha.

— É por isso que você me oprime com esses olhos melancólicos e marcantes? Você acha que eu tenho uma história triste? O que você deseja, Emery? Me fala, e eu te dou, seja lá o que for.

Ele pousa a mão na minha cintura, bem no ponto mais profundo.

Meu coração acelera e meus lábios se abrem com o toque dele.

— Eu não quero nada — digo, com o máximo de determinação possível. Minhas coxas se esfregam uma na outra descaradamente.

Ele elimina o pouco espaço que há entre nós e coloca o joelho no meio das minhas pernas. Um arquejo suave escapa de mim

quando sua mão desliza pelo topo do meu quadril e para com o polegar enfiado sob o cós da minha calça. Eu arqueio as costas com o contato e empurro a bunda na virilha dele por puro instinto.

— Nada? — pergunta ele, sarcástico, movendo a mão desesperadamente devagar sob o elástico da minha calcinha e descendo até o clitóris. Solto um gemidinho quando ele passa dois dedos entre minhas dobras e me encontra encharcada. — Isso tá bem longe de nada, meu bem.

Eu devia mandá-lo parar. Não devia ceder a essa autodestruição. Mas, meu Deus, como eu quero, e acho que não tenho a força necessária para deixar esse momento passar. Meus instantes se tornaram contados no segundo em que entrei na cela dele.

— Cameron, espera — sussurro.

Ele para de mexer as mãos e dá um beijo no meu pescoço.

— Você quer que eu pare?

Suas palavras são como gotas de desejo na minha pele.

— Não, mas... o que exatamente é *isso* entre nós?

Quero que ele diga que é mais do que apenas uma ficada. Mais do que uma transa antes dos horrores dos testes que estão por vir, porque há um peso que se apodera de uma parte de mim por trás de tudo que ele faz. Todo olhar intenso e sorriso largo. É desconcertante, mas eu preciso saber.

Cameron enfia os dedos dentro de mim, depois tira e começa a contornar meu clitóris num ritmo preguiçoso que faz meus olhos se revirarem.

— Nunca vai existir nada entre a gente — diz ele, insensível. Fico decepcionada com essas palavras, mas ele não interrompe os giros provocantes. — Você é só a próxima parceira pra mim. Nada além disso. Quero te oferecer um pouco de diversão enquanto você estiver por aqui. Você pode muito bem ter suas necessidades satisfeitas até o fim, não acha?

A frieza retorna para o meu corpo quando caio em mim.

— Sim. Claro — murmuro.

Não permito que a dor dessas palavras se prolongue. O prazer e os gemidos baixos que se seguem quando ele enfia dois dedos bem fundo dentro de mim afastam quaisquer pensamentos que eu ainda tivesse. Cameron mordisca meu pescoço e bate o quadril na minha bunda, enquanto me fode com os dedos até me deixar louca.

Ele grunhe enquanto minha respiração fica mais ofegante. Sua camisa sobe, e sua pele nua se esfrega nas minhas costas. Deixo minha cabeça se inclinar para trás e abafo um gemido cravando os dentes no lábio inferior.

— Você faz eu me perder, sabia? — Ele respira contra a minha nuca, enfiando o dedo ainda mais fundo dentro de mim até me fazer estremecer nos seus braços.

Chego ao clímax enquanto ele esfrega o pau duro na minha bunda. Cubro a boca para conter o gritinho que sobe pela minha garganta e gozo na sua mão.

Cameron sorri encostado à minha nuca e pressiona os lábios ali antes de retirar devagar a mão da minha calça. Queria que ele não fosse tão generoso com esses beijos tão suaves. Parece até que está zombando de mim.

— Dorme um pouco, Emery.

Quando não respondo, ele se vira para o outro lado, deixando nossas costas coladas uma na outra. Eu encaro a escuridão da caserna. Depois de quase uma hora, a respiração de Cameron se regulariza e eu percebo que ele pegou no sono. Deve estar exausto, porque nunca ouvi sua respiração tão rítmica assim antes.

A inquietação me aflige. Não importa quanto tempo passe deitada aqui, não vou me acalmar o bastante para dormir.

Decido percorrer o labirinto do Sub sem nada além das pontas dos dedos deslizando pela parede para me guiar. Existe a

possibilidade de que eu nunca mais veja este lugar. *Logo depois de ele começar a parecer um lar.* Aperto a boca ao passar pela sala de armas. Sei que não vamos acordar às quatro para treinar amanhã, mas não posso deixar de ansiar por mais uma manhã com as críticas e os golpes de Cameron.

Um choro baixinho ecoa pelo corredor, atraindo minha atenção. Sigo o som até chegar à enfermaria. Há uma luz suave ali, parecida com a do banheiro, e é o suficiente para revelar Bree sentada no meio da sala, abraçando os joelhos junto ao peito.

Não há nenhuma razão para eu sequer tentar consolá-la. Tenho quase certeza de que, amanhã, ela e Damian vão tentar me matar assim que possível, mas, mesmo assim, eu fico. Não é como se qualquer um de nós tivesse pedido para estar aqui.

— Você tá bem? — pergunto baixinho, tentando não assustá-la.

Mesmo assim, ela leva um susto e se levanta depressa. Lágrimas escorrem pelo seu rosto, mas ela levanta os punhos como se estivesse pronta para lutar comigo.

Eu bufo.

— Não tô aqui pra te matar, Bree. Eu ouvi você chorando.

Ela fica irritada com as minhas palavras.

— Eu não estava chorando. — Meus olhos vagam até o chão, onde posso ver algumas gotinhas brilhantes de água. Ela solta um grunhido. — O que você quer? — pergunta, ríspida.

— Eu também estou morrendo de medo de amanhã. Não ajuda o fato de que eles não nos deram praticamente nenhuma informação. — Abro um sorriso fraco.

Os olhos dela se arregalam só um pouquinho, mas ela logo volta a apertá-los.

— Do que *você* tem tanto medo? Mori vai te manter segura. — Ela soa bastante convicta.

Será que é isso que todo mundo pensa?

Acho que faz sentido o Nolan não ter compartilhado os termos da nova sentença do Mori aqui no Sub.

— A real é que a única tarefa dele é *não* me matar — resmungo, meio esperando que ela escute, meio torcendo para que não.

Seus olhos se iluminam e ela me encara.

— Quê? — diz ela, como se tivesse acabado de ser informada de que não vai morrer amanhã.

Eu não devia ter dito nada. Minha mão voa para minha nuca, onde Cameron me beijou.

— A principal tarefa dele é não *me* matar. Então não se preocupa com ele. Se preocupa com os outros cadetes ao seu redor. — Abro um sorriso amarelo para ela.

Reed sempre brigou comigo por tentar animar os outros. Às vezes eu até tentava fazer as pessoas sorrirem logo antes de serrar a cabeça delas. Uma última dose de endorfinas antes do apagar das luzes.

O cabelo castanho de Bree está preso em tranças apertadas, e ela torce uma enquanto me avalia.

— Por que está me contando isso? — pergunta ela, desconfiada.

Dou de ombros.

— Porque se você estiver com tanto medo assim do Mori, talvez baixe a guarda perto de outra pessoa que queira te pegar... e, se for pra sobreviver, eu prefiro você a metade dos idiotas que estão aqui com a gente.

Bree respira fundo e abaixa os braços ao lado do corpo.

— Obrigada, Emery... e boa sorte lá fora. — Ela vem até mim e coloca a mão no meu ombro. — Meu conselho sobre o Mori? Faça ele se apaixonar por você. Use o corpo. Use o que puder pra sobreviver.

Assinto para ela, e ela sorri antes de sair da sala e desaparecer

no corredor escuro.

Eu me sento no canto da enfermaria e apoio a cabeça no gaveteiro médico, com um sorriso repuxando os cantos dos meus lábios. Ela não sabe que Cameron basicamente acabou de me contar que só me vê como um brinquedinho a ser executado.

Eu estou ferrada pra caralho.

As luzes se acendem com um zumbido alto, e o sargento instrutor sopra o apito enquanto marcha entre os corredores de camas. Eu me sento depressa, surpresa com a rotina diferente daquela à qual me acostumei.

— Todo mundo de uniforme em cinco minutos, vamos carregar o trem em exatos vinte minutos, e eu quero todos enfileirados e prontos para embarcar — grita ele.

Todos nos levantamos correndo. Visto o moletom e tento seguir direto para o banheiro antes que ele seja inundado pelos outros cadetes, mas Adams agarra meu antebraço. Meu coração parece que vai sair pela boca enquanto encaro o soldado gigante. Ele é absolutamente aterrorizante assim de perto, em parte porque está sempre berrando.

— Cadete Maves, correto? — questiona ele, e, surpreendentemente, sua voz não soa tão ríspida quanto de costume.

Fito seus olhos frios e cinzentos e faço que sim.

— Você e Mori devem tomar banho e se preparar, depois me encontrar na frente da arena. Vocês dois têm esquemas *especiais*.

Não deixo passar a centelha de pena em seus olhos antes de ele se voltar a Cameron ao meu lado.

— Sim, sargento instrutor — respondo.

Não falo com Cameron e vou direto para os chuveiros. A última coisa que quero agora é pensar no que aconteceu entre nós

ontem à noite e na minha pergunta idiota.

O banheiro está um caos, enquanto todo mundo tenta se lavar depressa e se preparar mentalmente para as grandes chances de morrer hoje.

Há um punhado de cadetes com a avidez por assassinar estampada nos sorrisos. Eles observam todos os outros com cuidado, como se estivessem tentando lembrar das pessoas em suas listas mentais. Os únicos dois que me encaram com fome no olhar são Wraith e Arnold. Sustento o olhar deles por um instante, depois desvio de repente. Arrepios se espalham pelos meus braços, e eu preciso respirar fundo antes que minha ansiedade fique fora de controle.

Hoje é o primeiro teste. Eu consigo.

Esbarro em Cameron, nossos corpos nus escorregadios com o sabão. É a primeira vez que o vejo nos chuveiros na mesma hora do resto de nós. Arregalo os olhos, mas ele só abre um sorrisinho. Não sei como olhar para ele. Tudo pode acontecer depois de hoje. Ele pode tentar me matar, e vai ter armas para isso. Vamos estar no meio da natureza, e ninguém vai estar lá para me salvar além de *mim mesma*. Nolan nunca disse que eu não podia matar o Mori. A ideia planta um fio de culpa em mim por sequer considerá-la.

Não é como se a gente não fosse se matar se surgisse a oportunidade, né? Se eu fosse obrigada, faria isso num piscar de olhos. Abro um sorriso persuasivo para ele.

— Não me mata hoje — brinco, enxaguando o cabelo uma última vez e torcendo-o.

— Não me tenta. — Ele pisca de volta para mim.

Quando entro na arena, vestida e com o cabelo trançado, metade dos outros cadetes já está formando fila e esperando. Sigo as ordens do sargento instrutor e vou até a parte da frente, onde ele nos aguarda.

Cameron já está ao lado dele. Uma farda tática preta e fosca o

cobre da cabeça aos pés. Seu colete à prova de balas tem uma inscrição sobre o peito que diz *Mori*. É a primeira vez que o vejo usando algo além de moletom e calça de treino. Já consigo ver uma mudança em sua mentalidade, agora que está vestido para matar.

Os olhos de Cameron permanecem impassíveis quando ele nota minha aproximação. Está fumando um cigarro, com o rosto lambuzado de pintura de guerra escura, o que lhe dá um aspecto mais rústico do que o normal. Olho para os cadetes e vejo que a maioria deles está com a mesma pintura. *Pelo visto esqueceram de me avisar.* Cameron tem uma latinha de tinta no bolso e me oferece um pouco, mas eu recuso.

— Provavelmente vai entrar no meu olho e vou acabar ficando cega — resmungo.

Ele ri, com o cigarro entre os lábios.

— Pelo menos lembra de esconder o cabelo rosa. Você é tipo um farol.

Faço que sim, embora ele esteja usando sua voz atrevida de novo.

— Por que nossos esquemas são diferentes? — sussurro, parada ao lado dele. Cameron apaga o cigarro com a ponta dos dedos e o guarda em um de seus muitos bolsos.

— Porque eu sou perigoso, e sair do Sub sem meu esquadrão ou tenente presente só é permitido se eu cumprir as determinações do Nolan — diz ele, indiferente.

A cicatriz no seu olho fica mais evidente com esse traje.

— Legal, e eu preciso seguir essas regras por quê? — retruco, embora na verdade não me importe de ficar com ele. Prefiro me arriscar sozinha com Cameron a encarar o resto dos cadetes.

Cameron dá um sorrisinho.

— Bagagem.

Reviro os olhos, mas não consigo deixar de sorrir com o comentário.

Todo mundo fica encarando a gente parado ao lado do sargento instrutor. Isso só aumenta o ódio que sentem. Eles acham que estamos sendo mais bem tratados com o transporte. Talvez estejamos mesmo. Podemos viajar separadamente, enquanto os outros são forçados a acompanhar todos os idiotas. Eu preferiria andar a ser obrigada a viajar num vagão com Wraith e Arnold.

Adams manda o restante dos cadetes se preparar para embarcar no trem e ordena que alguns soldados comecem a conduzi-los para uma porta no fundo da instalação.

Faço contato visual com Damian e Bree enquanto eles seguem a fila porta afora. Wraith não está muito atrás deles e olha desconfiado para Cameron antes de seu rosto assumir uma expressão severa. Ele mesmo é o culpado pelo braço quebrado, mas não parece o tipo de pessoa que admitiria isso. De todo jeito, duvido que o ferimento vá lhe causar grandes problemas durante os testes.

— Pra onde essa porta leva? — pergunto, pensando que deve haver uma escada ali atrás para subir ao andar de cima.

Cameron se coloca à minha frente, para me forçar a olhar para ele.

— Essa porta leva para o metrô de transporte. Ele vai conduzir a gente da base até os caminhões que estão esperando do outro lado. Não dá pra uma centena de criminosos sair andando pela base militar lá em cima sem chamar muita atenção.

Ele ri e pousa a mão no topo da minha cabeça. Eu me encolho sob o peso dela e ergo os olhos para Cameron enquanto ele bagunça meu cabelo.

Dou um tapa na sua mão para tirá-la de mim, mas, antes que possa me afastar dele, ele passa o braço pelo meu ombro. Meu rosto só chega à altura do seu peito, então fico presa aqui por enquanto.

Adams nos observa atentamente, depois acena para que nos

aproximemos quando os últimos cadetes saem da arena.

— Bom, pessoal, já que o Mori é considerado um soldado de alto risco, vocês dois vão no compartimento traseiro, com as portas trancadas. Será uma viagem de cerca de dez horas. Quando chegarem ao posto de controle dos veículos, serão levados para uma viatura de transporte blindada pelo restante da jornada.

Cameron tamborila os dedos no meu braço tranquilamente, como se já estivesse de saco cheio disso, mas meu coração está disparado. *É muito tempo pra ficarmos a sós.*

— Onde exatamente os testes serão realizados, senhor? — Minha voz sai surpreendentemente firme.

Adams me olha como se eu fosse idiota.

— Obviamente não vou revelar a localização precisa, cadete Maves. Mas temos terras nas montanhas rochosas do norte, aqui no Alasca. Bastante arborizadas e facilmente isoladas. Só uma estrada atravessa a área inteira. Nessa época do ano, toda a encosta da montanha fica fechada, então temos permissão de usá-la — explica ele, enquanto nos dá um empurrãozinho para seguirmos em frente.

Cameron olha feio para ele, mas se mexe comigo, finalmente tirando o braço do meu ombro. O clima aqui é bem mais extremo do que eu estava acostumada em Montana. É novembro, e a viagem de barco para chegar até aqui já foi horrível o bastante. Agora ainda temos que sair e lutar ao ar livre.

— Sabe de uma coisa, vocês dois podem até formar uma boa dupla.

Ambos dizemos na hora:

— Quê?

Nossos olhares se cruzam, o de Cameron irritado, o meu, surpreso.

Adams solta uma gargalhada.

— Bom, vocês dois têm um certo ar ameaçador, mas, quando

estão juntos, quase parecem duas pessoas normais, brigando e pegando no pé um do outro.

Cameron faz uma careta e olha para mim como se odiasse a ideia. *Seria mesmo tão ruim assim ser normal? Meu Deus.*

Dou as costas aos dois e saio andando com firmeza, escolhendo ignorar o comentário e a expressão de Cameron.

Assim que passamos pela porta, encontramos um trem, como prometido. As paredes nessa sala são de um cinza-escuro que absorve a luz oriunda das lâmpadas de luz quente penduradas no teto, o que deixa o espaço particularmente lúgubre. O trem é preto e brilhante, com aerodinâmica construída para altas velocidades. Todos os outros já embarcaram; nós somos os últimos.

— Tomara que você esteja certo sobre a gente se dar bem — diz Cameron enquanto caminhamos até a lateral do último compartimento.

Adams acena em despedida.

— Vejo vocês dois nos testes. Ah, e mais uma coisa, Emery. — Ele estende a mão, segurando uma venda. — Você vai precisar usar isso até sair da base. Seu compartimento é o único sem uma janela blackout funcional. Não queremos que você veja alguns dos segredos que guardamos aqui embaixo enquanto atravessa a base. — Ele pisca, e é o gesto mais humano que já vi nele.

Ótimo.

Sou vendada e trancada no último compartimento com Cameron. Enquanto aguardamos que o trem comece a se mexer, finalmente absorvo a realidade de que depois de hoje metade dos cadetes do Sub estará morta.

Eles só precisam sobreviver uns aos outros.

Eu vou ter que sobreviver a eles *e* ao Mori.

13

Cameron

O compartimento em que somos jogados na verdade é bem bacana. Tem uma janela na lateral do trem que fica ao lado do sofá. Também há uma mesinha de centro e cobertores empilhados no fundo do vagão. A iluminação consiste em duas pequenas luminárias, uma de cada lado do sofá.

Tento conter o sorriso enquanto observo Emery torcer uma das compridas tranças cor-de-rosa entre os dedos, nervosa. A venda a está incomodando bastante, e dá para ver que ela está tentada a tirá-la. Parece mais ansiosa agora do que quando foi jogada numa cela comigo.

— Por que você não senta? Vai acabar caindo se ficar de pé desse jeito — resmungo, me recostando no sofá e abrindo as pernas para relaxar.

Essas viagens de trem podem durar até dez horas, dependendo de quantas perturbações encontrarmos.

Emery cambaleia, tentando caminhar pelo compartimento. Mordo o lábio para não rir. Sua expressão frustrada é uma gracinha. Assim como a cara que faz quando está sonhando. Já observei essa mulher por inúmeras horas: vi todo o tempo que ela passou com o nariz enfiado nos livros, a frustração quando não conseguia desviar dos meus golpes nos treinos, o cansaço quando se virava enquanto dormia.

E ela nunca vai saber quão bem passei a conhecê-la só pela

expressão no seu rosto. Seu cheiro floral quase consumiu minha mente por inteiro.

— Cadê você? — sussurra ela, com um toque de medo.

Sua voz me tira dos meus pensamentos, e eu recupero o foco.

Inclino a cabeça para trás, fechando os olhos e sorrindo. É divertido demais provocá-la, então não digo nada para ajudar.

Ela choraminga baixinho quando escuto seu joelho bater na lateral de uma mesinha ao meu lado. O que eu não estava esperando é que ela caísse acidentalmente no meu colo quando o trem deu um solavanco.

Suas tranças pousam no meu ombro. A estrutura pequena de Emery se encaixa muito bem no meu peito. Não dá para acreditar na largura do meu torso comparado com o dela. Não que eu não tenha reparado nisso toda noite, mas é diferente quando não estamos na cama, e em um lugar bem iluminado.

Emery arfa e tenta se sentar o mais rápido possível, apertando minha virilha com a bunda no processo. Contenho um gemido diante da pressão no meu pau e passo um braço pela cintura dela, para impedir que caia no chão.

— Fica calma e relaxa, porra. — Eu rio, e sua respiração se tranquiliza quando ela se força a inspirar fundo algumas vezes.

Os músculos de Emery estão rígidos, e seu lábio inferior está tremendo. Meu Deus, quero enterrar os dentes nele.

— Você tem o costume de cair no meu pau — comento, devagar, deslizando o polegar pela lombar dela.

— Você acha que eu tô fazendo isso de propósito? — retruca ela.

Sua voz fica mais aguda quando eu a irrito. Que fofinha.

— É difícil não achar — provoco, admirando o jeito como seus lábios se apertam de frustração.

Puxo-a para perto, até seu peito estar encostado no meu. Ela é tão pequena que sua cabeça só chega ao meu peitoral. Suas pernas

envolvem meu quadril, criando calor entre nós. Passo os braços pelas costas dela com delicadeza e inclino a cabeça para o lado para observá-la.

— Não sei se ainda consigo esperar muito tempo, meu bem. Me conta alguma coisa sobre você. Tá começando a me incomodar não saber absolutamente nada. — Soo desesperado para que ela me dê alguma coisa, *qualquer coisa*.

Estou começando a me arrepender de tê-la mandado ficar de boca fechada sobre o passado.

— Você não tem o direito de saber coisas pessoais a meu respeito — diz ela, rígida.

Dou risada e torço sua trança entre as pontas dos dedos. *É fofo ela achar que consegue esconder informações do melhor interrogador do Esquadrão Fúria*. Mas vou entrar no jogo. Existem outros jeitos de fazer alguém falar além da tortura.

— Quer saber uma coisa sobre mim primeiro? — ofereço.

Ela não responde, mas o jeito como cerra as mãos ao lado das minhas costelas me diz que despertei seu interesse.

— Odeio a ideia de ser descartável. De ser inútil. E esse efeito colateral que estou tendo com as novas drogas? É a coisa mais assustadora que já me aconteceu. Não quero me tornar inútil pra eles. — Meu coração bate mais rápido com a confissão.

Será que ela vai pensar mal de mim? Será que eu me importo? Na verdade, não tenho certeza, e esse pensamento é muito perturbador.

Ela hesita antes de murmurar:

— Eu tive que desistir do meu sonho de ser artista por causa dos negócios da minha família. — O coração dela acelera como se estivesse nervosa por compartilhar essa parte de si. — Não tive escolha, e a preparação para o trabalho que atribuíram a mim começou quando eu era bem nova.

Minhas sobrancelhas se erguem. Se ela fosse advogada ou uma

investidora arrogante, eu não perguntaria, mas ela está no Sub, então claramente esse "trabalho" era questionável.

— Um trabalho duvidoso?

Ela assente devagar, encostada no meu peito. É evidente que não quer se aprofundar no assunto, então começo a falar de outra coisa.

— Bom, eu conheço uma soldado das forças oficiais que faz tatuagens por baixo dos panos. Você pode ser aprendiz dela, se quiser. Pode até tatuar alguma coisa nas minhas costas se eu não te matar antes. Com certeza o resto do esquadrão deixaria você tatuar eles também. Sonho parcialmente realizado?

Ela dá uma risadinha.

— Que porra é essa? Era pra eu me sentir melhor?

Fico feliz que ela não consiga ver meu sorriso.

— É.

Emery balança a cabeça contra o meu peito, rindo.

— Você é esquisito pra caralho, Cameron.

Meus olhos se fecham. Gosto de ouvir meu nome nos lábios dela. Ela é a única que faz uso dele, na verdade.

— Diz a mulher que tapou meu nariz ensanguentado debaixo do chuveiro enquanto estava sentada no meu pau — provoco.

Ela ri encostada no meu colete, pressionando a bochecha em cima do meu coração, e eu me pergunto se ela consegue ouvir as batidas erráticas dele através do uniforme. *Não seria incrível?*, reflito. Se o colete conseguisse conter uma bala, mas não o som de algo tão delicado quanto um coração.

— Pode tirar a venda agora, eu não vou contar pra ninguém — murmuro, fechando os olhos e sentindo o desejo de tomar mais comprimidos crescer.

A fome insaciável me consome por inteiro. Minhas pernas começam a balançar de ansiedade. O frasco está na minha mochila do outro lado do vagão, mas, no fundo, não quero me mexer. Gosto

de abraçá-la.

Emery tira a venda e endireita o corpo para olhar para mim. Nossos olhares se encontram, e eu consigo vê-la com a mesma clareza do momento em que coloquei os olhos nela. Mas a ferocidade que vi em sua expressão no passado desapareceu. Agora ela parece sombria, como uma pétala murcha prestes a morrer. Ela é tão bonita. Não importa quanto eu tente contestar esse pensamento, ele retorna com uma dor. Com ira.

Me pergunto o que uma coisinha linda como ela pensa de um soldado como eu.

O que será que ela vê?

Emery joga o peso do corpo sobre os calcanhares, bem em cima da ereção que passei os últimos minutos ignorando. Seus olhos se arregalam e se voltam para baixo, como se só agora ela estivesse processando o desejo grosso e pulsante entre as minhas pernas.

Penso na noite passada e em como eu fui estúpido de não resistir e ceder à atração que sinto por ela. Desde então, meu único desejo é tocá-la de novo. Mas temo que, se fizer isso, nunca vai ser suficiente.

E isso me assusta para um caralho.

Ela abre um sorrisinho amarelo de desculpas, depois se mexe em cima da minha perna para se levantar. Eu agarro seu pulso. *Porra*. Não sei por que fiz isso. Os olhos dela encontram os meus, e vejo a surpresa passar por eles.

Engulo o nó na minha garganta diante da sensação estranha e quente que se espalha no meu peito. Meu pau lateja dolorosamente embaixo dela. Minha respiração fica ofegante, e eu titubeio. *Eu não devia fazer isso. E se eu perder o controle e matá-la?* Estou prestes a lhe dizer para se sentar do outro lado do compartimento, mas sua expressão se enche de agonia quando ela rebola o quadril em cima de mim.

Uma descarga elétrica dispara pelas minhas veias, e uma fome surge nas minhas entranhas.

Não estou mais nem aí. O que tiver que acontecer, vai acontecer.

Me aproximo e colo os lábios aos dela.

Os comprimidos ficam em segundo plano. Tudo que sinto quando minha boca abre seus lábios macios é o seu cheiro. Essa porra desse cheiro floral que me deixa maluco.

Eu quero mais. Quero tudo.

14

Emery

Cameron solta um grunhido grave, quase um rosnado. Seus dedos se cravam no meu quadril e ele me puxa para si quando nossos beijos se tornam mais ardentes. Seus lábios são tudo que eu imaginei e me provocam nada menos que euforia enquanto ele me consome como se nunca tivesse provado algo como eu antes. Um gemido suave sai dos meus lábios, e ele o devora com avidez, passando as mãos pelas minhas coxas.

Cameron está me segurando de um jeito delicado demais. Sincero demais, depois das palavras duras que ele disse ontem à noite. Tenho a sensação de que preciso arrancar minha pele para acabar com a dor que ele está instilando no meu peito. Mas eu quero isso.

Quero tirar tudo dele, assim como sei que ele vai tirar tudo de mim.

Rebolo em cima do seu pau inchado, que é muito maior do que eu lembrava dos chuveiros, ainda mais levando em conta que está contido pela calça. Se bem que acho que ele estava meio incapacitado naquela noite.

Cameron geme e aprofunda nosso beijo, perseguindo minha língua com a sua. Passo os dedos pelo seu cabelo e deslizo as mãos pela sua nuca e pelo pescoço tenso, aplicando um pouquinho de pressão na traqueia. Um estrondo ressoa em seu peito.

— Não posso prometer que vou ser delicado. Se a gente

continuar se beijando assim, não sei se vou conseguir parar. Tá ouvindo, Em? — sussurra ele junto aos meus lábios, *sorrindo*, para a minha surpresa.

Faço que sim com a testa encostada na dele. *Preciso de uma coisa bruta agora*. Algo perverso, para afastar esse toque carinhoso.

— Me fode, Cameron. Como se eu não fosse nada. Como se você não fosse lembrar de mim daqui a um ano.

Ele se encolhe diante das minhas palavras insensíveis, hesitando por um instante antes de seus dedos subirem até a área côncava da minha clavícula. Levo um susto quando ele aplica pressão ali.

— Você acha que eu sou um monstro, não acha? Que sou incapaz de me lembrar de uma mulher que já comi.

A aspereza da sua voz provoca um calor no meu ventre.

Ele parece bravo. Com isso eu consigo lidar.

— Não quero delicadeza. Não de você. — As palavras soam cruéis ao sair dos meus lábios, mas ele as engole com beijos, sem se preocupar.

Cameron se mexe no sofá e deixa meu corpo cair nas almofadas, abrindo o colete e tirando a camisa pela cabeça.

— Algo me diz que você nunca conheceu nada além de homens perversos. Eu não sou a exceção — diz ele, abrindo meu colete também.

Ele fica ainda mais bonito à meia-luz. O calor da luminária na mesa lateral o banha em uma riqueza de tons intensos. Cameron levanta minha blusa devagar, até deixar meus seios expostos. Ele os encara como se estivesse morto de fome.

— Porra, você é muito gostosa.

Ele deita em cima de mim, apoiando as mãos ao meu redor. Tem o dobro do meu tamanho, de puro músculo definido, tatuagens e cicatrizes fascinantes que permeiam seu torso.

Levanto a mão e toco uma cicatriz comprida que acompanha a

extensão do seu esterno. É como se alguém tivesse tentado arrancar seu coração. *Literalmente*.

— Como você arranjou essa? — pergunto, traçando a pele irregular e sensível.

Tem uma grande tatuagem em cima da cicatriz, como se para exaltá-la. Ele leva a boca ao meu seio e afasta meu sutiã.

— É bem deprimente.

— Eu gosto de coisas deprimentes — insisto.

Um suspiro passa pelos seus lábios, aquecendo minha pele.

— Eu sei que gosta... Bom, dez anos atrás minha mãe tentou me matar — murmura ele, acima do meu mamilo. Arrepios cobrem meus braços, tanto por causa da confissão quanto porque ele acaricia meu peito devagar com a língua. — Ela pegou a maior faca da cozinha e começou a me perseguir em casa. Eu gritei e implorei pra ela parar quando ela enfiou a lâmina na minha garganta.

Ele apoia a bochecha no meu peito, tocando com o dedo calejado a base da minha garganta, onde há uma depressão entre as clavículas. Solto um pequeno suspiro quando ele desliza o dedo com delicadeza pelo meu esterno.

— Ela não teve força pra atravessar os ossos com a faca, mas aquela miserável rasgou minha carne até o meio do peito.

O dedo dele para no centro do meu tórax.

Cameron ergue o rosto para mim, e seus olhos estão muito mais escuros do que de costume: tempestades e mais tempestades travando guerras por trás deles.

— Eu achei que fosse morrer aquela noite. — Uma risada irritada escapa dele. — Mas decidi que não era a minha hora. Dezessete anos é jovem demais pra morrer.

Ele vai subindo pela lateral do meu pescoço com beijos quentes, cravando os dentes na carne macia abaixo do meu maxilar e pressionando minha virilha com a mão. Eu me contorço debaixo

dele com o toque, soltando um gemido ofegante. Nunca me senti tão triste por alguém e tão excitada ao mesmo tempo.

Os caninos de Cameron são afiados, e a dor leve me causa um arrepio.

— O que você fez? — consigo pronunciar as palavras enquanto ele chupa meu pescoço.

Um nó se instala na minha garganta quando imagino um jovem Cameron tentando fugir da mãe, que empunha uma faca.

Ele me solta e desabotoa minha calça com habilidade. Cameron mantém os olhos fixos nos meus ao se levantar para tirar a própria calça. Luto para sustentar seu olhar enquanto ele liberta o pau cheio de veias.

— Eu tinha passado a manhã construindo uma casa de passarinho pra ela. Então, por causa da briga, tinha um monte de pregos espalhados pelo chão do meu quarto — diz ele, com a voz mais suave e assustadora que já ouvi. Como se o evento não tivesse sido nem um pouco traumático. — Um prego ficou preso na palma da minha mão quando eu caí, eu o arranquei e enfiei no olho dela.

O horror me inunda, e minha boca se abre. Ele coloca dois dedos dentro de mim e esfrega minhas paredes internas. O que era para ser um suspiro vira um gemido ofegante. Minhas costas se arqueiam quando ele me penetra com maestria. Ele retira os dedos, sorrindo ao ver como estou molhada, depois volta a se abaixar e me provoca com a cabecinha do pau enquanto beija meus lábios abertos, arrancando choques de mim.

— Quer saber o que eu fiz depois? — pergunta ele, metendo em mim devagar.

O tamanho da cabeça do seu pau me faz prender a respiração, e meu coração acelera tanto por causa da história quanto porque ele está entrando em mim.

— Me conta — sussurro no seu beijo venenoso.

Cameron empurra mais alguns centímetros para dentro, e eu

juro por Deus que nunca fui tão atormentada em toda a minha vida. O jeito como ele alarga e estica minha buceta faz meu quadril se empinar, querendo mais.

Choramingo, protestando quando ele para.

— Shhh. — Outro beijo ardente. — Eu achei o martelo. Quando ela gritou, segurando o olho ensanguentado, bati nela com o martelo o mais forte possível. Acertei o prego em cheio, e ele atravessou a cabeça dela.

Puta que pariu. Ele morde o lábio inferior para conter um sorriso, provavelmente porque sabe que é mórbido demais, mas eu percebo mesmo assim.

E é lindo pra caralho.

A maioria das pessoas não é atraída pela escuridão dos outros. Mas eu fico encantada com isso. Não quero desviar o olhar. Não quando se trata dele.

Cameron envolve minhas coxas com as mãos e crava os dedos no meu quadril. Solto um gemido quando ele me penetra ainda mais.

— Sinto muito, Cameron — sussurro.

Ele para e baixa o rosto para mim, e vejo uma centelha de dor em seu olhar, que depois é substituída por algo que não sei nomear. Suas sobrancelhas se franzem, e sua expressão fica gelada.

— Você sabe que eu não sou idiota, né?

Sua mudança súbita de tom me faz erguer os olhos para ele na hora. *De onde saiu isso?*

— Como assim? — pergunto, com inocência, tentando me ajustar ao seu pau, que no momento está me alargando e me deixando só meio lúcida.

Ele ri com crueldade e passa a língua nos lábios. Seus olhos estão com o mesmo brilho sombrio daquela noite em que ele perdeu o controle.

— Acha que eu não sei o que você tá fazendo? — Ele mete em

mim o mais forte possível, arrancando um grito da minha garganta. — Você só tá tentando me bajular, na esperança de me conquistar se eu te comer, não é isso?

Com os braços enganchados ao redor das minhas pernas, ele encosta o peito no meu, levantando minha bunda do sofá antes de estabelecer um ritmo de estocadas brutal, atingindo as partes mais profundas do meu ventre.

Não consigo nem responder enquanto ele me fode como se tivesse ódio de mim. Minhas unhas se fincam nas suas costas com a dor e o prazer que ele está me dando. Um fio de medo atravessa minha mente, o que só faz meus músculos se contraírem com ainda mais força em torno dele.

— Ai, caralho — eu grito, me agarrando a ele como se minha vida dependesse disso.

Ele ri e enfia o pau até o talo, esfregando o quadril no meu.

O pau de Cameron bate no colo do meu útero com tanta força que eu grito:

— Você é grande demais!

Ele geme enquanto eu me contorço debaixo dele e mete mais devagar, indo mais fundo.

Sua língua quente lambe minha garganta.

— Adoro quando você fala assim, linda. É sexy pra caralho.

O suor escorre da têmpora para o queixo dele.

Sou sobrecarregada pelo seu cheiro intenso de bétula enquanto ele me penetra sem dó. Meu orgasmo se aproxima cada vez mais, até que ele para e se retira de mim abruptamente. Só fico vazia por um instante, pois logo ele me puxa pela cintura, se senta no sofá e me coloca de volta em cima do seu pau encharcado.

Meus olhos se demoram no seu pau, que pulsa embaixo do meu corpo, me mostrando exatamente quão animado ele está para voltar para dentro de mim. Ele me solta e abre os braços no encosto do sofá, com um sorriso convencido nos lábios. Esse lado

dele é completamente insano. É a coisa mais sexy e mais eufórica que eu já vivi.

— Vem — estimula ele, olhando para o próprio pau, depois de volta para mim.

Meu sorriso deve ser sinistro, porque suas sobrancelhas se erguem com tensão quando coloco as mãos em torno da sua garganta e sento no seu pau devagar. A pressão com que agarro seu pescoço aumenta quanto mais eu desço pelo seu cacete.

— *Pooorra*, me enforca, Emery. Me faz jorrar porra dentro de você feito um soldadinho obediente.

Seus olhos estão semicerrados enquanto ele me observa trepar com ele e enforcá-lo. Nessa posição, seu pau é quase impossível de aguentar. O prazer faz meus olhos se revirarem, e nossos gemidos baixos permeiam o ar entre nós. Percebo que ele está quase lá quando agarra o encosto do sofá com mais força e as artérias no seu pescoço saltam com sua tentativa de se conter.

— Já vai acabar? — pergunto, maliciosa.

Cameron estreita os olhos com o desafio e pousa as mãos na minha cintura, me puxando com força para me deixar totalmente sentada no seu pau. Minhas costas se arqueiam quando ele empurra o quadril para cima. Eu grito com a pressão. É tão gostoso que reviro os olhos.

— Pronta pra receber meu sêmen, Em? Não vou parar até você deixar meu pau ensopado com seu gozo doce.

Ele roça a virilha na minha, e a fricção no meu clitóris comigo completamente sentada em seu pau me faz atingir o clímax. Agarro os pulsos dele, e ele continua se mexendo enquanto eu gozo. Meus gemidos são vergonhosamente altos, mas o chacoalhar do trem os abafa, e na verdade eu não dou a mínima se alguém ouvir a gente agora.

— *Cameron* — eu choramingo, desabando com força e deixando meu peito colidir com o dele.

Ele me penetra mais algumas vezes, depois me segura com firmeza sentada nele. Seu corpo inteiro enrijece, e ele fica tão imóvel que dá para sentir seu pau latejante pulsando e jorrando porra bem no fundo da minha buceta. Seu gemido é baixo e selvagem, libertando algo dentro de mim que eu nem sabia que existia. Fecho os olhos e me deleito com a sensação dele no meu baixo ventre.

Sua mão aperta minha barriga, aplicando pressão e atraindo meus olhos para baixo. Há uma pequena protuberância onde a cabeça do seu pau está.

Sua voz é simplesmente imponente.

— Nunca consegui ver meu pau através da barriga de alguém antes.

Ele aperta o ponto de novo, e a pressão faz minhas paredes internas espremerem seu pau ainda *muito* ereto. Nós dois gememos.

— Para com isso — digo, com um sorriso, dando um tapa na sua mão.

Ele olha para mim, e, na mesma hora, saímos do túnel, e a luz do sol atinge seus olhos cor de sálvia como uma frestinha do paraíso. Ele me encara como se eu também fosse um ser etéreo e sombrio. A mania desapareceu do seu olhar.

Depois de um momento, caio na real e percebo que estamos nos olhando boquiabertos. Devagar, saio de cima dele, fazendo uma careta com a dor que já está se espalhando entre as minhas coxas. *Ótimo*, *agora vou ficar sentindo isso durante o primeiro teste inteiro.*

Minha intenção é ir para o outro lado do sofá, mas Cameron coloca a mão na minha lombar e me segura junto ao peito. Ele se inclina para trás até estarmos deitados nus, comigo em seus braços. Penso em tentar me desvencilhar, mas estaria mentindo se dissesse que não gosto do calor do seu abraço.

— Eu não tô tentando te *bajular*, sabe — retruco, irritada por

ele ter presumido isso.

Sua mão traça minha omoplata suavemente.

Nunca me permiti ser tão vulnerável assim com ninguém. Nunca fui abraçada com tanta delicadeza, nem olhada desse jeito que Cameron me examina.

Isso faz eu me sentir fraca.

Me pergunto se faz a mesma coisa com ele.

Ele respira fundo e enrola uma mecha do meu cabelo no dedo.

— Eu sei. — Sua voz sai baixa e branda.

Ele não tenta elaborar, nem eu peço que o faça.

Nós dois sabemos que ele está enlouquecendo.

15

Emery

Devo ter sucumbido à exaustão em algum momento, porque acordo com meu corpo atingindo o chão enquanto o compartimento sacoleja.

Pânico inunda minhas veias, e vejo Cameron respirando ofegante acima de mim, com os olhos arregalados de confusão. Recuo depressa até sair de baixo dele. Seus olhos apáticos me seguem como os de uma besta sem alma.

— Cameron — digo, ríspida, mas ele me encara sem me ver.

Sinto uma pontada de dor no coração ao vê-lo desse jeito. Ele claramente não está bem. Um fio de sangue desce pelos seus lábios e escorre pelo queixo. Ele rasteja na minha direção, com os olhos fundos, carregados de intenção letal.

Coloco a mão para trás, sentindo algo volumoso na mochila dele. O conhecido som de comprimidos chacoalhando me atinge. *Talvez isso funcione*.

Ele se abaixa junto à calça largada no chão e desembainha a faca de combate. Meu coração dispara quando ele abre um sorriso ameaçador para mim.

Abro depressa o zíper da sua mochila e tateio o frasco. A tampa se desenrosca e as cápsulas se espalham pelo chão quando o trem desacelera abruptamente. O impulso joga Cameron para o lado, e seus olhos recaem sobre os comprimidos. Ele pisca com força algumas vezes, olhando para mim, depois volta a olhar para

elas. A luz retornou ao seu olhar, e ele pega quatro comprimidos, depois os enfia na boca e engole. Ele se deixa cair de costas e fica deitado ali, imóvel.

O trem desacelera gradualmente até parar por completo. Eu permaneço onde estou, com a respiração entrecortada, e fico de olho em Cameron até ter certeza de que ele voltou ao normal.

Minhas pernas tremem enquanto volto a me vestir com cuidado. Quando tomo coragem, meu olhar sobe pelo peito dele até nossos olhares se cruzarem.

Um sorriso irônico se espalha pelos seus lábios.

— Essa foi por pouco, né? — brinca ele, mas não tem a menor graça.

— Você estava prestes a me matar com o pau pra fora. — Atiro as roupas no peito dele com o máximo de força possível.

Ele as pega com uma gargalhada profunda.

— Teria sido interessante. — Seu tom bem-humorado não tem a displicência de costume.

Só estou aliviada por não precisar temer pela minha vida por enquanto.

— Se veste. Acho que estamos no posto de controle.

— Sim, senhora — diz Cameron, num tom jovial.

Mas seu sorrisinho não chega aos olhos. Tento não ficar focada nisso. Ele deve odiar não conseguir se controlar, e fazê-lo se sentir mal por isso não vai me levar a nada.

Me volto para a janela e encaro o vasto e branco nada da nossa localização.

Como esperado, somos os últimos a receber permissão para sair do trem e somos levados depressa para o único caminhão restante. Para minha surpresa, é um veículo tático antigo que parece totalmente deslocado nesse mundo de neve, sem nada por perto além do trem e de um edifício semelhante a um galpão que deve ser a estação, onde o condutor pode descansar.

Quatro soldados armados nos transportam pelo restante do caminho. Passamos a viajar devagar quando chegamos a um ponto mais elevado e o caminhão tem que atravessar uma camada de trinta centímetros de neve. As estradas não foram limpas, mas os pneus dos outros caminhões deixaram uma trilha decente. Cameron e o motorista batem papo casualmente enquanto eu cochilo algumas vezes apoiada no ombro de Cam.

Não é uma jornada muito longa, cerca de três horas.

Quando finalmente vemos o paredão da floresta, a lua já está no centro do céu. Lobos uivam a distância, e o ar está tão frio que machuca minhas narinas.

Estamos no meio do nada.

Os outros caminhões já estão quase descarregados quando saímos do veículo. Nossa farda tática não protege muito contra as temperaturas gélidas, que me deixam sem ar e fazem meus olhos arderem. Procuro Bree e Damian, mas não os vejo em canto nenhum da multidão. Eu não chegaria a dizer que são nossos inimigos, o que significa que talvez valha a pena mantê-los à vista. Minha interação com Bree ontem à noite me dá uma pontinha de esperança.

— Podem se juntar aos outros, já vamos começar — diz o sargento instrutor Adams, parando ao lado dos soldados que nos trouxeram até aqui.

Cameron ergue o polegar preguiçosamente para fazer sinal de positivo, depois nos conduz na direção do grupo. Eu o sigo com hesitação, olhando de soslaio para sua mochila e rezando para ele ter se lembrado de pegar os comprimidos no trem. Ele não tomou nenhum no caminhão, e eu não tenho ideia de quanto tempo leva para ele surtar daquele jeito. Não sei direito se as pílulas ajudam ou pioram tudo, mas certamente chamam sua atenção quando ele perde a cabeça.

Ele percebe que estou andando alguns passos atrás dele.

— Vem, a gente tem que ficar junto — diz Cameron, casualmente, se abaixando e pegando minha mão.

Eu abaixo o queixo para não precisar ver todos os olhares que estamos recebendo. Inveja. Eles acham que Cameron está me protegendo. *Se ao menos tivessem visto ele tentando me matar no caminho.*

— Você precisa piorar as coisas? Eles já odeiam a gente — sussurro, puxando a mão de volta.

Cameron só dá um sorrisinho quando paramos próximos ao grupo. Seu cabelo loiro-claro balança com a brisa. Me dou conta de que nunca tinha visto seu cabelo à luz do luar. É um visual atraente, que deixa cada ângulo afiado de suas bochechas e nariz mais bonito. A lua é enganosa, fazendo-o parecer inofensivo.

Foco, lembro a mim mesma.

Avisto Bree e Damian perto do centro do grupo. Ela foi legal comigo ontem à noite, mas ainda não sei se posso confiar nela. E, principalmente, não confio em Damian. Mas são as únicas pessoas com quem tenho uma mínima relação. Minha atenção retorna para o sargento instrutor quando ele sobe numa pequena colina à frente de todos.

— Atenção, cadetes. O primeiro teste começará em breve. Vocês vão descer até o porão à sua esquerda, onde receberão equipamentos, comida, implantes e máscaras. Vou explicar o restante assim que vocês passarem por lá e forem liberados do outro lado.

Todo mundo fica paralisado por um instante. Ninguém quer ser o primeiro a descer para o *porão*. Eu com certeza não quero.

O terreno que leva até lá é íngreme, descendo até uma espécie de bunker. É tão bem escondido que me deixa agoniada. Meu pai tinha lugares como esse instalados nos seus esconderijos que ficavam espalhados pelo mundo todo para o caso de ele precisar fazer negócios em determinado local. Será que foi meu pai que

construiu isso para eles? Eu não duvido. O estilo é semelhante ao do seu trabalho. Se foi ele mesmo, será que sabe sobre as Tropas Ocultas? Engulo em seco, desconfortável com a ideia.

Alguns dos homens que parecem mais perto dos trinta tomam a dianteira, caminhando em um ritmo firme, com o peito estufado. É claro que bem à frente do grupo estão Arnold e Wraith.

Todo mundo mantém uma boa distância deles, o que me faz lembrar que os dois mataram um cadete nos banheiros na minha segunda semana no Sub. E nem foi grande coisa, ninguém reagiu. Os guardas só removeram o corpo como se nada tivesse acontecido.

Vai ser um pé no saco lutar com eles se os encontrarmos. Bom, na verdade *quando* os encontrarmos, porque tenho certeza de que eles vão procurar por nós de um jeito ou de outro.

Nos afunilamos para adentrar o bunker, que é basicamente uma sala subterrânea gigante. Minhas pernas parecem feitas de chumbo, relutantes em dar um passo sequer para dentro do porão, mas os cadetes atrás de mim me empurram para a frente.

Cameron me olha de relance com a sobrancelha levantada.

— O que foi?

Balanço a cabeça.

— Tenho a sensação de que isso vai ser um banho de sangue.

Cameron aperta a boca ao observar meu estado nervoso.

— Depende da prova. Vamos descobrir logo logo.

Seu comportamento calmo não faz com que eu me sinta melhor.

A entrada é feita de uma parede metálica preta com uma abertura que é uma espécie de portão de garagem. Sou atingida por uma onda de calor vinda dos aquecedores no teto e pelo cheiro de aço. As paredes são de um metal prateado que reflete as luzes fortes em todos os ângulos. É quase impossível manter os olhos abertos. Há uma fileira de mesas e soldados em cada lado da sala. Sou levada para a esquerda, enquanto Cameron é empurrado para a

direita.

Engulo em seco, ansiosa, encarando a mesa preta comprida e as pessoas com expressão séria do outro lado dela. Um soldado empurra uma bolsa preta para os meus braços sem dizer nada, depois eu continuo andando até a próxima pessoa. Outro oficial me analisa, depois atira para mim uma máscara diferente da que estão dando para os demais. A minha é rígida e tem uma estampa de caveira, enquanto as outras são máscaras simples de tecido preto.

Que porra é essa?

Somos instruídos a colocar as máscaras sobre o rosto, esconder o cabelo sob o casaco, se for longo, e prender os capacetes à cabeça.

Logo na saída, me entregam uma faca de combate preta. O oficial agarra meu punho e puxa minha manga para cima, depois prende em mim uma pulseira preta flexível com o número cento e um piscando na tela.

— Abaixa a cabeça — ordena o soldado ao lado dele, ríspido.

Ele tem uma seringa gigante em mãos. Sinto os joelhos fracos, mas obedeço e fecho os olhos quando ele me espeta com a agulha. Arde por alguns segundos, depois para.

— Próximo. — Ele me empurra para a frente, e eu saio esfregando o pescoço, arregalando os olhos ao perceber a pequena protuberância que agora existe ali.

Um rastreador? *Deus, estão tratando a gente feito animais.*

Aperto o passo para acompanhar as pessoas à minha frente. Não consigo distinguir nenhuma delas, nem mesmo as mulheres dos homens. Sinto uma pontada de preocupação no maxilar. Nunca vou saber qual deles é o Cameron, levando em conta que estamos cobertos da cabeça aos pés e a única luz é a do luar.

Um cadete caminha bem ao meu lado, e suas pernas longas sugerem que poderia ser Cameron, mas não dá para ter certeza. Ele engancha os polegares nas alças dos ombros do colete. A máscara

preta é feita de um tecido grosso que esconde seu rosto todo, com exceção dos olhos. A dele tem a estampa de uma caveira, assim como a minha.

Mori. Um símbolo da morte.

Estamos sendo destacados de propósito. Meu sangue gela, e já vejo os outros olhando mais para nós do que para qualquer um. É óbvio, porque sobressaímos tanto quanto umas merdas de bastões luminosos.

Cameron olha para mim enquanto continuo esfregando o pescoço; o brilho em seus olhos sugere um sorriso.

— O que você tá olhando? — pergunto, seca, franzindo as sobrancelhas e voltando a olhar para a frente.

Seus dedos se abrem inocentemente, os polegares ainda enganchados nas alças do colete, e ele diz:

— Nada, só admirando como Nolan ferrou a gente nesse primeiro teste. Mas não se preocupa, faz mais de um mês que não mato ninguém, então estou bem animado. Eu deixo alguns pra você. — Ele dá uma piscadela para mim. — Bem-vinda à alcateia, meu bem. Espero que esteja pronta pra sujar as mãos um pouquinho.

— Minhas mãos definitivamente estão mais do que um pouquinho sujas — resmungo em resposta.

Só não vem pra cima de mim. Fulmino-o com o olhar quando ele encara meu pescoço enfaticamente. O tenente Erik disse que ele fica descontrolado depois do esforço físico. Foi o que aconteceu com o sexo. Já dá para ver suas pupilas se dilatando com a empolgação para matar.

— É, eu quis dizer com sangue fresco. — Ele me empurra com o ombro, de brincadeira.

Meus olhos recaem sobre minhas mãos. Ao final desse primeiro dia, sei que elas vão estar manchadas. Estou acostumada com manchas. Eu cerro os punhos. *Vou fazer o que for preciso para*

sobreviver.

Cameron roça meu pescoço com a mão enluvada.

— Gostou dos rastreadores que a gente ganhou?

Eu sabia.

— Esse treco faz alguma coisa além de rastrear? — pergunto, em voz baixa.

Ele me olha por um instante, depois murmura:

— Vamos só dizer que é melhor não deixar nada ao acaso nos testes.

Ele toca o pescoço e imita uma explosão com a voz e a mão.

A bile sobe pela minha garganta.

— *O quê?* — pergunto, meio sussurrando, meio gritando. — Tem uma porra de um explosivo no nosso pescoço?

Cameron ri e dá um tapinha no capacete.

— Bom, é. Eles não vão simplesmente soltar a gente aqui fora. Você vai ficar bem, desde que permaneça dentro dos limites — diz ele, tranquilo, e a falta de preocupação na sua voz é um pouquinho reconfortante, pelo menos.

À medida que nos aproximamos do grupo, caminhando com dificuldade pela neve, ele continua observando cada um dos meus movimentos.

Olho feio para ele.

— O que foi?

— Só estou memorizando seus traços. — Ele fita os outros cadetes e parece estar avaliando-os também, deixando o olhar se demorar nos mais ameaçadores.

Eu devia tentar imitá-lo e descobrir o máximo possível, mas minhas mãos estão tremendo de ansiedade. É como passar meses estudando para uma prova e ter a sensação de que esqueceu tudo assim que recebe o papel.

Reed nunca me treinou para esse cenário. Eu estou acostumada a ter um método bem planejado e altamente

tecnológico. Não a enfrentar outros cem cadetes que também estão tentando sobreviver.

Sei que Cameron já passou pelos testes antes, mas como é possível ele não estar nem um pouco preocupado? Ele está agindo como se não fosse questão de vida ou morte, a nossa e a de outros cadetes. Ou talvez ele simplesmente não se importe. Alcançamos os outros recrutas e ficamos no fundo.

Adams está esperando à frente do grupo, assim como prometeu que estaria, e, quando o último cadete se junta a nós, ele pigarreia.

— Prova Um. Quão bem vocês conhecem seus parceiros? No campo de batalha, vocês não terão o luxo de perguntar quem é seu colega de esquadrão e quem é o inimigo. Precisam saber quem é quem em um milissegundo, sem sombra de dúvida. Como foram informados nas últimas semanas, vocês podem formar os times que quiserem para esta prova em particular. Mas quão bem vocês conhecem os soldados aos quais juraram lealdade? Conseguem encontrá-los antes que eles sejam mortos, antes que vocês os matem ou antes que eles matem vocês?

Os cadetes prendem a respiração e começam a virar a cabeça, procurando desesperadamente suas equipes pré-formadas.

Adams sorri diante do pânico despertado nos recrutas e continua, devagar:

— Como um todo, vocês terão vinte e quatro horas para baixar o número na sua pulseira para cinquenta. Se isso não acontecer até esse horário amanhã, os implantes no pescoço de vocês vão ser detonados aleatoriamente até restarem apenas cinquenta cadetes. O mesmo vale para qualquer um que tentar escapar ou ultrapassar os limites. Vocês vão receber quatro bipes de alerta antes de serem mortos, mas não temam, ainda terão centenas de acres de mata nos quais brincar e se esconder.

Isso aqui vai ser uma carnificina. Alguns dos maiores recrutas já

estão agarrando as facas cheios de animação, saltitando na ponta dos pés, prontos para o abate. Um segura o próprio braço: Wraith. Pelo menos ele vai ser fácil de encontrar na multidão, com esse ferimento.

— Não haverá armas nessa rodada. Só os cadetes que podem provar que são capazes de matar com as próprias mãos são dignos de se juntar a um esquadrão. Também vamos avaliar seus instintos de sobrevivência e seu intelecto. Sua farda tática está equipada com cápsulas aquecidas que vão lhes fornecer calor suficiente para não desenvolver hipotermia, então, para a sorte de vocês, congelar até a morte não será uma opção.

Que presente divino. Reviro os olhos. Adams parece muito orgulhoso de si mesmo.

— Há câmeras espalhadas por toda a floresta, então não façam nada que eu não faria. — Presumo que isso signifique que tudo é liberado, pelo jeito como ele ri do próprio comentário. — Vocês vão começar a prova ao final da minha contagem regressiva, nem um segundo antes. Para aqueles que quiserem correr para se esconder, recomendo que façam isso agora, antes de eu terminar de contar. — O sargento instrutor Adams faz uma pausa.

Ninguém move um músculo. Acho que estão todos tão chocados quanto eu.

Então ele grita:

— Nove. Oito.

Como se uma bala tivesse atingido meu peito, eu disparo para a mata. Não faço ideia se Cameron está me seguindo, meu único foco é me afastar o máximo possível do local da contagem, porque vai ser brutal. Sempre haverá um grupo de pessoas que querem provar que são superiores ao resto de nós, as que querem mostrar que não têm medo da morte. *Meu Deus, o Cameron deve ser uma dessas pessoas.*

Não quero estar nem perto desse cenário.

Minha movimentação provoca desordem, porque outros cadetes começam a correr na direção das árvores também. Alcanço o primeiro pinheiro antes de o sargento instrutor chegar ao um, e me viro a tempo de ver mais da metade dos recrutas começar a rasgar as gargantas e barrigas uns dos outros com suas facas de combate.

O terror se abate sobre mim como um martelo de guerra enquanto observo a selvageria com que eles se matam. Os movimentos são tão rápidos e perversos que não tem como qualquer um deles sequer estar tentando decifrar quem é que está esfaqueando. Vermelho. Só há vermelho e vapor subindo da área, acompanhados por gritos tão altos que fazem meu estômago embrulhar.

As equipes planejadas provavelmente já foram desfeitas. Não estou vendo o sargento instrutor no meio da bagunça, mas tenho certeza de que ele está adorando o caos.

Minha respiração fica tão alta que não consigo ouvir nada além dela e dos meus batimentos cardíacos. Um movimento à minha esquerda desvia meu foco do banho de sangue para um cadete grande que está correndo direto para mim enquanto eu fico assistindo à carnificina se desenrolar no campo como uma idiota.

Porra!

Disparo depressa pela floresta. O solo está totalmente congelado, mas pelo menos não tem tanta neve sob as copas das árvores. Rezo a cada passo para não pisar numa camada de gelo e escorregar.

Galhos estalam atrás de mim. O soldado está na minha cola.

Me atrevo a dar uma olhada por cima do ombro, torcendo para ser só Cameron tentando me assustar, mas os olhos do homem são escuros, cheios de uma fome de matar alguma coisa. Forço minhas pernas a se mexerem mais rápido.

Uma protuberância preta no chão quase me faz tropeçar, mas

eu salto bem a tempo. Mas o homem atrás de mim não. Ele tropeça no corpo e cai sobre os cotovelos, soltando um gemido alto.

Essa é minha chance.

Eu me viro e avanço na direção dele enquanto ainda está atônito, sacando a faca e enterrando-a no lado esquerdo de suas costas. A lâmina atravessa uma costela, e, embora a guarda pare em sua carne, sei que perfurei seu coração.

O homem solta um grito. É um som moribundo, tão gutural e vulnerável que quase faz com que eu me sinta mal. Uma versão antiga de mim se importaria com o fato de ter acabado de matar um estranho, mas eu dei um fim naquela vaca há muito tempo. Se sou eu ou eles, vou escolher a mim mesma.

Não fico esperando ele morrer. Ainda estou perto demais do local da contagem e me preocupo que outros cadetes possam tê-lo ouvido gritar.

Arranco a lâmina das costas dele impiedosamente e tiro a faca da sua mão também, embainhando a minha, uma vez que já está coberta de sangue e escorregadia. Se eu for atacada de novo, preciso conseguir segurar firme. Sangue é tão escorregadio quanto óleo quando está fresco e pode ser a causa da minha ruína.

Dou uma olhada rápida ao redor, com minha respiração formando nuvens de vapor no ar, e corro na direção de onde ouço vir o menor número de gritos. Meu corpo está inteiro coberto de um suor frio, e meu coração bate alto nos meus ouvidos. Perdi completamente o foco. Preciso me acalmar e deixar a adrenalina baixar. Quero desesperadamente tirar a jaqueta tática, mas sei que está frio demais e que vou ter hipotermia se fizer isso.

Não estou acostumada a essa bagunça imprevisível. Todo o meu treinamento e meus "trabalhos" prévios foram totalmente planejados e tranquilos, como invadir pequenos bunkers ou prédios. Mas isso? Isso aqui é enlouquecedor. Não me admira que Cameron tenha tomado as rédeas da situação e me ensinado a

matar um homem com a porra dos meus dentes. Pensei que ele era doido por sequer pensar que isso seria necessário, mas estou começando a comprar a ideia.

Cadê o Cameron, caralho?, me preocupo enquanto forço minhas pernas a se moverem mais depressa. Os gemidos e gritos a distância vão diminuindo à medida que me embrenho na floresta.

Depois do que parece uma hora, finalmente desabo junto a uma árvore para descansar e controlar minha respiração. É difícil ouvir qualquer coisa acima dos meus próprios batimentos, mas me acalmo o suficiente para escutar. Após alguns minutos de silêncio, olho ao redor da árvore às minhas costas e inspeciono a área.

Alguns centímetros de neve cobrem tudo, do musgo nos galhos do pinheiro às rochas no chão. A marca dos meus passos é visível. *Puta merda*. Agarro a faca com força. Vai ser só questão de tempo até alguém me encontrar aqui.

A pulseira no meu pulso vibra, atraindo meus olhos para si. O número era cento e um quando a prova começou e já baixou para oitenta. Eu ranjo os dentes. Torço muito para que Cameron tenha sido esperto o bastante para não permanecer no lugar da contagem. Não que ele precise que eu me preocupe com ele, mas consigo imaginá-lo sendo imprudente.

Espero quase trinta minutos antes de voltar a andar. Minhas pernas estão queimando e me arrependo de não ter treinado mais cárdio enquanto estava na prisão, aguardando minha sentença. Mas como é que eu ia saber que ia acabar nessa situação?

De algum jeito, o silêncio ao meu redor é pior do que os gritos.

Pelo menos antes eu sabia em que direção não ir. Agora, cada direção é uma aposta. É assustador não conseguir ouvir nada. Continuo andando para o sul, tentando ser o mais silenciosa possível. Cada galho e pedaço de gelo que se parte sob as minhas botas ameaça denunciar minha posição.

Sei que Cameron está por aí me observando. Consigo sentir seus olhos na minha nuca. É inquietante. Parte de mim pensou que ele ia me seguir de perto, para que eu soubesse seu paradeiro, ou até que estaria desbravando o terreno ao meu lado, mas é perturbador saber que ele é tão bom assim em esconder a própria presença.

Será que eu reconheceria Cameron só pelas suas características se esbarrasse com ele? Em movimento, sem dizer nada? Nossas máscaras são diferentes das demais, mas de costas podemos ser qualquer um. Não tenho tanta certeza de que conseguiria distingui-lo dos outros.

Será que ele tentaria me matar? Bufo, zombando de mim mesma. Claro que tentaria. Seus olhos no trem me fitaram sem nem me ver. Eu não era uma pessoa. Eu não era a Emery para ele. Ou talvez fosse, e ele não ligou.

A gola da minha blusa aperta minha garganta quando alguém agarra a parte de trás do meu colarinho. Meus olhos se arregalam, e, antes que eu possa soltar um gritinho de surpresa, uma luva fria tapa meus lábios. Fecho os olhos com força e espero o corte final na garganta.

Mas ele não vem.

A pessoa puxa minha cabeça para si, me forçando a dar um passo para trás. O som de algo desmoronando atrai meus olhos para baixo, e vejo que há um penhasco a um passo de distância. O suor brota acima dos meus lábios enquanto o soldado continua a me conduzir para longe da beirada.

Depois de alguns metros, ele finalmente me solta. Eu me viro, pronta para sacar a faca, caso o soldado tenha a intenção de lutar. Mas quando meus dedos roçam o cabo e meus olhos se erguem para a pessoa, eu congelo, reconhecendo o lindo tom de verde antes de identificar sua máscara.

— Cameron.

Ele está com uma expressão severa, que só suas sobrancelhas franzidas denunciam. Seus olhos frios fazem com que seus pensamentos continuem um mistério para mim.

Eu o observo, confusa e tentando decidir se ele está ou não são no momento. Minha mão ainda paira sobre a faca embainhada.

Cameron estreita os olhos como se eu o tivesse ofendido, depois desvia o olhar bruscamente.

— Você estava esperando que outra pessoa viesse te salvar? — vocifera ele.

Sorrio ao ouvir seu sotaque e deixo que o pequeno alívio de sua presença familiar me invada.

Não importa quanto tempo eu passe na órbita desse homem, não consigo entendê-lo. Meio que gosto disso nele.

Um suspiro escapa dos meus lábios.

— Acho que não. Você ficou me seguindo esse tempo todo?

Eu vou atrás dele quando ele se vira e caminha em silêncio pela beira do precipício, na direção leste da floresta.

Por que ele está tão quieto? Ergo as sobrancelhas.

Ele abaixa o tecido preto da máscara, tira o Zippo e um cigarro do bolso e o acende na primeira tentativa. A parte de cima da máscara, o escudo em forma de caveira, permanece no lugar, o que o faz parecer a porra da morte. Uma lufada de fumaça sai dos seus lábios quando ele resmunga:

— Claro que sim.

Eu já sabia que ele estava me seguindo, mas como ele conseguiu me alcançar de fininho e me salvar ao mesmo tempo está além da minha compreensão.

— Mesmo depois de todos os nossos treinos, eu não consegui ouvir você se aproximar. — Minha voz sai baixa, mas, nessa noite, já passei do ponto de me importar com meu orgulho.

Cameron ri e sopra uma nuvem de fumaça.

— Você não vai conseguir me superar, mas também está

pensando demais. Precisa se concentrar. E se eu estivesse te seguindo pra te matar?

Ele vira a cabeça o suficiente para me olhar de soslaio. Minhas bochechas esquentam com a crueldade provocadora que habita seu olhar.

Ele está falando sério. Mas tem mais alguma coisa ali que fica marcada em mim. Uma coisa carregada de tristeza.

Engulo minha hesitação.

— Então eu me considero sortuda por você pelo menos gostar de mim o suficiente pra não cortar minha garganta.

Minhas palavras devem ter tocado num ponto sensível, porque ele estremece e desvia o olhar. Ambos sabemos que ele chegou perto de fazer isso na biblioteca *e* no trem.

— É, sorte a sua — diz ele, soando derrotado ao voltar a andar, deixando cair a mão com o cigarro.

Caminhamos em silêncio por um tempo, sob as estrelas que despontam através das copas das árvores. Eu olho para elas, me perguntando onde estaria agora se não tivesse matado as pessoas na vida que levava antes dessa. Não é como se eu tivesse tido muita escolha, mas também nunca me importei tanto assim. Você colhe o que planta, como dizem.

Ai. Dou de cara com as costas de Cameron.

Ele ignora e aponta para uma vala.

— É um bom lugar pra você se esconder um tempinho — diz ele, e me olha com expressão desafiadora.

Eu encaro a vala e só consigo imaginá-la como meu túmulo. Será que alguém seria capaz de me encontrar se eu fosse deixada no fundo dela? Reed ficaria envergonhado se eu acabasse num lugar desses.

Cerro os dentes.

— Eu não vou me esconder.

Ele sorri.

— Não?
— Não.
Cameron se vira para mim.
— Então vamos caçar?

16

Cameron

Os olhos de Emery estão desconfiados mas determinados.

— É, não quero ficar sentada aqui esperando tudo acabar. Tem uns babacas na minha lista.

A pequena Em tem uma porra de uma lista? Sorrio ao sentir o cheiro floral de sua pele quando ela passa por mim. É tão doce quanto seus lábios.

— Ah, é? E como você vai fazer isso? Não se sente mal por matar pessoas que nem conhece? — pergunto, na esperança de entender melhor o que ela pensa.

Até agora, ela escondeu muito bem seu passado de mim, me contando apenas algumas coisinhas vez ou outra. O que só me deixa mais curioso, faminto para saber o que ela fez de tão horrível que não quer contar para alguém como eu. Será que já não compartilhei o suficiente para em troca saber ao menos um pedaço da história dela?

A pergunta me rende uma cara feia por cima do ombro. Ela fica em silêncio por um instante, depois murmura:

— Isso nunca me impediu antes.

A ira em seu tom é perceptível. Quero me deleitar nesse sentimento, consumir as partes mais sombrias dela.

— Você tá dizendo que não se sente mal pelo que fez no passado? Não acredito em você — retruco, diminuindo o passo quando ela faz o mesmo.

Ela se vira para mim, me examinando com os olhos apertados. Queria poder ver sua boca retorcida de raiva e toda a fúria que ela guarda no coração sob a máscara.

— Acredite no que quiser, *Mori*.

Não gosto quando ela me chama assim.

— Minha historinha sobre minha *querida* mãe deve me render alguma coisa do seu passado, não? — Quando passo por ela, dou um tapinha em seu capacete, fazendo sua cabeça se inclinar para o lado. Ela solta o ar bem alto, trazendo um sorriso aos meus lábios.

— Você vai parar de me encher o saco se eu te contar alguma coisa?

Me viro para ela, caminhando de costas casualmente, e levo a mão ao coração, demonstrando minha sinceridade.

Emery me observa por um instante, depois desvia o rosto para não precisar olhar para mim.

— Mavestelli é um nome fatal de carregar. Muitos dizem que é um fardo. Mas, se quiser saber o que eu acho, é só um nome. Foi o sangue dos homens e as cinzas de outras famílias que deram aos Mavestelli o poder que temos hoje.

O ritmo dela diminui, seu olhar encontra algo nostálgico a distância, talvez.

— Maves é diminutivo de... Mavestelli? — pergunto, perplexo.

Ela me fita com olhos tão gelados que me queimam.

— Eu era a carrasca do Greg Mavestelli. Comecei a matar por ele quando tinha dezesseis anos e só parei quando fomos pegos. Quer dizer, na verdade, quando ele me entregou pra se salvar.

Um suspiro de choque escapa de mim.

Ela continua:

— Eu deixei muitos corpos daquele jeito pra zombar dele. Pra chamar a atenção das autoridades pra nossa família. Eu queria que aquilo tivesse um fim, mas achei que nós dois acabaríamos na prisão. Não só eu.

Arregalo os olhos enquanto a observo. Ela não parece capaz de ser uma carrasca, muito menos para a família Mavestelli.

Só ouvi alguém pronunciar esse nome uma vez antes de conhecê-la, e foi dito com muita severidade. O Esquadrão Malum recebeu a missão de interferir no comércio de um produto ilegal, ou pelo menos foi isso que me disseram. Os detalhes nunca foram vazados, mas todo mundo sabia que era uma missão perigosa. O nome *carrasco* circulou por algumas semanas, e eu me entreguei a uma obsessão pelo jeito como o carrasco dos Mavestelli matava e deixava os corpos para trás.

Eu estudei esse assassino por anos, colecionei recortes de jornal de todo canto, e até aprendi alguns dos métodos dele. Será que ela viu as notícias na minha escrivaninha e no meu livro? Pensar nisso faz minhas bochechas esquentarem.

Só que eu não sabia que era uma *mulher*. Muito menos a doce e tímida Emery. Ela parece mais familiar para mim agora, embora eu a conheça por outro nome.

— O Carrasco da Extirpação. Acho que já ouvi falar de você — distorço um pouquinho a verdade.

— Minha infâmia está viva no mercado clandestino e no submundo, então não fico surpresa que você já tenha ouvido esse nome. — O tom dela é despreocupado, mas me pergunto se é mesmo assim que ela se sente.

Ouvir falar dela é um eufemismo. Depois que fiquei sabendo da existência do carrasco, comecei a seguir os rastros de sangue que ele deixava. Muitos corpos ficaram de fora da sentença oficial, se ela só foi denunciada por dez. Eu liguei pelo menos trinta a ela. Fiquei encantado com suas representações macabras da morte. Eram artísticas, lindas.

Solitárias.

Sua marca registrada era desenhar um x cor-de-rosa sobre os olhos com caneta em gel.

— Você gostava de deixar suas vítimas em posições estranhas com um x cor-de-rosa. *Um lunático com um marcador*, os jornais criticavam, mas eu sabia que no fundo o responsável era um artista. Passei a gostar muito do seu trabalho. Suas últimas vítimas foram uma história à parte, uma mariposa escapando de um casulo. Se despindo das próprias cascas. Foi... brilhante. Morbidamente encantador — digo, com um sorriso genuíno, mas ela só estreita os olhos ao ouvir isso.

— Não vem fingir que entendia o que eu estava tentando transmitir. Eu queria fazer coisas bonitas na vida, não matar pessoas, então me conformei com o meio-termo — rebate ela.

As palavras que ela disse no trem voltam à minha mente. "Um negócio de família." Não imaginei que era isso que ela queria dizer.

Acho que os frascos mais bonitos contêm as mentes mais sombrias às vezes. Não consigo impedir o sorriso que se espalha pelos meus lábios enquanto a analiso.

Abro a boca para retrucar alguma coisa, mas a neve estala alguns metros à nossa esquerda. Viramos a cabeça nessa direção. É uma noite escura, com apenas a metade de uma lua iluminando o mundo abaixo dela; a neve brilha e trai os quatro homens vestindo uniforme tático da cabeça aos pés.

Levo a mão à faca de combate instintivamente, mas então travo, lembrando a mim mesmo que, se eu começar a matá-los, talvez não consiga parar. Cerro o punho a dois centímetros do cabo e trinco os dentes. Ela volta os olhos arregalados para mim, ponderando o que vou fazer agora.

— Você não pode enfrentar todos eles sozinha. Você precisa correr. Vou levar alguns deles pra longe e matá-los onde não vou estar perto o bastante pra matar você também — sussurro, depois saio correndo pelo caminho de onde viemos, na esperança de que a maioria deles me siga.

O Nolan tá testando meu controle de verdade com ela.

Deslizo para dentro da vala que passamos mais cedo e fico esperando por eles. Aperto o maxilar ao ouvir o som de apenas um vindo atrás de mim. Ele corre de uma maneira desajeitada, deixando a perna de trás se arrastar um pouquinho na neve, o que provoca um barulho desnecessário.

Meu Deus, você não duraria um minuto nas Tropas Ocultas. Às vezes acho que eles trazem criminosos para cá só para o abate. Esse aqui definitivamente se encaixaria nessa categoria.

Ele passa por mim sem hesitar.

Eu pego a faca e escalo a encosta, alcançando o desgraçado barulhento. Ele está totalmente alheio à minha presença. É nessa parte que geralmente fico chapado de empolgação, mas não me sinto animado quando envolvo o queixo dele com a mão e o forço a olhar para o céu. Não me sinto animado quando enfio a faca em sua garganta e faço um corte do pescoço até o esterno. Não me sinto animado nem quando seus gorgolejos ofegantes o fazem se afogar no próprio sangue.

Largo o corpo do homem, e o vapor sobe quando o sangue encontra a neve.

Que porra tá acontecendo?

Olho para minhas mãos. Eu sempre adoro essa parte. Já faz muito tempo que não mato ninguém, então por que...

Um grito agudo ecoa entre as árvores, e eu me lembro de que três desses homens estão atacando Emery. Era para eles todos me seguirem, mas não me surpreende que tenham ido atrás da menor entre nós dois. Agora que sei que ela é a carrasca que sempre idolatrei, fico aliviado por ter passado um tempo treinando luta de faca com ela. O carrasco só usava balas para matar suas vítimas. Ela teria ficado meio abalada com isso.

Silenciosamente, atravesso a neve e a vegetação rasteira. Não é difícil localizá-los, com toda a briga e os palavrões.

Me ajoelho ao lado de uma árvore e observo três silhuetas

pretas lutarem violentamente na neve. O sangue vermelho já manchou a área ao redor delas. Um cadete já está morto. Sei que não é Emery, porque ela é muito menor do que todos eles. Seu pé direito tem o hábito maldoso de se enganchar atrás das pernas para capturar sua presa.

Fui eu que ensinei isso pra ela.

Ela também segura a faca mais perto do centro de gravidade do que qualquer um. Eu a estudei por horas na sala de armas, admirando-a mais do que deveria, mas agora a reconheceria mesmo se ela estivesse no meio de um exército de homens.

Um sorriso se espalha pelos meus lábios quando a vejo enfrentar os dois caras grandões como se não fossem nada. Ela é jogada para longe do cara embaixo dela, então rola para se levantar e salta com a lâmina empunhada. Ela corta o tendão de Aquiles do soldado que está de pé sem nem piscar, fazendo-o desabar no chão com facilidade. Ele grita enquanto o sangue esguicha da parte traseira de sua bota.

Algo se aquece na minha garganta, e a animação que eu estava esperando mais cedo, mas não vinha, inunda as cavidades do meu peito e vai parar na grossura do meu pau. Nunca fiquei excitado com os assassinatos de outra pessoa. Só com os meus.

Mas isso? Isso aqui é completamente diferente. Minha pele fica toda arrepiada.

Ignoro a ereção o melhor que posso enquanto a observo rastejar em cima do soldado, cortar as alças do seu colete e serrar o centro do corpo dele. Ele grita e se debate quando ela perfura sua aorta. A pressão do sangue é tão alta que ele literalmente jorra do peito do homem, espirrando depressa no ar. Ele fica imóvel embaixo dela em questão de segundos e gorgoleja algumas vezes antes de seu corpo amolecer.

Um gemido escapa dos meus lábios, e meu pau lateja. Enfio a mão na calça e pego meu pau necessitado. Já há uma gota de pré-

gozo na cabeça, molhando minha cueca. *Porra. Isso é sexy pra caralho.* Eu sabia que ela estava se contendo um pouco no Sub, mas isso? Jamais teria imaginado.

O último recruta que sobrou a encara com a repulsa dançando nos olhos, depois se vira para fugir. Eu quase grito para ela não deixá-lo escapar, que estou quase gozando, porque ela é perfeita pra cacete de todos os jeitos imagináveis, e eu quero ver mais. Ela é mais rápida que eu e se levanta graciosamente e, em um movimento suave, atira a KA-BAR direto na espinha dorsal do recruta fujão.

O soldado solta um grito estrangulado e cai na neve como um pássaro abatido.

Engulo em seco ao observar Emery caminhar devagar até ele, levantar sua cabeça e cravar a faca do próprio cadete na sua órbita ocular.

Dizer que estou perplexo seria um eufemismo. Estou absolutamente fascinado pela sua habilidade de matar sem a menor consideração. De matar com a mesma selvageria que eu.

Abro o zíper da calça e puxo meu pau para fora para terminar o trabalho, fechando os olhos por um segundo enquanto o prazer aumenta e fica prestes a explodir. Meus gemidos são suaves, e eu a imagino de novo embaixo de mim. Seus seios macios e o jeito como enterrei o pau dentro dela hoje mais cedo. *Porra.*

— Olha só pra você — diz Emery, com sua voz sedutora.

Meus olhos se abrem o suficiente para fitá-la, pesados de desejo e adrenalina. A parte de tecido preto da máscara dela está abaixada, revelando seu rosto sujo de sangue. Engulo em seco com força, incapaz de soltar o pau enquanto olho para ela.

— Tem um fraco por coisinhas perversas como eu, né, Cameron?

Eu hesito. Ninguém nunca falou assim comigo antes, mas eu adorei. Quero mais. Quero vê-la matar todo mundo. Para sempre. É

uma euforia que nunca senti.

Faço que sim, bêbado de tesão, o que traz um sorriso aos lábios dela, e Emery fica de joelhos e coloca a mão sobre a minha, em cima da minha ereção furiosa. Meu coração dispara.

— Fode a minha boca, Mori — sussurra ela, com os olhos fixos nos meus.

Ela é tão louca quanto eu. Ou está fingindo ser, mas eu não estou nem aí.

Boquiaberto, eu me levanto, encarando esse ser maravilhoso enquanto ela coloca a cabeça do meu pau na boca. Solto um gemido ao sentir seus lábios úmidos e quentes ao meu redor.

— Porra, Emery, o que você tá fazendo comigo? — balbucio, quando ela coloca meu pau todo na boca.

Ela chupa com força o bastante para fazer minhas bolas subirem e meu quadril se empinar involuntariamente contra sua cabeça.

Ela solta um gemido alto com o movimento. Eu rio. É claro que ela gosta de sexo violento e bruto. Eu não esperaria que fosse de nenhum outro jeito.

Destravo seu capacete e o jogo na neve, agarrando seu cabelo cor-de-rosa e enrolando-o na minha mão. Quero lhe dizer como amo essa cor nela. Como me dá vontade de puxar seu cabelo. Ela choraminga, sabendo o que estou prestes a fazer. Eu a seguro firme e começo a meter na sua garganta. Os sons molhados que saem de seus lábios aquecem meu ventre. Meu orgasmo já está se derramando na garganta dela antes que eu possa fazer tudo que quero. Minhas pernas cedem quando ela engole algumas vezes enquanto meu pau lateja.

Meus gemidos são descarados.

— Isso, bebe todo o meu leite, linda.

Ela geme enquanto tira meu pau da boca devagar e lambe a cabeça como se estivesse faminta por mais.

Emery ergue os grandes olhos cor de mel para mim e, por um segundo, ficamos só olhando um para o outro. Minha cabeça vibra com mil pensamentos diferentes ao mesmo tempo. Mas um é mais alto que o resto.

Essa aqui é perigosa pra caralho.

17

Emery

Cameron se apoia no tronco de um pinheiro ao fechar o zíper da calça. Eu volto a cobrir o rosto com a máscara e prendo o capacete.

Um sorriso irônico se espalha pelos meus lábios, não que ele consiga ver. Não dá para acreditar que ele fica tão excitado com violência, mas vi uma chance de reforçar um bom comportamento e o recompensei. Talvez Bree esteja certa e eu possa mesmo usar isso a meu favor. Mais alguns desses e ele vai comer na palma da minha mão, né? Olho para ele por cima do ombro, e ele desvia o olhar depressa.

É, definitivamente vai funcionar.

A pulseira no meu braço vibra. Restam setenta e cinco cadetes, e algo me diz que esses últimos vinte e cinco não irão tão rápido como os do início.

Espero muito que nenhum desses soldados que acabei de matar tenha sido Bree ou Damian. Sinceramente, não posso dizer que prestei atenção suficiente nas características passivas deles durante as poucas semanas que passei no Sub.

— Vinte e cinco é bastante coisa a essa altura da prova — resmunga Cameron, olhando para a própria pulseira. — É melhor a gente ir andando e achar algum lugar pra descansar. Você vai precisar quando o sol nascer de novo.

O luar brilha mais forte quando as nuvens se dissipam. Um ar mais frio se assenta em meio aos pinheiros. Onde é que a gente vai

descansar por aqui? Mesmo com as cápsulas de calor no nosso uniforme, mal consigo fazer minhas pernas se mexerem com essa temperatura congelante se infiltrando no meu corpo.

Faço que sim.

— Você teve esse teste na sua vez no Sub?

Ele balança a cabeça e sorri.

— Não. Mas, se te consola, esse é muito mais fácil do que o que eu tive. — Ele me encara por um instante, depois acrescenta: — Você sempre foi tão feroz matando quando estava num *trabalho*?

Quase rio ao ver o brilho nos seus olhos. Eu estava preocupada com a reação que ele teria ao descobrir quem eu era. Mas acho que minha identidade acabou funcionando a meu favor.

— Nem fodendo. Você acha que é assim que homens em ternos caros lutam? Nunca joguei tão sujo na vida. — *E também nunca me diverti tanto*. E esse pensamento em si me aterroriza. Já sou ruim o suficiente. Nossos olhares se cruzam de novo, e os olhos dele faíscam de interesse. — Foi... estimulante, pra dizer o mínimo.

— É, eu vi. Pra onde foram todos aqueles princípios sobre os quais você estava reclamando antes? — provoca ele, o que lhe rende uma cara feia.

— Cala a boca.

Ele abre um sorrisão por baixo da máscara, cujos cantos se enrugam. Queria poder ver.

— Me conta, como os homens de terno lutam? — pergunta ele.

— Como se não pudessem usar os ombros, o tecido impede que eles estiquem muito o braço pra trás. — Uma risada sai dos meus lábios.

Os olhos de Cameron se arregalam, e ele segura a barriga ao soltar a maior gargalhada.

— Tá falando sério?

Ele tenta conter as risadas, mas elas começam a sair pelo nariz

em vez da boca, me fazendo rir de novo.

— É, às vezes eu enfiava um canivete na bunda deles, e eles nem conseguiam tirar de lá.

Lágrimas pinicam meus olhos com a lembrança de um homem particularmente "sarado" que ficou andando em círculos tentando arrancar a faca da própria bunda. Eu tirei uma foto e acabei tendo que atirar nele, porque não conseguia me concentrar na tarefa.

— *Pfft*. — Cameron dobra o corpo para a frente e acena com a mão. — *Para*. Já chega — implora ele. — Nunca mais quero ser chamado de cruel. Isso aí é pior do que eu arrancando olhos.

Balanço a cabeça, sorrindo.

— Estou surpresa que você nunca tenha precisado lutar com um desses.

Cameron esfrega o maxilar.

— Eu não cresci numa família rica. Todo mundo com quem já lutei era comum e selvagem, como a maioria de nós aqui. As missões para as quais enviam a gente sempre envolvem soldados de algum tipo. Não essa gente pomposa com que você lidava, mas eu queria ter visto isso pelo menos uma vez. — Seus olhos se arqueiam com um sorriso cansado.

Somos de dois mundos completamente diferentes, eu e ele. Embora sem dúvidas ambos fossem terríveis, cada um ao seu próprio modo, o dele era muito mais cruel, a julgar pelo vislumbre que me deu.

— Sinto muito pelo que sua mãe fez com você... — Estou pensando nisso desde que ele me contou mais cedo, mas não tinha certeza de que podia tocar no assunto de novo. — Você não merecia aquilo.

Ele pisca devagar e respira fundo.

— Era inevitável. Ela nunca gostou de mim, dizia que eu era parecido demais com meu pai. Ele deixou a gente na merda antes

mesmo de eu aprender a falar. Só calhou de acontecer do jeito que aconteceu.

Os dedos dele deslizam pelo peito e param sobre a cicatriz.

Não entendo como ele pode ficar tão calmo e resignado com o que aconteceu, mas fico feliz que tenha feito as pazes com o passado.

— Vamos achar um lugar pra descansar, pode ser? — diz ele, encerrando o assunto, e eu concordo, com medo de tê-lo chateado.

Cameron toma a dianteira enquanto atravessamos a floresta. Ele está tão quieto que de tempos em tempos me pego esquecendo que está aqui. A mata se transformou num zumbido silencioso de inverno, e nem mesmo os ratos parecem estar se mexendo.

Estou feliz que a gente esteja procurando um lugar para descansar por pelo menos trinta minutos e recarregar um pouco as energias. Depois de um tempo, encontramos um tronco de árvore vazio. Cameron o verifica e acena para mim.

— Acho que dá pra você dormir um pouquinho aqui.

Dou um jeito de me enfiar dentro dele. É espaçoso o suficiente para eu ficar totalmente escondida quando me escoro de lado.

— E você? — pergunto, ansiosa com a ideia de dormir enquanto há pessoas lá fora ativamente procurando por nós.

Ele balança a cabeça.

— Eu tô bem.

Ele me olha mais uma vez antes de desaparecer. Cameron é mortalmente silencioso aonde quer que vá. Sei que ele não vai muito longe, mas gostaria que ele ficasse.

Assim que meu queixo encosta no peito, eu pego no sono.

Acordo com a sensação de que poucos minutos se passaram, mas o céu já clareou bastante. *Droga*. Não queria ter dormido tanto assim. Há cristais de gelo nos meus cílios, mas a farda aqueceu meu corpo o bastante para impedi-lo de tremer. Acho que o

sargento instrutor não estava mentindo quando falou das cápsulas de calor.

Fico ouvindo os sons da floresta, que vai revivendo devagar.

O nítido estalo de um galho me deixa em alerta. Foi perto, em algum lugar à minha esquerda.

Não é o Cameron, isso eu sei. Fico observando do buraco no tronco e seguro a faca de combate com firmeza.

Um grito agudo ecoa entre as copas das árvores a distância, e os passos aceleram, só que estão vindo direto para esse toco onde estou escondida.

Não tenho escolha a não ser matar a pessoa.

Me mexo depressa até chegar ao centro da abertura, me preparando para pular do toco e lutar até a morte. A pessoa fica paralisada e me encara como se pudesse ver o próprio fim se aproximando. Estou prestes a cravar minha faca direto no seu coração quando nossos olhares se cruzam. Os olhos têm uma frieza familiar.

— Bree? — murmuro, e o peito dela murcha de alívio imediatamente.

Antes que eu possa abaixar a faca, ela já está correndo para o toco. Ela agarra as bordas da abertura e me analisa.

— Você tá machucada? — Seu tom é urgente.

Balanço a cabeça.

— Eu estava descansando.

Ela me lança um olhar de *você-é-doida-caralho*.

— Vem, ou você vai acabar sendo esfaqueada até a morte se ficar aqui.

Ela estende a mão para me ajudar a sair. Eu pego sua mão e escalo o tronco em um só pulo.

Penso em dizer a ela que Cameron não permitiria que isso acontecesse, mas decido deixá-lo fora disso. Meus olhos vasculham a área. *Cadê ele, aliás?*

— Você se separou do seu grupo? — pergunto, olhando ao redor à procura de Damian, desconfiada.

Ainda tenho dúvidas em relação a ela também, mas duvido que tente fazer qualquer coisa no primeiro teste.

Ela assente.

— Deu merda assim que o sargento instrutor começou a contagem regressiva. Eu não estava esperando que eles fizessem algo assim, mas faz sentido. Se fosse uma missão de verdade e a gente se separasse, devíamos ser capazes de nos reconhecer melhor que ninguém.

Por mais que eu odeie dar crédito às Tropas Ocultas, ela tem razão. Realmente não tem jeito melhor de nos dar uma lição cruel. Não é problema para eles, já que só precisam mesmo de um punhado dos melhores.

Estou feliz por ter reconhecido o olhar frio da Bree.

Dou uma olhada no relógio. Ainda restam setenta. *Merda. Foram poucos eliminados desde a noite passada.*

— Precisamos matar mais vinte pessoas, senão vamos acabar deixando tudo ao acaso — digo.

Meu estômago se revira e embrulha de fome e medo. Pelo menos não estou tão cansada quanto antes.

Os olhos escuros de Bree encontram os meus de novo.

— Imagino que você não goste de deixar as coisas ao acaso, né?

Ela estabelece um ritmo ágil, mas silencioso, para longe da direção de onde vieram os gritos.

— Claro que não. Olha onde eu estou — digo, inexpressiva.

Sua máscara sugere que ela dá um sorrisinho.

— Eu também não sou dessas. Então vamos tentar ficar escondidas e encontrar um grupo de cadetes que vamos conseguir eliminar se for necessário.

Um sentimento de culpa me corrói por dentro ao pensar em

caçar e perseguir outros cadetes caso a gente precise equilibrar os números. Mas pelo menos ela não está pretendendo simplesmente acabar com eles o mais rápido possível.

Um pensamento sinistro me ocorre. *Quem disse que a Bree não vai tentar* me *matar na hora do desespero? Será que ela assumiria o risco do seu rastreador explodir ou me mataria?* Acho que eu poderia me fazer a mesma pergunta. Será que é por isso que ela está sendo tão amigável?

— Cadê o Mori? — pergunta ela, quando nos abaixamos para passar por baixo de uma tora caída, sustentada parcialmente em uma ponta pelo entalhe de outra árvore grande.

Olho ao redor, inquieta com a sua ausência e sabendo que ele está por aí nos observando.

— Não tenho certeza.

Bree ri.

— Bom, isso é perturbador.

— Nem me fala.

Ela não tem ideia de quão silencioso ele realmente é. Como ele consegue se aproximar sorrateiramente de alguém sem fazer barulho nenhum e cortar a garganta da pessoa antes mesmo que ela perceba o que está acontecendo?

Ficamos em silêncio até outro grito ecoar entre os pinheiros. Os raios de sol da manhã agora atravessam a vegetação e aquecem o ar.

Dou uma olhada para trás e avisto a sola das botas de Cameron enquanto ele se move pelas sombras que restam da noite. Penso em mencionar sua presença para Bree, mas decido que é melhor não atrair a atenção dela para ele. *Só pra garantir.*

— Ouvi vozes, entra nos arbustos — ordena Bree. Sua voz é rígida, e eu me pego obedecendo na hora.

Nos agachamos nos arbustos de sempre-verde e ficamos quietas. Três cabeças aparecem acima da suave inclinação no

terreno a uns seis metros de nós. A julgar pela maneira como caminham, parecem dois homens e uma mulher.

Meio que me pergunto se outros cadetes formaram times aleatórios depois do caos de ontem. Só para o caso de estarem mais seguros em grupos. Mas um grupo é mais fácil de avistar que uma pessoa. O risco é maior.

Eles falam alto, sem se preocupar. Eu me encolho e quase tenho vontade de matá-los agora, para impedi-los de atrair outros cadetes até nós. Pelo menos seus gritos avisariam aos outros que há pessoas morrendo, e não apenas sendo idiotas e barulhentas.

Bree parece sentir a mesma urgência. Olho de relance para ela e vejo seu maxilar se contrair sob a máscara algumas vezes, com impaciência.

A mulher ri, atraindo meus olhos de volta ao grupo. Minhas bochechas estão coradas de ansiedade, mas, quando ela dá alguns passos à frente dos outros, um dos dois homens levanta a faca e a crava na junção de seu pescoço com o ombro, bem onde fica a artéria jugular.

Sou inundada de espanto, e minhas pernas começam a tremer de adrenalina.

— Cuzões — sussurro, sentindo a traição em nome dela.

A mulher morre depressa, e eles seguem andando como se nada tivesse acontecido.

As sobrancelhas de Bree continuam franzidas enquanto ela os observa atravessar nosso campo de visão.

— É, eu não me sentiria mal de apagar esses caras. Vamos seguir eles.

Concordo.

— Você daria uma boa sargento um dia — comento.

Ninguém está dizendo que somos amigas, mas, tirando Cameron, ela é o mais próximo que tenho disso.

Bree hesita antes de finalmente olhar para mim.

— Se eu sobreviver até lá — diz ela, de um jeito quase soturno, mas vejo a sombra de um sorriso brilhando em seus olhos.

Seguimos os dois homens por quase uma hora. A floresta volta a ficar silenciosa enquanto o sol aumenta a temperatura do ar em alguns graus.

Um pequeno riacho atravessa um trecho sem árvores. É um declive íngreme, e a margem do córrego está repleta de pedras cobertas por uma camada de gelo que se agarra ao musgo adormecido.

Eu me agacho ao lado de Bree enquanto observamos os dois homens deslizarem pela encosta gelada e atravessarem a água, que bate na altura dos joelhos.

Deve estar congelante. Meus lábios se crispam. Esses dois estão querendo morrer.

— Merda. Acho que vamos ter que deixar eles pra lá. — Respiro devagar, avaliando a encosta e determinando que definitivamente não seria lógico segui-los.

Bree balança a cabeça, com uma faísca selvagem nos olhos.

— A gente não pode fazer isso. E se não acharmos mais ninguém por aí? Você quer correr o risco do seu rastreador explodir?

Eu me encolho e passo a mão pela protuberância na minha nuca.

— E uma queimadura de frio? A gente não pode arriscar uma coisa dessas aqui, Bree. Isso seria prejudicial numa missão de verdade e...

— Sem falar que vocês ainda têm três testes, inclusive esse aqui, pela frente e uma queimadura de frio certamente seria o seu fim.

Bree prende a respiração ao ouvir o som da voz de Cameron atrás de nós. Ambas olhamos para ele, que não tira os olhos dos dois homens no riacho lá embaixo.

— Eles morreram assim que entraram na água.

Bree estreita os olhos, desconfiada, mas não diz nada. Não a culpo por ser cautelosa ao redor de Cameron. Ele é no mínimo instável.

— Onde você estava? — pergunto, reprimindo o calafrio que surge no meu peito agora que posso vê-lo à luz do dia.

Há sangue seco espalhado pelo seu colete e chegando até a metade da máscara. Sei que meu uniforme não deve estar muito diferente. Os olhos dele estão brilhantes e alertas, voltando-se para mim por um instante, depois continuando a esquadrinhar a área.

— Me assegurando de que ninguém estava seguindo a gente. Vejo que você tomou a péssima decisão de aumentar nossa equipe. — Ele encara Bree com olhos vazios.

Duvido que vá poupar a vida dela se surgir a oportunidade.

— É só o primeiro teste. A gente precisa do máximo possível de aliados — retruco.

Cameron não parece convencido, mas não se dá ao trabalho de fazer mais comentários. Ele mantém os dedos ao lado do corpo, prontos para sacar a faca se necessário.

— Então vamos encontrar outros cadetes pra seguir. Tenho a impressão de que a sorte não está do nosso lado hoje — murmura Bree, dando uma olhada em Cameron antes de se levantar e caminhar em paralelo ao riacho lá embaixo.

Pelo menos nosso flanco voltado para a água deve estar protegido de um ataque. Seria impossível atravessar a água e subir a encosta escorregadia em silêncio. Cameron parece estar pensando a mesma coisa, porque mantém os olhos fixos apenas no outro lado e atrás de nós.

Quando o sol chega no alto do céu, encontramos um grupo

grande de cadetes, todos homens. A maioria é quase tão alta quanto Cameron, e suas fardas táticas estão sujas de sangue. Julgando pelo seu comportamento, devem ser os que sobraram do massacre da contagem regressiva. Cinco deles lideram o grupo, seguidos por outros quatro. Todos riem alto, claramente se divertindo.

O homem alto e esguio à frente do grupo está com o braço dobrado de uma forma desajeitada, do mesmo jeito que Wraith. Pelo visto, seu braço quebrado não o atrapalhou nem um pouco.

— Acho que a gente não devia nem chegar perto deles — diz Bree, com a preocupação evidente na voz.

Pelo menos ela não é amiga deles, isso seria um problema.

Cameron engancha o polegar na alça do colete e olha para mim com indiferença, aguardando minha resposta como se coubesse a mim decidir.

— Se chegar a isso, acho que prefiro matar eles a matar qualquer outra pessoa. Pelo menos a gente tiraria alguns deles do páreo — digo, observando os homens desavisados gritarem e se empurrarem de brincadeira.

Eles parecem uma maldita alcateia de lobos, como Cameron sempre fala. Agora faz sentido ele insistir em dizer isso.

Cameron concorda.

— Vamos segui-los, então.

Bree solta um gemido, mas vem atrás de nós mesmo assim.

Olho para o pulso. Restam sessenta e cinco cadetes. O declínio desacelerou significativamente, e só temos mais algumas horas.

O sol volta a se esconder atrás das montanhas, e somos mergulhados na escuridão para o ato final. Uma forte nevasca diminui nosso campo de visão, mas também deve nos ajudar a permanecer escondidos até nos aproximarmos o bastante para atacar. Demos sorte com o clima e as sombras da noite. É praticamente impossível ouvir qualquer coisa sob o manto de milhões de flocos de neve que cobrem o ar e desviam o som de

passos.

Sempre achei milagrosa a maneira como a neve era capaz de silenciar o mundo. Parecia mágico, até eu aprender como o som viaja pelo ar e ricocheteia nas coisas.

Por conta disso, é muito fácil matar durante tempestades.

Bree congela com os coturnos meio enterrados na neve que se acumula depressa.

— O que foi? — pergunto, e na mesma hora sinto minha pulseira vibrar.

Meus olhos se voltam para baixo. O número desceu para cinquenta e sete, mas uma mensagem escrita em vermelho aparece no topo da tela.

CINCO MINUTOS PARA O FIM DO TESTE 1.

Cameron nem olha para o relógio, só nos encara com ar entendedor. Ele já tem experiência com isso, afinal de contas. Me pergunto como foi sua primeira vez no Sub. Imagino seus olhos ferozes, os dentes cerrados enquanto a fúria e o sangue se misturam na neve.

Sinto um calafrio e afasto o pensamento.

Ele saca a faca de combate. Está suja de um vermelho borgonha.

— Vamos acabar logo com isso — diz ele, com uma voz calma.

Como se não estivéssemos prestes a assassinar outros cadetes.

Bree muda o peso do corpo de um pé para o outro e me dirige um olhar preocupado.

— Todo mundo recebeu a mensagem. Talvez a gente nem precise participar — murmura ela, esperançosa.

Me pergunto se ela acha que Damian pode estar com eles por acaso e tem medo de que um de nós o mate sem saber.

Cameron trinca os dentes, e seus olhos ficam frios e distantes.

— Não, não vou arriscar.

Ele aperta a faca com mais força e me lança um olhar severo. Sua expressão arde de agonia. Consigo senti-la nas profundezas do meu ser.

— Você já perdeu alguém pros rastreadores — digo, em voz baixa.

Ele desvia os olhos e passa a procurar algo inexistente no chão antes de voltar a olhar para mim. Não confirma nada verbalmente, mas a resposta é clara.

Eu saco a faca e olho para Bree.

— Você não precisa participar se não quiser, mas eu não vou morrer por acaso.

Uma onda de animação corre nas minhas veias. Nunca tive uma equipe assim. Todos os trabalhos que precisei fazer no passado demandavam uma única pessoa: eu.

A adrenalina do que estamos prestes a fazer pulsa nas minhas veias.

Bree balança a cabeça, depois sorri, sua máscara se repuxando de um lado.

— Foda-se. Vamos lá.

Os homens se movem devagar, focados como se também estivessem caçando um grupo. A pulseira vibra de novo. Alerta de dois minutos.

Só precisamos de mais cinco mortes.

Agarro a KA-BAR, pronta para embarcar numa luta feroz, mas, antes que eu dispare na direção da minha primeira vítima, um grito rasga a noite. Viro a cabeça e meus olhos recaem sobre o corpo de Bree desmoronando no chão com uma faca enfiada na coxa. Paro um instante para ver se ela precisa de ajuda, mas ela já está atacando o cadete e o derruba no solo da floresta com facilidade.

Cameron nem se dá ao trabalho de olhar na direção do grito e parte para a matança. Ele avança rumo ao grupo à nossa frente; no

escuro e com todos mascarados, ele se mistura imediatamente, com exceção da máscara de caveira. Mesmo assim, a neve também ajuda a camuflá-la.

Confusão e horror explodem em meio ao grupo, e eles se apressam para sacar as armas.

Ele mandou bem nessa, penso, antes de ouvir a neve estalar à minha esquerda. Minha cabeça gira, e eu levanto o braço bem a tempo de bloquear uma faca que pretendia atingir minha garganta. A força do soldado me derruba. O frio sobe pela lateral do meu pescoço e da minha lombar. Chuto o chão para ganhar vantagem sobre o cadete, prensando-o no solo antes de deslizar a faca por sua garganta exposta. Seus olhos apavorados piscam furiosamente enquanto seu sangue jorra para todo lado.

Antes que eu possa ver a luz se apagar no seu olhar, outro soldado me tira de cima dele. Um grito é arrancado da minha garganta quando uma faca corta minha orelha horizontalmente, parando na terra atrás dela. *Essa passou perto demais.*

Agarro o braço dele para impedi-lo de se mover. Minha orelha é tomada por uma dor aguda, mas resisto às lágrimas que queimam os cantos dos meus olhos. *Paft*. Meus olhos se arregalam, assim como os do homem. Nós dois baixamos o olhar para sua garganta, de onde uma lâmina de dezoito centímetros se projeta.

Ele gorgoleja alguma coisa antes de seu corpo ser atirado para o lado como um saco de farinha. Cameron está parado acima de mim, com as pernas afastadas e os olhos selvagens de mania. Sua respiração cria nuvens no ar, e o sangue pinga de sua faca.

O medo me inunda, e me pergunto se ele vai aproveitar esse momento para me matar ou não. Cameron fecha os olhos com força e bate a coronha da faca de combate na cabeça como se estivesse tentando clarear a mente.

— Em — murmura ele, abrindo os olhos devagar e me estendendo a mão.

— Cameron. — Eu pego a mão dele e arfo quando ele me puxa para cima depressa, me segurando em seus braços. Seus olhos se demoram no sangue que enche minha orelha e pinga no chão. Ele passa os dedos pela ferida com ternura, parecendo atordoado. — Mori? — sussurro, o que atrai seu foco. Mas ele ainda não parece totalmente presente.

Ele respira fundo, depois dá um passo para trás e se vira para encarar os homens restantes, que agora estão lutando entre si com toda a confusão. Eu limpo o queixo e me preparo para matar outro cadete.

— Maves! — A voz de Wraith atravessa o ar como um grito de guerra.

Eu olho por cima do ombro, e na mesma hora a pulseira começa a vibrar de novo. A KA-BAR de Wraith voa na minha direção, seu brilho prateado quase congelando o tempo e todos os pensamentos na minha mente.

Eu fecho os olhos, desejando que a morte me acolha, mas em vez da dor recebo um abraço quente. Levo um susto, encarando o olhar vazio de Cameron enquanto ele observa meu rosto com a mesma curiosidade.

Mas... a faca.

— O primeiro teste acabou — murmura ele.

Eu estremeço, olhando para a pulseira. O número cinquenta aparece no topo, junto com o aviso do fim da prova.

A respiração de Cameron está entrecortada, e suas sobrancelhas estão franzidas de desconforto enquanto ele apoia a mão na árvore às minhas costas para se impedir de cair. Meus olhos vão até seu ombro, onde está alojado o cabo da faca de Wraith.

Sou inundada de terror. *Ele me protegeu.*

— Cameron! — digo, com urgência, tentando movê-lo para avaliar sua ferida.

Ele pisca, sonolento, mas a ternura se infiltra em seu olhar.

— Não é nada — sussurra ele, perto da minha têmpora.

Quanto sangue ele já perdeu? Por que fez isso?

— Você está machucado. — Minha voz está carregada de culpa.

Por que ele faria isso por mim? Minha mente parece pesada como chumbo, e a frustração toma conta de mim quanto mais ele me mantém prensada contra a árvore.

— Eu tô bem. — Ele solta uma risada fraca, pressionando minha bochecha com a mão e afastando mechas soltas do meu cabelo. — Eu não sinto nada. Nunca sinto nada.

Lágrimas pinicam meus olhos.

— Pode não sentir nada, mas está machucado, Cam. Está sangrando e sofrendo. Está queimando por dentro.

Ele abre um sorrisinho por baixo da máscara.

— Eu não sei o que é sofrer.

Sustento seu olhar por um instante antes de murmurar:

— Sabe, sim.

Ele franze as sobrancelhas, e a vulnerabilidade atravessa o sálvia dos seus olhos.

— Emery! — Bree vem mancando até nós, com a máscara abaixada e o capacete pendurado nas costas. — A gente conseguiu, porra. — Ela sorri e olha para nós dois antes que seus olhos pousem sobre a faca enterrada no ombro de Cameron. Seu rosto fica pálido.

Cameron finalmente se mexe e permite que eu veja como está sua ferida. É profunda. Saber que ele não consegue sentir nada faz meu peito se contrair de dor por ele.

— Tá bem ruim, tem uma enfermaria no bunker aqui? — pergunto, pressionando seu ombro com delicadeza. Ele nem se encolhe.

Cameron assente.

— Tem, de autoatendimento, igual no Sub.

Ele estende o braço para tentar arrancar a faca, mas seguro sua mão.

— Deixa ela aí. A lâmina é a única coisa que está impedindo que a ferida sangre descontroladamente. Eu vou tirar do jeito certo quando a gente chegar no bunker. — Abaixo a mão dele.

Ele me observa, depois faz que sim, relutante.

— Só não me transforma em uma das suas histórias. Eu *consigo* alcançar a faca se precisar.

Ele abre um sorrisinho irônico, e eu solto um suspiro aliviado. Ele deve estar bem se está até fazendo piada.

Wraith vem desfilando até nós, com um sorriso convencido.

— Droga, eu estava mirando em você, nanica.

Ele finge que sua mão é uma arma e atira em mim.

— Vai se foder — rebato.

Ele ergue a mão inocentemente e sorri.

— Calma. Guarda essa energia pro segundo teste. — Wraith segura Bree pelo ombro. Ela dá um empurrão nele, fulminando-o com o olhar. — Tanto faz, vocês já estão mortas mesmo, então aprendam a se divertir um pouco enquanto podem.

Ele sai andando de volta para seu grupo. Sobraram alguns deles, o que não me deixa exatamente confiante para os testes seguintes.

Damian finalmente nos encontra e abraça Bree.

— Graças a Deus, eu não consegui te achar lá e pensei que o pior tinha acontecido. — Ele examina o corpo dela da cabeça aos pés para ter certeza de que não está machucada.

Seus olhos param na perna; a calça preta está quase completamente ensopada, mas ela já amarrou o cinto de alguém como um torniquete.

— Merda. A gente precisa entrar e cuidar disso. Mil desculpas por não estar com você, Bree. — Seus lábios tremem, e acho que

ele está quase chorando.

Bree acena para indicar que não tem problema.

— Tá tudo certo. Eu tô bem, e não é como se o sargento instrutor fosse apressar as coisas por minha causa.

Damian faz que sim, pensativo, mas se ajoelha, de costas para ela.

— Sobe aí — murmura ele.

Ela sorri e dá uma piscadela para mim antes de envolver o pescoço dele com os braços. Fico olhando enquanto ele sai carregando-a nas costas, ambos conversando baixinho e compartilhando o que cada um perdeu no tempo que passaram separados.

Cameron olha para mim com uma cara feia que não combina com a suavidade em seu olhar.

— Eu *nunca* vou te carregar, então pode ir tirando o cavalinho da chuva. Se cair no campo, você morre — diz ele, com um tom rude.

Eu me limito a sorrir para mim mesma e balançar a cabeça. Os olhos de Cameron se demoram nos dois enquanto eles conversam com doçura.

Espero que meu parceiro queira que eles sobrevivam tanto quanto eu.

18

Emery

Todo mundo se reúne no vale onde ocorreu a contagem regressiva. Os corpos foram removidos, o que fica evidente pelos rastros grossos de sangue atravessando a neve que levam até o bunker. A carnificina que aconteceu aqui está evidente, com ou sem os cadáveres.

Minhas narinas inflam com o cheiro metálico no ar. Está fresco por causa da neve, preservado com o frio.

O sargento instrutor Adams está parado no mesmo lugar do dia anterior, com as mãos entrelaçadas às costas. Seus olhos são totalmente insensíveis e indiferentes ao terrível fato de que só sobrou metade de nós. Ele parabeniza os que sobreviveram enquanto passamos, cansados, seguindo as ordens dos soldados de ir para a caserna subterrânea.

Vários dos cadetes sobreviventes estão sangrando de alguma maneira. Um trio mal consegue andar, suas botas estão congeladas e as pernas de suas calças estão cobertas de gelo até a metade. *Eles devem ter atravessado o riacho igual aqueles dois.* Estou feliz por não termos entrado no túmulo gelado. Só Deus sabe quanto tempo eles vão durar nos testes que nos aguardam, sejam lá quais forem.

Bree e Damian caminham algumas pessoas à nossa frente. Ela olha para trás uma ou duas vezes, com os olhos cheios de curiosidade. Me pergunto se está pensando em formar uma equipe com a gente. Eu não me oporia a trabalhar com ela e Damian.

Porém estou cansada demais para pensar nisso no momento.

Somos conduzidos por um corredor comprido que desce aos poucos, tenho certeza de que estamos seis metros abaixo da superfície. Meus pulmões se enchem de ar quente, e o conforto se infiltra nas minhas entranhas quando passamos pela caserna. É idêntica ao Sub: a posição de cada cama, a organização do quarto e o banheiro comunal no fundo. Tudo, até as luzes fluorescentes tremelicantes às quais já me acostumei.

Cameron e eu nos dirigimos para a enfermaria, onde já há um punhado de pessoas tentando tratar a si mesmas, sem sucesso. Não sei direito o que me enoja mais, se é a selvageria dos testes ou como amizades e alianças foram rompidas, deixando os feridos à própria sorte.

Cameron deve ver meu desejo de oferecer ajuda, porque comenta:

— Pode cuidar deles primeiro, eu espero. Não estou sentindo dor.

— Tem certeza? — pergunto, deixando meus olhos varrerem a sala em busca dos que estão em pior estado primeiro.

Cameron sorri e faz que sim, se apoiando na parede.

Consigo ajudar os mais necessitados depressa. Leva apenas quinze minutos, mas tenho a sensação de que uma hora se passou quando termino de tratar a última pessoa e mando-a para a caserna para descansar.

Cameron finalmente se afasta da parede e se senta na beirada da mesa.

— Obrigada por esperar — digo, cansada, pegando um rolo de gaze e desinfetante. As suturas já estão prontas na bandeja.

Cameron pousa a mão no meu ombro, me fazendo olhar para ele.

— Você é uma pessoa boa — murmura ele.

Me forço a desviar os olhos e me aproximo dele por trás para

remover a faca.

— Estou aqui por um motivo, lembra? Não sou santa.

Seu colete está a dois centímetros da perfuração, então consigo me virar cortando apenas o tecido da sua camiseta.

— Tirando o fato de que você é um monstro igual a mim, você pelo menos é gentil com os outros quando eles precisam. É mais do que eu posso falar de qualquer um aqui — diz ele, baixinho.

Minhas mãos param por um instante com essas palavras antes de eu voltar a cortar sua camiseta e preparar a ferida. Pego o desinfetante com uma mão e seguro o cabo da faca com a outra. Ele alega que não consegue sentir a dor, mas isso não torna a situação menos angustiante para mim, sabendo o que seu corpo está passando.

— Pronto? — pergunto, assim mesmo.

Ele assente.

Uso toda a minha força para arrancar a faca. O corpo dele convulsiona — involuntariamente, presumo —, e ele agarra a lateral da mesa para se firmar. O sangue jorra e encharca toda a lateral do seu corpo, chegando até a mesa onde sua mão está apoiada.

— Desculpa — sussurro, sabendo que ele se machucou para que eu não precisasse me machucar.

Meu estômago se revira quando derramo o desinfetante no corte. Os músculos dele se contraem, gerando uma nova onda de sangue antes de eu pegar o punhado de gaze na bandeja e pressioná-lo à ferida com o máximo de força possível.

Queria poder fazer mais por ele, mas não fui treinada para realizar procedimentos médicos. Só sei fazer gambiarras. Ele tem sorte de o ferimento ter sido longe o bastante dos principais órgãos, atingindo apenas músculo.

— Eles vão dar uma olhada profissional nas nossas feridas depois dos testes? — pergunto, removendo a gaze ensopada de

sangue e pressionando mais um amontoado grosso no corte.

— Sim, eles dão umas semanas pra gente se recuperar também. Você ficaria surpresa de ver como as coisas são diferentes do outro lado.

Sua respiração está ofegante, provando que seu corpo está respondendo corretamente à dor, mas sua mente está desconectada da sensação. Tenho que admitir, é um estudo inteligente. Uma medicação capaz de fazer isso talvez possa criar um exército invencível. Seria mais difícil abalar a mente dos soldados, com certeza. Especificamente em situações de tortura, mas só se eles conseguirem impedir que os comprimidos matem os oficiais.

O que uma coisa dessas causaria se fosse divulgada para o mundo? Fico triste só de pensar.

Cameron abaixa a cabeça para controlar a respiração. Passo a mão na sua nuca para ver se ele está frio e pegajoso pela perda de sangue. Ele se encolhe com o meu toque e fica rígido.

— Desculpa, eu estava só...

— Não. Foi... bom. — Ele parece cansado.

Retiro a gaze e fico aliviada ao ver que o sangramento diminuiu. É impossível dizer se há danos internos definitivos, já que ele não consegue sentir nada. Termino de tratar a ferida o melhor que posso e coloco um curativo à prova d'água sobre a gaze, para que ele possa tomar banho. Deus sabe como nós dois estamos precisando. Minha esperança é que os chuveiros já estejam vazios a essa altura, uma vez que passamos tanto tempo na enfermaria. Já devem ser mais de duas da manhã.

— Prontinho — digo, me afastando da mesa e caminhando até ficar à frente dele.

Ele ergue a cabeça e passa a manga da camisa embaixo do nariz, deixando no tecido uma mancha amarronzada. Está ainda mais escuro do que antes.

A preocupação deve estar estampada no meu rosto. Cameron

abre um sorrisinho.

— Eu tô bem. É preciso muito mais do que ser esfaqueado pra me matar — murmura ele, voltando os olhos para minha orelha cortada.

É um machucado muito pequeno comparado com o dele. Não sei por que ele fica olhando para a ferida como se fosse a pior coisa que já viu.

Bastam uns pontos e vai ficar tudo bem até podermos sair daqui.

Eu lavo as mãos na pia, encarando a pele e as unhas manchadas de vermelho.

— Você tá sempre bem, Cameron — sussurro, com um tom sombrio, e parte meu coração o fato de ele acreditar nisso.

Quase derreto numa poça de felicidade quando sai água morna do chuveiro. Já faz semanas que não sei o que é um banho quente. É um luxo que eu não estava esperando, depois de tantas crueldades no Sub.

Um suspiro escapa dos meus lábios quando enxáguo a terra e o sangue da minha pele. A água suja escorre para o ralo enquanto esfrego cada centímetro do meu corpo, da cabeça aos pés. Está tudo quase silencioso, tirando um choro suave e o som da água batendo nos azulejos, vindos das poucas pessoas que ainda estão aqui.

A maioria dos cadetes já está na cama, embaixo das cobertas e roncando, dormindo até que passem os efeitos dos analgésicos e se preparando para o próximo teste, que começa amanhã ao pôr do sol.

A única coisa que quero agora é fazer uma refeição e dormir.

Termino o banho e atravesso o banheiro até os bancos para pegar minha nova muda de roupas. Os trajes e uniformes do primeiro teste foram colocados numa lixeira e estão sendo

queimados lá fora.

Cameron está apoiado na parede, sentado no banco de madeira. Seus olhos encontram os meus.

— Você devia estar dormindo — sussurro.

Ele terminou o banho há dez minutos, por que não foi direto para nossa cama? Bom, acho que há camas suficientes agora, então na verdade não precisamos mais dividir, mas estou secretamente desejando que continuemos a fazer isso.

Ele não responde. Só fecha os olhos e encosta a cabeça na parede. Engulo o nó na garganta e ignoro sua presença enquanto tranço o cabelo e escovo os dentes. Me recuso a me olhar no espelho que cobre a parede inteira no fundo do banheiro. Não quero saber quão machucada e ferida estou.

As pontas dos dedos de alguém deslizam pela lateral do meu pescoço, me dando um susto e me fazendo levantar os olhos da pia. Cameron prende uma mecha solta de cabelo em uma das voltas da minha trança.

— O rosa fica bem em você. Já te falei isso? — murmura ele, percorrendo meus traços com os olhos.

Eu respiro fundo. Sou fraca diante do magnetismo dele, e, tão perto assim, com certeza vamos colidir. Percebo que seu braço está pendurado sem força no seu lado ferido. A preocupação atravessa meu corpo.

— Cameron... seu braço.

Ele força um sorriso tenso.

— Não tem nada que a gente possa fazer a respeito agora, meu bem. Provavelmente vai estar melhor de manhã, então vamos dormir enquanto podemos.

Tento não deixar que os pensamentos intrusivos a respeito do seu ombro machucado turvem a minha mente enquanto o sigo até o dormitório. Trocamos um olhar incerto, então ele faz um gesto com a cabeça, indicando que eu vá para a sua cama. Eu obedeço,

depressa e sem pensar muito, querendo ficar perto dele. Me aninho descaradamente no seu peito. Seu calor se espalha pelo meu corpo, me instigando a fechar os olhos.

Devo ter adormecido em algum momento, porque acordo com ele saindo da cama rapidamente e correndo até o banheiro.

Eu escorrego ao correr atrás dele e nem sinto a dor do cimento no meu joelho, por causa da adrenalina que pulsa furiosamente nas minhas veias. Quando chego à porta do banheiro, sou atingida pelo som de Cameron colocando tudo para fora. Minhas pernas tremem quando dou uma olhada no chão. Sob a luz fraca, há um pequeno rastro de sangue que leva aonde ele está agora, debruçado sobre a privada como uma criança doente.

Prova de que está sofrendo.

Prova de que é uma pessoa.

Meus joelhos tocam o chão ao lado dele suavemente.

— O que foi, Cameron? — Minha voz sai fraca e distorcida pelo medo.

O corpo dele estremece e ele expele mais líquido escuro, depois desaba de lado.

— Cameron! — Eu o pego nos braços; seu corpo é pesado, e eu sou inundada pelo medo de ter que tentar carregá-lo para fora daqui.

Cameron mal consegue abrir os olhos, mas sorri, com os dentes sujos de um vermelho-escuro, cor de romã. Meu coração dispara. Olho para a privada e vejo que o mesmo líquido escuro está espalhado ali.

Lágrimas se formam nos meus olhos.

— Cadê seus comprimidos, Cam? Eles vão ajudar?

Passo a mão no seu cabelo e tento mantê-lo acordado. Sua cabeça amolece nos meus braços, e ele fica inconsciente.

Engulo o pavor e os pensamentos negativos que gritam que ele vai morrer e o arrasto pelo chão até colocá-lo embaixo de um

chuveiro. Abro a torneira e deixo que a água quente caia sobre seu corpo.

Por favor, fique bem. Por favor.

Ele abre os olhos de repente e respira de forma irregular.

— Emery? — diz ele, com a voz rouca.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto, escondidas pelo chuveiro.

— Eu achei que você fosse morrer — digo, choramingando.

Seus olhos suavizam antes de voltar a fechá-los.

— Isso nunca me aconteceu antes — sussurra ele, tão baixo que quase não consigo ouvir. Sua expressão se retorce, e um gemido vibra nas profundezas do seu peito.

— Você tá bem? Me fala o que fazer e eu faço. — Me levanto para ir buscar suas pílulas.

Ele segura meu braço e me puxa para baixo de novo, para o jato de água. Ficamos olhando um para o outro.

— Faz parte dos estimulantes. O general Nolan me alertou que isso podia acontecer.

A raiva cresce dentro de mim.

— E você concordou sem hesitar?

Estou ciente de que pareço muito chateada, porque *estou* chateada. Embora não saiba por quê. Não é da minha conta o que ele faz com o próprio corpo, mas pensar nele sofrendo assim... Cerro os dentes e me forço a desviar o olhar. Depois me levanto e recuo alguns passos.

— Emery, espera. — Ele geme quando se senta.

— Não consigo ficar vendo isso, Cameron.

— Vendo o quê? Eu te falei que não estou com dor...

— Para! — grito, levantando as mãos. — Não consigo ver um ser humano passar pelo que você está fazendo com o seu corpo. É... doloroso de assistir. Dói ver você não sentir dor. — Eu me forço a desviar os olhos e começo a andar de novo.

Ele me segura pelo pulso antes de eu chegar às portas. Eu

paro, mas não me viro para encará-lo. Sua respiração chiada me faz contrair o maxilar. Ficamos parados assim por um bom tempo, congelados, esperando que as palavras nos encontrem no escuro.

— Por que isso dói em você? — pergunta ele, com a voz tão genuinamente curiosa que machuca. É como se ele pensasse que é muito estranho alguém se preocupar de verdade com ele.

— Porque eu me importo com você. — As palavras saem da minha boca com gosto de sal.

Ele aperta meu pulso com mais força antes de soltar. Minha mão cai ao lado do corpo, mas eu não me mexo. Escuto-o diminuir a distância entre nós. Ele está tão perto que dá para sentir o calor do seu corpo irradiando como brasas quentes às minhas costas.

— *Nunca* mais diga isso. — Seu tom frio me faz estremecer. — Eu vou fazer picadinho de você se disser. — Ele passa um dedo pela minha espinha, deixando um rastro de arrepios para trás. — Você. Está. Entendendo?

Meu maxilar treme. Ele é imprevisível e autodestrutivo demais.

— Não. Eu não entendo, Cameron. Por que você não pode...

Ele me empurra para a frente, e eu quase caio no chão. Consigo me segurar e endireitar o corpo, girando para olhar para ele. Sua mão envolve minha garganta num piscar de olhos, me prensando na parede fria.

Me debato, mas é inútil. O aperto dele é feito de pedra. Seus olhos estão sem vida.

— Eu sou incapaz disso — diz ele, perigosa e lentamente, a um suspiro dos meus lábios.

Incapaz de sentir? De ter emoções? De acreditar que os outros podem ter compaixão por ele?

Minha garganta queima como se eu tivesse consumido ácido.

— *Mentiroso.*

Seu rosto se contorce de raiva, e ele balança a cabeça como se

estivesse afastando sentimentos perversos.

— Eu não vou repetir. — Sua voz treme de emoção, deixando seu sotaque mais carregado.

Cameron olha nos meus olhos por um instante, depois afrouxa o aperto e sai do banheiro.

Eu desmorono no chão e cerro os punhos sobre os ladrilhos duros.

Vai se foder você também, Mori.

19

Cameron

Meu coração bate forte na minha cabeça enquanto saio da caserna e passo direto pelos homens que estão de guarda. Eles dão uma olhada rápida e desconfiada em mim, mas decidem que não sou problema deles. Estou acostumado a todos me evitando o máximo possível. Eles sabem o que eu sou... E eu fico feliz. Prefiro o abraço do isolamento ao julgamento das pessoas.

— Aonde você vai, Mori? — murmura Adams da sua mesa junto aos portões.

Ele se recosta na cadeira, abaixando um caderno e girando uma caneta entre os dedos, entediado. Seus olhos se arrastam pelo meu corpo, assimilando meu desalinho. Estou muito ciente do líquido preto espalhado pela minha camisa e do sangue que deixa meus lábios manchados de um vermelho arroxeado. Ele volta os olhos para o caderno bruscamente.

— Uma caminhada pra desanuviar, pelo jeito. Pode ir, então.

Até penso em discutir com ele, mas a dor de cabeça que castiga meu crânio não permite. Passo pisando duro por Adams e subo a rampa que leva de volta ao mundo lá em cima. Está tudo quieto agora que todos os cadetes estão dormindo debaixo do solo, mas o silêncio não me traz nenhum conforto.

Ela disse que se importa comigo. Bato na lateral da cabeça e aperto o passo, começando a correr pela floresta. Ela está mentindo para tentar me fazer baixar a guarda perto dela, tenho certeza. Ela é

igualzinha ao resto.

Igualzinha a todo mundo que já deixei que se aproximasse de mim.

Ninguém liga pra você, Cameron. Quando é que você vai entender isso? Uma coisa tão imunda e inútil quanto você nunca pode ser mais do que é, um nada. As palavras ecoam na minha cabeça, mas não consigo lembrar quem as proferiu. A voz parece a da minha mãe, mas já ouvi a mesma coisa de tanta gente que tudo se mistura na minha mente. Ela vai tentar me matar, igual a minha mãe. Está só esperando o momento perfeito para me pegar desprevenido.

Eu sei disso. *Eu sei disso.*

— Para! — grito, cerrando o maxilar e agarrando o cabelo com as duas mãos.

Disparo pela mata. As árvores ficam embaçadas enquanto passo depressa por elas, tentando correr do meu passado. Correr dos meus pensamentos. Não paro até meus pulmões estarem em chamas e meu corpo estar tão travado que eu tropeço em algumas raízes e caio.

A neve cai em cascatas ao meu redor, me mantendo imóvel sob seu controle. Tenho a sensação de que mãos congeladas agarram meus braços, minhas pernas, minha garganta. Não consigo respirar.

— Cameron, seja bonzinho por mim. Ok? — disse minha mãe.

Ela segurava minha mãozinha delicadamente, usando luvas. Como se não quisesse sentir o calor da minha pele na sua. Ela me levou para um prédio estranho, com um interior cinza e frio. As paredes eram feitas de blocos de concreto, e havia velhas cadeiras de madeira enfileiradas no corredor. A placa dizia "admissão", mas eu não sabia o que isso significava.

— Ok, mamãe — respondi, baixinho, ao me sentar.

Ela não se sentou comigo; ficou parada, ansiosa, batendo o pé e

verificando o relógio algumas vezes.

Depois de um tempo, uma mulher abriu a porta do escritório e a chamou. Minha mãe olhou para mim com expressão severa e murmurou:

— Não sai daí.

Depois desapareceu por trás da porta.

Eu esperei por um bom tempo. Até o sol sumir por trás das montanhas de novo e a neve voltar a cair. Eu sabia que devia escutar minha mãe e esperar, mas precisava ir ao banheiro e decidi ficar perto das portas de vidro um pouquinho, vendo a neve cair.

— Cameron, querido — chamou a voz de uma mulher.

Eu virei a cabeça para olhar por cima do ombro e vi uma estranha com uma prancheta em mãos.

Não respondi. Meus olhos passaram por ela e foram para o corredor, onde avistei a bolsa da minha mãe. Eu não devia conversar com estranhos, e minha mãe estava bem ali. Fiquei com medo e fui andando pelo corredor na direção da mulher e da minha mãe, mas ela foi embora. Não olhou para mim.

— Cameron, meu amor, pode vir comigo um momentinho? — A mulher tentou falar comigo de novo e fez menção de segurar meu braço quando passei por ela.

Eu comecei a correr e a gritar.

— Mamãe! Me ajuda! — Ela não se virou para mim. Continuou caminhando em direção à saída. Será que ela não está me ouvindo? — Mamãe? Mamãe! — gritei, sem parar, mas ela só segurou a bolsa com mais força e fechou a porta atrás de si.

O som daquelas portas pesadas atravessou meu ser, abrindo feridas que jamais cicatrizariam.

Eu não percebi que era uma escola para crianças más quando ela me deixou ali. Levei anos para aceitar o abandono a que ela me sujeitou. E ainda mais para voltar a me abrir para os outros. Minha mãe me visitava duas vezes por ano. Uma vez no meu aniversário e outra no Natal.

Algo endureceu no meu coração no tempo que passei lá. Eu tinha

Clara, que era o mais próximo de uma irmã que eu poderia desejar, mas ela era cinco anos mais velha que eu e foi embora bem antes de mim. As únicas coisas que aprendi com ela foram como abafar o mundo com sedativos e como trançar cabelo do jeito certo. As surras e a falta de amor me deixaram frio. Então veio a notícia da morte de Clara, poucos anos depois da sua partida.

— Pessoas como nós não vivem muito — eu me lembrei dela dizendo uma vez, e a memória ficou se repetindo na minha mente.

Quando minha mãe me levou para casa, eu já tinha dezesseis anos. Já estava morto por dentro.

Eu não facilitava que as pessoas me dissessem que me amavam ou mesmo que se importavam comigo. Porque eu sabia como essas palavras machucavam quando alguém as retirava. Quanto minha alma ficava destruída quando elas traíam suas próprias promessas. Eu fugia direto, às vezes só para ver se minha mãe ia ligar. Ela não ligava.

Quando fiz dezessete anos, comecei a dar a volta por cima, comecei a canalizar minha raiva para coisas produtivas, como a aula de marcenaria. Até recebi uma bolsa nos EUA para obter meu diploma de professor.

Eu queria nunca ter trabalhado naquelas casas de passarinho. Devia ter deixado aquela vaca me matar. O luto foi passageiro depois que larguei minha mãe no chão do meu quarto com um prego na cabeça. Não me senti mal, e soube que ela sempre tivera razão.

Tinha alguma coisa terrivelmente errada comigo.

Foi muito fácil esconder seu destino. Ninguém se importava com aquela mulher má, ela não tinha ninguém além de mim para dar queixa do seu desaparecimento. Eu já estava com tudo acertado para partir antes de ela tentar me matar, então foi fácil esperar os poucos dias que faltavam para ir embora.

É engraçado como a sua escuridão se infiltra no mundo ao seu redor. É impossível escondê-la por muito tempo antes que ela se espalhe pelas coisas que estão perto demais. Três anos foi tempo suficiente para que ela vazasse para meu novo ambiente.

Um homem me encontrou na lama, espancado e ensanguentado depois de uma briga com uns bebuns que tinham roubado meus sapatos. Eu tinha caído em um ciclo vicioso de consumo de álcool. Combinava bem demais com meus remédios. Me dava o tipo certo de onda.

Ele se sentou ao meu lado e não disse nada. Eu limpei o sangue do rosto e praguejei por causa da dor que tomava meu corpo inteiro. Meu Deus, eu odiava pra caralho sentir dor. Estava cansado demais de sofrer, por dentro e por fora.

Ficamos sentados em um silêncio constrangedor por tempo o bastante para me irritar.

— O que você quer? Eu não tenho dinheiro — resmunguei, me forçando a levantar e logo estremecendo de agonia e voltando a cair.

O homem me observou atentamente. Seus olhos eram os mais apáticos que eu já tinha visto, muito parecidos com os meus.

— Você não tem nenhum motivo pra viver, né? Eu reconheço um homem destruído quando vejo um — sussurrou ele, e soou como uma provocação.

A raiva percorreu meu sangue, e eu agarrei o colarinho da camisa dele.

— Também não tem nada me impedindo de matar um arrombado enxerido que nem você. Vai se foder.

Eu o joguei para trás e abafei um gemido quando a dor disparou pelo meu antebraço. O sangue vazava do corte perto do meu pulso.

Eu estou tão cansado de estar na merda.

Quero que isso acabe.

As sobrancelhas do homem se ergueram, e um sorriso vazio apareceu nos seus lábios.

— Tecnicamente, eu não posso levar você a menos que tenha feito alguma coisa hedionda. — Ele enfiou a mão no bolso e tirou uma pistola com silenciador. Era preta e brilhante, quase impossível de ver no escuro. As letras TO estavam gravadas no cabo. Franzi as sobrancelhas e olhei em seus olhos. — Você vai deixar esses bêbados se safarem com o que fizeram com você? — Sua voz era sedosa, quase como se ele não estivesse insinuando que

eu os matasse, o que definitivamente estava.

Meus olhos voltaram para a pistola, minhas mãos tremiam sobre os joelhos.

— Me levar pra onde? — perguntei, com a desconfiança evidente no olhar.

A expressão dele relaxou.

— Não posso te contar a menos que eu decida te levar. Vou deixar a decisão pra você.

Estreitei os olhos para ele, pegando a arma e me deleitando com o peso dela.

— Qual é o seu nome?

Ele riu, enfiando as mãos nos bolsos.

— Vance Belerik, mas pode me chamar de Erik. Você não vai encontrar meu nome em nenhum lugar além de um obituário e um túmulo. — A intriga percorreu meu corpo, mas segurei a pistola com mais força. — E então? O que você vai fazer?

Não era nem uma questão para mim.

Eu podia ter contado a ele da minha mãe e do prego que cravei no rosto dela. Podia ter tirado a camisa e mostrado a ele a horrenda cicatriz no meu peito, que eu não tinha tratado direito. Mas eu nunca havia tido uma arma como aquela para machucar alguém. Nunca havia tido o encorajamento para fazer os outros pagarem por seus crimes. Erik me seguiu enquanto voltávamos para o bar. Estava quase vazio, tirando os quatro imbecis que me deram a maior surra e o dono do bar que os apoiou.

Eu matei todos eles. Foi mais fácil do que eu imaginei. O terror nos olhos deles acalmou algo nas profundezas do meu ser. O monstro.

E eu me senti mais vivo do que nunca.

Meus olhos se abrem devagar. Encontro a escuridão e o tipo de frio que chega até os ossos, o suor grudado à pele ameaça congelar. O cheiro de fumaça de cigarro enche meus pulmões. Viro a cabeça

para o lado e encontro o tenente Erik em cima de uma pedra, casualmente dando uma longa tragada. É culpa dele eu também ter adquirido esse hábito.

— O que te deixou nesse modo de fuga? — murmura, soltando a fumaça.

Estreito os olhos para ele, tentando entender como me achou, e Erik dá de ombros.

— Adams me ligou e me avisou que você estava tendo uma crise.

Isso não explica por que você está aqui, *no meio do nada*.

Deixo meus olhos pousarem nas copas das árvores e tento sentir a dor como já senti tão vividamente na memória. É estranho sentir falta da dor, a ausência dela faz você se perguntar se está vivo de verdade. Se tudo não passa de um sonho nebuloso.

Erik atira um cigarro recém-aceso no meu peito. Eu o pego sem pensar e trago.

— Ela disse que se importava comigo — digo, em voz baixa.

As palavras fazem meu estômago revirar. A imagem mental da minha mãe me abandonando por anos e depois me levando para casa e tentando me matar vai me assombrar para sempre.

Seres humanos são incapazes de amor altruísta. Têm sempre uma transação em mente, algo que querem de você. Isso eu sei. *Todo mundo nas Tropas Ocultas sabe*, *então por que a Emery não se conforma?* Cerro os dentes.

Erik não olha para mim, simplesmente continua a fumar. Talvez seja por isso que eu me sinto tão confortável perto dele. Ele nunca parece interessado no que eu faço ou em como me sinto. É mais fácil confessar coisas para esse tipo de pessoa.

— O que tem de tão errado nisso? Pelo menos você sabe que ela não vai tentar te matar. — Erik parece irritado comigo.

Seu cabelo está penteado para o lado, escuro em meio à neve que nos circunda. Seus olhos castanho-dourados me observam; eles

têm uma tonalidade parecida com os de Emery.

Mas como ele pode saber disso? Ela é inocente e terna demais comigo. Eu sei quem ela é de verdade, sei da carrasca que vive em suas veias. Vi com meus próprios olhos hoje. Não tenho dúvida de que ela vai tentar se a oportunidade surgir.

— Você sabia que ela é uma Mavestelli? — Meu tom é baixo enquanto o observo, calculando sua resposta.

Erik nem pisca. Dá um trago profundo no cigarro, sopra a fumaça e suspira.

— Sim. Isso não muda nada.

Ele joga o cigarro na neve, depois se levanta com uma postura rígida.

Imito o temperamento irritado de Erik e mudo de assunto.

— Por que você está aqui, tenente? Pensei que o Esquadrão Fúria estivesse se preparando pra uma missão.

Esfrego a parte de trás da cabeça para soltar a neve do cabelo, mas em vez disso encontro sangue. *Merda*. Há quanto tempo será que estou sangrando?

Erik dá de ombros.

— Foi uma missão curta. Já voltamos faz uns dias, por isso que eu vim assistir aos testes desse semestre. — *Ele está assistindo?* Fico carrancudo. — Não conseguimos fazer muita coisa sem você, seu doido. Não surte por causa de cada coisinha com a nova colega. Use ela como faz com todo mundo, só não a mate. — Ele se levanta e dá uma boa olhada em mim, com severidade. — Não podemos nos dar ao luxo de ter mais fatalidades em missões de nível preto e temos uma bem grande pela frente, então não me decepcione. Precisamos de você, Mori. — Ele me estende a mão, e eu aceito.

Erik me ajuda a levantar e me dá um tapinha nas costas.

— Estou tentando, tenente. Ela é espirituosa, e eu gosto dela de verdade. Acho que ela vai conseguir sobreviver a mim. — Minha voz está rouca. Alguma coisa quente escorre pelos meus

lábios e meu queixo. Os olhos de Erik se voltam para o meu nariz antes que eu consiga limpar o sangue. — Eu tô bem — afirmo. Parece robótico a essa altura.

Erik sai andando à minha frente, nos conduzindo de volta ao bunker.

— Eu me pergunto por quanto tempo você vai acreditar nisso — responde ele.

Já estou começando a questionar, penso em dizer a ele.

Emery se assegurou disso.

20

Emery

Os chuveiros quentes são avidamente aproveitados por todos. Já era de se esperar, depois de tantos banhos frios que suportamos no Sub. Eu não sou exceção. Acordo mais cedo do que a maioria e me delicio com o calor e o vapor pelo máximo de tempo possível.

Cameron não voltou ontem à noite. Levei um bom tempo para pegar no sono, mas acabei adormecendo. As poucas horas que dormi não parecem muitas, mas duvido que eu consiga descansar mais, principalmente agora que os outros estão se levantando da cama e correndo para o banheiro.

Vou até o refeitório, onde encontro Cameron sentado, comendo um pãozinho. A comida aqui é muito melhor do que no Sub. É perturbador o fato de estarmos sendo quase recompensados por termos sobrevivido depois de uma prova tão terrível. Estou morrendo de medo da segunda.

Cameron me olha com expressão severa quando pouso duas xícaras de café na mesa. Empurro uma na direção dele sem me dar ao trabalho de ver se parece grato ou não. É só um gesto gentil depois do que aconteceu ontem.

Ele não diz nada enquanto comemos. Sua xícara de café já está fria quando Bree e Damian se sentam à nossa mesa.

— Bom dia — diz Bree, alegremente.

Depois de passar semanas convivendo só com Cameron, fico chocada que os dois estejam aqui. Os olhos de Bree estão

brilhantes, e ela parece animada para o dia começar. Está mancando de leve por causa do ferimento que sofreu, então espero que tenha encontrado uns analgésicos na enfermaria. Gostaria de ter a mentalidade dela. A minha está presa entre morrer nas mãos de Wraith ou de Cameron.

Forço um sorriso amarelo.

— Bom dia.

— Prontos pra morrer hoje? — Damian diz, bocejando, o que me leva a fazer o mesmo.

Os olhos de Cameron permanecem impassíveis. Seus braços estão cruzados com firmeza.

Bree suspira ao colocar o prato na mesa.

— Não dá pra você ser positivo por, tipo, dois segundos? — resmunga ela, antes de dar um golinho no chá.

Damian ergue o queixo para mim, como se estivesse tentando decidir o que quer fazer. Pego um pedacinho de bacon do meu prato e ofereço a ele, uma vez que os madrugadores já acabaram com tudo.

— Pega. Você pode muito bem comer uma coisa gostosa antes de bater as botas — brinco.

Ele me observa, depois sorri e aceita a oferta.

— Viu? A Emery entende.

Ele dá uma piscadela para mim. Espero que signifique uma trégua entre nós.

Bree balança a cabeça e ri.

— Contanto que eu possa comer em paz, não tô nem aí.

Cameron bufa, chamando minha atenção. Ele está recostado na cadeira, fulminando Damian com os olhos entreabertos.

— Pisca pra ela de novo e eu arranco a porra do seu olho. — Ele dá uma piscadela sarcástica para Damian ao proferir essa última parte, para enfatizar o comentário.

Damian estremece e baixa depressa os olhos para a comida.

Pelo menos ele sabe que deve ter medo de Cameron. Não tenho certeza se conseguiria matar um dos dois se for preciso, mas Cameron nem hesitaria. Ele não se importa com nada além da sua utilidade para as Tropas Ocultas.

— Quando será que vão anunciar o segundo teste? — Bree muda de assunto, empurrando o prato para o lado.

Olho para Cameron, uma vez que ele é o único aqui que poderia ter alguma ideia. Ele sente meu olhar e levanta o rosto para mim.

— Depende do que for o desafio. Adams pode anunciá-lo antes do almoço ou minutos antes do teste começar, igual ontem.

Ele tira um dos seus anéis pretos e o gira sobre a mesa como se fosse um pião, entediado.

As vibrações que o anel produz deixam meu pescoço arrepiado.

— Vamos receber outras armas além das facas de combate dessa vez? — sussurro, notando que as mesas mais próximas de nós conseguem nos ouvir e que algumas estão olhando na nossa direção.

É injusto podermos fazer perguntas para Mori. Isso só os deixa com mais raiva de nós.

Cameron dá de ombros e deixa os olhos encontrarem os meus. Um pedido de desculpas cintila neles antes de ele abaixar a cabeça para a xícara de café frio. Ele passa o dedo pela borda da caneca.

— Normalmente a gente recebe fuzis e pistolas na segunda rodada, mas isso muda todo ano, então não fiquem muito esperançosos.

Nossa mesa fica em silêncio, mas depois de alguns minutos o sargento instrutor Adams se dirige ao salão inteiro. O pavor segue esse cara aonde for, apesar do seu sorriso perverso; ele só compartilha notícias ruins.

— Atenção, cadetes. Como restaram apenas cinquenta de

vocês e nenhum rastreador foi detonado para forçar o fim do primeiro teste, vamos permitir que escolham suas equipes para o segundo. Vocês vão precisar de cinco membros por esquadrão, e, se eu fosse vocês, escolheria com sabedoria, porque nesse teste só quatro times vão chegar ao fim. Nenhum companheiro de esquadrão deve ser deixado para trás. Isso significa que cada cadete na sua equipe deve atravessar a linha de chegada com vocês, vivo ou não. Mas todos devem estar presentes de um jeito ou de outro, ou seu time será executado. — A voz dele ribomba pelo refeitório, o som de garfos sendo pousados e alguns arquejos de horror perturbam o silêncio.

Então eles estilhaçaram a cooperação e as tréguas que os cadetes tinham entre si na primeira rodada e agora querem que a gente cole os cacos? Cruel.

Adams abre um sorriso malicioso.

— As armas serão entregues às cinco para a meia-noite no local da prova. Todos os esquadrões devem estar organizados e prontos até lá.

Ele desce da mesa e sai do refeitório, seguido por alguns dos seus soldados de confiança.

Volto minha atenção para nossa mesa.

Damian balbucia:

— É isso, então? Se uma pessoa morrer, o esquadrão inteiro...

Cameron leva a mão ao pescoço e imita uma explosão com os dedos.

— Já era, mas só *se* você não arrastar o cadáver até o ponto de referência — responde ele, como se não fosse nada de mais.

O rosto de Bree fica pálido, e Damian parece estar sem palavras, para variar. O restante dos cadetes deve estar sentindo o mesmo, porque tudo fica em silêncio pelo total de quatro segundos antes de o caos se instalar.

A maioria das pessoas está tentando consolidar suas alianças,

depois de elas terem sido brutalmente abolidas ontem. Não me surpreende que Arnold e Wraith recebam o maior número de pessoas implorando para se juntar a eles. Eles perderam alguns dos parceiros na nossa emboscada ontem, mas ainda têm um grupo forte que pode facilmente ser dividido em dois com novos membros.

Os olhos de Wraith estão fixos em Cameron, e uma escuridão devastadora permeia sua expressão. Vingança, ou talvez orgulho. Arnold parece menos contrariado e mais ávido por poder, saciado com as pessoas a seus pés.

Um nó se forma na minha garganta quando Wraith se levanta e caminha na nossa direção, ignorando todos os cadetes que tentam falar com ele. Bree inspira o ar com força e afunda na cadeira. Eu endireito os ombros e firmo os punhos embaixo da mesa.

Cameron dá um sorrisinho quando Wraith se senta perto dele. Lado a lado, os dois parecem gladiadores em meio à plebe. Seus ombros são largos, e músculos se contraem sob os maxilares à medida que eles avaliam um ao outro.

— Você e a nanica deviam entrar na nossa equipe — diz Wraith, com confiança, e seus olhos se voltam na minha direção como se só então se lembrasse de mim.

Eu lhe dirijo um olhar penetrante, que é facilmente ignorado. Esse cara acha mesmo que a gente se juntaria a ele depois de tudo que fez? Sem falar na faca que enfiou nas costas do Cameron?

Cuzão.

Cameron coloca o pé no assento da cadeira, entre as pernas de Wraith, e a empurra. Wraith sai voando e cai no chão, e o refeitório inteiro fica em silêncio, com a exceção das exclamações dos puxa-sacos.

Wraith se levanta em questão de um segundo, furioso, e se aproxima de Cameron como se fosse socá-lo. Arnold sai de sua

mesa e começa a vir até nós como se uma briga estivesse prestes a começar. *Merda*, *isso é ruim*. Bree e Damian ficam de pé e dão alguns passos para longe da mesa. Eu permaneço sentada, sacando uma das facas extras que guardei para o caso de precisar por aqui. Seguro a arma com mais força quando Wraith me lança um olhar desconfiado.

— O que você tem aí, nanica? — pergunta ele, ríspido, depois bate a mão boa na mesa e tenta vir para cima de mim.

Cameron é mais rápido: agarra a cabeça de Wraith por trás e faz sua testa colidir com a mesa.

Wraith geme enquanto seu corpo desmorona pela lateral da madeira. Cameron o pega pelo colarinho e o levanta para que possa ver seus olhos quando ele murmura:

— Some daqui antes que eu te mate com as minhas próprias mãos.

Os olhos de Wraith se arregalam de medo diante do puro desdém na voz de Cameron.

Arnold para ao lado do companheiro e diz, com desprezo:

— Já era pra vocês, porra.

Ele cospe nos pés de Cameron antes de voltar a sua mesa.

Os olhos de Cameron estão inundados de raiva. Ele acena com a cabeça para mim.

— Vamos.

Eu engulo a adrenalina que vibra nas minhas veias e me levanto para segui-lo. Os outros nos observam com olhos apertados, depois voltam para o frenesi de definir as equipes.

Puxo a parte de trás da jaqueta de Cameron, chamando sua atenção por cima do ombro.

— Não era melhor a gente ficar e montar um time?

Seco as palmas das mãos suadas na calça, tentando acalmar o rugido do meu coração. Não estou acostumada a missões em equipe. Não consigo deixar minha vida nem depositar minha

confiança nas mãos dos outros.

— Não vai importar com quem a gente ficar. Eu não vou deixar a gente morrer na prova — murmura ele, olhando para a frente enquanto percorremos o corredor onde fica a enfermaria.

Cameron nos conduz para uma sala de treinamento, que é a porta seguinte. Minhas sobrancelhas se levantam. *Por que a gente tá vindo pra cá?*

As luzes são fracas aqui, mas ainda assim consigo ver quão nova e imaculada é essa sala de armas. Parece que não é tocada há anos, ou a equipe de limpeza das Tropas Ocultas é simplesmente impecável. Os bonecos ao final do campo de tiro só têm alguns arranhões, e o chão está livre das muitas manchas e marcas que a base do Sub exibia.

— Você já passou por esse teste antes? — pergunto, perto dos fuzis.

Há um ACE 32 prateado, modificado como o que vi no Sub, com detalhes em branco. Sou atraída por ele e decido aquecer a mira, já que provavelmente vou ter que atirar para matar esta noite. É bom ter uma arma de longo alcance de novo, mas todo mundo também vai ter essa vantagem.

Cameron pega dois coletes e joga um para mim antes mesmo de eu perceber que ele o atirou. Pego a peça no ar e olho para ele contrariada.

— Na verdade, já. E eu sei que os cadetes que são espertos o bastante para se preparar têm as melhores chances de vencer. Pega aquela fita na prateleira e enfaixa suas mãos. Veste o colete também — ordena ele, meio distraído. Seus olhos varrem as mesas de armas em busca de alguma coisa.

Faço o que ele diz e enfaixo as mãos com a fita médica, mas decido continuar sem o colete de ótima qualidade até acabarmos aqui.

— A gente pode levar essas coisas para os testes? — pergunto,

e uma inquietação toma conta de mim, porque ele parece ter assumido uma outra mentalidade agora que sabe qual será o teste.

Ele se move metodicamente, pegando uma faca extra para guardar na bota e mais um pente de munição.

Cameron assente.

— E armas também — diz ele, mais baixo.

Arregalo os olhos.

— Então por que o Adams não disse nada?

— As Tropas Ocultas recompensam os soldados que se arriscam. Os mais entusiasmados. Os que se dispõem a fazer o que for preciso pra garantir que sua equipe sobreviva, mesmo se tiverem que trapacear.

Eu devia ter adivinhado.

— As Tropas Ocultas não fazem nada que não seja duvidoso, né?

Baixo os olhos para o ACE 32 que tenho em mãos. Aqui é um lugar apropriado para pessoas como nós. Nada é justo no lado sombrio do mundo. Penso no dia em que eliminei quatro guardas colocando uma garrafa de veneno no vinho deles. Eles acharam que estavam sendo recompensados pelo chefe, os pobres coitados.

Cameron ri, o som é grave e atrai meus olhos para ele. Seu sorriso é fraco, mas eu o admiro mesmo assim.

— Duvidoso é meio que a nossa marca registrada. Ou você aceita que está no inferno e abraça o capeta ou infelizmente as Tropas Ocultas vão te comer viva, lindinha.

Olho feio para ele e ergo o fuzil, mirando nos bonecos na ponta do campo de tiro.

— Não me chamavam de Carrasco da Extirpação por ser santa, *Mori* — resmungo, puxando o gatilho.

O ACE 32 dispara suavemente, com o silenciador na extremidade, e o projétil desliza lindamente pelo ar.

A cabeça do primeiro boneco explode quando a bala atinge o

meio da sua testa. Eu decapito o segundo com um tiro direto nas vértebras e rasgo o coração do terceiro.

Seguro o fuzil com firmeza em uma mão e agarro uma das pistolas na mesa ao meu lado ao girar, puxando o gatilho contra a base da garganta de um boneco balístico atrás de mim.

Cameron está de braços cruzados, mas não consegue tirar a fome carnal do olhar enquanto me observa. Ele se afasta da parede e me contorna, com o corpo a um centímetro de roçar no meu. Fico sobrecarregada pelo seu cheiro e inspiro o ar com força. Ele *quase* me tocando está me deixando louca. Tudo que eu quero é sentir suas mãos cruéis na minha pele de novo.

— Mas você parece uma santa, Em. Esse é o problema. Você é doce o bastante pra devorar de uma vez só. Só porque consegue matar não significa que saiba como é perder um companheiro. Remoer as coisas horríveis que fez. Lá na civilização, você só estava matando pessoas ruins que eram atribuídas a você. Aqui, você vai tirar as vidas daqueles que *escolher* matar. De cadetes que só estão tentando sobreviver, igual a você. De quem quer que o filho da puta do general Nolan mande a gente ir atrás. Você vai aguentar? — Cameron caminha ao meu redor lentamente, até parar na minha frente de novo, olhando nos meus olhos.

— Eu tirei vidas ontem e dormi feito um bebê, ou já esqueceu? — minto.

Não dormi porcaria nenhuma. Mas delirar e dissociar são os únicos métodos que eu conheço para manter o controle da mente. Foi o que Reed me ensinou, e já me salvou de mim mesma.

Ele inclina a cabeça e sorri.

— E desde então você tá com um ar vazio. Dá pra ver a culpa se acumulando nos seus olhos. Você só está escolhendo não processá-la. O distanciamento vai te manter viva, então pelo menos você é inteligente o bastante pra fazer isso.

Mordo o lábio. Como foi que ele percebeu? Me irrita que saiba

tudo isso só de olhar para mim. Sou tão transparente assim? Eu tento não ser. Não sou boa em ser tão insensível quanto Cameron. Não perdi tudo como ele.

— Viu? Esse é o seu problema. Você joga seu coração de um lado pro outro como se fosse ganhar alguma coisa com isso. Se importar com os outros não vai te levar a *nada*. Eu posso ser sua primeira decepção nesse aspecto. Você *vai* perder essa parte sua. Quanto antes melhor, porque, quando os testes chegarem ao fim, você não vai ser nem um pouco melhor do que eu. — Ele pronuncia as palavras sem nenhuma emoção.

Encaro o chão e tento evitar seu olhar, mas seus dedos frios encontram meu queixo, e ele levanta minha cabeça de volta para si.

— É bom chegar nesse ponto, Em.

— Ah, é? Porque você não parece tão bem assim, Cameron. Você diz que sou eu que não estou processando as coisas, mas e você, hein? Eu também enxergo o que tem por trás da sua fachada, sabe.

Ele recua diante das minhas palavras, como se tivesse levado um tapa, e estreita os olhos.

Dou um passo para trás para criar distância entre nós, mas ele acaba com ela com a mesma velocidade, me prendendo contra a parede. Respiro fundo quando ele abaixa a cabeça até seus lábios roçarem minha orelha e sussurra:

— Cuidado com essa sua língua afiada.

Seu hálito aquece meu pescoço e provoca uma onda de calor no meu corpo todo.

— Senão o quê? — pergunto baixinho, virando a bochecha na direção dele até nossas peles se encontrarem.

Cameron engole em seco enquanto entrelaça os dedos aos meus devagar e coloca minha mão atrás da minha lombar. Ele sussurra acima dos meus lábios:

— Eu vou te castigar até você aprender a lição. Até você não

conseguir mais falar.

Ele afrouxa o aperto na minha mão e baixa os olhos para os meus lábios.

— Você quer ser carinhoso *agora*? Depois da noite passada? — pergunto, insensível, e sua compostura finalmente se quebra.

— Isso não é carinho. Isso é fome.

Ele cede ao seu desejo carnal e me beija como se fosse seu primeiro e último beijo. Desliza a mão pelo meu pescoço enquanto segura a minha bem presa atrás de mim. Fiel à sua palavra, Cameron me consome com fervor. Nossos lábios se movem na mesma batida, e nossos corações martelam loucamente contra o peito um do outro. Sinto que o conheço mais do que qualquer outra pessoa já conheceu, mas, ao mesmo tempo, nem um pouco.

Um gemido escapa dos meus lábios quando ele deixa a língua afundar na minha boca, explorando cada centímetro meu. Sua mão faz o mesmo, largando meu pulso e se movendo pelos sulcos e vales da minha carne como se fosse a primeira vez que ele estivesse me tocando. É um toque mais delicado dessa vez, quase sombrio na maneira como seu polegar traça a curva do meu seio.

Cameron afasta a cabeça e cerra os dentes. As veias no seu pescoço ficam saltadas enquanto ele briga para não se render ao que quer que seja isso entre nós.

Pressiono os lábios no seu pescoço e passo os braços pelo seu torso devagar, deslizando os dedos pelas suas costelas. Ele estremece quando eu murmuro:

— Tá com medo de quê, Cam? Eu sou só uma mulher. Você é incapaz de se importar, lembra?

Seu corpo enrijece, e, por um instante, penso que venci esse nosso joguinho de astúcia. Mas ele leva o nariz até o meu e olha diretamente para a minha alma.

— Você acha que vou te poupar no fim, não acha, Emery? Só tô tentando manter esses seus pedacinhos frágeis inteiros até o

canto do cisne. Até eu ser a última coisa que você vê.

Não seria uma visão tão ruim, pondero, tentando impedir que o frio penetre nas minhas veias.

Dou risada colada aos lábios dele, beijando-o de novo.

— Que poeta. Infelizmente acho que você enlouqueceu — digo, entre uma respiração e outra.

Ele geme e me empurra contra a parede, agarrando meu cabelo e deixando minha pele em chamas.

Cameron enfia a mão por baixo da minha blusa e aperta meu seio.

— Só você consegue me deixar nesse estado de loucura. As coisas que eu quero fazer com você são animalescas.

Ele morde meu lábio inferior e baixa o zíper da minha calça. Choramingo com a ferroada dos seus dentes, seguida pelo toque suave da sua língua.

Ele me beija mais uma vez e depois se afasta, sustentando meu olhar enquanto se ajoelha diante de mim. Permaneço de pé, com as costas apoiadas na parede.

— Não mexa um músculo — diz ele, abaixando minha calça e gemendo ao ver a evidência da minha excitação. — Olha como seu corpo anseia pelo meu toque, meu bem. — Ele enfia a mão entre minhas pernas até chegar ao clitóris. Deixo escapar um gemido e cerro os punhos contra a parede, tentando resistir ao impulso de agarrar seu cabelo e forçar sua boca a se aproximar da minha buceta latejante.

Cameron ergue o rosto para mim, com olhos tão encantadores que desperta algo no meu interior. Ele sempre parece revelar coisas que eu achei que já estavam mortas havia muito tempo.

Ele não desvia o olhar enquanto leva os lábios à minha virilha e passa a língua na minha buceta. Sua boca cobre meu clitóris e ele fecha os olhos como se estivesse em transe. Então solta um gemido baixo, agarra minhas coxas e enterra a língua dentro de mim.

Solto um grito, com os joelhos ficando bambos à medida que o prazer me domina. Cameron gira a língua na minha buceta, como se realmente quisesse que eu perdesse a sanidade. Minhas mãos encontram seu cabelo lindo e macio e meu quadril se empina de leve enquanto ele me chupa e me lambe como um animal selvagem. Gozo depressa, cravando os dentes no lábio inferior para não gritar enquanto ele me devora por inteiro.

Ele lambe meu gozo avidamente e não desiste até eu estar me contorcendo nas suas mãos, implorando que ele me dê um momento para recuperar o fôlego.

Cameron finalmente para e lambe os lábios enquanto eu escorrego pela parede até minha bunda bater no tatame. Minha respiração está irregular, e eu arfo quando ele me pega no colo como se eu não pesasse mais do que um fuzil de assalto.

— O que você tá fazendo? — pergunto, ofegante, pressionando seu peito com a mão.

Seus olhos tomados de desejo encontram os meus quando ele me coloca na mesa, em meio às facas de combate. Minha pulsação acelera e o medo se infiltra nas minhas veias quando ele pega uma faca cor de ébano.

— Eu vou te foder até fazer você chorar, mas, só para o caso de eu perder o controle... — ele coloca a faca na minha mão — quero que você se sinta segura comigo, Em. Quero... que pelo menos uma pessoa se sinta segura comigo — sussurra ele, sem olhar para mim, angustiado.

Uma pontada de dor se espalha pelo meu peito com essa admissão. Eu sei como é difícil para ele ser vulnerável. Cameron *nunca* fica vulnerável.

Pego a faca e lhe dou um sorriso reconfortante. Ele faz uma pausa, com os polegares enganchados no cós da calça, e observa meu corpo esparramado na mesa como se eu fosse um sacrifício. Me forço a desviar os olhos, porque saber que ele não sente nada

por mim faz com que emoções irracionais venham à tona no meu coração.

É só sexo.

Um instante depois, o som das suas calças caindo no chão atrai meu olhar de volta para ele. Seu pau está latejando, e tem pré-gozo vazando da cabeça.

Passo a língua pelos lábios enquanto o observo agarrar o próprio pau e alinhar a ponta com a entrada da minha buceta. O cabelo de Cameron cai na testa quando ele entra em mim. Ele franze as sobrancelhas e abre a boca ao me alargar com seu pau. Minhas costas se arqueiam com a pressão e o prazer que tomam meu ventre.

— Porra, você tá apertando meu pau com muita força — geme ele, colando os lábios à minha clavícula enquanto une o quadril ao meu.

Choramingo contra o seu pescoço. Ninguém nunca me preencheu desse jeito. Meu quadril se empina para ele, implorando que ele se mexa e me faça gozar.

Cameron ri e mordisca a pele macia atrás da minha mandíbula. Ele cede aos meus gemidos e começa a meter em mim. Minhas pernas envolvem sua cintura e meus dedos se fincam nos seus ombros.

O jeito como ele me abraça com tanta ternura, mas empurrando o quadril sem piedade, me faz perder o eixo. Eu quero cada parte dele. Cada gota do seu corpo pecaminoso, seu toque assassino.

Eu quero tudo.

Meus dedos acariciam seu cabelo, e minhas mãos repousam delicadamente em suas bochechas enquanto ele respira com dificuldade acima de mim. Seus olhos cor de sálvia cruzam com os meus, e a apatia que mantém seu coração trancado em gelo derrete um pouquinho. Ele desacelera, olhando direto para a minha alma,

primeiro com carinho, mas depois com uma expressão lentamente tomada pelo medo.

Ele encosta o peito no meu depressa. Sou envolvida pelo calor e pelo seu cheiro.

— Odeio quando você me olha assim — sussurra ele no meu ouvido, com aquele toque frio de volta à voz.

Ele mete em mim com força, me fazendo gritar. Que porra foi essa?

Respiro fundo e mordo seu ombro.

Ele rosna, e a vibração atravessa meu peito e chega até o meu coração.

— Odeio ser obrigado a proteger *você* — grita ele, me dando um susto. Depois abaixa o tom. — Você é a pior coisa que já me aconteceu. — Sua voz vacila.

— Cameron. — Odeio soar tão chateada. Tento engolir o nó na minha garganta.

— Essa é a última vez que eu vou te comer. Não quero que você me toque nunca mais. *Eu odeio isso*. Odeio a sensação das suas mãos na minha pele — diz ele, em voz baixa e desdenhosa.

Seus braços envolvem meus ombros e me levantam até meu peito estar colado ao dele.

— Eu te odeio — digo, contendo as lágrimas enquanto tento empurrá-lo para longe, mas seus braços estão firmes ao meu redor. — Eu te odeio, porra! Você acha que eu quero estar presa nesse submundo psicótico justamente com você?! — Solto a faca que ele me deu e bato com os punhos nas suas costelas.

Ele não me solta, só me tira da mesa, com o pau ainda duro dentro de mim e ajudando-o a me segurar, e me carrega até um canto escuro. Ele apoia as costas na parede e escorrega até se sentar no chão, comigo no colo.

Nossa conexão só me deixa ainda mais furiosa. Que porra ele está fazendo? Estou exausta desse comportamento de lua dele.

Babaca autossabotador.

— Cameron, me solta — digo, com severidade.

Ele afrouxa os braços e os deixa cair ao lado do corpo, mas sua testa permanece apoiada no meu ombro. Nosso silêncio continua por alguns segundos. Emoções ardem como labaredas de fogo na minha cabeça.

— Você não me odeia, Em. Esse é o problema, você não entende? — murmura ele.

Por que ele tem que dizer isso com tanta tristeza? Seu hálito é quente no meu pescoço, provocando arrepios na minha espinha.

Engulo em seco ao sentir a pulsação do seu pau dentro de mim enquanto empurro seus ombros para trás devagar, até que ele levanta a cabeça e a recosta na parede. Seus olhos estão semicerrados e voltados para mim, mas sem me ver, destruídos e mutilados. Ainda assim, ele abre um sorrisinho fraco.

— Eu vou ser a sua ruína. Vou roubar os últimos lampejos de luz que restam dentro de você. — Algo endurece no seu olhar. A determinação de um homem desalmado. — Você não me trouxe nada além de desespero.

Pisco furiosamente para afastar as lágrimas antes que elas possam cair e faço menção de me levantar. As mãos dele empurram meu quadril para baixo com força, me mantendo no lugar.

Ficamos nos encarando. *A audácia desse filho da puta.*

Eu me aproximo para deixar as coisas bem claras.

— Eu não gosto de você, *Mori*. Você é um merda do caralho.

Ele sorri, mas vejo uma centelha de mágoa em sua expressão. Cam dá uma batidinha no meu esterno com dois dedos.

— Sai de cima de mim, porra.

Meu lábio treme, e eu forço as paredes do meu coração a se fecharem mais uma vez. Me sinto muito estúpida por tê-lo deixado entrar. Eu sabia que ele era cruel e vil. Sabia que estava destruído

demais para ser consertado... então por quê? Por que mesmo assim dói tanto?

21

Cameron

Nunca desejei tanto a morte quanto agora. Aqueles olhos. O jeito com que ela olhou para mim como se eu fosse mesmo um monstro... Me dá vontade de morrer.

O frasco de comprimidos tilinta quando o chacoalho para tirar cinco, mastigando-os para que façam efeito mais rápido.

Não quero sentir nada. Desde que a conheci, venho sendo atormentado por emoções que eu não quero.

Porra... *o que eu tô fazendo?*

22

Emery

Meu primeiro golpe de sorte em anos finalmente cai no meu colo. Bree e Damian me esperavam voltar para a caserna e pediram para formar um esquadrão comigo e com Cameron. Eu concordei, grata porque as duas pessoas que pensei que seriam minhas inimigas pelo restante dos testes acabaram se transformando em colegas.

Claro que tive que contar a eles o segredo que Cameron compartilhou, em relação aos coletes e às armas. Quando entramos na sala de armas, fico aliviada por ele não estar mais aqui.

— Tem certeza que a gente pode fazer isso? — pergunta Bree, hesitante, com os olhos fixos em uma pistola preta e fosca.

Faço que sim.

— Eu consegui sair usando o colete sem fazer nenhum alarme tocar e também fiz o teste com uma pistola. Vamos ter que nos limitar às opções menores, pra não alertar mais ninguém.

Damian abre um sorrisão e ansiosamente veste um colete branco e pega uma pistola e uma adaga com bainha de tornozelo. Seus olhos se demoram no fuzil de precisão. Pena que é grande demais para levá-lo com a gente.

— Você tem treinamento de sniper? — pergunto, incrédula, me concentrando em não olhar para a mesa de facas onde acabei de ser comida.

Damian ergue o queixo, orgulhoso.

— Nós que passamos seis meses no campo temos bem mais

treinamento que você, novata — repreende ele.

Bree balança a cabeça com um sorriso, experimentando a pistola preta para se familiarizar com ela.

— Como foi quando vocês chegaram? — pergunto, traçando com o dedo uma KA-BAR salpicada de branco e cinza. Deve se misturar bem com a neve, e é a única faca branca na mesa, então troco a que já tenho por ela.

— Bom, tinha mais de cem de nós quando a gente chegou... tipo, *bem* mais. As primeiras semanas foram as piores, porque eles fizeram a gente lutar por comida, camas, basicamente tudo — responde Bree, fazendo uma careta com a lembrança. Meus olhos se arregalam, e ela faz que sim. — É. Foi a maneira como começaram a eliminar os fracos entre nós. Depois as coisas começaram a se transformar no que eu imagino que seja uma experiência de treinamento militar normal. Embora eu não tenha nada com que comparar, já que nunca estive no exército.

Damian acrescenta:

— Adivinha quem aqui tem experiência militar de verdade.

Seu tom é sarcástico, e eu sei de quem ele está falando na hora.

— Arnold e Wraith. — Seus nomes têm um gosto azedo na minha língua.

— Acertou. — Ele faz uma arminha com os dedos para mim.

Reviro os olhos e sorrio. Me pergunto quantos anos os dois têm. Parecem ter minha idade, mas talvez sejam mais novos.

— Quantos anos vocês têm? Acho que a gente nunca tocou nesses assuntos.

Esfrego a parte de trás da cabeça. Provavelmente não é tão estranho quanto eu estou fazendo que seja, mas não estou acostumada a manter conversas com as pessoas. Passei metade da vida com Reed, e foi basicamente isso, tirando uns lances ocasionais.

Bree envolve o braço de Damian com a mão e pousa a cabeça no ombro dele.

— Bom, caso você ainda não saiba, a gente está meio que junto. — Faço que sim. Era bem óbvio. — Na verdade, nós dois somos de Boston. Eu tenho vinte, e ele tem vinte e dois. — Ela sorri para ele.

O modo como os olhos dele suavizam quando olha para ela é como toda garota quer ser amada.

— Vocês dois foram trazidos pra cá ao mesmo tempo? — questiono.

Qual a chance?

Eles se entreolham antes de Damian responder:

— É, a gente era uma dupla lá em cima também. Não pergunta o que a gente fez, você sabe que não podemos te contar.

Meu Deus, só posso imaginar.

— E você, Emery? — pergunta Bree quando nos asseguramos de que pegamos tudo que queríamos do arsenal, depois saímos para voltar à caserna antes que alguém fique desconfiado.

— Sou só a filha de um idiota rico que foi pega matando pessoas. — *Entregue pelo próprio pai.* — Tenho vinte e quatro.

Ambos assentem, reflexivos, quando viramos para entrar no corredor. Seus sorrisos parecem fáceis e relaxados. Todo mundo no Sub teve que se desfazer do passado de um jeito ou de outro. Isso me dá esperança de que talvez eu também possa fazer o mesmo. *Talvez eu não precise mais ser a carrasca.* Um sorriso repuxa meus lábios quando penso nisso. Meus olhos se estreitam quando pousam em Cameron, que está fumando um cigarro apoiado na parede.

Ele deixa os olhos passearem pelos dois, me ignorando, e olha para o outro lado. *Que bebezão.* Tem muitas coisas que quero lhe dizer, mas sei que isso não vai me levar a nada, então passo reto por ele, de cabeça erguida. Bree e Damian trocam um olhar

hesitante ao me seguir. Cameron vem andando atrás de nós.

A tarde se arrasta enquanto os cadetes restantes organizam suas equipes. Tenho certeza de que a nossa vai ficar com a pessoa que sobrar, seja lá quem for. Nenhum de nós está preocupado com isso, então descansamos o máximo possível e esperamos.

Quando terminamos de jantar, um cadete mais ou menos da minha altura se aproxima da nossa mesa. Ele tem uma expressão sombria e parece nervoso.

— Eu fui o único que sobrou — murmura ele, encarando nossos ombros.

Seu cabelo é castanho-claro e curto, e sardas cobrem suas bochechas e o nariz. Ele parece o jovem mais inocente do século. Já o vi de passagem algumas vezes no Sub. Levo um segundo para me lembrar onde. Ah, ele é o cara que vivia na biblioteca, como eu. Sempre ficava na dele.

Deus, como foi que ele sobreviveu ao primeiro teste?

Cameron o encara com frieza, o que parece fazer com que a coisinha frágil se encolha ainda mais.

Solto um suspiro diante da recepção irritada de todo mundo.

— Como você se chama? — Abro um sorriso e gesticulo para o assento ao meu lado.

Ele faz uma pausa antes de ceder e se sentar.

— Bryce. Eu já sei o nome de todos vocês, então não precisam se apresentar. — Ele dá uma olhada ao redor da mesa, hesitante, depois volta a baixar os olhos.

Bryce usa óculos grandes e redondos que estão presos na sua cabeça como óculos de proteção, para que não caiam. Passa a impressão de ser incrivelmente inteligente, mas, se já sabe nossos nomes, aposto que é tão esperto quanto parece.

Pelo que percebi, a inteligência conta muito por aqui. Não é só força bruta. Afinal, existe um motivo para ele ainda estar vivo.

— Então, Bryce, o que você tem a oferecer ao grupo? —

pergunta Damian, de forma direta, o que lhe rende uma cara feia de Bree, embora ela também pareça meio retraída com a presença de Bryce.

Não é como se a gente tivesse escolha.

Bryce arregala os olhos e balança a cabeça.

— Não sou muito bom no combate ou em matar pessoas. Pelo menos não diretamente.

Sua voz é suave, mas tem um toque de maldade. É sinistro, considerando que ele tem esse ar de timidez.

— Ai, meu Deus, você envenena as pessoas, né? — solta Bree.

— Bom, sim, mas é difícil envenenar os outros nos testes. Quer dizer, não tem como comparar um frasco mortal a armas e facas, mas armadilhas são uma das minhas especialidades.

Todos nos entreolhamos, constrangidos, com exceção de Cameron. Ele mantém os braços cruzados e avalia Bryce em silêncio.

— Que tipo de armadilhas? — pergunto, achando-o mais interessante do que um momento atrás.

Bryce tem um ar calmo, embora pareça ter menos chances de sobreviver do que qualquer um.

Ele sorri com a minha pergunta, parecendo adorar a chance de explicar seus métodos.

— Minha favorita é uma mistura de venenos simples e pregos.

— *Pregos?* — gagueja Damian.

— Sim. Eu mergulho eles no veneno e coloco as armadilhas em fileiras ao longo dos caminhos mais usados pelos outros. Também é útil usar em facas de combate, para quem preferir uma rota mais direta.

Literalmente todo mundo, tirando esse cara.

— Você é assustador pra caralho — comento.

Jamais passou pela minha cabeça que houvesse alguém como ele no Sub. Veneno requer conhecimento e estudo, saber quais

funcionam mais rápido e que efeitos provocam. Me pergunto se era isso que ele estava estudando na biblioteca o tempo todo.

Graças a Deus não pisei em uma das suas armadilhas no primeiro teste. Bryce esfrega o joelho, ansioso.

— Você acha?

Damian ri e dá um tapa nas costas de Bryce, dizendo:

— É, vamos dizer que agora eu sei quem nunca devo irritar. Gosto de comer minha comida sem me preocupar se ela vai me matar, obrigado.

Bree não compartilha da diversão dele; sua expressão está tomada de apreensão por causa do nosso novo colega.

Olho enfaticamente para Cameron.

— Algum comentário?

Ele me ignora na cara dura e continua a observar os outros grupos, que sussurram entre si do mesmo jeito que estamos fazendo.

Está claro que nossa equipe vai ser um dos principais alvos entre todos. E o fato de termos que nos preocupar com Bryce não ajuda. Ele é magrelo, basta um suspiro e o cara pode cair. Mas aposto que é o único que conseguiria matar todos nós antes mesmo de a gente perceber o que estava acontecendo.

— Qual é o problema dele? Vocês brigaram? A gente não tem tempo pra vocês ficarem brigando. — O tom de Bree é severo. Ela nos encara com olhos ferozes. — Todo mundo vai ter que contar um com o outro lá fora. Dá pra vocês resolverem seja lá o que for? — Ela faz um gesto para indicar nós dois, depois se levanta. — Vem, Bryce, vamos preparar você.

Bryce aperta os lábios, confuso, antes de relutantemente seguir Bree e Damian.

Ótimo, agora sobraram eu e esse cuzão. Cruzo os braços e me recosto na cadeira. Não conversamos. O silêncio é bem-vindo. Aproveito cada segundo para tentar estudar os outros esquadrões,

definindo quem é o elo mais fraco em cada um e em quem seria bom ficar de olho.

Minha perna balança enquanto roo a unha do polegar. A mão de Cameron pousa com força na minha coxa, me fazendo dar um pulo.

Eu o fulmino com o olhar.

— O que foi? — pergunto, ríspida.

Quando ele finalmente olha para mim, sua expressão está impassível.

— Não mostre pra eles que está nervosa.

Ele dá um tapa na minha mão para afastá-la da boca.

— Ah, é? Bom, adivinha, eu *estou* nervosa.

— Esse teste é uma merda. — Ele sorri, mas seus olhos estão vazios. — Você devia estar preocupada mesmo, mas demonstrar isso é outra coisa.

Cameron aperta minha coxa com mais força, e eu tenho que engolir meu orgulho para manter a dignidade. Literalmente todo mundo no refeitório está olhando para nós. Ele tem razão, mesmo que eu odeie admitir.

— Tira a mão de mim antes que eu faça um escândalo — ameaço, com um sorriso tenso. *Deus, dai-me forças pra aguentar o resto desse show de horrores.*

Cameron dá uma risada sombria.

— Na verdade, eu quero ver.

Sua mão se flexiona, em um desafio.

— Você que sabe. — Eu pego a mão dele e a empurro para longe, depois me levanto abruptamente e faço menção de sair.

Ele agarra meu pulso e me puxa de volta à cadeira. Mais olhos se voltam na nossa direção, e minhas bochechas queimam com a sua audácia.

— É só isso? — provoca ele, e uma pequena faísca dança em seus olhos. — Eu esperava mais de uma mimadinha feito você.

— Você ia morrer de tédio se fosse, né? — Dou um tapa na sua cara.

O som atravessa o salão como um tiro, e as vozes ao nosso redor morrem.

Os olhos de Cameron permanecem impassíveis enquanto ele sorri, e uma mancha de sangue gruda na extremidade dos seus lábios. Ele passa a língua nela e saboreia o gosto.

— É. Só. Isso? — Ele abre um sorriso largo dessa vez, que tira o pino da granada na minha alma.

Eu o empurro da cadeira e dou dois socos em seu rosto antes de ele segurar minha perna e girá-la, me jogando no chão e me prensando depressa. Meu coração martela cem vezes por segundo, e a fúria escapa de mim na forma de um grito selvagem a poucos centímetros da cara dele.

Cameron nem pisca e continua prendendo meus braços. O sangue pinga dos seus lábios e queima minha pele ao escorrer pela minha bochecha.

— Que barraco, meu bem. Você é oficialmente maluca. — Sua voz grave faz com que eu me contorça em mais uma tentativa de me desvencilhar dele, mas é em vão.

— Sai de cima de mim, porra! — grito, me debatendo.

Os olhos dele se estreitam em triunfo, e ele me solta. Saio de baixo dele depressa e respiro fundo algumas vezes para me acalmar enquanto examino todos os rostos olhando para mim. Bree, Damian e Bryce estão entre eles, com expressão sombria. *Puta merda, o que eu tô fazendo?* Cerro os dentes e me levanto, limpando a sujeira das minhas calças táticas.

Vamos acabar logo com essa merda antes que eu faça papel de palhaça outra vez.

23

Emery

Como prometido, estamos agrupados do lado de fora, ouvindo o discurso do sargento instrutor. Ele nos encaminha para cinco caminhões de transporte e nos faz entrar neles sem explicar praticamente nada a respeito de onde estamos indo. Presumo que, para esse teste, estejam nos levando para um lugar diferente, para que não estejamos familiarizados com a área.

Minha bunda dói da viagem de uma hora em estradas estreitas e esburacadas. O ombro de Bree pressiona o meu, enquanto Bryce está do outro lado. Cameron está sentado junto à porta traseira do caminhão, e seus olhos se voltam abruptamente para os meus a cada poucos minutos. Só capto o movimento de rabo de olho, porque me recuso a olhar para ele agora.

Bryce se mexe, desconfortável.

— Já entendi que o Mori está sendo punido pelo mau comportamento no esquadrão dele, mas por que ele tem que ficar com você? — sussurra ele, com a respiração formando nuvens de vapor no ar frio.

As carrocerias dos caminhões são cobertas apenas por lonas finas, que não servem para nada além de afastar o ar gelado.

— Você quer a versão longa ou a curta? — pergunto, sem entusiasmo.

Ele sorri e reajusta os óculos.

— Curta, por favor.

— Ele tem um problema de matar os parceiros em campanha. Essa é sua última chance de provar pro general Nolan que consegue *se comportar*.

Bryce faz uma careta.

— Merda, e você está sendo a cobaia?

— Não é tão ruim assim. Eu também vou poder ficar no mesmo esquadrão que ele, se ele decidir não me matar.

Abro um sorriso falso para Bryce, e ele ri. O som atrai os olhos de Cameron. Tento ignorar o jeito como seu olhar penetra minha pele e faz meu coração acelerar.

— Eu posso cuidar dele discretamente pra você. — Bryce enfia a mão no bolso e me revela um vislumbre de um pequeno frasco antes de voltar a guardá-lo.

Ok, *Bryce é outro nível de assustador*, me dou conta. O jeito casual como ele fala de envenenar pessoas é perturbador.

— Agradeço a oferta, mas, mesmo que eu quisesse ele morto, não tenho certeza de que veneno ia dar conta do recado. Ele tá totalmente drogado com as merdas que as Tropas Ocultas dão pra ele há anos. — Minha voz vai morrendo à medida que pronuncio as palavras.

Imagens de seu nariz ensanguentado e seus espasmos corporais surgem na minha memória. Pisco depressa para afastá-las antes que passe a sentir empatia por ele. Ainda estou puta.

— Ah, sempre tem alguma coisa que funciona. — Bryce sorri, esmiuçando o chão com os olhos.

Acho que está vasculhando sua biblioteca mental e tentando encontrar as melhores misturas que conhece.

— Não deixa ele ouvir você dizendo isso. — Cubro a boca ao falar, para impedir que Cameron veja.

Bryce dá de ombros bem na hora em que os caminhões param. Nossos corpos dão um solavanco com o movimento abrupto, e seguimos as ordens de sair enfileirados quando chega a

nossa vez.

Meus olhos se estreitam diante do mundo escuro. Estamos mais embrenhados na floresta agora, e o clima está surpreendentemente mais quente, mas não muito.

Adams está usando uma farda tática branca que se camufla tão bem que quase não o vejo na beirada de um penhasco íngreme. Ele olha para nós lá de cima e espera até que todo mundo se reúna.

— Cadetes, bem-vindos ao segundo teste: Nenhum Companheiro Fica Para Trás. Como expliquei mais cedo, todos os cinco membros do seu esquadrão devem chegar ao final da prova para que vocês passem para a seguinte. Estejam vivos ou mortos, não importa, mas se chegarem sem o esquadrão completo, serão eliminados. Se não alcançarem o farol verde a tempo antes de quatro esquadrões, serão eliminados. Só temos vinte vagas abertas, e eu recomendo que vocês se preparem para um banho de sangue, mas mantenham em mente que, no que diz respeito ao melhor para a equipe inteira, uma abordagem mais ponderada e menos extrema pode ser mais vantajosa.

Meus olhos se voltam para o esquadrão de Arnold e Wraith — eles estão se cutucando como se o conselho do sargento instrutor fosse bobagem. *Problema deles.*

Soldados passam pelo grupo distribuindo fuzis enquanto Adams continua.

— Seus rastreadores foram reconfigurados para novos perímetros. Estão vendo aquela luz verde do outro lado do vale?

Uma luz verde-neon brilhante pisca devagar a distância. É tão pequena e remota que eu pensei que fosse um satélite de alguma cidadezinha ou algo assim. *Nem fodendo, é impossível.* Cerro os punhos junto ao corpo. Como é que eles esperam que a gente percorra essa distância toda nesse clima *e* ainda se esquive dos outros esquadrões? Só resta torcer para os dispositivos de calor no nosso uniforme aguentarem.

— Aquela luz é a salvação de vocês. Em uma missão, não existem segundas chances. Se perderem o único voo pra casa, acabou. Vocês têm três dias para chegar lá. Soldados, por favor escoltem os esquadrões até os respectivos locais de expedição. — Adams finaliza e salta da borda com facilidade. Depois saca uma pistola sinalizadora e atira na direção do céu. — Vocês vão começar quando eu disparar o próximo sinalizador vermelho. Boa sorte, cadetes, estou ansioso para descobrir quem consegue sobreviver.

Bree e Damian lançam um olhar incerto para Cameron e Bryce. Entendo a preocupação deles, mas me sinto muito mais segura com Mori do que com qualquer um aqui, mesmo que ele seja um doido varrido.

Um soldado guia nosso esquadrão para longe, enquanto outro fica na retaguarda. As outras equipes são conduzidas do mesmo jeito. Andamos em silêncio. Todo mundo parece estar sentindo o mesmo nível de adrenalina, que faz o ar praticamente zumbir.

Cinco minutos depois, estamos caminhando com cuidado por rochas íngremes e irregulares, parando na base de uma colina escarpada. A mata aqui é definitivamente mais densa do que no primeiro teste. O terreno é acidentado, com pedras que se projetam da neve, e a vegetação rasteira é quase impossível de atravessar sem se enroscar em galhos ou tropeçar em raízes de pinheiros.

Os homens armados ficam parados atrás de nós, com a mão nos fuzis, esperando o sinalizador para partir, assim como a gente. Meus olhos se voltam para Cameron, observando-o todo arrumado com a farda tática. Seus ombros largos sobem e descem com uma respiração profunda enquanto ele analisa a mata à frente.

Eu não devia achá-lo tão atraente assim, mas não consigo evitar. Seu olhar cruza com o meu enquanto ele prende a máscara no rosto, abaixando-a até que eu só consiga ver a caveira e aqueles olhos devastadores.

Pisco e desvio o olhar, abaixando a máscara também. É uma merda que a gente ainda precise usar essas que se destacam, mas, contanto que fiquemos nas sombras, vai ficar tudo bem.

Damian ajuda Bree com o capacete. Eles parecem calmos e prontos para isso. Preciso chegar ao nível deles. Até o Bryce tem um ar sereno que atesta sua experiência aqui. De repente, me pego desejando ter passado meses no Sub, assim como o resto. Embora eu seja eficiente em missões menores com uma única pessoa ou grupos restritos para executar, não estou preparada para as Tropas Ocultas. Nem de longe.

Engulo em seco e mantenho os olhos fixos à frente, vasculhando a floresta escura sem encontrar nada. O que eu não daria para estar com os óculos de visão noturna que o tenente Erik me emprestou naquela noite... Meu estômago se revira. Será que ele estava tentando me ajudar ao deixar que eu ficasse com eles? Agora que estou pensando a respeito, ele nunca os pediu de volta; eu só devolvi voluntariamente.

Para de ficar pensando demais.

O sinalizador vermelho voa no céu, e tudo fica em silêncio ao meu redor. Só a batida rápida do meu coração ruge enquanto abro o zíper da jaqueta em um único movimento fluido. Os outros fazem o mesmo. Saco a pistola branca com silenciador da alça do colete e logo volto a fechar o zíper do casaco para esconder o colete aprimorado que roubei do arsenal.

Prendo a pistola no cinto e seguro o ACE 32 que foi entregue pelos soldados com força.

Cameron dá uma olhada em nós por cima do ombro e assente.

— Fiquem por perto. Em, você vai me flanquear — ordena ele, se agachando e se movendo devagar na direção da luz verde a distância.

Meu coração dispara com seu comportamento rude, mas ele parece totalmente diferente no momento. É assim que o imagino

numa missão. Cameron parece quase normal: concentrado e determinado a levar todo mundo para o destino em segurança.

Eu me mantenho perto das costas dele e com frequência olho na direção oposta à dele. Tudo parece muito estranho para mim, achei que ia ser mais fácil me acostumar.

Damian e Bree se movem como se fossem um, praticamente ao mesmo tempo, com os pés em completa sintonia. Eu fico pisando nos calcanhares das botas de Cameron sem querer, e ele solta um suspiro breve e irritado toda vez. Até os passos do Bryce são mais graciosos.

Cameron para de repente e fica de cócoras. Todos seguimos o movimento, em uníssono. Ele ergue a mão esquerda, sinalizando para ficarmos imóveis. Examino a vegetação rasteira freneticamente, procurando o que o deixou alerta. As árvores são imponentes e balançam devagar com a brisa, mas o mato embaixo delas está mortalmente estático.

O cheiro metálico de sangue já permeia o ar, deixando minha nuca arrepiada. Não houve nenhum tiro, então ou os outros esquadrões estão escolhendo uma abordagem silenciosa ou alguns cadetes têm silenciadores e tiveram a mesma sacada que nós de pegá-los do arsenal.

Um galho estala a seis metros de distância, nos alarmando. Cameron ergue a pistola com silenciador no instante seguinte, puxando o gatilho sem hesitar. O som de um corpo caindo no chão. Depois nada.

Cameron se vira e olha para nós.

— É um puma. Não pensem nem por um segundo que os outros esquadrões são o único perigo que vamos enfrentar aqui.

Ele se levanta e acende um cigarro com o Zippo, me olhando apaticamente.

Eu desvio o olhar e me junto aos outros para inspecionar a onça-parda. Nunca vi uma tão de perto; seu pelo é curto e claro. As

patas têm tranquilamente o tamanho da minha cabeça. Essa coisa consegue carregar um humano adulto sem pensar muito. Cameron atirou bem na têmpora dela. Parece impossível ele tê-la visto no escuro e dado um tiro tão certeiro, mas é para isso que as pílulas experimentais servem, né?

Pelo menos ele está estável no momento.

Bree levanta o lábio superior do puma, revelando dentes enormes, vermelhos de sangue de outra criatura. Os olhos dela ficam esbugalhados.

— Puta merda. Será que os pumas sabem dos testes?

Parece bobo a princípio, mas onças-pardas são animais inteligentes com cérebros mamíferos. Se esse terreno for usado anualmente para os testes, então, sim, elas saberiam que cadetes das Tropas Ocultas ficam disponíveis nessa época.

— Como assim, porra, não é possível. — Damian soa inseguro, mas olha para Cameron em busca de confirmação.

Bryce é o primeiro a responder, ecoando exatamente o pensamento que eu tive para os outros.

Cameron apaga o cigarro entre os dedos e volta a abaixar a máscara.

— Vamos continuar andando, precisamos cobrir pelo menos três quilômetros essa noite. Fiquem atentos.

A noite se arrasta. Por sorte, é calma e sem grandes acontecimentos, mas as temperaturas congelantes dificultam a missão de manter minha mão pronta para atirar. Quando enfim chegamos a um lugar adequado para descansar, mal consigo sentir os dedos.

A luz do sol alcança o topo da colina que escolhemos. Não há neve perto das árvores, e a pouca que há ao redor é um bom sinal de que estamos nos dirigindo para um clima melhor.

A luz verde a distância some à medida que o céu se ilumina. Minhas pernas estão parecendo geleia quando me acomodo no

chão com uma árvore às costas. Solto um longo suspiro e olho para o vale diante de nós. Só temos dois dias e algumas horas para chegar ao farol, e parece que não fizemos progresso nenhum mesmo tendo caminhado a noite toda.

Bree se aboleta ao meu lado e abre o zíper da jaqueta até a metade, soltando um suspiro exasperado.

— Isso é loucura. Por que existe esse teste? Será que as Tropas Ocultas realmente são enviadas pra todas as partes do país assim? Pra *lugares* assim? — resmunga ela.

Cameron a ignora, segurando o fuzil junto ao peito e encarando a mata atrás de nós. Os círculos escuros sob seus olhos indicam seu cansaço e facilitam que eu esqueça por que estávamos brigando mais cedo.

"Você me enoja. Eu odeio tudo em você. Odeio a sensação do seu toque na minha pele."

Ah, é. *Ele que se foda*.

Carrancuda, envolvo os joelhos com os braços.

Bryce e Damian se sentam à nossa frente, de costas para a beira do penhasco. O pano de fundo, com o sol se levantando por trás deles, é lindo. Nuvens caem entre as copas das árvores, criando uma vista enevoada da floresta que é de tirar o fôlego.

— Claro que sim, você não leu nada sobre eles? — Bryce olha para Bree, inexpressivo, e ela fica boquiaberta.

— Onde é que eu teria lido sobre eles?!

— Na biblioteca — Bryce e eu dizemos em uníssono, assentindo um para o outro com aprovação.

Ela joga as mãos para cima.

— Vocês dois foram uns dos únicos que entraram lá... nerds. — Ela aperta os lábios. — O resto de nós estava aprendendo a matar pessoas e a manter os colegas de esquadrão vivos.

Impeço meus olhos de se revirarem.

— Se você tivesse dado uma olhadinha nos livros, teria notado

toda a informação sobre como sobreviver em lugares traiçoeiros feito esse e ligado os pontos.

Não menciono que também havia inúmeros livros de psicologia envolvendo táticas de manipulação e coerção. Meus olhos encontram os de Bryce, e vejo algo calculista neles que me deixa inquieta. Ele certamente não tenta esconder o fato de que é fraco.

Se eu li esses livros, não é errado presumir que ele também os leu.

— Vamos fazer turnos de vigilância. Só temos algumas horas pra dormir antes de precisarmos voltar a andar, então chega de papo — diz Cameron, em voz baixa. Ele nem se dá ao trabalho de olhar para nós.

Damian bufa e resmunga:

— Acho que já ouvi ele falar mais hoje do que em semanas.

— Cala a boca e dorme um pouco, seu idiota — diz Bree, jogando um pacote de ração de combate para ele.

Damian o guarda no bolso e pisca para ela antes de tentar encontrar um jeito mais confortável de descansar. Não temos muitas opções, então dormir sentada vai ter que servir.

Por mais que eu tente, não consigo descansar. Minhas costas doem. Meus pés estão me matando. Meus ossos estão rígidos. Duas horas passam voando, e, quando o turno chega ao final, estou mais desconfortável ainda.

Cameron se mexe e está prestes a acordar Damian para o próximo turno quando eu intervenho.

— Ei — sussurro. — Eu posso pegar o próximo. Já estou acordada mesmo.

Ele me observa enquanto me levanto e alongo os braços acima da cabeça. O movimento ajuda a me aquecer um pouco, porque, embora a farda nos impeça de congelar até a morte, ela não nos torna imunes ao frio.

Assumo o posto onde Cameron estava e mexo as pernas e os braços para fazer o sangue voltar a circular.

— Você conseguiu descansar um pouco? — Sua voz me dá um susto.

Penso em ignorá-lo, mas decido que não vai levar a nada, então balanço a cabeça devagar. O ar de pinheiro se transforma em bétula quando ele se aproxima de mim.

— Você só vai ser um estorvo...

Solto o ar com força, interrompendo-o.

— Por que você não me deixa em paz? Eu tô tentando ser útil. Não consigo dormir ao ar livre, e provavelmente não vou conseguir hoje à noite também, então dá pra ficar na sua, porra?

O olhar fulminante que lanço a ele por cima do ombro o faz hesitar. Fico atônita ao ver que ele tirou a máscara, e seu cabelo branco está desgrenhado. Ele puxa o colarinho para ficar mais confortável, revelando as tatuagens no pescoço.

Me forço a desviar os olhos e permaneço firme.

Quando ele não vai embora e simplesmente continua parado ali, desajeitado, eu seguro o fuzil com mais força e começo a andar em direção à mata mais densa.

— Aonde você vai? — pergunta ele, quase instantaneamente, vindo atrás de mim.

Não bate nele de novo, brigo comigo mesma.

— Vou patrulhar a área. Descansa um pouco, senão *você vai ser um estorvo* — digo a última parte num tom zombeteiro e ouço sua mão voando para a própria boca.

Eu me viro, com a sobrancelha erguida, sem paciência para as merdas dele, mas tenho que abafar uma risada ao ver sua expressão distorcida tentando segurar o riso.

— Isso foi bem ridículo. — Seus olhos estão apertados de diversão, mas eu continuo brava.

Ele para com o peito a trinta centímetros do meu. Precisa

abaixar a cabeça para olhar para mim, enquanto eu preciso erguer o queixo.

— O que você quer, Mori? — pergunto, indo direto ao ponto.

A boca dele se aperta, e o divertimento some do seu rosto.

— Não gosto quando você me chama assim. — Sua voz é suave e grave.

— Assim como? Pelo seu codinome? — Dou um passo para trás, mas ele me segue sem hesitar.

— Você me chama de Cameron — murmura ele.

Odeio que ele aja assim. Seu humor muda o tempo todo.

— Não sou um objeto pra você ficar brincando. Você não pode fazer tudo do jeito que quer o tempo todo só porque se acha especial, *Mori* — digo, ríspida, e seu maxilar estala, o músculo se contraindo quando ele franze as sobrancelhas.

— Você quer que eu te deixe em paz? — pergunta ele, insensível, e eu assinto com força. Seus olhos cor de sálvia me observam por um instante até que ele cede e se vira para voltar ao campo.

É melhor assim, afinal, ele vai acabar me matando mais cedo ou mais tarde. Podemos muito bem ser indiferentes um ao outro, em vez de amigos ou sei lá o que estava acontecendo entre nós. Cerro os dentes, sabendo que era muito mais que uma simples convivência forçada.

Quando volto para o campo, quase uma hora se passou. Cobri o que imagino que seja um perímetro razoável antes de retornar. A mata está assustadoramente silenciosa, especialmente para essa hora do dia. Uma sensação incômoda de que tem esquadrões me vigiando nesse exato instante fica surgindo na minha mente. Cada passo parece mais pesado do que o anterior.

— Você voltou — comenta Bree, alegremente.

Todo mundo está acordado e comendo as rações de combate. Meus olhos se voltam para Cameron. Ele não está comendo, só encarando o vale lá embaixo.

— Aqui, é melhor você comer. — Ela me entrega um pacote e eu lhe dou um sorriso gracioso.

— Valeu, Bree.

Ela retribui o sorriso e começa a se alongar um pouco em preparação para o dia que temos pela frente.

Me pergunto se vamos sair em breve. Só espero que à noite eu consiga descansar mais do que agora de manhã.

— Alguém quer mergulhar a faca em veneno antes da gente seguir em frente? — Bryce gira o frasco no ar como se fosse uma panqueca.

Meu Deus, ele parece maluco sem a máscara. Seu cabelo tem cachos grandes que se espalham em todas as direções, o que só aumenta sua aparência inofensiva.

— Eu quero — digo, enfiando uma bolacha na boca antes de desembainhar a faca de combate branca.

Bryce mergulha o dedo no frasco e espalha uma linha contínua de líquido vermelho na lâmina. Ele sorri, claramente satisfeito consigo mesmo.

Minhas sobrancelhas se erguem.

— É só isso?

— É só isso — responde ele, orgulhoso, depois olha para os outros. Todos balançam a cabeça. Ele dá de ombros. — Vocês que sabem.

Eu sorrio e espero que a mistura seque antes de voltar a guardar a faca na bainha.

— O que isso faz, aliás? — pergunto, vencida pela curiosidade.

O sorriso de Bryce é largo.

— É um agente paralisante poderoso, misturado com um coagulante forte.

Eu arregalo os olhos.

Cameron dá uma olhada em nós.

— Parece letal.

— Esse é meio que o ponto, Mori — diz Bryce, de um jeito sinistro.

Arrepios se espalham pela minha espinha com o tom dele. Ele está abrindo a boca para dizer mais alguma coisa quando vejo os olhos de Cameron se fixarem em algo atrás de mim. Seus olhos dilatam em uma fração de segundo, e eu percebo que algo terrível está prestes a acontecer.

— E-esperem! — grita Damian atrás de nós, e sua voz rasga o ar como um tiro.

24

Cameron

Meu coração troveja no peito à medida que um esquadrão de cinco pessoas sobe a colina a quase seis metros de distância. Como foi que não os ouvi a tempo? Meus olhos se voltam para Emery brevemente quando levo a mão à lateral do corpo e ergo o ACE 32.

Pá pá pá.

A súplica de Damian para que eles esperassem foi ignorada. Atiram no peito dele quase à queima-roupa, três vezes, e a força do impacto o faz voar para trás. Eu aponto minha arma para o primeiro atirador e disparo duas vezes mecanicamente, fazendo sua cabeça voar para longe enquanto suas vértebras são destroçadas.

Os outros cadetes do esquadrão ficam paralisados, olhando para mim como se eu fosse o mensageiro da morte. Esses trouxas deviam ter corrido enquanto dava tempo. Com facilidade, atinjo os dois à esquerda bem no nariz. A cabeça deles é jogada violentamente para trás, e ao mesmo tempo seus joelhos caem no chão. Os dois membros restantes arfam e se viram para correr.

O sangue dispara nas minhas veias, e um sorriso maníaco se espalha pelos meus lábios. *Porra*, *aí sim*, *era isso que eu estava precisando*. Desembainho a faca e olho para o meu próprio esquadrão.

— Não podemos deixar eles fugirem — digo, impiedosamente, passando a língua nos meus lábios secos.

— Por que não? Você acabou de aniquilar mais da metade

deles sozinho em exatos cinco segundos — comenta o nerd de óculos.

Idiotas. Todos eles levariam o Esquadrão Fúria à morte. Minha atenção se volta a Emery, que está me encarando com olhos arregalados, piscando. Como se nunca tivesse visto algo tão letal.

— Como vocês acham que eu ganhei esse desafio da primeira vez? — Depois disso, saio correndo atrás dos dois cadetes.

Escuto Emery praguejar antes dela me seguir. O som dela sacando sua faca de marfim traz um sorriso aos meus lábios. Não sei por que adoro vê-la matar, mas adoro. As endorfinas que isso me dá são surreais.

Os dois cadetes não têm a menor chance de escapar de nós. Eles caem no chão algumas vezes, por causa do nervosismo e do declive acentuado da montanha. *E é por isso que não se ataca quando o outro time tem a vantagem da altura.* Impossível não achar a estupidez deles empolgante. Preciso desse alívio mais do que imaginei que precisasse. Ver a cabeça daquele cara sair girando foi uma porra de uma obra-prima. Preciso de mais.

Mais.

Salto de uma rocha grande que me dá uma vantagem aérea maior, depois miro e atiro a faca de combate com o máximo de força possível no soldado retardatário. A faca atravessa a parte traseira do seu joelho e o faz sair rolando violentamente pelo declive. Uma gargalhada profunda irrompe do meu peito quando aterrisso com força e me aproximo dele depressa.

É uma mulher, na verdade. Seus gritos são horrendos, e ela implora pela vida como uma coisinha sem-vergonha, agarrando a perna e balbuciando palavras que estou chapado demais para compreender. Só enxergo vermelho.

Um vermelho lindo, magnífico.

Me ajoelho no peito da garota, e os olhos dela se esbugalham, o medo guiando cada uma das suas respirações.

Emery não se detém para me ver trabalhar, continua perseguindo o outro cadete sem pausa. *Essa é minha garota*, *porra*. Meus olhos se demoram nela um segundo a mais do que eu pretendia, e a cadete embaixo de mim aproveita a chance.

Ela grita ao tirar minha faca da própria perna e enfiá-la na minha coxa. O metal raspa no meu fêmur, mas não sinto nada além de uma pressão e uma fisgada entre os músculos.

Pisco para ela, inexpressivo.

O horror deixa seu rosto pálido à medida que ela se dá conta do que eu sou. Um monstro verdadeiramente insensível e impiedoso.

Grita, quero sussurrar para ela enquanto mordo o lábio. *Grita tão alto que minha adorada Emery vai ouvir o que eu fiz.*

25

Emery

Gritos esvaziam cada um dos meus pensamentos enquanto persigo o último cadete. Sinto o vômito borbulhar na minha garganta com o medo agudo que permeia o ar. Ele está matando a menina com tanta facilidade. O terror me consome enquanto me movo como se estivesse no piloto automático. As mesmas palavras se repetindo sem parar na minha mente.

"Você se acha especial, né? Acha que não vou arrancar seu coração." Foi o que ele me disse quando nos conhecemos. Achei que ele estivesse blefando, mas, depois de ouvir a morte daquela garota, seja lá quem ela fosse, estou submersa no medo que sinto dele.

Podia ser eu, morrendo, gritando e suplicando por um pinguinho a mais de vida.

Afasto os pensamentos ao me lançar sobre o cadete. Ele grunhe quando atingimos o chão e rolamos algumas vezes. Nos erguemos ao mesmo tempo, encarando um ao outro com olhos ardentes, respirando com dificuldade e agarrando nossas facas enquanto nos avaliamos.

Um gorgolejo moribundo rasga o ar, e viramos a cabeça na direção do som. Meu estômago embrulha. *Ele tinha que prolongar a coisa tanto assim?*

— Me deixa ir, eu já sou um caso perdido mesmo... s-só, por favor, não me deixa morrer que nem ela. Juro que seu esquadrão

nunca mais vai me ver. Por favor! — implora o homem, já se levantando, cambaleante, sustentando meu olhar com desconfiança.

Eu também não confiaria em mim. Estou usando uma máscara igual à do Mori.

Eu prefiro não matar a menos que seja absolutamente necessário. Antes de Bree e Damian, e até de Cameron, eu provavelmente teria só matado esse soldado. Mas estar perto deles está me deixando mole, com o desejo de me desfazer da antiga pele que Reed e meu pai me forçaram a usar. Agora que estou longe daquela vida, estou descobrindo mais a respeito de quem realmente sou. Nunca tentei ser misericordiosa antes, não vejo como o tiro poderia sair pela culatra, então estou disposta a tentar.

Faço uma pausa, depois balanço a cabeça.

— Corre.

Os olhos dele são inundados de alívio, e ele solta o ar com força antes de sair correndo na direção da densa vegetação rasteira.

Um longo suspiro sai dos meus lábios quando fico de pé. Meu tornozelo dói, mas não demais. Volto para onde Cameron estava e cubro a boca ao ver o que ele fez.

A garota continua usando a máscara, então não sei quem ela é, mas seus olhos estão injetados e revirados para a parte de trás da cabeça. A faca de Cameron está enterrada em sua boca escancarada, prendendo sua cabeça à terra fria. Sua caixa torácica está aberta, e algumas das costelas foram arrancadas e atiradas de qualquer jeito na neve. O vapor que sobe do seu corpo faz meus olhos arderem.

Por que isso é tão bonito? Ele olhando para mim com a máscara suja de sangue, aqueles olhos cor de sálvia observando minha admiração e esperando que eu diga alguma coisa?

— Eu precisava *muito* disso — Cameron finalmente quebra o silêncio.

Estremeço com o som da voz dele. Esse é o verdadeiro Mori.

Por que acho tão horripilante conhecer alguém tão insano quanto eu?

— Você é... — Me faltam palavras.

Cameron se levanta e me contorna devagar.

— Perverso? — Ele respira perto do meu pescoço, deslizando os dedos pela minha lombar.

Eu giro, ficando cara a cara com seus olhos esfomeados. Ele abaixou a máscara, revelando um sorriso retorcido.

— Cruel? — murmura ele, colado aos meus lábios, e o calor faz meu coração acelerar.

Meu corpo inteiro treme quando ele mordisca meu lábio inferior sobre a máscara antes de encostar a testa à minha e passar a mão pelas minhas costas, me puxando para si. Ele roça o nariz na minha bochecha, inalando quando chega ao meu cabelo.

Eu me afasto mais uma vez com um arrepio disparando pela minha espinha diante do brilho selvagem nos olhos dele. Não sei dizer se ele está sob controle no momento.

— Lindo. — Minha voz sai baixa, e no entanto consome o espaço entre nós.

Os olhos de Cameron se arregalam como se as palavras o tivessem golpeado.

Ele não se aproxima dessa vez. Olha para baixo e parece digerir essa única palavra. Aproveito a trégua para examiná-lo. Cameron está totalmente coberto de sangue. A maior parte não é dele, mas tem uma faca se projetando da sua coxa, só o cabo visível. Será que ele sabe? Controlo minha respiração e me forço a parar de tremer.

— Hã, Cameron. Tem uma faca saindo da sua coxa — digo, devagar.

Os olhos dele se estreitam, e um sorrisinho lindo puxa os cantos da sua boca para cima.

— Estou sabendo — resmunga ele, arrancando a faca de uma

só vez e embainhando-a depressa, para poder fazer um torniquete na ferida.

Ele tira uma fita do bolso da perna e enfaixa a coxa bem apertado.

Faço uma careta.

— Vamos voltar antes que você desmaie e outros esquadrões venham atrás de nós. Já perdemos tempo demais essa manhã.

Tento manter os pensamentos dele longe da ideia de me matar. Ele continua com aquele olhar selvagem. Como se estivesse meio aqui e meio perdido na própria mente.

— É pra isso que ela serve. — Ele indica a cadete morta.

Ergo a sobrancelha.

— Um alerta. E um bom pra cacete, aliás. Você perseguiria alguém que deixou uma pessoa desse jeito? — pergunta ele, com um sorriso frouxo.

Meu sangue gela, e eu balanço a cabeça.

— Não, claro que não.

— Boa garota. Não corra atrás de homens como eu. Sua voz está rouca da perseguição, e o sangue começa a escorrer do seu nariz. Eu desvio o olhar, me lembrando do que aconteceu da última vez que demonstrei que me importava com ele.

O que não é o caso.

Gesticulo para que Cameron caminhe à minha frente. Deixá-lo fora do meu campo de visão não é uma opção no momento. Me pego curiosa para ver seus métodos. É difícil evitar que meus olhos voltem para a mulher mutilada, mas me seguro. O cheiro de ferro que arde no fundo da minha garganta ajuda.

Ele caminha casualmente, sem nem mancar. Ainda acho difícil acreditar que não sente nada. Mesmo vendo com meus próprios olhos, parece mentira. *Ele é tipo um zumbi.* Suas mãos enluvadas estão cobertas de um vermelho brilhante, que ainda pinga na neve e deixa um rastro.

— Estou sentindo seu olhar. Você ainda acha que vale a pena se importar comigo, Em?

Não respondo de imediato. Parece uma armadilha para algo que se passa em sua mente, e eu não quero ceder ao que quer que isso seja. Me contento em murmurar:

— Mais cedo você falou: "Como vocês acham que eu ganhei esse desafio da primeira vez". O que você quis dizer com isso?

Me concentro nas pegadas que ficam na neve atrás dos pés dele.

Não estou acostumada a me sentir impotente, e Cameron faz com que eu me sinta assim. Mesmo ferido, não tenho dúvida de que ele conseguiria abater um esquadrão inteiro sozinho se precisasse. Será que as medicações são mesmo tão efetivas assim? Dou uma olhada no bolso dele, curiosa em relação a quantos comprimidos ele já tomou só hoje.

Ele diminui o passo.

— Você quer mesmo saber? — pergunta ele, abertamente.

Penso no assunto por alguns segundos antes de responder:

— Quero.

Cameron olha para mim por cima do ombro, com os olhos novamente apáticos, e parece ter superado o perigoso pico de adrenalina. Deixo meu ritmo diminuir quando chego ao seu lado.

— Acredite ou não, nem sempre eu fui... *tão* ruim assim — murmura ele, com um sorriso amarelo; o resto de sua expressão permanece impassível. — Eu era que nem todo mundo, com a mesma probabilidade de morrer. Talvez até mais, porque fui selecionado pelo tenente Erik. Os cadetes no Sub percebem esse tipo de coisa, sabe.

— Eu não sabia que tinha sido ele que escolheu você — resmungo, me lembrando de como Erik ficou assistindo Cameron treinar na manhã em que o conheci.

Será que ele é a razão de Cameron estar tão determinado a

continuar tomando as drogas experimentais? Ele quer deixá-lo orgulhoso. Fico de mau humor ao pensar nisso.

Eu nunca consegui deixar meu pai orgulhoso. Mas isso se deve principalmente ao fato de eu não ser homem, acho. Não importava o que eu conquistasse, eu não teria valor para ele a menos que tivesse a porra de um pau. Isso me faz pensar se ele teria me entregado tão prontamente se eu fosse seu filho, em vez de sua filha. Duvido que ele teria feito isso com Reed, se trocássemos de lugar.

Cameron faz que sim.

— Foi. Ele me apresentou para um mundo terrível, onde eu infelizmente me encaixo muito bem. — Ele abre um sorriso irônico para mim, que retribuo com um sorrisinho. — Meu segundo teste foi como esse. Formei um time com uns imbecis que iam tentar me usar como escudo humano e carregar minha carcaça até a linha de chegada. A gente não sabia que tinha dois esquadrões trabalhando juntos. Eles nos cercaram no último dia. Eu me safei com uma bala no braço e metade da garganta cortada.

Faço uma careta.

— Que horror.

Ele ri.

— É difícil lembrar da dor, mas sei que senti na época. Foi agoniante, mas minha raiva por eles usarem meu corpo para se proteger acendeu um fogo sombrio no meu coração, Em. Despertou algo mau dentro de mim. Eu amarrei umas cordas nos tornozelos deles e arrastei os quatro cadáveres até o farol. *Eu* fui o único sobrevivente do grupo. — Seus olhos estão duros e distantes.

Ai, caralho. Talvez eu não devesse ter deixado aquele cara fugir. Mordo o lábio, preocupada. Não achei que alguém seria capaz de carregar o esquadrão inteiro.

Cameron respira fundo e me olha de esguelha.

— Eu sei que você deixou o último cara ir.

Eu estremeço. Bom, fui pega. Não tem por que mentir.

— Como você sabia? — pergunto, baixinho.

A vergonha faz minhas bochechas ruborizarem. Era só eu ter matado ele.

— Sua faca tá limpa, meu bem. Eu tenho olhos *e* cérebro.

Aperto os lábios com força e olho para baixo. Pelo visto, a lâmina de marfim não foi uma ideia tão boa.

— Ele implorou... e eu não pensei que ele seria um problema pra nós.

— Só queria entender por quê. Você não teria feito algo assim antes, sabe, como a carrasca. — Ele parece genuinamente interessado em saber a razão.

Encolho os ombros.

— Aquela era a postura que eu fui forçada a assumir... e, embora não possa mudar quem me tornei ou o que fiz, posso voltar a ser eu mesma um pouquinho. Não pensei que deixar ele ir fosse causar um problema.

Será que a crueldade é a única conduta possível? Reed responderia com um firme "sim".

Cameron para e puxa meu ombro para me deixar de frente para ele. Não está mais maníaco, voltou a ser o Cam calmo e controlado, o soldado destruído com o qual eu infelizmente me importo.

— Você acha que ele teria feito o mesmo por você? — pergunta ele, com sinceridade.

Não preciso nem pensar.

— Não.

— É você ou eles, Emery. Não existe meio-termo. Não existe equilíbrio. Se eles não estiverem no seu esquadrão, você precisa colocar você mesma e os seus em primeiro lugar. Sempre. Sei que é diferente do que você estava acostumada a fazer na família. Receber um nome e um alvo é fácil. Tem alguém te dizendo o que fazer,

então você faz. Mas aqui, você precisa saber que vão te comer viva se você der mole.

Ele coloca a mão no meu capacete e puxa minha cabeça para cima, para me fazer olhar para ele. Tudo o que vejo é tristeza e anseio. É doloroso olhar, então volto a abaixar a cabeça. *Não vou deixar a merda que ele disse antes passar tão fácil.*

— Eu entendo — retruco.

— Entende? Isso é sério — insiste ele.

— Eu sei que é!

— Então para de ser tão infantil. E para de aceitar coisas de pessoas que você não conhece bem. — Cameron estende a mão e tira minha faca de combate, segurando-a pelo punho. Tento segurar sua mão quando ele faz isso, mas ele a afasta. — É uma péssima ideia colocar veneno na sua lâmina.

Ele pega um punhado de neve e limpa a faixa vermelha da faca. Quando termina, a devolve para mim. Quero contestar e discutir com ele, mas, levando em conta o fato de que sua própria faca estava enterrada na sua coxa, acho melhor ceder.

— Se eu tivesse deixado aquele moleque suspeito passar veneno na minha faca, estaria morto agora. — Depois de dizer isso, ele dá as costas para mim.

Bom, estou me sentindo completamente drenada. Caminho ao lado dele de volta para nossa base.

Damian está bem abalado por ter levado três tiros no peito. Ele teve sorte de estar usando um colete aprimorado, porque os normais que vestimos no primeiro teste não teriam aguentado os disparos de uma distância tão próxima. Graças a Deus eu contei do equipamento para ele e Bree, caso contrário ele estaria morto e seríamos obrigados a carregar seu corpo por dois dias.

Bryce não parece perturbado por esse tormento todo e fez

algumas das suas armadilhas envenenadas enquanto Cameron e eu estávamos perseguindo os membros restantes do esquadrão. Ele as espalha e as cobre de neve para deixá-las totalmente escondidas.

Cameron olha enfaticamente para mim, como se dissesse *suspeito, você não acha?* antes de nos conduzir por um declive íngreme rumo às montanhas ao leste. Observo Bryce enquanto ele caminha alguns passos atrás de Bree. Ele parece calmo depois do ataque-surpresa, o que é preocupante, considerando que o restante de nós está abalado, com exceção de Cameron. *Tem algo diferente nele*. Mas não tenho certeza de que é suficiente para achar que ele tem más intenções. Somos todos meio esquisitinhos.

O farol verde não é visível durante o dia, mas era a leste que estava ontem à noite, então é para lá que vamos. O sol não ajuda nem um pouco a nos aquecer. Estou com tanto frio que a cada trinta minutos preciso cerrar as mãos dentro das luvas para aquecer os dedos.

Tiros soam ocasionalmente, viajando pelo ar em ondas, mas por sorte não cruzamos com mais ninguém ao longo do dia.

Quando o sol começa a se pôr, Cameron encontra uma caverna na encosta da montanha. Não é como as cavernas que se vê nos filmes, com um chão plano e basicamente perfeito para acampar; é cheia de pedras pontiagudas na base, e um pequeno riacho serpenteia pelas fendas. Gotas pingam das estalactites acima de nós, fazendo *plic plic* nos nossos capacetes à medida que atravessamos a caverna com cuidado. Esse lugar é intocado pela luz. Pelo menos cada um de nós carrega um bastão luminoso verde-claro ao redor do pescoço, então não é um tiro no escuro. Tenho mais quatro no bolso, e pretendo usá-los com moderação.

De repente sinto que estamos de volta aos confortos do Sub. Com certeza é tão assustador aqui quanto era lá.

Cameron para quando encontramos uma área relativamente plana perto do fundo. Baixamos a guarda agora que vimos que a

barra está limpa e nos acomodamos para algumas horas de descanso. Noite passada, pareceu impossível dormir, mas hoje estou exausta. Sei que não vou ter nenhuma dificuldade de pegar no sono, e estou ansiosa para adormecer.

Cameron não nos deixa relaxar sem que uma pessoa fique de guarda, muito embora Bryce tenha enchido a entrada com suas armadilhas de pregos. Deve ser protocolo das Tropas Ocultas que um membro do esquadrão sempre faça a vigilância.

Bree pega o primeiro turno, se sentando numa pedra a uma curta distância de onde vamos dormir. Damian desmaia antes mesmo de comer sua ração. A sacola permanece fechada na sua mão, e ele emite roncos suaves.

Dou uma mordidinha no conteúdo da minha, me concentrando principalmente na broa de milho, depois no purê de maçã. A proteína em pó é de chocolate dessa vez. Misturo-a com água e bebo depressa, saboreando o gosto familiar pelo máximo de tempo possível.

Cameron se joga no chão ao meu lado, observando Bryce do outro lado da caverna com cautela antes de morder seu pão.

— Não confia no envenenador? — pergunto, irônica.

Ele bufa e dá outra mordida.

— Regra número infinito: não confie em ninguém.

— Parece uma boa. — Sorrio, pensando que é exatamente o que Reed diria.

Terminamos nossas refeições em silêncio. É um saco não ter um travesseiro, mas sou grata por podermos nos deitar para dormir hoje, em vez de ficar apoiados em árvores. Assim que minha cabeça encontra o chão, começo a cochilar.

Cameron se acomoda atrás de mim. Desperto num sobressalto e olho para ele por cima do ombro com uma expressão de *que porra é essa*, porque, se me lembro bem, ele odeia meu toque.

— Vai dormir — ordena ele, baixinho.

Franzo o cenho e sussurro:

— Achei que você me odiasse e a ideia de sequer me tocar te provocasse repulsa e...

— Shhh — murmura ele, me provocando, e empurra meu capacete de leve até minha cabeça estar encostada no chão de novo. — Eu estou te protegendo.

Olho para o escuro, mal consigo enxergar a silhueta de Bree, que vigia a entrada da caverna.

— Me protegendo de quê? Você também precisa dormir.

Ele balança a cabeça.

— Eu não durmo em missões.

Ou ele é o soldado mais forte do mundo ou está literalmente se dedicando a ter uma morte terrivelmente lenta. Decido que, na verdade, pode ser os dois.

— *Nunca?*

— Nunca.

Aperto os lábios e sussurro:

— O que te deixa tão tenso em relação ao Bryce?

Cameron fica calado por um instante, depois encosta o peito todo nas minhas costas e traz os lábios até meus ouvidos.

— Ele tá espreitando a gente. Observa cada mínimo hábito nosso e, durante o ataque mais cedo, não moveu nem um dedo pra ajudar. Não acho que ele tenha sido o cadete que sobrou. Ele é espertinho e confiante demais. Sua verdadeira aliança não é com a gente.

Ele parece ter muita certeza.

Se tem alguém em quem eu confio, é Cameron. E ele entende o mundo das Tropas Ocultas muito melhor do que eu. E agora que tocou no assunto, eu reparei que Bryce está olhando para a minha faca desde a luta. Será que estava tentando ver se eu a usei ou não? Se ainda tem veneno na lâmina?

Um pequeno arquejo escapa dos meus lábios quando tenho

uma revelação.

— Por que ele esfregou veneno na *própria* faca se ele não ia ajudar a gente na luta? — sussurro.

Bryce não disse que não era bom no combate cerrado? *Um deslize no seu comportamento premeditado.*

— Exatamente. Agora descansa um pouco — murmura Cameron em voz baixa, e a vibração se arrasta pela minha espinha e provoca um arrepio no meu corpo.

Faço cara feia, não que ele possa vê-la.

— Para de me dar ordens, você não me deu um segundo de paz hoje.

Ele ri baixinho e gira minha trança no dedo, e o movimento me faz sorrir enquanto fecho os olhos.

26

Emery

Ainda está escuro lá fora quando retomamos a caminhada rumo ao farol. Os pinheiros prejudicam nossa visão, mas o longínquo brilho verde fica mais ou menos visível nos pontos em que há brechas entre os galhos acima de nós.

O céu estrelado está vasto essa noite. Eu paro para observá-lo. Me lembra tanto a vista em Montana que, por um instante, sinto que estou em casa de novo. Se bem que, depois do que aconteceu na última operação familiar, acho que não tenho mais casa. Fico curiosa para saber o que Nolan escreveu no meu certificado de óbito e se alguém acreditou. Espero que minha mãe ainda se pergunte se estou realmente morta. Será que Reed procurou por mim? Se tem alguém que se importa comigo, é ele.

Bree me cutuca e me lança um olhar preocupado. Afasto os pensamentos e abro um sorriso tranquilo para ela. Estamos seguindo Cameron, Damian e Bryce. O ritmo é lento, mas estamos sendo mais vigilantes à medida que nos aproximamos do farol. Deve haver outros esquadrões por perto.

— No que você estava pensando? — questiona Bree.

Dou uma olhada nela antes de seguir em frente.

— Nos meus pais, se eles dão a mínima para eu estar morta ou não. Me pergunto se algum dia eu fui quem realmente queria ser. — Minha voz é inexpressiva, mas dói pensar nisso.

Bryce olha para nós por cima do ombro ao ouvir minhas

palavras, depois volta a encarar o caminho à frente.

Os olhos de Bree se estreitam de compaixão.

— Ah, não fica pensando nisso. Eu fiquei tipo um mês na fossa quando comecei a remoer minha vida passada. — Ela ri e ergue o queixo para olhar para o céu. — Essa é a sua vida agora. Pode terminar hoje. Pode terminar amanhã. Ou você pode ficar aqui mais tempo que Mori. Uma coisa é certa: você nunca vai poder voltar pra sua antiga vida. Então não adianta ficar remoendo o que aconteceu. Aquela garota morreu, e isso na verdade pode ser bom. Não sei quais eram as suas circunstâncias, mas agora você está livre pra ser você.

Faço que sim e sorrio.

— É, você tem razão.

— Claro que tenho. — Bree ergue o queixo, com um sorriso repuxando o tecido da máscara.

Damian olha feio para nós por cima do ombro.

— Foco, vocês duas. Não é hora de conversinha.

— Cala a boca. — Bree encosta a bota na bunda dele e ri.

Eu me entrego aos sons suaves e ao humor leve, me perguntando se Cameron ainda tem a capacidade de aproveitar esses momentos ou se sabe que é melhor não se deixar levar por eles.

Seu olhar gelado por cima do ombro me diz que é a segunda opção.

O último dia é surreal. O sol está no meio do céu enquanto atravessamos um trecho de terra sem árvores. Cameron nos informa de que estamos chegando perto do farol e nos instrui a permanecer em alerta máximo daqui em diante. Inspecionamos a área por quase trinta minutos, deitados no chão no aguardo de algum sinal de movimento de qualquer lado do vale, antes de ele

gesticular para seguirmos em frente.

Eu me mantenho agachada, assim como Cameron, e fico na sua cola. Meu dedo está praticamente congelado no gatilho, mas estou preparada para qualquer coisa. Isso é muito diferente do que já fiz no passado, não estou acostumada a ficar ao ar livre desse jeito — vulnerável e esperando que alguém atire em nós. Eu estremeço ao pensar que provavelmente estamos sendo vigiados neste instante.

Damian fica ao meu lado e, quando chegamos à outra ponta, solta um suspiro audível.

— Porra, não pensei que a gente fosse conseguir — diz ele, dobrando o corpo e colocando as mãos nos joelhos enquanto respira fundo algumas vezes.

Bryce ajusta os óculos e tenta desembaçá-los.

— Eu também não, tô suando feito um porco.

Eu concordo com eles, sentindo o suor frio grudado na minha lombar e no pescoço.

Cameron agarra o colete de Bryce pelas alças dos ombros e o puxa para a frente.

— Continuem andando, não podemos ficar parados aqui, não é seguro.

Damian geme e caminha ao lado de Bryce. Bree vem ficar ao meu lado e dá um tapa nas minhas costas.

— Não foi nem de longe tão ruim quanto o primeiro teste. Porra, eu consigo fazer uma merda dessas o dia inteiro.

As últimas palavras deixam seus lábios na mesma hora em que um tiro cruza o ar e, por muito pouco, não atinge seu rosto. A bala abre um buraco na árvore ao lado dela. Lascas de madeira voam em nossa direção, e o pânico faz meu coração disparar.

— Pro chão! — grita Cameron.

Caio de joelhos na hora e vejo os olhos dele procurarem o atirador fervorosamente.

Meu sangue pulsa alto nos meus ouvidos, dificultando que eu escute passos. *Porra*. Foco a mira do fuzil e procuro freneticamente o esquadrão que está nos atacando. Só consigo ver árvores, arbustos e rochas. Meus olhos passam depressa por algo mais escuro que a folhagem. Volto atrás, com o coração acelerado.

Um cadete mascarado está olhando direto para mim. Sem hesitar, puxo o gatilho e mando uma bala direto para o pescoço dele. Ele se levanta e acidentalmente dispara contra as copas das árvores. Cameron logo o encontra e mete outra bala bem na sua testa.

— Corre! — ordena ele.

Bree está atirando em um cadete escondido atrás de uma árvore, enquanto Bryce e Damian cobrem a frente do grupo. Eles nos conduzem para longe, e nós nos movemos o mais sorrateiramente possível na tentativa de escapar dos perseguidores restantes. Não consigo encontrá-los, por mais que esquadrinhe a área, mas sei que há outros por aí.

Esses tiros vão atrair mais esquadrões. Engulo o medo que cresce dentro de mim, me agarrando à adrenalina, que já está nas alturas. O farol está perto agora — a luz verde que pisca de poucos em poucos segundos —, e o sol que vai se pondo ajuda a visualizá-lo.

Bryce desce deslizando por um declive íngreme e se agarra à árvore perto da beira de um penhasco.

— Cuidado na descida! — grita ele para nós.

Damian e Bree vão primeiro e se agarram à mesma árvore que Bryce.

Dou meu primeiro passo, pronta para deslizar do mesmo jeito que eles fizeram quando uma faca perfura minha panturrilha. A dor toma conta da minha perna, me fazendo desabar no chão. Bryce grita alguma coisa, mas não consigo ouvir acima do zumbido nos meus ouvidos enquanto desço o declive rolando. Tudo fica

embaçado enquanto o mundo gira a cada vez que eu rolo. Tiros atravessam as árvores.

Aaah. Arfo quando meu corpo é detido abruptamente. Minha visão está turva, mas consigo me levantar e arrancar a faca que continuava presa na minha perna.

Bree impediu que eu rolasse para fora do penhasco. Eu a encaro em choque. Se já duvidei dela antes, com certeza não duvido mais.

— Levanta, Emery! Precisamos encontrar abrigo — diz ela, bruscamente, agarrando meu casaco pelo colarinho e me puxando para que eu me junte aos outros.

Quando a tontura diminui, olho ao redor depressa.

— Cadê o Mori? — pergunto, com urgência.

Bryce pragueja e olha para o topo da colina. Cameron está lutando contra três cadetes sozinho. Ou eles perderam seus fuzis ou Cameron já se livrou de suas armas. Outros quatro recrutas estão subindo a encosta lateral correndo, avançando na direção dele, com os ACE 32s a postos.

Cameron enfrenta os três cadetes com facilidade, principalmente se esquivando de suas facas e ficando na defensiva, mas não sei quantos ele aguenta ao mesmo tempo.

— A gente precisa ajudar ele. Bree e Damian vão pela esquerda. Bryce, você vem comigo, vamos cercá-los pela direita — ordeno, segurando o fuzil com força. — Vamos.

Levamos cerca de trinta segundos para voltar ao cume. Cameron já matou dois dos cadetes, e está erguendo o fuzil para eliminar o terceiro. Os quatro recém-chegados tiram os olhos dele e se voltam para nós.

— É a nanica? Vem aqui, sua vadiazinha. — Eu reconheceria a voz cruel de Wraith em qualquer lugar.

Seus olhos assassinos estão ainda mais frios e famintos que de costume. Seu braço ferido não parece atrapalhá-lo nem um pouco

com a arma. *Merda*.

Bryce se protege atrás da árvore à sua esquerda, e eu fico com uma à minha direita quando Wraith ergue o fuzil e atira em mim. Chuto que deve ser Arnold que está com ele, disparando contra Bryce implacavelmente.

Eu xingo e me viro para o lado oposto àquele em que Wraith dispara e atiro nele duas vezes. Erro na primeira, mas, na segunda, a bala se aloja em sua cintura.

Wraith grita e cai de joelhos. Aproveito a oportunidade e atiro em Arnold. Ele se assusta com facilidade e salta para a colina em busca de abrigo. Bryce grita alguma coisa que não consigo entender e vai atrás dele.

Eu logo volto a mirar em Wraith e puxo o gatilho para eliminar o cão selvagem, mas alguém dá um empurrão nos meus ombros bem na hora em que estou disparando o tiro fatal. A bala vai direto para o chão. Eu me viro para meu agressor.

Meus olhos se arregalam. É o homem que eu poupei. Suas mãos estão cobertas de sangue, e, sob a luz fraca do pôr do sol, mal consigo enxergar o branco dos seus olhos.

Cameron tinha razão, é meu último pensamento quando o homem atira bem no meu peito. Mesmo com o colete à prova de balas, dói pra cacete. Não sei dizer se a bala atravessou a proteção e atingiu meu esterno ou não, mas o impacto me faz sair rolando pela colina, só que dessa vez Bree não está lá para deter minha queda.

Rolo direto pela borda e caio na ravina.

A última coisa que ouço é o grito rouco de Cameron ecoando pelo vale lá embaixo.

27

Cameron

As tranças cor-de-rosa de Emery são o último pedaço dela que eu vejo antes da queda que provavelmente vai causar sua morte. Algo se quebra dentro de mim, e um berro cheio de terror irrompe dos meus pulmões:

— Emery!

Tento correr atrás dela, mas os imbecis que estão tentando provocar baixas no meu esquadrão me impedem.

O maior deles ataca meu olho com a faca e faz um corte nele. Não sinto a dor, mas a visão desse lado fica completamente vermelha, e um líquido quente escorre pelo meu rosto.

Esses desgraçados não têm ideia do que fizeram.

Agarro a KA-BAR e a enfio no maxilar do grandão. Ele fica paralisado, o cérebro lutando para ter um último pensamento que nem fodendo vou lhe conceder. Meu joelho sobe com força, e eu empurro a faca na direção do seu crânio até o cabo se fundir à sua mandíbula.

Ele desaba como um troll. Meus olhos se voltam para os outros. Eles ficam pálidos e tentam fugir. Bree e Damian executam um cadete antes de deter os dois que estão correndo de mim.

Eu respiro fundo, depois me viro e saio em disparada na direção do declive.

— Espera! Mori, é íngreme demais! — grita Damian.

Não estou nem aí, porra, penso, quando meus pés deslizam para

fora da borda. Saco a segunda faca do tornozelo e a uso para desacelerar minha descida e me manter de pé enquanto literalmente caio pela encosta da montanha.

Meus olhos esquadrinham o terreno embaixo de mim, e o medo inunda meu sangue quando vejo um borrão vermelho, rosa e preto no fundo da ravina coberta de neve. Ela não está se mexendo.

O que eu faço? O que é para eu fazer, caralho? O pânico corre nas minhas veias. O sentimento é tão raro que me faz soltar a faca. *Meu Deus, o que essa mulher faz comigo*. Enterro a mão enluvada na terra e nas pedras como uma âncora enquanto desço até o fundo depressa.

Assim que meus pés atingem o chão, tento correr até o corpo dela, largada como um anjo caído, mas minhas pernas tremem e cedem, me deixando de joelhos. Minha respiração fica entrecortada e soa ofegante quando cravo os dentes no lábio inferior. Será que machuquei as pernas na queda ou é apenas minha ansiedade que está me deixando paralisado? Não sei dizer.

Ela é a única coisa que eu enxergo.

Caída ali imóvel, sangrando na terra.

Ela não. Por favor, ela não. Pode tirar tudo de mim, menos Em.

Me ergo sobre os antebraços e arrasto o corpo pela neve e pelo cascalho até chegar perto dela. Ela está encolhida em posição fetal. Sua estrutura é tão pequena. O que eu mais quero fazer é protegê-la dentro do meu abraço. Eu me sento ao lado de Emery e estendo a mão para virá-la com delicadeza, mas travo a um centímetro de tocá-la.

E se ela estiver morta?

Sinto uma pontada súbita de dor no coração, como se tivesse sido empalado por uma adaga e estivesse me esvaindo em sangue. É a maior dor que sinto em anos. *Não*. Ela está bem. Está ótima.

— Emery — sussurro, fazendo uma careta ao ouvir a rouquidão da minha voz contra o silêncio que nos envolve.

Ela não se move, e sua farda é grossa demais para eu saber se

está respirando ou não. Recolho a mão e a aperto junto ao peito. Minhas mãos nunca tremeram tanto na vida.

— Emery — chamo mais alto.

Nada ainda.

As nuvens escurecem, e o mundo parece estar desmoronando, enquanto minha respiração fica mais difícil. A vertigem se abate sobre mim à medida que a histeria se instala, e meus lábios formigam, dormentes. *Que sensação é essa?* Nunca me senti assim antes. Nunca fiquei tão perturbado por nada.

Odeio isso.

Minhas mãos voam para minha cabeça, e eu arranco o capacete e a máscara, atirando-os para o lado. Não consigo respirar, porra. Agarro o cabelo e engulo as lágrimas. Balançando a cabeça, eu grito:

— Se controla, caralho!

Meu punho bate na minha cabeça várias vezes enquanto tento me recompor à força.

Meu maxilar treme quando me obrigo a me aproximar dela, envolvendo seu corpo com os braços e puxando-a para meu peito. Um pequeno suspiro escapa dos lábios dela, subindo pelo ar congelante em uma nuvem de vapor.

No segundo em que escuto esse suspiro, minha alma se estilhaça.

Deixo a cabeça cair sobre a dela delicadamente e murmuro:

— Porra, achei que eu tivesse te perdido.

Minha voz soa frágil.

Ela choraminga de leve e abre os olhos devagar. Calafrios atravessam meu corpo, e eu me pego ao mesmo tempo hipnotizado e totalmente enfraquecido apenas pelo seu olhar. Não conseguiria me mexer agora nem se o mundo dependesse disso.

— Cameron? — A voz dela é tão baixa que quase não a escuto.

— Quem mais? — balbucio, apertando-a com mais força.

Um sorrisinho se forma nos lábios dela, com uma mancha de sangue no canto da boca.

— Achei que você me odiasse.

Eu a encaro, perplexo por um instante que ela possa sequer tentar fazer uma piada em um momento desses, depois rio, inundado de alívio. Ela ri também e agarra a barriga, fazendo uma careta.

— Ai.

A preocupação se agita no meu peito.

— Você consegue ficar de pé? Onde está doendo?

Permito que ela se levante em seu próprio tempo. Seu maxilar se contrai, dando a entender que ela está com dor. Só de pensar no seu sofrimento fico enjoado. Quero tirar tudo isso dela.

Ela se levanta o mais ereta possível e tenta dar um passo à frente. Sua perna cede, e, antes que ela caia, eu a seguro pelo quadril e abro um sorriso frágil que espero que esconda minha preocupação.

— Eu tô bem — Emery tenta me convencer, mas ela é a pior mentirosa do mundo. Seu sorriso é sempre manso demais quando ela mente.

Me sento nos calcanhares e a observo, catalogando todos os seus ferimentos. Seu braço está mais baixo do que de costume, então o ombro dela deve estar deslocado. Seu rosto está todo arranhado, mas as piores feridas parecem estar nas pernas. A panturrilha que foi esfaqueada continua sangrando profusamente, mas fico aliviado de ver que é a facada que sangra tanto, não sua preciosa cabeça por causa da queda.

Aperto os lábios, pego o kit médico depressa e começo a enfaixar a parte inferior da sua perna.

— Cam... Seu olho e seu nariz estão sangrando. — A voz suave dela me traz um pequeno alento.

Só ela se preocuparia com alguém como eu. Mesmo depois de

eu ter sido cruel com ela. Por que ela se importa comigo? Por que continua a ser gentil comigo quando eu não mereço?

Eu não quero o carinho dela, porque isso significa que ela vai estar em perigo constante, mas também não sei se suportaria perdê-lo.

Eu temia que ela estivesse se aproximando demais do meu coração, mas agora tenho certeza de que está mesmo.

28

Emery

Cameron tenta continuar enfaixando minha perna e ignora minha preocupação por ele, mas eu coloco as mãos em seus ombros.

— *Cameron*. Olha pra mim. — Minha frustração transparece nas palavras.

Ele para e deixa as mãos caírem no colo, franzindo as sobrancelhas.

— Não me importa onde estou sangrando, Em.

Seus olhos finalmente encontram os meus, e cada fibra do meu ser mergulha nas profundezas da sua alma. O sangue escorre do seu olho marcado pela cicatriz, como se estivesse chorando. Levo a mão à bochecha dele e passo o polegar no fluxo vermelho. Ele se apoia na minha mão e fecha os olhos.

— Só me importa onde você está machucada... Você tá bem? — murmura ele, colado à palma da minha mão, plantando um beijo suave nela.

Ele já roubou minha vida, mas agora meu medo é que tenha roubado meu coração também.

Eu me ajoelho e olho no fundo daqueles olhos tristes cor de sálvia que passei a desejar tanto. Tento aliviar o clima.

— Achei que você tinha dito que era incapaz de se...

Cameron se inclina para a frente e tira as palavras da minha boca com um beijo. Todo pensamento que eu tenho se derrete em seu abraço macio.

— Nem toca nesse assunto. — Ele sorri junto aos meus lábios.

Ergo a sobrancelha para ele.

— Só se você pedir desculpa.

— Me desculpa. Um milhão de desculpas, tá bom? — murmura ele suavemente sobre a minha testa, dando outro beijo na têmpora antes de se levantar, cambaleante.

Ele me oferece a mão, que eu aceito, grata. Cameron pisca algumas vezes para tentar limpar o sangue do olho, mas o líquido continua escorrendo.

— Aqui. — Uso minha luva para limpar o máximo que posso, depois pressiono um chumaço de gaze no ferimento. — Você vai precisar ficar segurando. — Ele obedece.

Eu engulo a preocupação que quero expressar para ele. Vai ter que esperar até a gente voltar ao bunker. Ainda estamos correndo contra o tempo.

Cameron dá uma olhada no meu braço mole e aperta a boca.

— Vou ter que colocar ele no lugar antes de a gente começar a subida de volta — diz ele, relutante.

Eu sabia que esse momento ia chegar. Já tiveram que colocar meu braço de volta no lugar antes, e nunca fica menos horrível.

Faço que sim e desvio o olhar, levando minha manga à boca para poder mordê-la. Cameron ajeita meu braço na posição necessária.

— Pronta? — pergunta ele.

Eu balanço a cabeça de novo, bruscamente, e ele coloca meu ombro no lugar sem hesitar. Solto um gemido na manga e respiro fundo algumas vezes antes de voltar a encará-lo.

— Doeu pra caralho.

Ele sorri com compaixão.

— Bom, se você não saísse por aí caindo da montanha... — Ele ri. — É melhor a gente ir, não temos muito tempo.

Minha cabeça está girando, e meu corpo todo dói. Não quero

deixá-lo mais preocupado do que já está, então faço o possível para caminhar ao seu lado. Ele me deixa usar seu braço como apoio enquanto andamos devagar até a ladeira.

Dou uma olhada na encosta e me encho de desespero. É tão íngreme que é um milagre nós dois estarmos andando. A luz verde do farol brilha e pisca contra o céu escuro.

— Quanto tempo a gente tem? — pergunto, mancando e procurando meu fuzil.

Pode até estar quebrado, caso eu tenha rolado em cima dele em algum momento durante a queda. Pressiono a palma da mão na testa e suspiro, está tudo confuso demais. Eu me lembro de cair pela beirada, depois de acordar com Cameron olhando para mim e me abraçando com ternura.

Minhas bochechas coram ao pensar nisso. Estou feliz por estar frio aqui e por estarmos cobertos de sangue, assim Cameron não vai notar.

Ele ergue o rosto para o céu como se soubesse dizer as horas pelas estrelas.

— Eu diria uma hora, no máximo. Você consegue escalar? — Seus olhos se voltam para mim e eu faço que sim, com firmeza. Uma expressão cética toma conta do seu rosto, e ele balança a cabeça com um sorrisinho. — Anda, meu bem, sobe aqui.

Ele se ajoelha. O gesto abala meu coração. Ele não tinha proclamado que nunca me carregaria desse jeito no fim do primeiro teste? Sufoco um sorriso.

— Eu consigo — digo, com leveza.

Ele precisa poupar energia. Passo reto por ele.

Cameron segura meu pulso, me fazendo olhar para ele de novo, e é então que vejo que seus olhos estão basicamente implorando.

Eu cedo bem fácil.

Ele me carrega nas costas, fazendo um zigue-zague pelas

partes menos íngremes da ladeira. *Meu Deus, e eu pensei que só Montana tivesse subidas gigantescas assim.* Respiro fundo e sinto o aroma dos pinheiros misturado às notas terrosas de Cameron. O ar fresco os mescla de um jeito maravilhoso. É difícil não me concentrar em seus músculos definidos entre as minhas coxas enquanto ele me carrega sem esforço.

Apoio a cabeça no ombro dele e escuto sua respiração.

— Ei, Cam.

— Sim?

— Você acha que o que Nolan disse sobre conquistar nossas fichas pra sair das Tropas Ocultas é verdade? — Traço um pequeno círculo no seu colete.

Ele pensa por um instante.

— É, claro que sim, por que ele mentiria sobre isso?

Cameron já faz parte das Tropas Ocultas há tanto tempo que não está tão motivado para se libertar, levando em conta que tem tanto orgulho de ser o ratinho de laboratório deles, então só balanço a cabeça diante de sua confiança em seus superiores.

— Só parece estranho que ninguém tenha conseguido isso ainda.

Tenho a sensação de que tem mais coisa envolvida, mas vou ter que esperar até estar oficialmente em um esquadrão para me preocupar com isso. Posso nem sobreviver aos testes.

Meu corpo inteiro está pegando fogo, meu ombro lateja impiedosamente, e minha perna está fodida. Vai levar semanas para esse corte cicatrizar direito, e eu não tenho tempo para isso. Vou ter que colocar uma tala quando voltarmos e tomar um monte de analgésicos.

Não sou insensível como Cameron. O terceiro teste pode ser meu fim.

— Cam — murmuro de novo.

Ele inclina a cabeça contra a minha suavemente.

— Em?

— Obrigada por vir atrás de mim.

Ele só grunhe em resposta, mas passa o polegar no meu tornozelo com carinho.

O resto do nosso esquadrão não está no cume onde os vimos pela última vez, então decidimos seguir em frente, rumo ao farol. Com certeza é o único lugar aonde eles poderiam ter ido. Se não estiverem lá quando a prova for concluída, já era para nós.

Olho para os cadetes mortos no topo da ladeira com indiferença. O sangue deles cria um pequeno riacho que corre na direção do penhasco no qual eu caí. *Já foram tarde*. Ignoro o fato de que eles só estavam tentando sobreviver, assim como nós.

Cameron estava certo, os Testes do Sub podem nos deixar insensíveis aos horrores ao nosso redor. É trágico pensar nas coisas que estamos dispostos a fazer só para continuar respirando.

Eu não quero morrer. Eu quero me libertar.

Mancamos juntos e, depois de cinco minutos, alcançamos a luz verde. Outros três esquadrões estão aqui, cada um no seu canto. Só há dois ou três cadetes de pé em cada equipe; os colegas restantes estão mortos e foram carregados até aqui.

Solto um suspiro aliviado quando avisto Bree, Damian e Bryce. Eles também parecem bastante aliviados de nos ver.

— Juro por Deus que vocês dois são imortais, caralho — resmunga Damian, me dando um abraço apertado e batendo nas minhas costas.

Bree abre um sorriso doce para mim, depois também me abraça quando me desgrudo de Damian.

A expressão de Cameron volta a ficar impassível, e ele cruza os braços com firmeza, para manter as aparências, imagino.

Bryce acena com a cabeça para nós dois.

— Não é muita gente que cai de uma montanha e consegue subir de volta.

Ele parece genuinamente feliz por estarmos aqui. Olho de relance para Cameron e vejo que ainda parece cheio de dúvidas em relação ao nosso companheiro amante de venenos.

— Você faz parecer que foi fácil — digo, sem emoção, observando quem são os outros sobreviventes.

Todo mundo está com a máscara abaixada e conversando livremente, ignorando os membros mortos aos seus pés como se não fossem nada. *Será que eu também seria assim se não tivesse ficado amiga deles?* Gosto de pensar que não. Nossos três colegas acabaram me conquistando, e, a essa altura, Cameron é literalmente uma extensão de mim.

Dois homens grandes sussurram entre si e olham na nossa direção quando me pegam observando-os. Wraith e Arnold. Por que não estou surpresa que esses dois, entre todo mundo, tenham chegado ao terceiro teste? Ambos estão inteiramente cobertos de sangue seco, e todos os seus companheiros estão mortos. Reconheço o gigante imóvel no chão, era ele que estava lutando com Cameron antes de eu ser jogada colina abaixo. Mal dá para ver a ponta do cabo de uma faca de combate sob seu queixo.

Eu até estremeceria diante da visão, mas estou impressionada demais para deixar que ela me afete.

— Não acredito que eles vão ter mais uma chance de strike — debocha Bree.

Me pergunto se ela jogava beisebol na sua antiga vida. Certamente tem mãos calejadas o bastante para isso.

— Eu imaginei que eles fossem chegar até o final — retruca Bryce, trocando o peso do corpo de um pé para o outro e limpando a sujeira dos óculos com o forro da manga.

Cameron bufa.

— O que te deu essa impressão? Os esforços deles pra

proteger os colegas de esquadrão? — Seu tom é carregado de sarcasmo.

Interpreto o que o momento significa: nós cinco sendo o único esquadrão completo a chegar ao final do teste. Isso tem que valer de alguma coisa, não tem? Faz meu peito inchar de orgulho. Talvez estar nas Tropas Ocultas e em um esquadrão não seja tão ruim. De um jeito estranho, lembra mais um lar do que a minha casa jamais pareceu.

O som de um Black Hawk rasga o céu, vindo na nossa direção. O local onde fica o farol é uma plataforma de pedra elevada, com bastante espaço para ele pousar. Esperamos pacientemente enquanto o helicóptero desce. Fico chocada por Wraith não tentar nada, mas ele deve estar tão exausto quanto nós depois de passar alguns dias na floresta.

Adams desce do helicóptero e dá uma boa olhada em todos nós. *Estamos acabados. Já sabemos. Tira a gente daqui, porra.* Credito minha atitude mal-humorada à ferida na minha panturrilha e a todas as partes do meu corpo que doem por causa da queda. Já estou morrendo de medo de me olhar no espelho quando voltarmos, mas o banho quente vai fazer tudo valer a pena.

— Parabéns, cadetes, vocês chegaram ao teste final — diz Adams, com um sorriso sinistro, enquanto continua a olhar para nós.

Deve haver um milhão de pensamentos malucos passando pela cabeça desse homem agora mesmo. Será que é ele que inventa os testes ou eles são predeterminados? Ele certamente me faz questionar.

— Então venham, vamos voltar para o bunker.

Alguns dos outros esquadrões baixam a cabeça para os companheiros mortos a seus pés.

— Deixem eles aí, vamos descartá-los — grita o sargento instrutor, acima do som das pás do helicóptero.

A viagem de volta ao bunker dura um quarto do tempo que gastamos para chegar aqui. O cheiro de ferro enche o espaço pequeno, mesmo com todo o fluxo de ar que a porta aberta deixa entrar. Eu olho para minhas mãos vermelhas e me pergunto quantas pessoas vou limpar de mim na próxima hora. Não sinto nada.

Como Cam disse. Eram eles ou eu.

29

Emery

Todos estão nos chuveiros, e mesmo assim o banheiro parece vazio demais. Restam apenas treze de nós.

A água que se acumula perto dos ralos é de um vermelho brilhante. O tom do meu cabelo rosa está mais para blush do que pastel por causa disso. Coloco mais xampu na mão e esfrego o cabelo violentamente com meu lado intacto.

Cameron está com a mão apoiada na parede enquanto deixa a cabeça pendurada sob o jato de água. Seu cabelo claro também tem manchas vermelhas. Meus olhos percorrem seu corpo, seguindo a trilha de tatuagens que vão do pescoço para o torso e os braços. Seus músculos continuam flexionados, mas relaxam aos poucos debaixo do calor. A ferida na sua omoplata deve ter aberto um pouco durante a prova, e uma corrente escura de sangue vaza dela para suas costas e costelas.

Ele sente meu olhar e olha devagar na minha direção. Seu olho machucado está fechado e praticamente parou de sangrar. O outro está semicerrado, exausto e carregado de pensamentos. Seu olhar desce para o meu corpo, varrendo os hematomas e cortes. A única ferida em que seus olhos se demoram um pouco é a que lateja na minha panturrilha. Preciso dar uns pontos nela, mas queria que estivesse totalmente limpa antes. O que eu menos quero agora é uma infecção.

— Eu tô bem — garanto a ele, me enxaguando pela última

vez.

As manchas no meu cabelo continuam evidentes, mas está melhor do que antes. Desligo o chuveiro e envolvo o corpo com uma toalha. Pontos vermelhos logo ensopam o tecido, me deixando carrancuda.

Cameron solta um suspiro suave ao fechar o próprio chuveiro. Ele prende uma toalha ao redor da cintura e vem até mim.

— Vamos lá cuidar de você. — Ele analisa minha expressão por um instante, depois acrescenta: — Vamos cuidar de nós *dois*.

Eu examino seu caminhar enquanto atravessamos a caserna. Está pior aqui do que nos chuveiros, o que significa que suas pernas estão mais machucadas do que ele deu a entender. Minha atenção se volta ao quarto. Todas as camas do centro do dormitório estão vazias, e as poucas alianças que restam ficam bem juntas. Arnold e Wraith são os mais próximos da porta que leva ao corredor.

Esquadrinho a área em busca de Bree e Damian, mas não os encontro em meio ao mar de camas. Devem estar jantando antes de descansar um pouco.

Só de pensar em comida fico enjoada. Não consigo comer depois de uma matança tão brutal e sem sentido quanto essa. O cheiro do sangue permanece no nariz por muito tempo, e cada mordida tem um gosto horrível.

Meus olhos se voltam para meus dedos esfolados e avermelhados; já há hematomas roxos florescendo por baixo da pele.

— Ei, nanica, será que seu guardião vai conseguir te proteger no teste final? — grita Wraith enquanto passamos depressa.

Arnold ri do comentário, cheio de desdém.

Abro a boca e estou prestes a dar uma resposta atravessada para ele, mas Cameron agarra meu pulso e me obriga a continuar andando. Ele me lança um olhar severo por cima do ombro

quando já estamos a algumas portas de distância.

— Você sabe que é inútil tentar discutir com ele — resmunga, voltando a olhar para a frente.

Seu aperto no meu pulso é quente.

Minhas bochechas coram com a suavidade do seu toque.

— Eu sei.

— Eu era bem parecido com você na primeira vez que passei pelo Sub, sabe. Esquentadinho. — Ele fala como se a ideia fosse incrivelmente engraçada.

— Bom, não tinha ninguém protegendo a sua vida e querendo acabar com ela ao mesmo tempo, então a gente pode não ter sido *tão* parecido assim — murmuro, com um sorrisinho.

Cameron balança a cabeça e ri.

— É, acho que você me pegou nessa. Mesmo assim, é divertido ver como é fácil te irritar — diz ele, em voz baixa.

As luzes da enfermaria começam a piscar devagar, uma de cada vez. Por um segundo, penso que nem todas vão ligar, mas elas continuam a se acender depois de um tempo.

— Sobe aí, é a minha vez de cuidar de você. — Cameron sorri ao dar um tapinha na mesa.

Eu solto um gemido antes de abaixar a calça e subir no aço frio.

Minhas coxas queimam com o toque gelado do metal antes que ele suavize e se aqueça.

Quero dizer a Cameron que tudo dói. Que estou com tanta dor que mal consigo manter a compostura, mas me preocupo que ele veja fraqueza em mim. Já o conheço o bastante para saber que seus gatilhos para perder o controle são fraqueza no seu esquadrão e ter acabado de matar ou de se exercitar. Minha dor pode ficar para depois.

Ele passa os dedos quentes pela parte de trás da minha canela, avaliando a ferida antes de limpá-la. Eu agarro a borda da mesa e

cerro o maxilar, me preparando para o choque que meu organismo está prestes a sofrer.

Os olhos de Cameron se voltam para o meu rosto. Eu não esperava que ele visse, mas claramente enxerga a trepidação na minha face.

Ele endireita o corpo devagar e enfia as mãos nos bolsos, olhando para mim, através de mim, enquanto sua voz penetra no meu coração.

— Tem uma coisa que acho que eu preciso te contar.

Meus lábios parecem secos enquanto vejo seu desconforto aumentar. Suas bochechas ficam coradas, e seus olhos se enchem de tensão.

— O quê?

Cameron cerra os punhos dentro dos bolsos e contrai o maxilar, desviando o olhar do meu.

— Eu não quero, não quero mesmo que você sofra. Não suporto te ver com dor. Isso... me faz sentir coisas de que não gosto muito e eu prefiro quando você não está sofrendo.

Eu o observo com curiosidade. Ele está tentando dizer que gosta de mim?

Cameron tensiona os ombros e me olha ao murmurar:

— Não tem muitas coisas que eu colocaria acima de mim ou do meu esquadrão, e não sei por que ou como você conseguiu se embrenhar em mim, mas...

Ele tira a mão do bolso e me oferece dois comprimidinhos pretos no meio da sua palma.

Meus pulmões param de funcionar, e eu olho para ele na hora.

— Cameron... você sabe que eu não posso tomar essas coisas. Elas vão me matar.

Os olhos dele estão cheios de pensamentos inquietos.

— Os primeiros comprimidos não vão te fazer mal, e esses são as atualizações mais recentes. Nolan acha que estão prontos para

serem usados pelos outros, então tenho certeza de que uns dois não vão te prejudicar.

Uma dor latejante se espalha pela minha perna, e o tremor que atravessa minhas costas provoca uma dor profunda no meu ombro. Algumas lágrimas ardem meus olhos.

— Você está me falando a verdade, Cameron? Ou está tentando me matar? — Minha voz soa insensível.

Os olhos dele se estreitam de tormento.

— Eu juro, Emery, quando eu te matar vai ser com a minha faca no seu coração. Você vai me ver chegando. Vai saber, sem sombra de dúvida, que eu vou tirar sua vida.

Os cantos dos seus lábios se erguem inocentemente, como se o que ele acabou de dizer nunca fosse acontecer. Eu acredito na hora.

— Elas tiram tudo tão depressa que você não vai nem lembrar quanta dor estava sentindo um segundo antes.

Eu encaro as pílulas na mão dele. *Pílulas da morte*. Mas sabemos que eu não consigo correr, nem ao menos andar rápido, com o corte na perna. Se for necessário correr no último teste, estou fodida. A dor no ombro está tão ruim que eu não consigo levantá-lo acima do peito sem soltar um gritinho de agonia.

Eu quero essas pílulas mais do que posso admitir. A morte não passa de uma ferramenta de jogo por aqui. Tudo é uma aposta. Se eu não tomá-las, provavelmente vou morrer. Se tomá-las, eu *posso* morrer. É diante desses riscos que eu me encontro.

Cameron fecha os dedos e enfia as pílulas na boca. Franzo as sobrancelhas, confusa.

Ele se aproxima de mim e agarra minha nuca, inclinando minha cabeça para cima enquanto leva os lábios aos meus. Fecho os olhos ao inalar seu cheiro e memorizar a sensação dos seus lábios nos meus.

— Me desculpa, meu bem. Não posso deixar você morrer — sussurra ele, colado aos meus lábios, enquanto aprofunda o beijo e

empurra os comprimidos para a minha boca.

Arregalo os olhos quando o sabor das pílulas amargas se espalha pela minha língua.

Cameron se afasta o suficiente para que nossos olhos possam captar direito a alma um do outro. Ele agarra um punhado do meu cabelo para manter minha cabeça voltada para cima e leva a outra mão ao meu queixo.

Não quero engoli-las, mas também não quero morrer por ser inútil no próximo teste. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, mas forço minha expressão a permanecer impassível.

— Engole. — Ele massageia minha garganta.

A sensação faz minha boca se encher de água e provoca em mim um súbito impulso de engolir seu conteúdo.

A expressão suave de Cameron se foi, substituída por seus olhos frios e insensíveis; há um desejo cruel por trás deles. Um olho está completamente injetado, o outro, claro como o dia. Enquanto observo sua beleza cativante, percebo que sempre estive certa. Não se pode confiar em homens bonitos. Cameron sempre foi impiedoso por natureza e extremamente traiçoeiro.

— Engole — exige ele de novo, agarrando minha garganta com mais pressão.

Não consigo mais segurar.

Engulo as pílulas.

30

Cameron

O jeito como ela me olha faz aquela dor desagradável borbulhar de novo no meu peito. Os olhos de Emery estão cheios de traição e raiva.

Quando me asseguro de que ela engoliu as pílulas, solto sua garganta e seu cabelo.

Estou habituado ao modo como as pílulas afetam as pessoas na primeira vez. Ela vai desmaiar em exatos dois minutos e, quando acordar, não vai mais estar sofrendo. Emery vai experimentar a onda mais eufórica que já sentiu.

— Pode me odiar quanto quiser, Em. Eu não posso deixar você morrer — digo, dando as costas a ela, indo preparar o equipamento para dar pontos na sua perna.

Quando ela não responde, me viro para olhar para ela.

Tapa.

Fico atônito diante da força com que ela me golpeia. Só consigo sentir o formigamento agudo na superfície da minha bochecha, mas fico surpreso por ela ter me batido. Estou perdendo a paciência com isso.

— Eu não disse que queria elas — sussurra Emery, como se estivesse segurando mais lágrimas.

Eu fico olhando para ela, sem saber ao certo o que poderia dizer nesse momento para tranquilizá-la. Vai melhorar quando ela acordar.

Ela tenta sair da mesa de operação e perde o equilíbrio. Seus olhos estão turvos e suas sobrancelhas se franzem de confusão. Eu a seguro com cuidado.

— Cam? O que tá a-acontecendo? — murmura ela contra o meu ombro. Seus braços e pernas já estão moles.

Eu encosto a cabeça na dela.

— Você vai tirar uma soneca enquanto eu cuido de você.

Seguro a nuca de Emery ao conduzi-la para a mesa de aço fria.

Ela sorri, sonolenta, e seus olhos se fecham, tremelicando.

— O-ok — diz ela, com a fala arrastada, e então suas pálpebras pesadas finalmente se fecham.

Uma carranca incômoda se forma em meus lábios quando afasto uma mecha cor-de-rosa do rosto dela. *Não posso deixá-la morrer.* Por motivos egoístas, mais do que para completar minha tarefa de provar para Nolan que consigo me controlar. Mesmo se ela me odiar depois disso, eu não ligo. Ela vai precisar estar o mais entorpecida possível para o terceiro teste.

As pílulas parecem pesadas no meu bolso. Quero tomar cinco delas e deixar que o puro nada me domine como se fosse ela.

Mas eu preciso me concentrar. Meus olhos encontram sua perna ferida e ponho mãos à obra, limpando, fechando e enfaixando o ferimento. Termino tudo em vinte minutos.

Há um espelho diretamente acima da pia na enfermaria. Em geral, tento evitar olhar para o meu reflexo, mas não estou me sentindo normal essa noite.

Estou curioso. Quero ver o que ela vê. Seu sangue é lavado das minhas mãos como se fosse tinta, e, ao terminar, levanto os olhos para o espelho devagar.

Um homem soturno e cruel me encara de volta. Suas bochechas são angulosas e encovadas do curto tempo que passou nessa terra, moldadas pelas drogas que ele ingere. As cicatrizes em seu rosto não são nada comparadas às que eu sei que permanecem

por baixo da camisa. Seus olhos estão cansados. Cansados pra caralho. Um deles está tão vermelho que parece que a parte branca foi substituída por sangue.

Eu pareço estar com dor. Não reconheço o homem no espelho.

Meus dedos traçam a cicatriz ao redor do olho com delicadeza antes de descer para o esterno. *Mãe, por que você tentou me matar?* Penso nela com amargura enquanto desenho uma linha no ponto onde ela abriu meu peito. Isso aconteceu quase uma década atrás, mas nunca vou esquecer o que ela destruiu dentro de mim naquele dia. Não houve mais confiança, nem esperança de que alguém fosse me enxergar nem querer me proteger. Se importar comigo.

Pressiono a mão no meu coração e deixo meus olhos encontrarem Emery no espelho. Ela está dormindo bem tranquila, mais do que em qualquer outra noite que passou aqui. Eu a observei dormir por inúmeras horas, inquieta e buscando aprovação da família perturbada como eu fazia com a minha mãe.

Será que ela chegou a me ouvir sussurrar para ela? Dizendo que estava segura. Que, enquanto conseguisse resistir, eu não deixaria nada machucá-la. Nem mesmo eu.

Não vou.

Meus olhos voltam a encontrar meu reflexo.

Eu não vou machucá-la. Não vou matá-la.

Se ao menos eu pudesse confiar em mim mesmo. Coloco cinco comprimidos na palma da mão e os engulo antes de erguer Emery da mesa e carregá-la até o canto da sala, onde apoio as costas na parede e vou escorregando até estarmos no chão. Faço um cafuné no seu cabelo e sussurro palavras carinhosas por muito tempo depois de as luzes se apagarem. Por muito tempo nessa escuridão em que só uma coisa monstruosa como eu consegue enxergar.

31

Emery

Luzes brilhantes piscam enquanto eu corro pela floresta escura, descalça, vestindo apenas um dos vestidos que minha mãe comprava para mim. Sei que estou sendo caçada no último teste, só não sei por quem. Por que não estou usando a farda tática? Onde está Cameron?

Piso em falso e caio no chão. A dor explode na minha costela, e o perseguidor está em cima de mim antes mesmo que eu possa pensar em me levantar.

O cano de um fuzil está apontado para o meio da minha testa, e todos os pelos da minha nuca se arrepiam quando reconheço o soldado mascarado. Seus olhos são preguiçosos, semicerrados de desinteresse enquanto seu dedo acaricia o gatilho.

— Cameron? Sou eu, a Emery! — Tento trazê-lo de volta a si, mas ele me encara sem me ver, como se eu não fosse nada.

— Mori. Meu nome é Mori, e infelizmente a sua hora chegou, Emery. A promessa que fiz pra você. — Sua voz é como um rio de luar.

Ele puxa o gatilho e eu me afogo no oceano de escuridão em que ele vive.

Meus olhos se abrem de repente, e meu coração martela tão forte que me sento ereta. Está escuro, mas consigo enxergar significativamente melhor que de costume. Ainda não apagaram as

luzes? Olho para o corredor procurando as lâmpadas do teto, mas está tudo desligado.

— Como você se sente? — Sua voz provoca um arrepio na minha espinha. A imagem dele metendo uma bala na minha cabeça com tanta facilidade volta à tona, seguida pela realidade de que ele me fez engolir duas pílulas da morte.

Olho para ele, a sonolência permanece em seus olhos. Ele tenta me tocar, mas eu logo salto do seu colo e volto para o centro da sala. Ele parece decepcionado, e uma expressão angustiada toma seu semblante.

Eu não devia conseguir ver seu rosto no escuro. Não devia conseguir... Minha atenção se volta ao meu corpo. Passo as mãos pelas áreas que doíam tanto antes de eu desmaiar que estava com medo de morrer na próxima prova. Meu ombro está totalmente funcional, sem dores, e minha perna não me incomoda nem um pouco, embora eu saiba que devia incomodar.

— Não sinto mais dor. — Minha voz está rouca de choque.

Cameron levanta e se aproxima de mim. Desconfiada, dou um passo para trás. Ele para e me observa por um instante, depois levanta a mão para me convidar a ir até ele.

— Eu cuidei de você, Em.

Minhas sobrancelhas se franzem, e eu sinto uma pontada no peito.

— Eu não pedi pra você fazer isso.

Ele parece desalentado por um momento. Eu caminho com facilidade de um lado a outro da sala, e um sorrisinho incerto começa a se espalhar pelos meus lábios.

— Não estou mais com dor.

Os olhos dele se iluminam com as minhas palavras. Eu aceito sua mão estendida.

— Você consegue enxergar a escuridão como ela é agora? — murmura ele no meu ouvido.

Minha pele fica toda arrepiada. Nunca me senti tão leve em toda a minha vida.

Estou brava com ele por ter me forçado a isso. Mas o alívio que sinto é mais forte. Sei que ele só está fazendo o que acha que é certo, e ele é tão corrompido que eu já devia saber que ele seguiria em frente, quer eu concordasse ou não.

— Sim. — Apoio a bochecha em seu peito largo.

Ele fica calado por longos e arrastados segundos. Então se afasta e passa o polegar pelo meu lábio inferior, pensativo.

— Consegue enxergar quem eu sou de verdade agora? Como, para você, eu posso ser desonesto?

— Sim — respondo, ofegante, deixando meus olhos assimilarem cada ângulo acentuado de seu lindo rosto, cada cicatriz e tatuagem escura.

— E me aceita assim mesmo?

Sustento o olhar cheio de anseio do meu soldado vil e terrivelmente destruído, depois faço que sim.

— Que bom. — Ele levanta meu queixo. Aqueles seus olhos brilhantes exigem minha atenção. — Agora não preciso me segurar.

Solto um suspiro, enquanto ele rouba todo o ar restante nos meus pulmões.

Ele me beija com força, fervorosamente, como se nunca mais fôssemos ter um momento como este.

Eu agarro seus ombros, deixando meus dedos subirem por seu pescoço tenso enquanto ele me devora. Sua língua instiga minha boca a se abrir, e eu cedo, baixando a guarda por completo para a fera que foi feita para me destruir. Ele se afasta por um instante, jogando uma pilha de toalhas no chão, depois me leva a deitar nelas, se posicionando em cima de mim.

— Você me tirou da escuridão, Em. Eu teria passado o resto da vida sem sentir nada se você não tivesse caído no meu colo. Teria

esquecido a ternura que permanece num coração muito depois da morte espiritual — sussurra ele, entre um beijo e outro.

Meu coração dói quando ouço essas palavras. Me pergunto em que tipo de lugar sem luz eu também teria permanecido se não fosse por ele. Talvez eu não estivesse nem viva.

Mas ele está sendo delicado demais agora. Será que vai me rejeitar de novo depois disso? Não sei quanto tempo ainda consigo aguentar entre seus lapsos cruéis e os encantadores.

— Cameron, o que eu sou pra você? — pergunto, enquanto ele lambe meu pescoço, mordendo atrás da minha orelha.

— De novo isso? Você quer mesmo saber? — diz ele, devagar, com um toque de diversão no sorriso.

Seus olhos bêbados de desejo encontram os meus, devorando cada mínima parte minha.

Faço que sim. Muito ciente de como ele respondeu da primeira vez.

— Quando eu vi você cair da montanha... alguma coisa se partiu dentro de mim. Foi o fim de tudo. — Ele faz uma pausa e apoia um braço de cada lado da minha cabeça, olhando no fundo dos meus olhos. — Eu soube naquele momento que, se não conseguisse você de volta, nunca mais ia querer respirar. Não importa o que eu tivesse que fazer, eu faria, se isso significasse poder continuar com você — murmura ele colado aos meus lábios, possessivo.

Um sorriso irônico repuxa meus lábios.

— Você não respondeu minha pergunta — digo, calmamente, muito embora meu interior esteja agitado como se eu fosse feita de borboletas.

Não imaginei que Cameron fosse capaz de dizer esse tipo de coisa, muito menos para mim.

Ele estreita os olhos, e vejo uma faísca passar por eles.

— Você é a portadora da minha alma.

Ele não espera minha resposta, colando os lábios aos meus e engolindo o suspiro de surpresa que sai de mim.

Que coisa mais pesada de se carregar. Eu sorrio com a ideia enquanto ele me beija fervorosamente, abaixando minha calça e levantando minha blusa com avidez. Suas mãos estão geladas ao tocar minha pele. Minhas costelas não doem, nem meu ombro ou minha perna. É um alívio tão grande que eu me inundo com o prazer que surge em todo lugar por onde ele desliza os dedos. Nunca me senti tão leve antes. Nunca me senti tão *bem*.

Um gemido escapa dos meus lábios abertos.

— É incrível — choramingo.

Cameron ri ao morder meu lábio inferior e puxá-lo de leve.

— É porque você não está mais sentindo dor onde ela existia antes.

Ele solta meu lábio, e o gosto de sangue se espalha pela minha língua.

Eu estou sangrando? Meus olhos se arregalam. Só consigo sentir a distinta euforia que seus dentes e suas mãos me dão. Esse tempo todo foi assim para ele? Cameron me observa lamber meu lábio inferior e saborear por inteiro o que é uma existência indolor.

Um sorriso sinistro se forma em seu rosto.

— Boa menina, tá sentindo? Isso é só o começo do que estou prestes a fazer com você, porra.

Seus dedos deslizam pelo meu pescoço e meu esterno, deixando um rastro de arrepios. Então vêm seus lábios quentes, sua língua soltando fogo ao girar em torno do meu mamilo. Minhas costas se arqueiam na direção do peito dele, e minhas mãos encontram seu cabelo desgrenhado, agarrando-o e puxando-o para mais perto com ansiedade.

Ele ri e morde a parte de baixo do meu peito. O prazer sobe pela minha garganta, e um gemido ecoa pela sala. Cameron não solta, mas enfia dois dedos na minha boca. Eu os chupo

descaradamente, mordendo com força, assim como ele faz comigo.

Um grunhido vibra em seu peito.

— Porra, eu estava esperando você me morder. Amo esses seus dentes.

Cameron passa a língua pelo meu peito mais uma vez antes de se afastar e desabotoar a calça.

Eu o observo libertar o pau latejante e esfrego as coxas uma na outra na expectativa de tê-lo dentro de mim de novo.

Ele leva a mão ao pau cheio de veias e o acaricia devagar, olhando para meu corpo exposto e apreciando cada centímetro meu.

— Me fode, Cam — imploro.

Cameron sorri e se senta sobre os calcanhares, com o pau na mão.

— Quero que você venha usar meu pau pra se fazer gozar primeiro. Só então vou te dar o que você quer, meu bem.

Seus olhos estão semicerrados enquanto ele masturba o pau algumas vezes. Eu observo o movimento, hipnotizada e chapada demais com a minha existência para ligar.

Dou um sorrisinho e me levanto. Ele ergue a sobrancelha quando passo por ele. Eu pego a fita médica na mesa. Travessuras enchem a minha mente e penso que é a minha vez de chocá-lo.

— O que você tá fazendo, Em... — Cameron para de falar quando eu começo a enrolar a fita ao redor de seus pulsos. Ele ergue os olhos e encontra os meus. A centelha de animação em seu olhar faz meu coração bater mais rápido. — Ah, você quer fazer esse tipo de joguinho, então? — diz ele, com um tom sombrio. Com os olhos ficando vorazes.

Não digo uma palavra enquanto o faço se deitar de costas e o amarro a um cano de cinco centímetros de espessura que se estende até o teto. Ele fica completamente à minha mercê. Vulnerável, com os braços presos.

Seu pau está mais duro do que um segundo atrás. Engulo em seco ao ver sua grossura.

Fico olhando para Cameron enquanto sento em seu pau. Só a cabecinha já é suficiente para me fazer gemer ao alargar minha buceta. Tento descer devagar, mas Cameron tem seus próprios planos.

Ele empurra o quadril para cima com força, enfiando seu pau em mim até o talo e atingindo minhas partes mais profundas. Solto um grito e apoio as mãos em seu peito para não cair de cara em cima dele.

O cano estala violentamente quando ele tenta soltar as mãos para me agarrar. De alguma forma, isso me deixa ainda mais excitada, ver quanto ele quer pegar minha cintura e me fazer rebolar em cima dele.

Eu cravo as unhas nas suas costelas e ele geme, imobilizando o quadril e permitindo que eu o cavalgue por alguns instantes antes de retomar as estocadas leves.

— Já tá voltando atrás? Você disse que era pra eu me fazer gozar. — Dou risada, jogando a cabeça para trás com o puro êxtase de senti-lo dentro de mim.

— *Porra*, Em, você precisa tirar essas coisas. Quero te foder até seus joelhos sangrarem. Até você gritar meu nome sem parar. — Seus olhos se reviram com a rotação do meu quadril, ele abre a boca e respira ofegante.

— Eu ainda não acabei — digo, provocante, aproveitando por inteiro o fogo que passa a arder em seu olhar.

Ele contrai o maxilar e abaixa os braços com toda a força. A porra do cano se parte na solda, e a água jorra sobre nós.

Solto um arquejo brusco, rapidamente silenciado pelos lábios de Cameron, que esmagam os meus. Ele envolve minha cabeça com os braços e desce os pulsos amarrados até minha lombar. Estou completamente sentada no seu colo, com seus vinte

centímetros de pau enterrados em mim.

Compartilhamos uma risada suave enquanto a água cai em cascatas sobre nós. Eu beijo seu ombro com doçura, enquanto ele morde o meu. Ele mete em mim de um jeito tão implacável que não consigo ouvir nada além de nós. Onde estamos conectados. Onde respiramos colados à pele um do outro. Onde ele sussurra coisas que não consigo compreender por completo junto de cada beijo.

Nossos gritos e gemidos vão aumentando até que ele me segura grudada em seu quadril e fica imóvel. Cameron deixa um rastro de beijos do meu pescoço até meus lábios enquanto goza dentro de mim, me enchendo com sua porra. Seu pau lateja várias vezes, e eu choramingo baixinho contra seus lábios a cada movimento.

— Você é minha. Eu nunca vou te abandonar, Em — sussurra ele.

Eu sorrio e apoio a testa na dele.

— Promete? — Deslizo a mão pelo seu ombro, onde ele levou aquela facada para me proteger.

— Sempre. — Sua voz enche a sala e a minha mente.

Talvez dois monstros como nós realmente possam encontrar a felicidade.

32

Cameron

— O que tá acontecendo? — pergunto, ainda grogue do pouco sono que tive na noite passada.

O general Nolan caminha com as mãos às costas e uma expressão sinistra no rosto enquanto percorremos o corredor.

Por que ele me acordou, porra? Sei que é uma tradição que os oficiais de patente mais alta compareçam ao teste final, mas Nolan não costuma aparecer. Não está à altura dele.

Então por que dessa vez?

Nolan para diante de uma porta preta de metal e digita um código.

— Temos um novo sérum que achamos que vai ser o fim de todas as drogas experimentais pra você. Se sobreviver a essa, pode significar que encontramos a combinação perfeita que vai manter a estabilidade mental dos soldados e impedir a letalidade do medicamento. Os comprimidos ainda vão ser necessários para chegar até esse nível, mas acho que consegui resolver os problemas.

Arregalo os olhos.

— Tá falando sério? — pergunto, ríspido.

Ele olha para mim por cima do ombro ao abrir a porta.

— Estou. Vamos acabar logo com isso, não?

Eu hesito.

— Mas e se não estiver resolvido?

Nolan dá de ombros.

— Acho que vamos ver o que acontece.

Eu o sigo por outro corredor que termina com uma pequena sala de laboratório. É parecida com a que existe no Sub. Um tempo atrás, esse cenário me deixava morrendo de medo. Lembro como minha respiração ficava ofegante e como eu me sentia aterrorizado toda vez que eles injetavam coisas em mim. Todo mundo via como os outros homens que testavam as drogas morriam.

Mas, a cada tratamento, eu só ficava mais forte. Mais frio. Mais louco.

Deslizo os dedos pelo braço da cadeira enquanto a contorno e me sento. Nolan já deixou a seringa preparada; é um líquido cinza-escuro dessa vez.

— É bom ver que você conseguiu se conter com a cadete Maves. Esse é o tipo de controle que quero ver em você, Mori. Esse é o soldado de que precisamos. Um soldado que escuta. Que obedece. Que consegue controlar a loucura que as injeções provocam. — A voz de Nolan soa carregada de veneno enquanto ele passa a agulha por baixo da minha pele e empurra a escuridão para dentro de mim. — Vamos ver se você consegue controlar essa.

Do jeito que ele fala, parece querer que eu perca o controle. Eu arfo, olhando para o meu braço.

Minhas veias assumem um tom azul-escuro, e a escuridão se espalha pelo meu organismo. Meu corpo dá um pulo no assento, e minha respiração fica ofegante. Sou inundado pelo pânico.

— O-o que tá acontecendo? — balbucio, antes de meus olhos se fecharem à força.

Só escuto a risada de Nolan antes de ele dizer:

— Você está preparado para o teste final, Mori.

33

Emery

Doze de nós somos conduzidos para fora, até a entrada do bunker. Não está nevando hoje. O céu está limpo, e os pássaros têm a audácia de cantar como se fosse uma manhã alegre.

Fomos trazidos para cá assim que as luzes se acenderam. Sem banho, sem café da manhã... Sem Cameron.

Olho ao redor com nervosismo, mas não consigo encontrá-lo. Aonde ele foi, porra?

Bree está ao meu lado, também se mexendo sem parar, ansiosa.

— Cadê nosso assassino? — pergunta ela, sem olhar para mim.

Todos estamos observando os soldados armados que criam um corredor ao redor de nós, conduzindo-nos para a floresta. O único caminho que não está bloqueado é o que leva para a frente.

O suor escorre pelas minhas costas e deixa minha respiração curta.

— Não faço ideia. — Minha resposta é tensa, e minha inquietação só deixa a dela pior.

Damian está de braços cruzados e resmunga:

— Por que o general Nolan tá aqui?

Meus olhos logo encontram Nolan, subindo a rampa do bunker todo pomposo enquanto conversa com o sargento instrutor Adams e o tenente Erik.

— Vai saber — murmuro.

Bryce está calado demais. Não é típico dele, mas ele parece muito nervoso com essa prova em particular. Ele é menor do que a maioria dos cadetes, assim como eu. Então entendo, principalmente se acabar numa luta corpo a corpo.

Adams vem até o centro do nosso grupinho, com um sorriso luminoso estampado na cara, um sorriso que eu sei que não tem nenhum calor de verdade.

— Parabéns por chegarem ao teste final, cadetes. Esta é a primeira implementação de um desafio como esse, então espero que todo mundo se orgulhe de estar aqui hoje.

Todos nos remexemos, desconfortáveis. Até Wraith e Arnold parecem tensos, não ansiosos e ávidos por poder como estavam no primeiro teste.

Adams diz em voz alta:

— Vamos testar a habilidade de vocês de escapar da perseguição de um inimigo. Um de vocês será a presa, correndo para salvar a própria vida, desarmado, até o ponto de referência. Enquanto o outro será o predador, armado com uma faca de combate. Se a presa chegar ao ponto de referência antes de ser assassinada, ela vence, e o predador será eliminado. Mas, se a presa for morta antes, bom, é óbvio.

Fico apavorada. Os outros também parecem taciturnos, olhando ao redor para os rostos dos colegas uma última vez.

Só metade de nós vai sair daqui viva. Meus olhos vasculham a identidade dos guardas de novo, mas não o vejo. *Cameron*, *cadê você?* Mordo o lábio, preocupada.

O sargento instrutor Adams caminha ao nosso redor, devagar ao continuar:

— Seis grupos no total. Vocês devem permanecer onde estão até serem chamados. Se tentarem retaliar, serão eliminados. Se se recusarem a obedecer...

Bree bufa baixinho.

— *Deixa eu adivinhar, serão eliminados.*

Imediatamente Adams escuta e vira a cabeça na nossa direção. Ela enrijece, arregalando os olhos e fixando-os no chão.

— Perdão, parece que a cadete Pazely gostaria de ir primeiro. — Ele gesticula com o braço para que ela vá para a frente do grupo. O queixo dela cai, e suas pupilas se dilatam de terror. — Vá para lá! — grita Adams quando ela hesita.

Nesse momento sou lembrada de que não temos escolha nenhuma aqui. Não no que diz respeito a obedecer aos nossos superiores. O fato de que continuo onde sempre estive, apenas sob um comando diferente, me atinge — eu ainda sou uma pequena carrasca.

Meu peito se aperta quando a vejo parada à frente de todos, tremendo feito vara verde.

— Você vai ficar bem — sussurro, torcendo para que minhas palavras de encorajamento lhe deem um pouquinho de confiança.

Ela assente para mim e retribui com um sorriso preocupado, mas grato.

— Cadete Belkin, venha para cá. — A voz de Adams é praticamente um rugido. Arnold se aproxima devagar e para ao lado de Bree, incerto.

Ai, meu Deus, por que o Arnold? Minhas mãos estão suadas e frias, e eu não consigo parar de mudar o peso do corpo de um pé para o outro, inquieta.

Fecho os olhos e tento acalmar os nervos. Parece até que, quanto mais tento me acalmar, pior eu fico.

— Cadete Maves.

Todos os músculos do meu corpo se contraem, e um pequeno arquejo escapa dos meus lábios.

Bree me dá um aceno nervoso com a cabeça quando eu paro ao seu lado. Deixo que meu olhar encontre o de Arnold: ele está

tão insensível quanto de costume, parecendo imperturbável e imune a emoções. Não sei direito se é só fachada ou se ele realmente não sente medo como o resto de nós, mas engulo em seco, torcendo para que isso não acabe comigo ou Bree mortas.

Cameron tinha razão quando disse que eu morreria se não tomasse aqueles comprimidos ontem à noite. De jeito nenhum eu conseguiria correr por essa maldita floresta com o ferimento que sofri ontem.

O general Nolan para diante do paredão de soldados e inclina a cabeça para a frente quando eu olho na sua direção. Seus olhos dançam com malícia, não sei por que motivo, mas uma sensação horrível se enrosca no meu ventre como um ninho de cobras.

— Cadete Bale — Adams chama Bryce, que empalidece visivelmente e caminha devagar até chegar ao meu lado. — Maves e Bale, vocês dois vão depois do cadete Belkin e de Pazely. A prova é bem curta, então não vão ter que esperar muito. Vocês têm dez minutos para chegar ao ponto de referência ou morrer.

Bree está com cara de quem viu um fantasma. Arnold apenas cerra os punhos ao lado do corpo.

Bryce treme tanto ao meu lado que eu aperto sua mão e abro um sorriso reconfortante para ele. Ele parece petrificado, mas consegue acenar de leve com a cabeça.

— Pazely, você será a presa. O ponto de referência é uma árvore com uma fita vermelha, a cerca de um quilômetro e meio daqui, em linha reta. Espero que você consiga correr rápido. Sua vantagem inicial de cinco segundos começa em três, dois, um.

Adams mal termina de dizer a última palavra e Bree já está desatando a correr o mais rápido possível. Neve e terra saem voando com a força com que ela movimenta as pernas.

— Corre, Bree! — grito, sem conseguir me impedir de encorajá-la, o que me rende um olhar fulminante de Adams, mas ele volta a olhar para a frente.

Quando cinco segundos se passam, ele entrega uma faca de combate para Arnold e faz um sinal para que ele comece a perseguição.

Arnold é quase tão alto quanto Cameron. Suas pernas são compridas, e ele é todo músculos. *Porra*, *espero que a Bree consiga lutar com ele*. Ele vai alcançá-la depressa. Um nó se forma na minha garganta e vai crescendo à medida que os minutos passam em silêncio.

Um grito agudo perfura o ar e suga todo o oxigênio dos meus pulmões.

O terror que borbulha através das copas das árvores é tangível e faz meus olhos arderem. *Ela está bem*. Ela sabe lidar com alguém com o dobro do tamanho dela. Bree é inteligente e bondosa.

Bree não pode morrer. Cerro os punhos com força ao lado do corpo, lutando contra o nó na minha garganta. Lágrimas frescas estão ameaçando se formar nos meus olhos, mas eu me agarro com tudo à crença de que ela está bem.

O silêncio que se segue ao som horripilante abre buracos na minha mente, e eu tento não pensar no que a fez gritar desse jeito.

Ninguém diz nada.

Esperamos pacientemente onde estamos até que Arnold ressurge da floresta, puxando um corpo sem vida. O cabelo escuro de Bree é arrastado atrás dela, e o sangue vermelho pinta a neve como se fosse tinta.

O vômito sobe à minha garganta, mas eu o engulo e contenho o grito trêmulo que cresce dentro de mim. *Para com isso*. Tento me forçar a dissociar. Não posso ficar emotiva agora. Cerro os punhos com tanta força que minhas unhas se cravam nas palmas das mãos. Não sei dizer se dói, mas a pressão tira parte das lágrimas que se formam nos meus olhos.

Fúria e ódio se misturam nas profundezas do meu peito. As Tropas Ocultas são mesmo para a escória do mundo. Não consigo

imaginar fazer parte de um esquadrão com Arnold ou Wraith. Provavelmente ia matá-los enquanto dormissem.

Não consigo mais conter as lágrimas. Elas escorrem pelo meu rosto e caem na neve. *Pela Bree*. Eu vou lutar com tudo de mim, por todos nós.

Me forço a desviar os olhos quando ele larga o corpo dela na ponta da fileira de soldados. Adams o parabeniza enquanto ele volta a se juntar ao grupo. O que me consola um pouquinho é o fato de Arnold parecer traumatizado pelo que acabou de fazer. Seus olhos estão fundos, e, pelo menos uma vez na vida, ele não está com aquele sorrisinho idiota nos lábios.

— Bale, você é a presa. Você tem cinco segundos — grita Adams.

Em vez de sair correndo de imediato, como Bree fez, Bryce gasta um segundo para olhar para mim, com aceitação e medo dançando por trás de seus olhos joviais. *Por favor, assim não*, consigo ouvi-lo implorar. Então ele dispara na direção da floresta.

Os segundos parecem minutos. Não quero persegui-lo. Não quero nada disso.

— Maves — resmunga Adams, impassível, me entregando a mesma faca que Arnold usou para matar Bree.

A ponta ainda está molhada com seu sangue vermelho e brilhante. Meus olhos se voltam para seu corpo sem vida no chão e meu coração se aperta.

Os lábios dela já estão roxos do frio, e seus olhos estão distantes, encarando o céu. Uma emoção desoladora se espalha pela minha alma. Não pode ser assim que a história dela acaba, no entanto é inegável que essa é a conclusão.

As palavras de Cam penetram na minha carne. "É você ou eles."

Sou eu ou o Bryce.

Eu não quero morrer.

Seguro a faca com mais força e engulo todas as emoções, deixando que elas caiam atrás de mim como mãos decepadas tentando me manter amarrada a uma realidade dura.

A caça infelizmente é uma atividade na qual eu sou boa, mas nunca precisei matar alguém com quem tinha estabelecido uma relação. *Dissociar é o único jeito de passar por isso.*

Corro o mais rápido possível atrás de Bryce, com lágrimas escorrendo dos olhos quando adentro a floresta, onde ninguém pode me ver. Deixo as lágrimas caírem enquanto corro mais rápido do que pensei que fosse capaz.

Porque não quero morrer.

Não quero morrer e vou matar Bryce mil vezes se isso significar que vou poder ficar com Cameron.

Depois de um minuto, vejo o cabelo castanho-claro e cacheado de Bryce enquanto ele se move depressa pela vegetação rasteira. Se eu o alcancei tão rápido, é provável que ele tenha deixado um rastro de armadilhas envenenadas. Desvio o caminho e fico a seis metros de distância de suas pegadas.

Ele me vê de rabo de olho e levanta as duas mãos.

Eu cerro os dentes. *Que porra ele está fazendo?* Não posso me dar ao luxo de parar, e ele sabe disso. Se estiver tentando se salvar, não vai dar certo.

Bryce solta um grunhido quando o derrubo no chão, prendendo seus braços e me preparando para matá-lo logo. Seus grandes olhos cor de avelã me perfuram, e sua respiração fica ofegante.

— E-espera! Emelinda! — grita ele, e meu braço congela quando ouço o apelido familiar.

Só meu pai me chamava assim.

Era nosso código para trocar informações. Pouquíssimas pessoas sabem disso.

Estreito os olhos para Bryce.

— Onde você ouviu esse nome?

Ainda estou segurando a faca acima da cabeça, pronta para cravá-la em seu coração e acabar com ele, não importa o quanto eu não queira fazer isso.

Bryce olha para os dois lados, como se estivesse procurando alguma câmera de segurança.

— Gregory Mavestelli, quem mais? — diz ele, num tom abafado.

É como ser golpeada no peito com um taco de beisebol.

— O quê? — Examino seus olhos em busca de sinais de que está me enganando, mas não encontro nada.

Eu achei que ele tivesse me abandonado. Ele me entregou, não foi?

— Como você está aqui? Você já estava no Sub antes mesmo de eu chegar.

— Eu sou informante dele. Ele me mandou pro Sub há uns meses. Meu objetivo era retornar com informações a respeito das drogas experimentais que as Tropas Ocultas estão usando. Quando ele ouviu falar que você tinha sido levada da prisão e trazida pra cá, minha missão passou a ser te proteger. O sr. Mavestelli não sabia que você tinha sido prejudicada desde o princípio. Ele ficou furioso quando o informei de que você tinha sido pré-definida como dupla do Mori. A gente não tem muito tempo. Eu desativei as câmeras dessa área ontem à noite, mas eles vão começar a suspeitar se nada acontecer nos próximos minutos.

Eu me sento e abaixo a faca, olhando para Bryce incrédula.

Observo seu semblante sob uma nova luz, tentando pensar se me lembro de vê-lo entre os homens do meu pai, mas nenhuma lembrança surge.

— Meu pai sabe das Tropas Ocultas? — Minha mente parece partida ao meio.

Ele faz que sim.

— Quem você acha que os mantém informados sobre o submundo? O sr. Mavestelli praticamente declarou guerra ao general Nolan desde que você foi trazida pra cá. A relação profissional já estava tensa, mas agora eles vão... — Bryce é interrompido por uma faca na garganta.

Levo um susto e viro a cabeça para a direita na hora. Cameron está correndo direto para nós, o cabelo branco dançando com a neve e contrastando com o verde-escuro dos pinheiros. Mas sua expressão está completamente vazia.

Ele veio nos matar.

Me matar.

A histeria cresce no meu peito. Não tenho muito tempo.

— Quem vai fazer o quê? — pressiono a palma da mão na bochecha de Bryce com urgência.

Ele examina meus olhos freneticamente, abrindo e fechando a boca algumas vezes enquanto o sangue borbulha entre seus dentes, fazendo minhas veias gelarem.

— E-eles... v-vão... — ele tenta usar as mãos — Fú-ria... — Bryce balbucia e estremece embaixo de mim, depois fica imóvel.

Todos os seus músculos relaxam, e seus olhos encaram as copas das árvores, desfocados. Todo o conhecimento que ele tinha sumiu como um sopro que se dissipa no ar gelado.

— Eu sinto tanto — sussurro, lágrimas caindo quando me forço a levantar e seguir em frente.

Bree, agora Bryce... O que está acontecendo com o Cameron? Meu peito dói.

Tudo está borrado e branco enquanto fujo de Cam. Cada passo que ele dá consome dois dos meus. O rugido do sangue nos meus ouvidos é tão alto que não consigo ouvir nem meus próprios passos esmagando a neve.

— Cam! — grito, olhando para trás para ver se está voltando a si como costuma acontecer.

Ele está a seis metros de distância, se aproximando depressa. Com os olhos de uma fera faminta fixos em mim.

— Cameron! — eu berro. O grito sai desesperado e suplicante, mas não estou nem aí. Eu preciso que ele me ouça. Preciso que ele me veja. Ele vai me enxergar, né? Isso sempre aconteceu. — Cameron — sussurro quando ele se aproxima o bastante para eu ver a apatia em seu olhar. A desconexão de quem eu sou para ele.

Ele avança para mim, envolvendo minha cintura com as mãos e me derrubando no chão com uma força que me faz perder o fôlego. Eu não sinto dor, só a pressão do seu peso em cima de mim. Mesmo assim me pego desejando a agonia, porque talvez ela tire a mágoa do meu coração. A traição me inunda e me faz desejar qualquer realidade que não seja essa.

Ele olha para mim como se não me conhecesse. Esses olhos cor de sálvia nunca foram tão assustadores quanto agora. Será que ele vai saber o que fez comigo? Será que vai dizer meu nome ou vai esquecê-lo?

— Cam — suplico e tento tocar seu rosto.

Ele dá um tapa na minha mão e levanta a faca reserva. O brilho dela me faz pensar em todos os momentos que amei na minha vida. A maioria deles ocorreu com ele. Ele tirou minha escuridão. Cada roçar carinhoso dos nossos lábios, cada sussurro compartilhado e olhar roubado.

Cameron abaixa a lâmina, mirando no meu coração. Eu bloqueio seu braço com o meu, e a força necessária para isso faz meus membros tremerem. A pontinha da lâmina atravessa meu casaco e perfura minha carne.

Sua faca almejava meu coração, exatamente como você prometeu que aconteceria.

— Cameron, fala comigo. *Ei*. Cam — sussurro entre dentes. Ele olha para o meu rosto, traça as linhas dele como sempre, mas não está presente.

Eu engulo em seco antes de erguer o corpo com toda a minha força e derrubar a faca da sua mão. Ela voa para a nossa esquerda. Eu aproveito o breve momento em que seus olhos seguem a arma e dou uma cotovelada em seu rosto.

Ele cai de lado, e eu começo a me arrastar para longe, tentando fugir. O sangue espirra do meu peito e cobre a neve. Cameron agarra meu tornozelo antes que eu consiga me levantar e rasteja para cima de mim.

Eu luto como um animal selvagem. Me debatendo e chutando, gritando e arranhando para tentar escapar dele. Mas Cameron é exatamente quem ele falou.

Mori.

Eu grito quando ele gira meu corpo sem piedade e me prende pela garganta. Ele ergue o braço, segurando uma pedra do tamanho da sua mão.

Mais uma vez, choramingo baixinho quando ele abaixa o braço na direção da minha cabeça. Me permito afundar em seu olhar verde e inspirar seu aroma de bétula uma última vez antes de fechar os olhos.

— Cameron, por favor, acorda.

Paft.

34

Cameron

— Cameron, por favor, acorda.

Agarro a cabeça enquanto Emery fala comigo em um tom doce.

Por que eu estou frio e suado? Tento focar os olhos, embaçados a princípio, e então vejo a floresta ao meu redor. Que porra é essa? Olho para baixo e meu corpo todo fica rígido.

— Em?

A cabeça dela está deitada de lado, com um círculo ensanguentado na têmpora. O sangue escorre do seu peito e cobre a neve. Ela está pálida demais, e há marcas de lágrimas em suas bochechas. Suas tranças cor-de-rosa estão pontilhadas de vermelho, e ela está toda cortada, como se tivesse participado de uma luta violenta. Um peso incomoda meu peito, e meus olhos se arregalam de terror.

O que aconteceu? Quem fez isso?

Minha mão direita parece pesada.

Não tão pesada quanto meu coração.

Com hesitação, olho para minha mão e vejo uma pedra com sangue em um dos lados. *Sangue dela*. Uma náusea intensa toma meu corpo, fazendo minhas pernas tremerem e meus ombros se contraírem.

Não. Isso não é real. Eu fecho os olhos e, depois de um instante, volto a abri-los.

Ela continua deitada imóvel embaixo de mim.

— *Não*. Não, e-eu nunca faria isso — gaguejo, com lágrimas se formando nos meus olhos enquanto estendo a mão para o seu rosto, desesperado. Eu me contenho antes de poder tocá-la. — Não, não, não, não, não! — grito, golpeando a lateral da minha cabeça com a mesma pedra até um líquido quente escorrer pelo meu queixo. Por que eu fiz isso? *Você é uma coisa perversa. Precisa ser expurgado*. Palavras familiares se repetem na minha mente. — Emery. Em, *por favor* — imploro, com a voz áspera e embargada. Solto a pedra, me dando conta de que estou sentado no torso dela.

Saio de cima dela depressa e a pego no colo delicadamente. O sangue escorre da minha testa e pinga em seu pescoço. A visão do meu olho ferido fica vermelha, e um líquido aquece minha bochecha, caindo com o mesmo fervor das minhas lágrimas.

Hesito em verificar seu pulso, mas consigo forçar meus dedos a tocarem a parte macia da sua garganta. Uma batida fraca da sua artéria é suficiente para acabar com o que resta de mim.

Eu desmorono como um soldado. Os ombros cedendo enquanto a puxo para o mais perto possível do meu peito. Eu a aninho em meus braços e dou beijos de desculpas em sua cabeça.

Ela está viva, mas eu fiz isso... eu quase a matei.

Eu sou a porra de um monstro. Não resta nada de bom em mim.

Nada.

— Eu sinto tanto, Em. Me perdoe. — Minha voz treme a cada vez que inspiro.

A respiração dela está curta; o pequeno gemido do seu peito me deixa em pânico. Ela precisa de cuidados médicos.

Quase roboticamente, eu a carrego de volta ao bunker. Sussurrando palavras desoladas que eu gostaria de ter dito a ela há muito tempo. *Acho que eu te amo*. Por que eu não disse isso? Eu preciso dela.

Os olhos de Adams se arregalam quando subo a colina e ele a vê nos meus braços, ou talvez seja minha cabeça ensanguentada. Não estou nem aí para os meus machucados. Ela é tudo que importa. Passo reto por ele e vou direto até Nolan. O verdadeiro merda para quem eu tenho várias perguntas. A última coisa que me lembro é de levar a injeção.

O general Nolan dá uma olhada em Emery e sorri.

— Que bom, você deixou que ela vivesse. *Por pouco*. Fico feliz de anunciar que você passou no teste final, Mori. Agora leve-a para o laboratório se quiser manter sua nova parceira viva.

Seus olhos apáticos são indiferentes, mas dá para perceber que ele está aliviado por eu não tê-la matado.

Erik cerra a distância entre nós e pousa a mão pesada no meu ombro. A raiva e a preocupação se misturam no seu semblante enquanto ele olha de mim para Nolan.

— Que porra é essa? — questiona ele, em um tom letal.

Eu aperto Emery com mais força, sua jaqueta tática está escorregadia da neve e do sangue.

— Você queria que eu fizesse isso — murmuro, encarando o general Nolan.

Um vazio cresce no meu peito.

Erik dirige um olhar hostil para Nolan.

— Do que ele está falando?

Nolan ri de nós dois, depois se vira e nos conduz para o bunker. Eu o sigo depressa, pelo bem de Em.

— Não, Mori, você fez o que faz de melhor, você tentou matá-la porque é um homem desalmado. Mas eu tenho boas notícias: você e Morphine vão embarcar em uma missão especial no ano que vem, uma que só vocês dois conseguem executar. — Seu colarinho preto está perfeitamente passado, e as insígnias douradas das Tropas Ocultas brilham enquanto ele caminha sob as luzes do corredor. — E, tenente Erik, acredito que você não tenha nenhum

interesse nesse assunto, uma vez que os testes são estritamente de minha competência.

Erik pragueja, mas guarda quaisquer outras palavras para si mesmo.

Morphine. O codinome dela. Não acho que seja coincidência o fato de ser uma medicação analgésica. Ela é a única coisa que já tirou o peso da vida da minha alma cansada.

Ela é a minha morfina, e, sem ela, eu não passo de um monstro sem rumo.

35

Emery

Lençóis macios com cheiro de bétula me despertam.

Abro os olhos devagar e percebo que estou em algum tipo de ala médica.

Um homem está sentado ao meu lado: seu cabelo tem o tom de loiro mais claro que eu já vi. Seus olhos estão cansados e vermelhos de lágrimas derramadas e tristeza. Ele é lindo, como um lago congelado repleto de eucaliptos cor de sálvia e rosas cor-de-rosa. Ele me encara como se eu fosse todo o peso da sua existência. Esperança e alívio florescem em seus olhos cheios de anseio.

Pelo que você anseia?, me pergunto.

Eu observo seus traços, mas não digo nada.

— Em? — diz ele, baixinho, franzindo as sobrancelhas de preocupação.

Eu balanço a cabeça devagar, com a culpa deixando meu coração mais pesado quando sussurro:

— Desculpa... Eu... Eu não sei quem você é.

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer a todos os meus leitores pelo apoio e por amarem minhas histórias! Isso significa tudo para mim, e eu não conseguiria alcançar tantos novos leitores sem vocês. Espero que tenham amado essa história tanto quanto eu e que estejam animados para o próximo livro da duologia!

Obrigada à minha editora, Christa, por acertar os detalhes comigo e por deixar a história o mais maravilhosa possível para os leitores. Suas ideias são de primeira!

Obrigada ao meu agente, Brent. Você é a pessoa mais trabalhadora desse planeta, e eu me sinto muito sortuda e honrada de trabalhar com você. Você me abriu inúmeras portas, especialmente para o mundo internacional dos livros. Agradeço muito por tudo que faz!

Obrigada à minha avaliadora e assistente pessoal, Cierra! Nem imagino o que seria do meu estado mental sem você. Obrigada por sempre me apoiar e me manter alinhada com tudo.

Obrigada ao meu marido, sr. Moronova. Você foi a base para tudo nessa jornada e me apoiou desde o primeiro dia. Eu não conseguiria fazer metade das coisas que faço sem você me ajudando com edições autografadas e me ouvindo tagarelar sobre tramas de livros a qualquer hora da noite!

Um beijo!

Também de K.M. Moronova
Me deixe para trás

Copyright © 2025 by K.M. Moronova
Publicado por Companhia das Letras em associação com Sourcebooks USA.
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Your Knife, My Heart
CAPA Nicole Lecht/Sourcebooks
FOTO DE CAPA © K.M. Moronova
ADAPTAÇÃO DE CAPA Danielle Fróes/BR75
PREPARAÇÃO Rowena Esteves/BR75
REVISÃO Clarisse Cintra/BR75

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moronova, K.M.

Sua faca, meu coração/K.M. Moronova; tradução Marina Castro. — 1ª ed. — São Paulo: Bloom Brasil, 2026. (Tropas Ocultas; 1)
Título original: Your Knife, My Heart.
ISBN 978-65-61510-14-1
1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.
26-331470.0 cdd-813

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Eliane de Freitas Leite – Bibliotecária – CRB-8/8415

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone: (11) 3707-3500
facebook.com/editorabloombrasil
instagram.com/editorabloombrasil
tiktok.com/@editorabloombrasil
threads.net/editorabloombrasil

Sumário

Aviso de gatilho
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19

Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Agradecimentos



Me deixe para trás

Morovona, K. M.
9786561510035
336

Compre agora e leia (Publicidade)

Neste romance militar de tirar o fôlego, dois inimigos mortais se

encontram do mesmo lado de uma guerra: ele, o soldado mais temido do esquadrão, ela, a recruta nova que não se deixa intimidar. Ambos se lançam num jogo perigoso de ódio, vingança e desejo, e as consequências serão arrebatadoras.

Este livro faz parte da era **dark** da Bloom Brasil, a casa de leitores de romances de todos os gêneros. **Dark romance** é um gênero que retrata o amor através de temas sensíveis, violentos — e por vezes perturbadores. Contém conteúdo sexual explícito e violência gráfica. **Recomenda-se cautela ao ler.** Leia os descritivos de gatilhos no início do livro antes de começar (os gatilhos estão incluídos no trecho de amostra).

Nell Gallows foi a única sobrevivente de um esquadrão de elite das Tropas Ocultas depois de uma missão trágica. Como recompensa, foi jogada em uma divisão ainda mais perigosa e hostil.

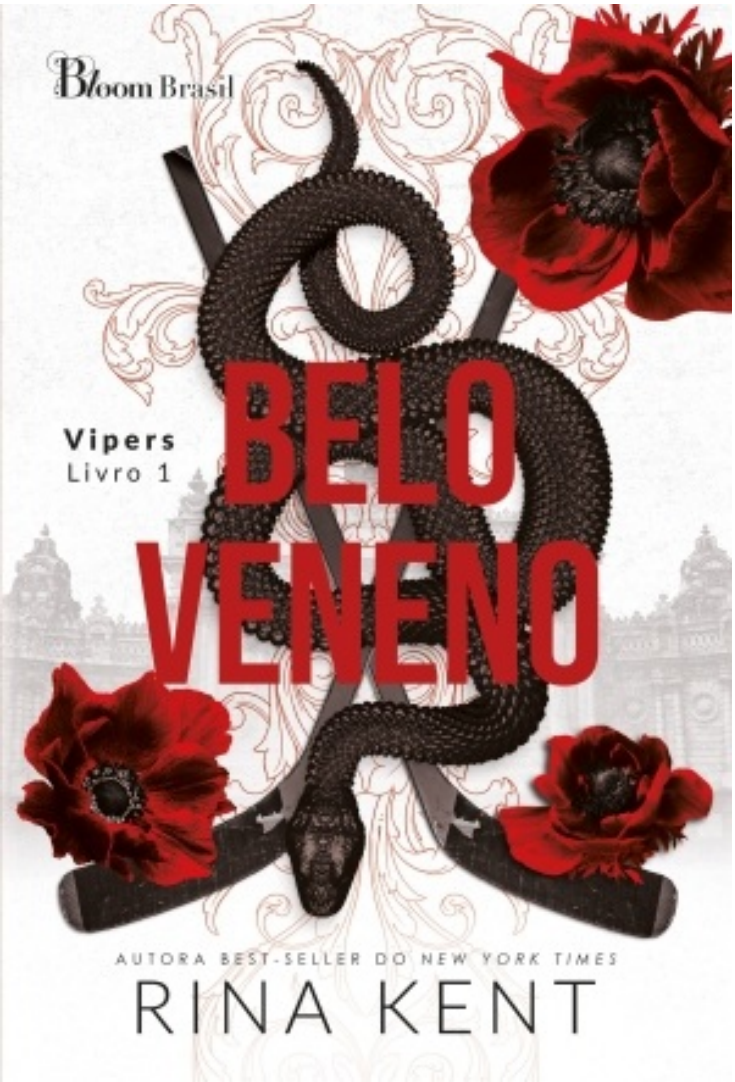
Antes de embarcar no novo desafio, ela procura uma última noite de prazer e se rende ao charme sombrio de um desconhecido, mas acaba descobrindo que o homem em questão é seu futuro colega de equipe.

Cruel e impiedoso, o soldado Bradshaw é conhecido como o inferno na terra e declara guerra à nova recruta. Juntos, eles são duas máquinas mortíferas querendo se destruir, mas uma atração perturbadora faz com que se desejem na mesma intensidade com que se odeiam.

Nell está determinada a ir até o fim e confrontar seus demônios, mas Bradshaw usará todas as armas para que ela desista. Motivados pela violência tanto quanto pela luxúria, eles travam um cabo de guerra que vai arrastá-los para os limites da insanidade.

Este livro contém: romance militar; dark romance; bully romance; enemies to lovers; personagens com moral duvidosa; proximidade forçada; cenas quentes

Compre agora e leia (Publicidade)



Belo veneno (Vipers vol. 1)

Kent, Rina
9786561510059
352

Compre agora e leia (Publicidade)

Situado em um universo de glamour e perigo, chega ao Brasil um

romance eletrizante de hóquei universitário da autora best-seller e rainha do dark romance, Rina Kent.

Este livro faz parte da era **dark** da Bloom Brasil, a casa de leitores de romances de todos os gêneros. **Dark romance** é um gênero que retrata o amor através de temas sensíveis, violentos e por vezes perturbadores. Contém conteúdo sexual explícito e violência gráfica. **Recomenda-se cautela ao ler.** Leia os descritivos de gatilhos no início do livro antes de começar (os gatilhos estão incluídos no trecho de amostra).

Em um ninho de víboras, a vingança é o veneno mais letal.

Destruíram meu mundo. Agora eu vou destruir o deles.

Só tem um problema: é quase impossível rastrear quem dá as cartas desse jogo.

Minha única pista: os Vipers. O time de hóquei universitário de elite que manda no gelo — e nas sombras além do rinque.

Para me infiltrar na Vencor, sociedade secreta por trás do time (e de toda a cidade), mirei no elo mais fraco.

Kane Davenport.

O capitão carismático era o único que parecia razoavelmente são nesse ninho de serpentes.

Só tarde demais acabei percebendo que atraí a cobra mais venenosa.

A fachada amistosa de Kane esconde um predador mais perigoso do que meus piores pesadelos poderiam prever.

Ele logo se revela o monstro que se esconde por baixo da pele de cordeiro.

Esse monstro me atraiu e agora estou presa em seu jogo letal, do qual não há saída.

Este livro é o começo de um novo capítulo do #Rinaverso.

Tropes:

- "Touche her and die"
- Enemies to lovers
- Mocinha atrás de vingança
- Romance de hóquei
- Anti-herói
- Mocinha que reage
- Primal play
- Consentimento dúbio

Compre agora e leia (Publicidade)



Binding 13

Walsh, Chloe
9786583127365
704

Compre agora e leia (Publicidade)

Uma história de amor épica e inesquecível começa em *Binding 13*, primeiro volume da série irlandesa fenômeno no TikTok Os Garotos de Tommen, de Chloe Walsh.

Ele quer salvá-la. Ela quer se esconder.
Ela está ferida. Ele está determinado.
O destino os juntou. O amor os uniu.

Johnny Kavanagh é uma força da natureza no rúgbi. Preparado para o estrelato, ele está em disparada, e nada vai entrar em seu caminho. Nem mesmo a aluna nova na Tommen. Aquela garota tímida e de olhos tristes, que esconde muitas feridas. E que o distrai como nenhuma outra. Aflito com uma lesão secreta e desesperado para impressionar os olheiros atentos a cada jogada sua, Johnny não pode falhar. Ele vem se empenhando ao máximo e precisa manter o foco. Mas o que acontece quando a garota solitária se torna seu único objetivo?
A vida nunca foi fácil para Shannon Lynch. Vítima de bullying e agressão, ela chega no colégio no meio do ano letivo rezando por um novo começo. Em seu primeiro dia, conhece o famoso Johnny Kavanagh. De repente a jovem que só queria levar uma vida discreta se vê em um turbilhão de sentimentos pelo cara mais popular da escola — e com isso conquista mais inimigos.
Publicada no Brasil pela primeira vez, Chloe Walsh promete cativar os leitores com um universo de rúgbi, paixão e decepções amorosas adolescentes.

Este livro contém: garoto popular se apaixona por garota excluída, romance com esporte, *dual POV*, *crossover* de *new adult*/YA, *friends to lovers*, romance irlandês.

Compre agora e leia (Publicidade)



Keeping 13

Walsh, Chloe
9786583127372
688

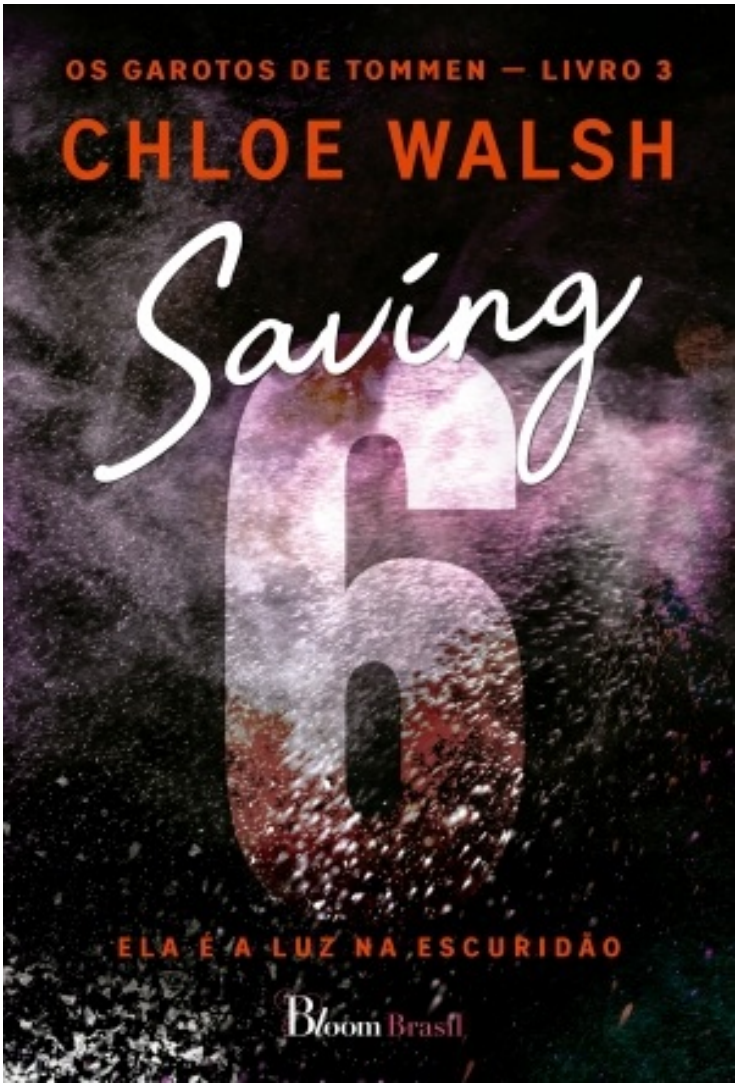
Compre agora e leia (Publicidade)

A épica e inesquecível história de amor de Johnny e Shannon continua em *Keeping 13*, da autora sucesso internacional de vendas e fenômeno no TikTok, Chloe Walsh.

Johnny Kavanagh tem levado uma vida diferente desde que uma lesão o deixou de fora do jogo. Ele nunca tinha imaginado a vida sem sua amada camisa 13 e, agora que foi obrigado a sair de licença, está perdido. Mas também jamais imaginou que pudesse dividir esse momento com alguém, ou melhor, uma garota.
Shannon Lynch sempre foi boa em guardar segredos. Ela percebeu que homens ruins não existem só nos livros, pelo contrário: são bem reais. Após uma viagem traumatizante para Dublin, ela está fazendo de tudo para proteger seus irmãos mais novos. No processo, Shannon acaba retomando antigos hábitos, se escondendo na tentativa de agarrar o pouco de futuro que lhe resta.
Há apenas um garoto que consegue tirá-la das sombras. E esse garoto é o dono de seu coração. O que ela não sabe é que segredos capazes de mudar vidas estão prestes a vir à tona. Será que o amor de Shannon e Johnny vai sobreviver ao maior teste?

Este livro contém: garoto popular se apaixona por garota excluída, romance com esporte, dual POV, sucesso no TikTok, crossover de new adult/YA, friends –to lovers, romance irlandês.

Compre agora e leia (Publicidade)



Saving 6

Walsh, Chloe
9786583127389
520

Compre agora e leia (Publicidade)

Uma nova e emocionante história de amor começa em *Saving 6*, terceiro volume da série de sucesso Os Garotos de Tommen. Agora é a vez de rir, chorar e se apaixonar com Joey Lynch e Aiofe Molloy.

Desde os doze anos, Joey Lynch leva uma vida infernal tentando proteger sua mãe e seus irmãos mais novos do pai alcoólatra e violento. Sem avançar nos estudos ou no hurling, ele vê nas drogas um escape para seu sofrimento. A única luz que encontra em meio às trevas é a filha de seu chefe, Aoife Molloy. Linda e radiante, ela faz de tudo para entrar no caos particular de Joey e acaba se tornando seu porto seguro.

Este livro contém: romance quente, dual POV, friends to lovers, história para chorar, slow burn, new adult/YA, romance irlandês, romance com esporte, Grumpy x Sunshine

Compre agora e leia (Publicidade)